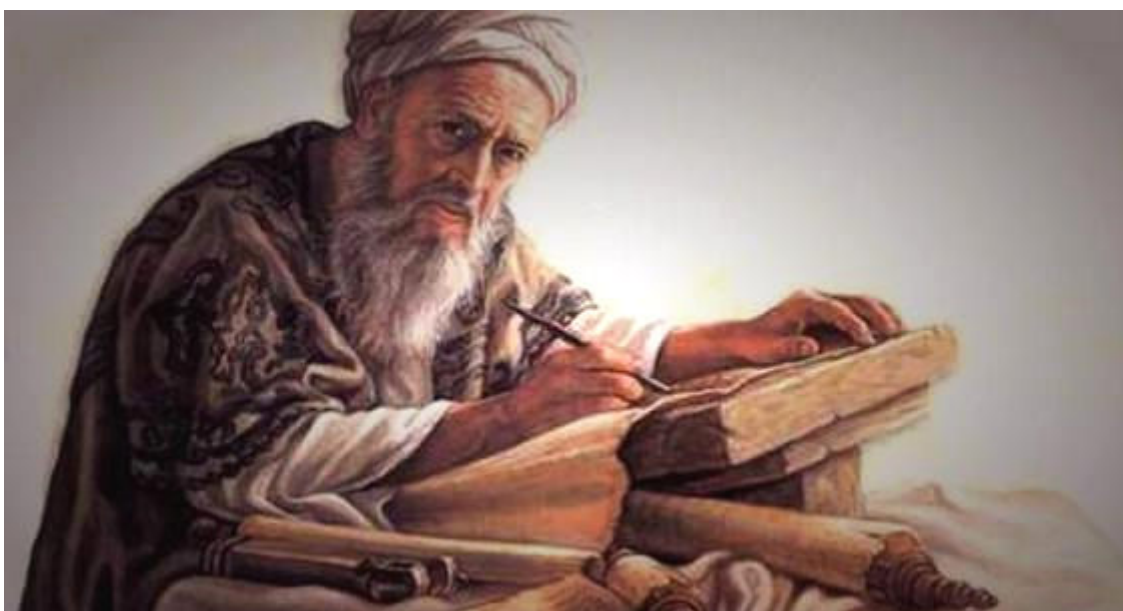


O livro do Profeta Isaías – volume 1

(Explicação das profecias – 1 a 39)



Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

O livro do Profeta Isaías – volume 1

(Explicação das profecias – 1 a 39)



Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – Junho 2018

Dedico este livro a todos os filhos de Deus que buscam o conhecimento da Sua vontade e acreditam na imutabilidade da Sua palavra, na Sua bondade para conosco e no Seu poder libertador em nossas vidas.

Agradeço ao Espírito Santo, Deus presente e companheiro fiel, que me ensina a cada dia a vencer Seus desafios pela fé e me faz conhecer um pouco mais de Jesus, o Senhor e Rei de todas as coisas, cuja palavra fiel e imutável é capaz de transformar todas as situações, a fim de cumprir na íntegra o projeto do Pai para as nossas vidas.

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto” (Is 9: 6-7).

Introdução

Este é o 1º volume de ‘O livro do profeta Isaías’, abordando os capítulos de 1 a 39. Podemos dividir o livro de Isaías em três partes: do capítulo 1º ao 39º; do capítulo 40º ao 55º e do capítulo 56º ao 66º. A primeira parte da profecia de Isaías transmite mensagens de punição e juízo para os pecados de Israel, Judá e das nações vizinhas, e trata de alguns eventos ocorridos durante o reinado de Acaz e Ezequias. Do capítulo 40 ao capítulo 55 o profeta fala com o povo que está no exílio na Babilônia, dando-lhes a esperança da libertação, além de profetizar sobre o Messias e Sua missão salvadora na pessoa do ‘Servo’ do Senhor. A partir do 56º capítulo a profecia não é apenas endereçada aos exilados que retornaram, mas parece que volta a ser dirigida ao povo que ainda está em Israel praticando idolatria e em pecado de rebeldia, ao mesmo tempo em que fala mais intensamente sobre o reino Messiânico por vir.

Este livro surgiu inicialmente como uma curiosidade da minha parte a respeito dos profetas do Antigo Testamento, não da mesma forma que escrevi há alguns anos em outro livro, mas com a sede de conhecer mais profundamente o que eles queriam dizer em cada versículo. Eu gostaria de saber como situar a profecia na História, quais os personagens a quem eles estavam se referindo, a localização das cidades ali citadas e as figuras de linguagem usadas na época que me dessem mais entendimento sobre os escritos dos profetas.

Quanto à interpretação espiritual para nós hoje, como uma mensagem de Deus para o nosso dia a dia, sabemos que a bíblia é sempre atual e o Espírito Santo nos dá a revelação pessoal todas as vezes que lemos Sua palavra.

Quanto ao cumprimento de todas elas, não tenho conhecimento teológico suficiente para compará-las com os acontecimentos mundiais da atualidade. A única coisa que sei e creio é que todos os profetas, de alguma forma, uns mais outros menos, foram usados por Deus para profetizar sobre a vinda do reino de Jesus, em quem as profecias se cumpriram. Moisés profetizou sobre Jesus e o chamou de ‘o grande profeta’. Ele trouxe uma nova dispensação para a humanidade, que foi como um ‘Apocalipse’ para as pessoas daquele tempo (Isaías é um exemplo disso), como uma nova Criação. Ezequiel, Daniel, Zacarias, Joel e outros, sem dúvida, deixaram algo sobre os eventos escatológicos, mas é Jesus quem mais nos dá a certeza dos acontecimentos presentes e futuros através da Sua profecia colocada nos evangelhos. O que acontece hoje e vai acontecer antes da Sua segunda vinda é resultado do que Ele profetizou sobre o final dos tempos. A Sua profecia está se cumprindo. Vendo sob certo ângulo, sobrou pouco dos profetas do AT para ser cumprido ainda como um evento apocalíptico (escatológico), especialmente para quem já tem a salvação em Cristo. A maior parte da profecia já se cumpriu. Jesus deixou, por assim dizer, o que é importante para nós sabermos sobre a Sua segunda vinda; e Seus apóstolos João e Paulo deixaram sua complementação sobre o tema, usando as palavras dos profetas do AT para corroborar seus escritos e as revelações dadas por Deus a eles.

O que pude perceber com todas as pesquisas que fiz foi uma visão equivocada e confusa de muitos escritos proféticos por parte de algumas pessoas, até mesmo textos ‘alarmantes’ sobre o Apocalipse, mas, na verdade, decorrentes de uma conclusão racional (e ainda com pouco embasamento bíblico), não necessariamente de uma revelação divina particular. Daniel escreveu sobre isso: “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará” (Dn 12: 4). Certas coisas só trazem peso e trevas à alma. Desculpe a minha opinião, prezado leitor, mas acho que não adianta nada ver televisão ou ler

jornais todos os dias com uma preocupação excessiva em relacionar tudo ao cumprimento das profecias do AT e só pensar que Jesus vai voltar amanhã. Dessa maneira, deixa-se de viver a vida, não se vive o presente. Não importa saber quando Ele vem, e sim estar internamente preparado para Sua vinda.

Ele nos disse: “E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim” (Mt 24: 6). Todo mal que está ocorrendo é por falta do amor e pelo egoísmo humano.

Também disse: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão. Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço” (Lc 21: 33-34). E eu digo: não só as preocupações deste mundo, mas igualmente a preocupação com certas coisas ‘de Deus’ (aspas), mas que são armadilhas para os desavisados e só levam a caminhos errados. A palavra de Deus diz no livro de Daniel: “Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão” (Dn 12: 10). Deus mesmo mostrará aos Seus filhos, os sábios, o que eles devem saber.

Jesus deu uma resposta pertinente à pergunta de Seus discípulos a respeito de certos tempos: “Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade” (At 1: 7).

Voltando à redação deste livro, ao escrevê-lo eu experimentei muitas coisas, sendo que o principal ensinamento foi conhecer a Deus de uma forma mais abrangente, de vê-lo sob outro prisma, como um Deus maior do que aquele que eu imaginava; um Deus que tem uma consciência infinita, atemporal, e é capaz de enxergar um futuro distante como se já tivesse acontecido, e de tornar milhares de anos em apenas alguns segundos diante dos Seus olhos eternos. Enquanto nós pensamos em coisas tão pequenas perto de nós, Ele está ‘voando alto’ e planejando coisas que só daqui a algum tempo nós passaremos a entender.

Eu fiz uma leitura e um estudo geral dos profetas maiores e menores e pude perceber que Isaías escreve de maneira diferente dos outros profetas como Jeremias, Ezequiel ou Daniel, onde nós somos capazes de localizar temporalmente a profecia no momento em que foi entregue e, portanto, entender para quem ela estava sendo dirigida e o que acontecia com eles naquela época (por exemplo: ‘no quinto ano do reinado de tal rei, veio a palavra do Senhor ao profeta’, etc.). A impressão que dá é que as profecias de Isaías não têm uma seqüência cronológica. É como se o profeta se dirigisse a um rei, depois voltasse para o seu avô, e no versículo ou capítulo seguinte passasse para o bisneto ou para um futuro distante (Messiânico); por isso, é um pouco difícil de entendê-las do ponto de vista histórico. Além disso, é fácil perceber a mudança de unção nas três partes do livro; é como se três pessoas diferentes estivessem escrevendo; é claro, debaixo da unção do Espírito de Deus.

É interessante perceber a visão judaica da época e as figuras de linguagem que foram usadas para determinado momento histórico. Aquilo tudo estava se encaixando em um plano maior já desenhado por Deus para a humanidade, cronometrando precisamente cada segundo e movendo cada personagem a Seu serviço para que Jesus viesse para nós no tempo certo. Os gentios já estavam nos planos de Deus. Nós podemos ver Jesus em cada versículo e em cada profecia, usando até o próprio profeta como um espelho dEle.

Também há uma particularidade interessante em Isaías, quando o comparamos com os outros três profetas maiores citados acima. Ele não começa seu livro descrevendo seu chamado. Ele só o descreve no capítulo 6.

O Livro de Isaías foi escrito por volta de 700-681 AC. Fala da posição dupla do povo de Israel diante de Deus (em especial de Jerusalém, pois foi profeta do sul), sua acomodação e falta de amor verdadeiro ao Senhor. Isaías trabalhou para dar ao povo a clareza dessa hipocrisia na esperança de mudarem de atitude.

Isaías (exercício profético: 740-681 AC) foi um homem culto ligado à corte. Assim como Amós (760-750 AC), Isaías ataca os grupos dominantes da sociedade: autoridades, magistrados (juizes), latifundiários e políticos; também se levanta contra as injustiças sociais. Isaías é duro e irônico com as damas da corte da classe alta de Jerusalém (Is 3: 16-26; Is 4: 1; Is 32: 9-14). Durante seu ministério quatro reis de Judá reinaram: Uzias ou Azarias (781-740 AC, desde 791 AC como co-regente de Amazias), Jotão (740-732 AC, desde 748 AC como co-regente de Uzias), Acaz (732-716 AC) e Ezequias (716-687 AC, desde 729 AC como co-regente de Acaz).

Segundo fontes históricas (Bíblia de Jerusalém, Nova Edição Revista e Ampliada, Ed. de 2002, 3ª Impressão, 2004, Ed. Paulus, São Paulo, pg. 1.237) Isaías teria nascido em 765 AC, portanto, tinha 25 anos quando foi chamado pelo Senhor.

Isaías foi o primeiro profeta a falar sobre a vinda do Messias. Algumas referências podem ser vistas em relação a isso: Is 2: 1-5; Is 4: 2; Is 7: 14; Is 9: 1-7; Is 11: 1-5; Is 16: 5; Is 41: 1-29, em especial os versículos 2 e 25; Is 42: 1-9; Is 44: 26; Is 44: 28; Is 45: 1; Is 45: 13; Is 48: 14-15; Is 49: 1-7 com especial enfoque no v. 7; Is 50: 1-11, com especial enfoque no v. 10; Is 52: 13; Is 53: 1-12, com especial enfoque nos vs. 2 e 11; Is 59: 16-21; Is 63: 1-6.

Aqui, muitos textos explicativos são repetidos em vários capítulos para que pessoas possam ler separadamente cada um deles sem perder a visão do todo.

Espero que você goste deste trabalho e tenha suas próprias experiências com o Senhor ao ler sobre Isaías.

Que o Espírito Santo seja o seu guia e professor nesta leitura!

Tânia Cristina

Notas:

- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida (ARA), 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham. Neste caso, o texto entre colchetes não está em *itálico*.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
- Em muitos textos, nós vamos usar a ‘Concordância Lexicon Strong’. A Concordância de Strong é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV e no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua (fonte: Wikipedia.org).

Índice

Capítulo 1	9
Capítulo 2	13
Capítulo 3	17
Capítulo 4	19
Capítulo 5	21
Capítulo 6	24
Capítulo 7	26
Capítulo 8	34
Capítulo 9	37
Capítulo 10	42
Capítulo 11	51
Capítulo 12	55
Capítulo 13	57
Capítulo 14	59
Capítulo 15	64
Capítulo 16	71
Capítulo 17	82
Capítulo 18	85
Capítulo 19	92
Os deuses do Antigo Egito	106
Capítulo 20	126
Capítulo 21	127
Capítulo 22	131
Capítulo 23	145
Capítulo 24	155
Capítulo 25	157
Capítulo 26	160
Capítulo 27	165
Capítulo 28	170
Capítulo 29	176
Capítulo 30	180
Capítulo 31	188
Capítulo 32	192
Capítulo 33	198
Capítulo 34	212
Capítulo 35	217
Capítulo 36	223
Capítulo 37	229
Capítulo 38	239
Capítulo 39	243

Fontes de pesquisa:

- Douglas, J.D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova.
- wikipedia.org e crystalinks.com (para algumas imagens).

Volumes 2 e 3 deste livro:

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias2.pdf>

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias3.pdf>

Capítulo 1

No capítulo 1 (Is 1: 10-17, em especial), ele fala violentamente contra um culto religioso hipócrita, que tenta mascarar as injustiças do dia a dia. Ele chega a chamar os príncipes de Jerusalém, príncipes de Sodoma e Gomorra. Normalmente, Isaías vai contra os ricos e latifundiários que, arrogantes e orgulhosos, vivem em festas e regalias à custa do trabalho dos pobres, negando-lhes justiça e explorando-os. Isaías defende os órfãos, as viúvas e os oprimidos, o povo explorado e desgovernado pelos líderes civis.

Durante seu ministério quatro reis de Judá reinaram: Uzias ou Azarias (781-740 AC, desde 791 AC como co-regente de Amazias), Jotão (740-732 AC, desde 748 AC como co-regente de Uzias), Acaz (732-716 AC) e Ezequias (716-687 AC, desde 729 AC como co-regente de Acaz). Provavelmente, os capítulos iniciais (1 a 7) contêm as repreensões proféticas do reinado de Jotão; no máximo, dos últimos anos de Uzias, para algo que já está acontecendo ou vai acontecer no reinado do filho de Jotão, Acaz (Is capítulo 7).

Os pecados de Judá – v.1-4.

- Is 1: 1-4: “Visão de Isaías, filho de Amoz, que ele teve a respeito de Judá e Jerusalém, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá. Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, ó terra, porque o Senhor é quem fala: Criei filhos e os engrandeci [NVI: ‘os fiz crescer’], mas eles estão revoltados contra mim. O boi conhece o seu possuidor [NVI: ‘seu dono’], e o jumento, o dono da sua manjedoura [NVI: ‘a manjedoura do seu proprietário’]; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende. Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniquidade, raça de malignos [NVI: ‘malfeitores’], filhos corruptores; abandonaram o Senhor, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás [NVI: ‘e o rejeitaram’]”.

O povo tinha se afastado de Deus e se revoltado contra Ele. Então, seu conhecimento de Deus cessou. Judá se transformou numa nação pecaminosa, com pessoas de índole corrupta, cheia de iniquidade e blasfêmia. Eles deram as costas ao Senhor.

Seus juízos – v. 5-9.

- Is 1: 5-9: “Por que haveis de ainda ser feridos, visto que continuais em rebeldia? Toda a cabeça está doente, e todo o coração, enfermo. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas [NVI: ‘ferimentos abertos’], umas e outras não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo [NVI: ‘vergões e ferimentos abertos que não foram limpos nem enfaixados nem tratados com azeite’]. A vossa terra está assolada, as vossas cidades, consumidas pelo fogo; a vossa lavoura os estranhos devoram em vossa presença [NVI: ‘os seus campos estão sendo tomados por estrangeiros’]; e a terra se acha devastada como numa subversão de estranhos [NVI: ‘devastados como a ruína que eles costumam causar’]. A filha de Sião é deixada como choça na vinha, como palhoça no pepinal [no manuscrito original: ‘um jardim de pepinos’], como cidade sitiada. Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado alguns sobreviventes, já nos teríamos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra”.

A rebeldia estava atraindo a ira de Deus sobre eles. Do maior deles ao menor só havia sujeira e corrupção, corações feridos e endurecidos a um concerto com o Senhor. A terra havia sido assolada, as cidades estavam queimadas, as lavouras haviam sido

destruídas pelos inimigos (Assírios). Jerusalém estava em estado de abandono. Alguns sobreviventes fiéis ainda eram vistos pelo Senhor, que ouvia suas orações.

Sua adoração é rejeitada – v. 10-15.

- Is 1: 10-15 (cf. Am 5: 21-22): “Ouvi a palavra do Senhor, vós, príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós, povo de Gomorra. De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? — diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados [NVI: ‘de novilhos gordos’] e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem vos requereu o só pisardes os meus átrios? [NVI: ‘Quando vocês vêm à minha presença, quem lhes pediu que pusessem os pés em meus átrios?'] Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação [NVI: ‘repugnante para mim’], e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene [NVI: ‘suas assembléias’]. As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades [NVI: ‘suas festas fixas’], a minha alma as aborrece [NVI: ‘eu as odeio’]; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer [NVI: ‘não as suporto mais’]. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue”.

Os príncipes de Jerusalém são chamados por Isaías de príncipes de Sodoma e Gomorra, tamanha a corrupção no meio deles. Deus já estava cansado de rituais vazios, de cultos hipócritas, de sacrifícios vãos. O Senhor já não suportava mais a iniquidade misturada com a adoração a Ele. Até as festas fixas, instituídas por Ele mesmo, já Lhe eram cansativas. Ele já não ouvia as orações do Seu povo porque as mãos deles estavam sujas de sangue.

Exortações ao arrependimento – v. 16-17.

- Is 1: 16-17: “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas”.

Deus os chama ao arrependimento, a tirar a maldade de dentro dos seus corações e das suas ações. Eles deveriam aprender a fazer o bem, dar atenção à justiça, defender os órfãos e as viúvas e repreender o opressor. Isso dizia respeito aos judeus, em especial, às classes dominantes, que viviam em festas e regalias à custa do trabalho dos pobres, negando-lhes justiça e explorando-os.

Promessas de graça e de misericórdia – v. 18-20.

- Is 1: 18-20: “Vinde, pois, e arrazoemos [NVI: ‘vamos refletir juntos’], diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata (*cor vermelha*), eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã. Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra [NVI: ‘os melhores frutos desta terra’]. Mas, se recusardes e fordes rebeldes, sereis devorados à espada; porque a boca do Senhor o disse”.

Mesmo que os pecados deles manchassem suas vestes espirituais com a cor vermelha de sangue, elas poderiam se tornar brancas de novo. Se o povo escutasse a Deus, eles poderiam comer dos melhores frutos da terra. Mas se continuassem na rebeldia, fazendo as coisas segundo sua própria consciência e vontade, eles morreriam pela espada dos inimigos. E o Senhor não voltaria atrás na Sua palavra.

O julgamento e a redenção de Jerusalém – v. 21-31.

• Is 1: 21-31: “Como se fez prostituta a cidade fiel! Ela, que estava cheia de justiça! Nela, habitava a retidão, mas, agora, homicidas [NVI: ‘assassinos’]. A tua prata se tornou em escórias, o teu licor se misturou com água. Os teus príncipes [NVI: ‘líderes’] são rebeldes e companheiros de ladrões; cada um deles ama o suborno e corre atrás de recompensas. Não defendem o direito do órfão, e não chega perante eles a causa das viúvas. Portanto, diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos, o Poderoso de Israel: Ah! Tomarei satisfações aos meus adversários [NVI: ‘Derramarei minha ira sobre os meus adversários’] e vingarei-me dos meus inimigos. Voltarei contra ti a minha mão, purificar-te-ei como com potassa das tuas escórias e tirarei de ti todo metal impuro [NVI: ‘tirarei toda a sua escória e removerei todas as suas impurezas’]. Restituir-te-ei os teus juízes, como eram antigamente, os teus conselheiros, como no princípio; depois, te chamarão cidade de justiça, cidade fiel. Sião será redimida pelo direito, e os que se arrependem, pela justiça. Mas os transgressores e os pecadores serão juntamente destruídos; e os que deixarem o Senhor perecerão. Porque vos envergonhareis dos carvalhos que cobiçastes [NVI: ‘dos carvalhos sagrados que tanto apreciam’] e sereis confundidos por causa dos jardins que escolhestes [NVI: ‘os jardins sagrados que escolheram’]. Porque sereis como o carvalho [NVI: ‘terebinto’], cujas folhas murcham, e como a floresta que não tem água. O forte [NVI: ‘O poderoso’] se tornará em estopa, e a sua obra, em fátisca; ambos arderão juntamente [NVI: ‘serão queimados juntos’], e não haverá quem os apague”.

O Senhor diz que a cidade que outrora foi fiel a Ele agora se parecia uma prostituta. Onde um dia houve retidão e justiça, agora abrigava homicidas. Os reis e príncipes, conselheiros e juízes, eram todos corruptos, aceitavam suborno, roubavam o povo, não faziam justiça aos menos privilegiados. Por isso, Deus estenderia a mão contra eles para purificá-los de tudo isso. Ele lhes daria juízes justos como os de antigamente, e bons conselheiros. Sião seria redimida pelo direito, e os pecadores que se arrependessem conheceriam a justiça de Deus e, portanto, seu perdão e sua liberdade. Os que não aceitassem este pacto seriam destruídos.



Carvalho (Quercus pedunculata B.)

O carvalho (cf. Is 3: 13; Is 61: 3) é uma árvore do gênero Quercus, que tem vinte e quatro espécies na Palestina; por isso fica difícil determinar qual a espécie a que pertencem a palavras hebraicas como: ‘allâ, ’allôn (ou ’allown) e ’elâ. Esta última parece ser a mais usada na bíblia (’elâ). O carvalho era a árvore favorita sob cujas sombras os israelitas se assentavam (1 Rs 13: 14) ou sepultavam seus mortos (Gn 35: 8; 1 Cr 10: 12, onde está escrito ‘arvoredo’). Sua madeira, embora dura, não era

empregada em construção. Era usada na fabricação de remos (Ez 27: 6) e de imagens de escultura (Is 44: 14-15). Basã era região repleta de carvalhos (Is 2: 13; Ez 27: 6; Zc 11: 2). ‘O amorreu’ era forte como os carvalhos’ (Am 2: 9). Algumas espécies são perenemente verdes, mas a maioria muda de folhas anualmente (Is 6: 13). É uma árvore vigorosa, de madeira dura, que vive muitos séculos. Portanto, simboliza poder, força, longevidade, estabilidade e determinação.

O termo hebraico *’asherâ* era traduzido (segundo a Septuaginta, ‘alsos’) como ‘bosque’ ou ‘lugar alto’ idólatra (Êx 34: 13; Dt 16: 21; 2 Rs 17: 16), pensando-se que se tratava de bosques de carvalhos. Mas os pesquisadores atuais afirmam que a referência ali não é a uma árvore, e sim a uma imagem ou poste-ídolo de Aserá, deusa pagã da fertilidade e do amor.

- Is 1: 29: “Porque vos envergonhareis dos carvalhos que cobiçastes [NVI: ‘dos carvalhos sagrados que tanto apreciam’] e sereis confundidos por causa dos jardins que escolhestes [NVI: ‘os jardins sagrados que escolheram’]”.

A palavra hebraica usada aqui para ‘carvalhos’ é *’ayil* [Strong #352], que significa: força; qualquer coisa forte; especificamente um líder político; homem poderoso; também um carneiro (pela sua força); verga; poste; uma pilastra; um carvalho ou outra árvore forte. Por isso, foi usada no sentido de verga, poste, uma pilastra, como era o poste-ídolo de Aserá (Astarte ou Astarote), onde era feito o sacrifício a essa deusa pagã, ou as árvores que serviam para eles fabricarem imagens de escultura (cf. Is 44: 14-15).

- Is 1: 30-31: “Porque sereis como o carvalho [NVI: ‘terebinto’], cujas folhas murcham, e como a floresta que não tem água. O forte [NVI: ‘O poderoso’] se tornará em estopa, e a sua obra, em faísca; ambos arderão juntamente [NVI: ‘serão queimados juntos’], e não haverá quem os apague”.

A palavra hebraica usada aqui é *’elâ* [Strong #424], que significa: Um carvalho ou outra árvore forte: olmo ou olmeiro; tília; carvalho (o tipo de carvalho presente no leste da Palestina cujas folhas eram decíduas). Debaixo dos carvalhos muitas vezes se enterravam mortos (Gn 35: 8) ou ídolos, como fez Jacó, que enterrou os ídolos do seu clã ao sair de Siquém para Betel: Gn 35: 2; 4.

Quando o Senhor começasse a agir, eles se envergonhariam dos carvalhos (ou das pilastras) onde eles haviam oferecido sacrifícios aos deuses estranhos ou de onde tiraram a madeira para fabricarem imagens, e sentiriam aversão pelos jardins onde eles veneraram ídolos e participaram de suas festas. Haveria julgamento severo para os que continuassem nessas práticas: “Porque sereis como o carvalho, cujas folhas murcham, e como a floresta que não tem água. O forte [NVI: ‘O poderoso’] se tornará em estopa, e a sua obra, em faísca; ambos arderão juntamente [NVI: ‘serão queimados juntos’], e não haverá quem os apague”, ou seja, Deus removeria o que era força para eles.

Capítulo 2

A glória futura do Israel espiritual – v. 1-5.

• Is 2: 1-5: “Palavra que, em visão, veio a Isaías, filho de Amoz, a respeito de Judá e Jerusalém. Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros [NVI: ‘colinas’], e para ele afluirão todos os povos [NVI: ‘e todas as nações correrão para ele’]. Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém. Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações [NVI: ‘resolverá contendas de muitos povos’]; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras [NVI: ‘foices’]; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do Senhor”.

Aqui o profeta faz menção ao futuro reino do Messias e ao chamamento dos gentios para serem Seu povo, pois o templo do Senhor estaria sobre os montes, e para lá os povos iriam para aprender a Sua lei. Este texto se refere aos tempos do evangelho, quando Jesus estaria no templo em Jerusalém ensinando a todos os que quisessem conhecer a verdade de Deus. No templo do Senhor os povos seriam ensinados a jogar fora as armas de guerra e a aprender a paz.

O futuro reino do Messias é chamado pelo profeta de ‘Os últimos dias’, dando a entender uma mudança importante no âmbito espiritual para a humanidade.

O monte da Casa do Senhor, em muitas passagens é chamado de Monte Sião. ‘Sião’ significa ‘lugar seco’, ‘banhado de sol’, ou ‘cume’. O Monte Sião é o nome de uma das colinas de Jerusalém e que pela definição bíblica é a Cidade de Davi, e mais tarde se tornou sinônimo da Terra de Israel. Sião (em hebraico צִיּוֹן – Tzion ou Tsion; em árabe, Şuhyūn) era o nome dado especificamente à fortaleza Jebusita que ficava na colina a sudeste de Jerusalém, chamada de Monte Sião, e que foi conquistada por Davi. Após sua morte, o termo ‘Sião’ passou a se referir ao monte onde se encontrava o Templo de Salomão (no Monte Moriá, 2 Cr 3: 1, ao norte do Monte Sião, onde estava a fortaleza Jebusita tomada por Davi), e depois, ao próprio templo e aos seus terrenos. Depois disso ainda, a palavra ‘Sião’ foi usada para simbolizar Jerusalém e a terra de Israel.

A rejeição dos judeus por sua idolatria e orgulho; a majestade e poder de Deus – v. 6-22.

• Is 2: 6-22: “Pois, tu, Senhor, desamparaste o teu povo, a casa de Jacó, porque os seus se encheram da corrupção do Oriente [NVI: ‘de superstições dos povos do leste’] e são agoureiros como os filisteus [NVI: ‘praticam adivinhações como os filisteus’] e se associam com os filhos dos estranhos [NVI: ‘fazem acordos com pagãos’]. A sua terra está cheia de prata e de ouro, e não têm conta os seus tesouros; também está cheia de cavalos, e os seus carros não têm fim. Também está cheia a sua terra de ídolos; adoram a obra das suas mãos, aquilo que os seus próprios dedos fizeram. Com isso, a gente se abate, e o homem se avilta [NVI: ‘a humanidade será abatida e o homem será humilhado’]; portanto, não lhes perdoarás [no original: ‘não os exaltes’]. Vai, entra nas rochas e esconde-te no pó, ante o terror do Senhor e a glória da sua majestade. Os olhos altivos dos homens serão abatidos, e a sua altivez será humilhada; só o Senhor será exaltado naquele dia. Porque o Dia do Senhor dos Exércitos será [NVI: ‘O Senhor dos Exércitos tem um dia reservado’] contra todo soberbo e altivo e contra todo aquele que se exalta, para que seja abatido; contra todos os cedros do Líbano, altos, mui elevados; e

contra todos os carvalhos de Basã; contra todos os montes altos e contra todos os outeiros elevados; contra toda torre alta [NVI: ‘imponente’] e contra toda muralha firme [NVI: ‘muro fortificado’]; contra todos os navios de Társis [NVI: ‘navio mercante’] e contra tudo o que é belo à vista [NVI: ‘e todo barco de luxo’]. A arrogância do homem será abatida, e a sua altivez será humilhada; só o Senhor será exaltado naquele dia. Os ídolos serão de todo destruídos. Então, os homens se meterão nas cavernas das rochas e nos buracos da terra, ante o terror do Senhor e a glória da sua majestade, quando ele se levantar para espantar a terra. Naquele dia, os homens lançarão às toupeiras [NVI: ‘aos ratos’] e aos morcegos os seus ídolos de prata e os seus ídolos de ouro, que fizeram para ante eles se prostrarem, e meter-se-ão pelas fendas das rochas e pelas cavernas das penhas, ante o terror do Senhor e a glória da sua majestade, quando ele se levantar para espantar a terra. Afastai-vos, pois, do homem cujo fôlego está no seu nariz [NVI: ‘Parem de confiar no homem, cuja vida não passa de um sopro em suas narinas’]. Pois em que é ele estimado?”

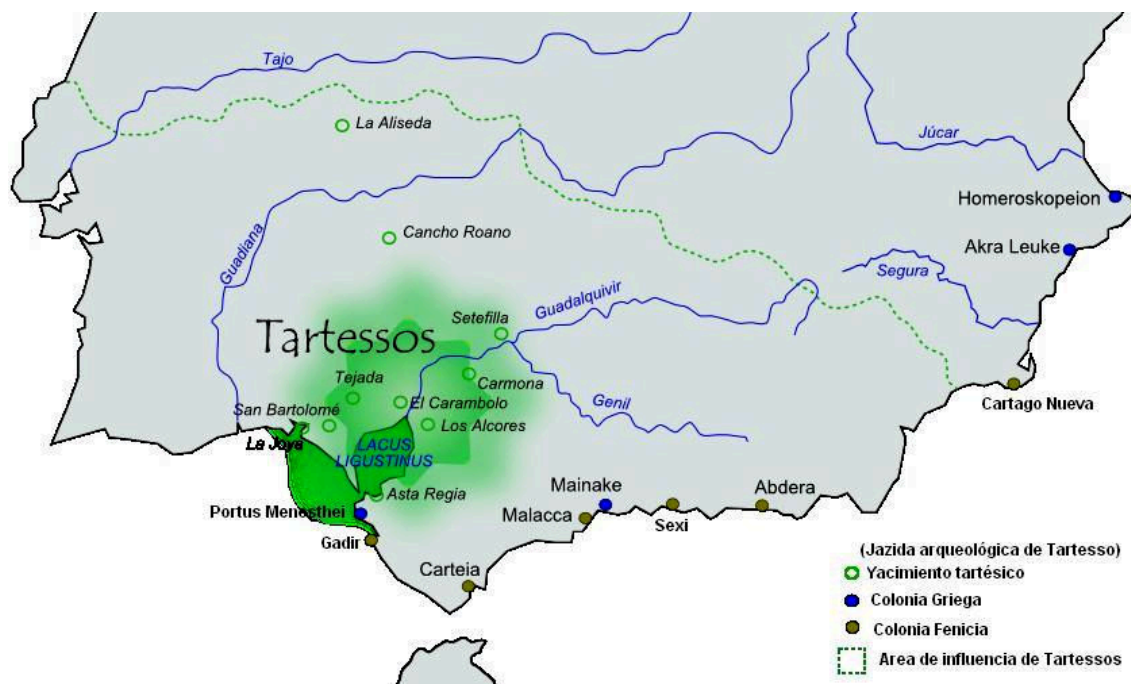
O profeta descreve as causas do abandono de Deus em relação ao Seu povo: eles se associavam com ímpios; eram feiticeiros (agoureiros); davam valor demasiado à riqueza, geralmente adquirida de maneira ilícita; a terra de Israel e Judá estava cheia de ídolos feitos por mãos humanas; eles eram arrogantes e orgulhosos e não mostravam arrependimento no coração. Por isso, o profeta os advertia que o Dia do Senhor estava próximo e Ele puniria a todos por causa dessas coisas, principalmente aqueles que eram altivos. Ele os humilharia, assim como destruiria tudo o que parecia motivo de orgulho para o Seu povo. Não apenas a arrogância e a altivez dos homens seriam abatidas, como também os ídolos seriam destruídos. Ante o terror de Deus, os homens se esconderiam nas cavernas das rochas ou nos buracos da terra, e nem se lembrariam de carregar seus ídolos consigo, pois eles não teriam nenhum proveito para eles e nem poderiam defendê-los da ira de Deus.

Como esse trecho se segue à profecia sobre a chegada do Messias ‘nos últimos dias’, podemos pensar que essa destruição da idolatria e da arrogância do Seu povo, restaurando o direito e fazendo vingança contra a injustiça, viria, segundo a concepção do profeta, de uma maneira aterradora e um tanto violenta, pois eles mereciam isso. Não está relacionada com nenhum império conquistando Judá como um instrumento de juízo de Deus, e sim com a vinda do Messias, que destruiria a idolatria do Seu povo.

Quanto ao termo ‘navios de Társis’, podemos traduzi-lo por ‘navios de refinação ou mineração’, navios equipados para transportar minério derretido (carga de ouro, prata), madeiras duras, jóias, marfim e variedades de macacos (1 Rs 9: 26-28; 1 Rs 10: 22 – A palavra traduzida como pavões pode se referir a babuínos). A profecia de Isaías (Is 23: 1; 14) também menciona os navios de Társis em relação ao seu comércio com Tiro. Társis, onde havia uma colônia de Tiro, não tem ainda uma localização certa, podendo se referir a um porto desde o Oceano Índico até Cartago (na África) ou um porto fenício na Espanha. Segundo o Easton’s Bible Dictionary, a palavra, anglicizada como ‘tarshish’, é de origem sânscrita (língua ancestral da Índia) ou ariana (relativo aos antigos povos Iranianos), e significa ‘a costa do mar’.

Segundo a Concordância Lexicon Strong (tarshiysh – Strong #8659; #8658) pode se referir à região da pedra topázio ou berilo; ou Társis, um lugar no Mediterrâneo, daí o epíteto de uma embarcação mercante (como se ‘para’ ou ‘daquele’ porto). A localização de Társis poderia ser: uma cidade do Leste, na costa do Oceano Índico, com base em que ‘navios de Társis’ saíram de Ezion-Geber, no Mar Vermelho, ou poderia se referir a um porto fenício na Espanha, localizado entre as duas bocas do rio Guadalquivir. A expressão ‘navios de Társis’, possivelmente, se referia a uma classe de navios: 1) Navios destinados a longas viagens. 2) Navios de grande tamanho, preparados para

navegar no mar, transportando minério; assim foram denominados os navios do rei Salomão. Em grego, Társis é chamada de Tartessos ou Tartessos. Tartessos (em grego: Τάρτησος) era o nome pelo qual os gregos conheciam a primeira civilização do Ocidente. Era herdeira da cultura de Andaluzia, e se desenvolveu no triângulo formado pelas atuais cidades de Huelva, Sevilha e São Fernando (Cádiz), na costa sudoeste da Península Ibérica. Tartesso teve o rio Tartesso como um rio central que dividia o país ao meio; os romanos o chamaram de Bétis, e os árabes, Guadalquivir.



Localização de Társis, ao sul da Espanha



Localização de Eziom-Geber

Eziom-Geber (1 Rs 9: 26) se refere, muito provavelmente, à atual Aqaba, uma cidade costeira do extremo sul da Jordânia, capital da província com o mesmo nome. Este é o único porto marítimo do país, por isso a cidade é de importância estratégica para a Jordânia. A cidade faz limite com Eilat (Elate, 1 Rs 9: 26), localizada em Israel. Tanto Aqaba quanto Eilat encontram-se no extremo norte do golfo de Aqaba. A cidade de Aqaba foi chamada Aila nos tempos antigos (era uma cidade islâmica medieval, na proximidade de minas de cobre), e que é um nome semítico escrito em fontes históricas de várias maneiras diferentes: Aila, Ailana, Elana, Haila, Ailath, Elath e Wayla.

Capítulo 3

Julgamento de Judá e de Jerusalém pelo seu pecado – v. 1-4.

• Is 3: 1-4: “Porque eis que o Senhor, o Senhor dos Exércitos, tira de Jerusalém e de Judá o sustento e o apoio, todo sustento de pão e todo sustento de água; o valente, o guerreiro e o juiz; o profeta, o adivinho e o ancião [NVI: ‘a autoridade’]; o capitão de cinquenta, o respeitável [NVI: ‘o nobre’], o conselheiro, o hábil entre os artífices [NVI: ‘o conhecedor de magia’] e o encantador perito [NVI: ‘o perito em maldições’]. Dar-lhes-ei meninos por príncipes, e crianças governarão sobre eles [NVI: ‘Porei jovens no governo; irresponsáveis dominarão’]”.

Porque eles confiaram em sua abundância e prosperidade, Deus traria seca e fome, ou seja, falta de chuva e esterilidade no campo, para mostrar também Seu poder sobre a natureza; também para privá-los de todos os apoios de sua vida e de seu governo. Talvez possa se cogitar em sítio dos inimigos sobre as cidades, mas ainda não é possível localizar exatamente os eventos históricos a que esta profecia se refere. Deus colocaria pessoas jovens na liderança da nação, jovens não só na idade, mas em experiência de governo, conhecimento e força. Também a NVI diz: ‘irresponsáveis’.

Grande confusão, uma terra sem governo e sem respeito uns pelos outros – v. 5-9.

• Is 3: 5-9: “Entre o povo, oprimem uns aos outros, cada um, ao seu próximo [NVI: ‘O povo oprimirá a si mesmo: homem contra homem, cada um contra o seu próximo’]; o menino se atreverá contra o ancião, e o vil [NVI: ‘o desprezível’], contra o nobre. Quando alguém se chegar a seu irmão e lhe disser, na casa de seu pai: Tu tens roupa, sê nosso príncipe e toma sob teu governo esta ruína [NVI: ‘Você pelo menos tem um manto; seja o nosso governante; assuma o poder sobre este monte de ruínas’]; naquele dia, levantará este a sua voz, dizendo: Não sou médico [NVI: ‘Não tenho remédios’], não há pão em minha casa, nem veste alguma; não me ponhais por príncipe do povo [NVI: ‘não me nomeiem governante do povo’]. Porque Jerusalém está arruinada, e Judá, caída; porquanto a sua língua e as suas obras são contra o Senhor, para desafiarem a sua gloriosa presença. O aspecto do seu rosto testifica contra eles [NVI: ‘O jeito como olham testifica contra eles’]; e, como Sodoma, publicam o seu pecado e não o encobrem. Ai da sua alma! Porque fazem mal a si mesmos”.

Haveria uma grande confusão em Judá e Jerusalém pelo seu pecado; Judá era uma terra sem governo e sem respeito uns pelos outros; e naquele momento ninguém tinha coragem de se voluntariar para liderar o povo ou levá-lo de novo à comunhão com Deus. O pecado de todos estava estampado em suas faces; era patente aos olhos de Deus, principalmente a irreverência: ‘porquanto a sua língua e as suas obras são contra o Senhor, para desafiarem a sua gloriosa presença’.

Paz aos justos, e juízo aos ímpios pelas suas más obras – v. 10-11.

• Is 3: 10-11: “Dizei aos justos que bem lhes irá; porque comerão do fruto das suas ações. Ai do perverso! Mal lhe irá; porque a sua paga será o que as suas próprias mãos fizeram”.

Haveria um consolo para os justos, mas juízo aos ímpios como consequência dos atos ruins que praticaram.

A opressão e a cobiça dos governantes – v. 12-15.

• Is 3: 12-15: “Os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa do seu governo. Oh! Povo meu! Os que te guiam te enganam e destroem o caminho por

onde deves seguir. O Senhor se dispõe para pleitear [NVI: ‘O Senhor toma o seu lugar no tribunal’] e se apresenta para julgar os povos [nota da NVI: ‘O seu povo’, na versão Siríaca]. O Senhor entra em juízo contra os anciãos do seu povo e contra os seus príncipes [NVI: ‘contra as autoridades e contra os líderes do seu povo’]. Vós sois os que consumistes esta vinha; o que roubastes do pobre está em vossa casa. Que há convosco que esmagais o meu povo e moeis a face dos pobres? – diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos”.

Os próprios reis, príncipes e líderes religiosos judaicos eram fracos em matéria de autoridade (‘crianças’ e ‘mulheres’) ou estavam debaixo da influência de suas próprias mulheres para governar a nação. Esses versículos mostram também a cobiça, a ganância e disputa de poder dos governantes civis e dos próprios líderes eclesiásticos, que afastaram o povo de Deus e de Seus verdadeiros caminhos. Eles haviam consumido Israel, mais especificamente, Judá (a ‘vinha’). Roubavam dos mais necessitados e lhes negavam justiça. Por isso, o Senhor entraria em juízo contra as autoridades e contra os líderes do Seu povo.

Este era o estado de Judá e Jerusalém debaixo das calamidades que eles mesmos criaram; isso sem falar na enorme idolatria que existia naquela terra, a começar pelo mau exemplo dos reis.

O julgamento das filhas de Sião – v. 16-26.

• Is 3: 16-26: “Diz ainda mais o Senhor: Visto que são altivas as filhas de Sião e andam de pescoço emproado, de olhares impudentes [NVI: ‘que caminham de cabeça erguida, flertando com os olhos’], andam a passos curtos, fazendo tinir os ornamentos de seus pés, o Senhor fará tihosa a cabeça das filhas de Sião [NVI: ‘o Senhor rapará a cabeça das mulheres de Sião’], o Senhor porá a descoberto as suas vergonhas. Naquele dia, tirará o Senhor o enfeite dos anéis dos tomazelos, e as toucas, e os ornamentos em forma de meia-lua; os pndentes, e os braceletes, e os véus esvoaçantes; os turbantes, as cadeiazinhas para os passos [NVI: ‘as correntinhas de tornozelo’], as cintas [NVI: ‘os cintos’], as caixinhas de perfumes e os amuletos [NVI: ‘os talismãs e os amuletos’]; os sinetes e as jóias pndentes do nariz [NVI: ‘os anéis e os enfeites para o nariz’]; os vestidos de festa, os mantos, os xales e as bolsas; os espelhos, as camisas finíssimas [NVI: ‘as roupas de linho’], os atavios de cabeça e os véus grandes [NVI: ‘as tiaras e os xales’]. Será que em lugar de perfume haverá podridão [NVI: ‘mau cheiro’], e por cinta, corda; em lugar de encrespadura de cabelos, calvície [NVI: ‘em vez de belos penteados, calvície’]; e em lugar de veste suntuosa, cilício [NVI: ‘vestes de lamento’]; e marca de fogo [NVI: ‘cicatrizes’], em lugar de formosura. Os teus homens cairão à espada, e os teus valentes, na guerra [NVI: ‘seus guerreiros morrerão no combate’]. As suas portas chorarão e estarão de luto; Sião, desolada, se assentará em terra”.

Isaías é duro e irônico com as damas da corte da classe alta de Jerusalém. As mulheres que outrora andavam vaidosas e seguras ficarão viúvas e trocarão as vestes ricas por panos de saco e cinzas, pois chorarão por causa do luto. Não se sabe, com certeza, quando esta profecia foi entregue nem quando foi cumprida.

Capítulo 4

Quando Deus executar Sua vingança, as mulheres se comportarão de maneira diferente – v. 1.

- Is 4: 1: “Sete mulheres, naquele dia, lançarão mão de um homem, dizendo: Nós mesmas do nosso próprio pão nos sustentaremos e do que é nosso nos vestiremos [NVI: ‘Nós mesmas providenciaremos nossa comida e nossas roupas’]; tão-somente queremos ser chamadas pelo teu nome; tira o nosso opróbrio”.

Este primeiro verso do capítulo 4 pertence ao terceiro capítulo. Quando os problemas vierem sobre a terra e os homens forem mortos, muitas mulheres judias vão agir contrariamente ao uso comum e procurar maridos para si, pois o estado de celibato e virgindade era considerado vergonhoso entre os judeus, uma vez que não deixariam descendência. Para terem um marido, elas estariam dispostas até a trabalhar para prover comida e roupa para si mesmas.

Nos próximos versículos (v. 2-5), Isaías prediz a chegada do reino Messiânico, e a restauração de um remanescente, que será santo. Ele compara a purificação espiritual deste povo à purificação de um metal como ouro e prata que passam pelo fogo para serem depurados da escória (‘Espírito purificador’ = NVI: ‘espírito de fogo’). Quando a bíblia fala em culpa de sangue, geralmente se refere ao derramamento de sangue inocente. Da mesma forma como o Senhor guiou o povo, no tempo de Moisés, numa coluna de nuvem de dia e numa coluna de fogo à noite quando o tabernáculo estava erguido, Ele será uma defesa e um abrigo para eles, assim como, mostrará Sua glória de uma maneira evidente. Quando se fala de glória do Senhor, se refere à Sua honra, à Sua dignidade e majestade, Sua reputação e proteção; enfim, a manifestação do poder de Deus onde é preciso.

Predição sobre o reino Messiânico; o tempo da restauração de Deus sobre os remanescentes – v. 2.

- Is 4: 2: “Naquele dia, o Renovo do Senhor será de beleza e de glória [NVI: ‘será belo e glorioso’]; e o fruto da terra, orgulho e adorno para os de Israel que forem salvos [NVI: ‘a glória dos sobreviventes de Israel’]”.

Eles serão santos – v. 3.

- Is 4: 3: “Será que os restantes de Sião e os que ficarem em Jerusalém serão chamados santos; todos os que estão inscritos em Jerusalém, para a vida,...”

O povo será limpo através do Espírito de justiça e do Espírito purificador – v. 4.

- Is 4: 4: “quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião [NVI: ‘impureza das mulheres de Sião’] e limpar Jerusalém da culpa do sangue do meio dela [NVI: ‘o sangue derramado em Jerusalém’], com o Espírito de justiça e com o Espírito purificador [NVI: ‘espírito de fogo’]”.

O Senhor será uma glória e uma defesa sobre eles, como foi outrora sobre o tabernáculo de Moisés, defendendo-os das aflições – v. 5-6

- Is 4: 5-6 (ARA): “Criará o Senhor, sobre todo o monte de Sião e sobre todas as suas assembléias, uma nuvem de dia e fumaça e resplendor de fogo chamejante de noite; porque sobre toda a glória se estenderá um dossel e um pavilhão [dossel = uma cobertura ornamental; pavilhão = uma construção leve e desmontável que serve de

abrigo, como uma barraca, um quiosque], os quais serão para sombra contra o calor do dia e para refúgio e esconderijo contra a tempestade e a chuva”.

- Is 4: 5-6 (NVI): “o Senhor criará sobre todo o monte Sião e sobre aqueles que se reunirem ali uma nuvem durante o dia e fumaça e um clarão de fogo durante a noite. A glória tudo cobrirá e será um abrigo e sombra para o calor do dia e um refúgio e esconderijo contra a tempestade e a chuva”.

Capítulo 5

A parábola da vinha má – v. 1-7.

• Is 5: 1-7: “Agora, cantarei ao meu amado o cântico do meu amado a respeito da sua vinha [NVI: ‘Cantarei para o meu amigo o seu cântico a respeito de sua vinha’]. O meu amado teve uma vinha num outeiro fertilíssimo. Sachou-a [NVI: ‘Ele cavou a terra’; sachar significa ‘lavar com o sacho’, uma pequena enxada], limpou-a das pedras e a plantou de vides escolhidas [NVI: ‘as melhores videiras’]; edificou no meio dela uma torre [NVI: ‘torre de sentinela’] e também abriu um lagar [NVI: ‘um tanque de prensar uvas’]. Ele esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas [NVI: ‘uvas azedas’]. Agora, pois, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá, julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha. Que mais se podia fazer ainda à minha vinha, que eu lhe não tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas? Agora, pois, vos farei saber o que pretendo fazer à minha vinha: tirarei a sua sebe [NVI: ‘cerca’], para que a vinha sirva de pasto; derribarei o seu muro, para que seja pisada; torná-la-ei em deserto. Não será podada, nem sachada [NVI: ‘nem capinada’], mas crescerão nela espinheiros e abrolhos [NVI: ‘ervas daninhas’]; às nuvens darei ordem que não derramem chuva sobre ela. Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel [NVI: ‘a nação de Israel’], e os homens de Judá são a planta diletta do Senhor [NVI: ‘a plantação que ele amava’]; este desejou que exercessem juízo, e eis aí quebrantamento da lei [NVI: ‘Ele esperava justaça, mas houve derramamento de sangue’]; justaça, e eis aí clamor”.

Israel é a vinha de Deus que foi lavrada e semeada por Ele com muito cuidado. Ele esperava colher uvas boas, mas a vinha produziu uvas bravas. Em outras palavras: Deus deu tudo ao Seu povo, mas eles não lhe retribuía. Pelo contrário, destruíram o que receberam: a herança da terra, a herança da Palavra e as leis que os conduziriam por um caminho de vida. Retribuíam a Sua misericórdia e Sua fidelidade com más ações e infidelidade (v. 1-4), por isso o Senhor traria destruição (v. 5-7). As cidades seriam assoladas e ficariam sem muros, seriam queimadas, e seus campos não dariam frutos – cf. Mt 21: 33-46, com ênfase nos vs. 42-43: “Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos”. Aqui no livro de Isaías, Deus daria Israel aos assírios e babilônios para ser destruída por tê-lo rejeitado. No NT Deus daria o reino de Deus aos gentios, pois Israel O rejeitou através de Seu Filho Jesus.

Julgamentos sobre a cobiça – v. 8-10.

• Is 5: 8-10: “Ai dos que ajuntam casa a casa [NVI: ‘casas e mais casas’], reúnem campo a campo [NVI: ‘propriedades e mais propriedades’], até que não haja mais lugar [NVI: ‘mais lugar para ninguém’], e ficam como únicos moradores no meio da terra! [NVI: ‘se tornarem os senhores absolutos da terra’] A meus ouvidos disse o Senhor dos Exércitos: Em verdade, muitas casas ficarão desertas, até as grandes e belas, sem moradores. E dez jeiras [NVI: ‘dez alqueires’] de vinha não darão mais do que um bato [NVI: ‘um pote de vinho’], e um ômer [NVI: ‘um barril’] cheio de semente não dará mais do que um efa [NVI: ‘só dará uma arroba de trigo’]”.

A cobiça e a ganância dos homens serão transformadas por Deus em escassez.

Notas:

- Dez jeiras [NVI: ‘dez alqueires’] = a terra arada num dia por dez pares de boi. Uma jeira é a área que uma junta de bois pode arar em um dia, mais ou menos um quarteirão quadrado com 50 metros de lado, o que equivale a 2.500 metros quadrados.

- Um bato [NVI: ‘um pote de vinho’] = 1 bato equivale a 20-35 litros. Medida para líquidos.

- Um ômer [NVI: ‘um barril’] – Em hebraico, Homer. Medida de capacidade para secos. 1 ômer ou 1 coro equivalia a 176-200 litros.

- Um efa [NVI: ‘uma arroba’] – efa era uma medida de capacidade para secos equivalente a 17,62-20 litros

Sobre os bêbados, e os lascivos – v. 11-12.

- Is 5: 11-12: “Ai dos que se levantam pela manhã e seguem a bebedice e continuam até alta noite, até que o vinho os esquenta! Liras e harpas, tamboris e flautas e vinho há nos seus banquetes; porém não consideram os feitos do Senhor, nem olham para as obras das suas mãos”.

O Senhor trará julgamento também aos que se entregam à bebedeira e às orgias, à libidinagem.

A punição dos judeus, o cativo – v. 13-17.

- Is 5: 13-17: “Portanto, o meu povo será levado cativo, por falta de entendimento; os seus nobres terão fome, e a sua multidão se secará de sede. Por isso, a cova [NVI: ‘Sheol’, pode ser traduzido por sepultura, profundezas, pó ou morte] aumentou o seu apetite, abriu a sua boca desmesuradamente [NVI: ‘escancara a sua boca’]; para lá desce a glória de Jerusalém, e o seu tumulto [NVI: ‘o esplendor da cidade e a sua riqueza’], e o seu ruído, e quem nesse meio folgava [NVI: ‘e os que se divertem’]. Então, a gente se abate, e o homem se avilta [NVI: ‘o homem será abatido, a humanidade se curvará’]; e os olhos dos altivos são humilhados. Mas o Senhor dos Exércitos é exaltado em juízo; e Deus, o Santo, é santificado em justiça. Então, os cordeiros pastarão lá como se no seu pasto; e os nômades [Nota NVI: ‘estrangeiros’, no Texto Massorético, i.e., o hebraico com vogais] se nutrirão dos campos dos ricos lá abandonados”.

Da mesma forma que Oséias escreveu: “O meu povo está sendo destruído porque lhe falta o conhecimento” (Os 4: 6a), Isaías repete o mesmo pensamento em outras palavras: “Portanto, o meu povo será levado cativo, por falta de entendimento”. O povo não entende o que Deus lhe diz através do profeta. Os nobres sentirão fome e o povo, sede. A morte está esperando por eles, assim como todo o esplendor e a riqueza da cidade de Jerusalém, o que significa sua destruição. E aqueles que se divertiam morrerão também, e cessará o seu barulho de alegria. Deus humilhará os arrogantes, mas Ele, o Senhor dos Exércitos, será exaltado neste juízo, e o santo de Israel será santificado em Sua retidão. Quando Sua justiça e Seu julgamento forem feitos contra os perversos, os cordeiros pastarão na cidade como se houvesse uma excelente pastagem, e os estrangeiros comerão dos campos dos ricos. Há um versículo interessante em Pv 11: 9: “O ímpio, com a boca, destrói o próximo, mas os justos são libertados pelo conhecimento”. Esse versículo completa o de Isaías e o de Oséias, pois a falta de entendimento da vontade de Deus leva às prisões do inimigo, e a falta do conhecimento da Sua palavra e da Sua pessoa acarreta a destruição de uma vida, pois o engano de Satanás prevalece. Mas quando nós conhecemos a Deus e sabemos o que Sua palavra contém, somos libertados da angústia, da mentira e das palavras destruidoras. Conseqüentemente, saímos do caminho do pecado. Por isso, Jesus disse: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará [Jesus é a palavra e Sua palavra é verdadeira]... Se, pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres [livres do pecado e da morte]”.

Julgamentos sobre a impiedade, sobre os escarnecedores das ameaças de Deus, aqueles que corrompem as noções de bem e mal, bebedores e juizes injustos – v. 18-24.

• Is 5: 18-24: “Ai dos que puxam para si a iniquidade com cordas de injustiça e o pecado, como com tirantes de carro! E dizem: Aprese-se Deus, leve a cabo a sua obra, para que a vejamos; aproxime-se, manifeste-se o conselho do Santo de Israel, para que o conheçamos. Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridão luz e da luz, escuridão; põem o amargo por doce e o doce, por amargo! Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e prudentes em seu próprio conceito! Ai dos que são heróis [NVI: ‘campeões’] para beber vinho e valentes para misturar bebida forte, os quais por suborno justificam o perverso [NVI: ‘absolvem o culpado’] e ao justo negam justiça! Pelo que, como a língua de fogo consome o restolho, e a erva seca se desfaz pela chama, assim será a sua raiz como podridão, e a sua flor se esvaecerá como pó; porquanto rejeitaram a lei do Senhor dos Exércitos e desprezaram a palavra do Santo de Israel”.

Os que zombam de Deus e pensam que O enganam e que Ele não vê suas maldades sofrerão com Sua ira; passarão pelo Seu julgamento. Os que O provocam e não levam a sério as Suas palavras sofrerão por isso. Todos aqueles que corrompem as noções de bem e mal, os que torcem a verdade transformando-a em mentira em seu próprio favor, os juizes injustos, os que se julgam sábios aos seus próprios olhos e os bebedores serão consumidos como a palha é consumida pelo fogo.

A ira de Deus trará os exércitos inimigos contra eles, um exército forte e determinado, os Assírios – v. 25-30.

• Is 5: 25-30: “Por isso, se acende a ira do Senhor contra o seu povo, povo contra o qual estende a mão e o fere, de modo que tremem os montes e os seus cadáveres são como monturo [NVI: ‘lixo’] no meio das ruas. Com tudo isto não se aplaca a sua ira, mas ainda está estendida a sua mão. Ele arvorará o estandarte para as nações distantes [NVI: ‘Ele levanta uma bandeira convocando uma nação distante’] e lhes assobiará para que venham das extremidades da terra; e vêm apressadamente. Não há entre elas cansado, nem quem tropece; ninguém tosqueneja [NVI: ‘cochila’], nem dorme; não se lhe desata o cinto dos seus lombos, nem se lhe rompe das sandálias a correia [NVI: ‘nenhum desamarra a correia das sandálias’]. As suas flechas são agudas [NVI: ‘As flechas deles estão afiadas’], e todos os seus arcos, retesados; as unhas dos seus cavalos dizem-se de pederneira [NVI: ‘os cascos dos seus cavalos são duros como pedra’], e as rodas dos seus carros, um redemoinho [NVI: ‘são como um furacão’]. O seu rugido é como o do leão; rugem como filhos de leão [NVI: ‘rugem como leões ferozes’], e, rosnando, arrebata a presa, e a levam, e não há quem a livre. Bramam contra eles naquele dia, como o bramido do mar [NVI: ‘Naquele dia rugirão sobre Judá como o rugir do mar’]; se alguém olhar para a terra [NVI: ‘a terra de Israel’], eis que só há trevas e angústia, e a luz se escurece em densas nuvens [NVI: ‘até a luz do dia será obscurecida pelas nuvens’]”.

Isaías fala agora mais claramente de um exército inimigo que será instrumento de juízo nas mãos de Deus contra o Seu povo. A descrição figurada do seu exército nos mostra que é um exército de soldados ferozes, ágeis, vigilantes e habilitados para a guerra. Seus carros são rápidos e eles gritam enquanto lutam. Judá sofrerá angústia, e a fumaça da destruição e do fogo escurecerá o céu.

Capítulo 6

O chamamento de Isaías – v. 1-13

• Is 6: 1-13: “No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado. Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim. Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebeis. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo. Então, disse eu: até quando, Senhor? Ele respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada, e o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo [NVI: ‘até que o Senhor tenha enviado todos para longe e a terra esteja totalmente desolada’]. Mas, se ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída. Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derribados, ainda fica o toco, assim a santa semente é o seu toco”.

As profecias de Isaías nem sempre são estabelecidas numa ordem cronológica. O seu chamamento foi colocado aqui no capítulo 6 depois de outras profecias terem sido escritas nos capítulos anteriores e que, provavelmente, foram entregues (algumas delas) no reinado de Jotão, filho de Uzias. Uzias morreu no ano de 740 AC, e a partir dali Isaías começou seu período de exercício profético. Segundo fontes históricas (Bíblia de Jerusalém, Nova Edição Revista e Ampliada, Ed. de 2002, 3ª Impressão, 2004, Ed. Paulus, São Paulo, pg. 1.237) Isaías teria nascido em 765 AC, portanto, tinha 25 anos de idade quando foi chamado pelo Senhor. A passagem bíblica diz que ele viu o trono e a glória de Deus, e onde Serafins proclamavam Sua santidade. A adoração era tão forte que o lugar tremeu e se encheu de fumaça. Então, Isaías foi confrontado com sua fragilidade humana e reconheceu que era um homem com os lábios impuros, no meio de um povo também impuro. Por isso, temeu. Ele viu um anjo vindo com uma brasa e tocando seus lábios, e dizendo que seu pecado tinha sido perdoado. A seguir ele ouviu a voz do Senhor perguntando se havia algum mensageiro disposto a levar Sua palavra e Isaías se apresentou. Ele recebeu a comissão de ser atalaia, de clamar no meio de um povo obstinado, de coração endurecido, sem olhos e sem ouvidos para a voz de Deus e para a Sua vontade. Isaías perguntou até quando seria assim, e o Senhor lhe respondeu que isso seria até que Ele tivesse exercido o Seu juízo sobre eles, até que os tivesse levado ao cativeiro numa terra estrangeira (na Assíria); mesmo assim, os remanescentes também seriam levados a cativeiro (talvez representando o cativeiro na Babilônia). Enfim, um remanescente seria salvo e santo, como um toco de carvalho ou terebinto.



Terebinto (*Pistacia terebinthus* ou *Pistacia palaestina*)



Flor do Terebinto (*Pistacia terebinthus* ou *Pistacia palaestina*)

Aqui a bíblia menciona outra árvore além do carvalho, o terebinto. O terebinto (*Pistacia terebinthus* ou *Pistacia palaestina*), também descrito em Os 4: 13, é uma árvore decídua, pequena, de até seis metros de altura, parecendo um arbusto, e que tem flores. Está presente nas colinas quentes e secas da Palestina, mas também é nativa da região do Mediterrâneo como Marrocos, Portugal e Ilhas Canárias; presente também na Turquia e na Síria. É comumente chamada de Terebinto ou Cornalheira. Suas folhas têm de dez a vinte centímetros de comprimento, e suas flores são de cor púrpura avermelhada, que desabrocham na primavera. Seus frutos pequenos são carnosos, com o tamanho de cinco a sete centímetros de comprimento, e cuja cor varia do vermelho ao negro quando estão maduros. A resina da planta tem um odor forte e penetrante, de onde se extrai a terebintina, possivelmente a mais antiga fonte deste composto. A terebintina é um solvente muito usado na preparação de tintas, vernizes e ungüentos. O terebinto é uma árvore isolada, ou seja, não cresce em bosques. Na Antiguidade eram comuns as práticas idólatras debaixo de terebintos. O terebinto é muitas vezes chamado de olmo ou olmeiro, erroneamente. Em hebraico, a palavra usada para terebinto pode ser a mesma para ‘carvalho’, ou seja, ‘allâ, ’allôn (ou ’allown) e ’elâ.

Capítulo 7

Acaz tem medo de Rezim e Peca, e é confortado por Isaías – v. 1-9.

• Is 7: 1-9: “Sucedeu nos dias de Acaz, filho de Jotão, filho de Uzias, rei de Judá, que Rezim, rei da Síria, e Peca, filho de Remalias, rei de Israel, subiram a Jerusalém, para pelejarem contra ela, porém não prevaleceram contra ela. Deu-se aviso à casa de Davi: A Síria está aliada com Efraim. Então, ficou agitado o coração de Acaz e o coração do seu povo, como se agitam as árvores do bosque com o vento. Disse o Senhor a Isaías: Agora, sai tu com teu filho, que se chama Um-Resto-Volverá [‘shearjashub’ = ‘um remanescente voltará’, em relação ao remanescente do povo de Deus que se voltaria de coração para Ele], ao encontro de Acaz, que está na outra extremidade do aqueduto do açude superior, junto ao caminho do campo do lavadeiro (*ou lavandeiro*), e dize-lhe: Acautela-te e aquieta-te; não temas, nem se desanime o teu coração por causa destes dois tocos de tições fumegantes [NVI: ‘restos de lenha fumegantes’]; por causa do ardor da ira de Rezim, e da Síria, e do filho de Remalias [rei Peca de Israel]. Porquanto a Síria resolveu fazer-te mal, bem como Efraim e o filho de Remalias [rei Peca de Israel], dizendo: Subamos contra Judá, e amedrontemo-lo, e o conquistemos para nós, e façamos reinar no meio dele o filho de Tabeal [‘NVI: ‘Tabeel’]. Assim diz o Senhor Deus: Isto não subsistirá, nem tampouco acontecerá. Mas a capital da Síria será Damasco, e o cabeça de Damasco, Rezim, e dentro de sessenta e cinco anos Efraim será destruído e deixará de ser povo. Entretanto, a capital de Efraim será Samaria, e o cabeça de Samaria, o filho de Remalias [rei Peca de Israel]; se o não crerdes, certamente, não permaneceréis”.

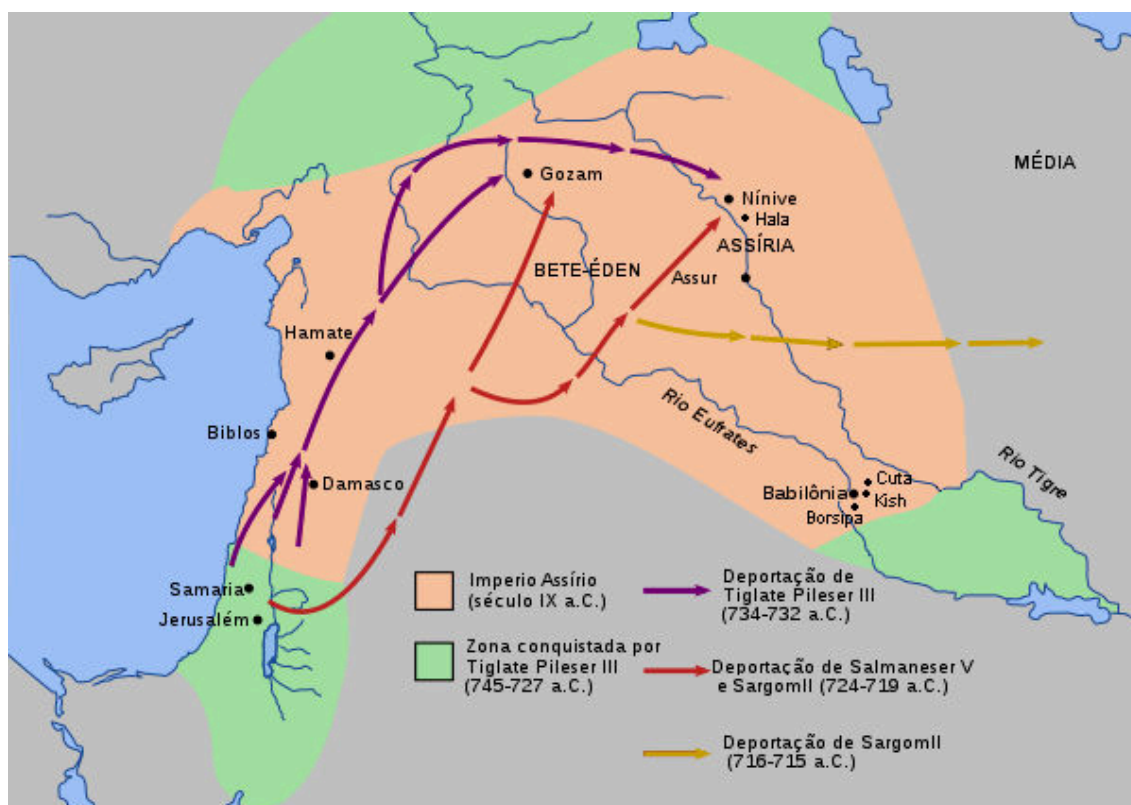
No reinado de Acaz (2 Cr 28: 1-6; 2 Rs 16: 1-4), aliás, desde o final do reinado de seu pai Jotão (2 Rs 15: 37), Deus enviou a Rezim, rei da Síria (2 Rs 16: 5; 2 Cr 28: 5-6) e Peca, rei de Israel, filho de Remalias (2 Cr 28: 6; 2 Rs 15: 37; 2 Rs 16: 5) contra as cidades de Judá, quando os sírios capturaram Elate (2 Rs 16: 5) e levaram uma grande multidão em cativo para Damasco (2 Cr 28: 5-6); também Peca, filho de Remalias, rei de Israel, matou em Judá cento e vinte mil homens em um dia, ao mesmo tempo em que duzentos mil de Judá, entre eles mulheres, filhos e filhas, foram levados cativos pelos israelitas (2 Cr 28: 6; 8), e depois, devolvidos a Judá (2 Cr 28: 11; 14-15).

Estes versículos de Isaías (Is 7: 1-9) relatam o encontro do profeta com Acaz às vésperas da guerra Siro-Efraimita, iniciada em 734 AC, quando o rei estava cuidando das defesas da cidade. O campo do Lavandeiro (cf. Is 36: 2) era um local do lado de fora do muro oriental, onde as vestes eram espalhadas para secarem ao sol, segundo o costume dos lavandeiros. O lavandeiro era chamado de ‘pisador’ porque ele lavava as roupas fora da cidade e perto de bastante água, onde os panos pudessem ser limpos ao serem pisados sobre uma pedra submersa. Em alguns lugares, o lavandeiro era também o tintureiro, pois além de lavar, ele tingia os tecidos.

Cogita-se que os 65 anos da profecia mencionada em Is 7: 8 correspondem ao mesmo trecho escrito em Is 17: 1-3 e às profecias anteriores de Am 1: 1; 3-5. De acordo com Amós 1: 3-5, o povo da Síria foi levado pelos Assírios para Quir (local desconhecido). Quir significa ‘cidade’. Embora alguns estudiosos a coloquem na planície da Mesopotâmia, entre as cidades de Cuta, Babilônia e Borsipa, é mais provável que nesta localização esteja-se falando da cidade de Kish; em Sumério: Kiš; transliteração: Kiški; Acadiano: kiššatu; moderna Tell al-Uhaymir na província de Babilônia no Iraque, a cerca de doze quilômetros a leste da cidade de Babilônia e a oitenta quilômetros ao sul de Bagdá. Tell al-Uhaymir significa ‘o vermelho’ segundo a cor dos tijolos vermelhos do zigurate existente lá. Zigurate era um tipo de templo para

os deuses, criado pelos sumérios, os antepassados dos babilônios e assírios, e construído na forma de pirâmide terraplanada. O formato era o de vários andares construídos um sobre o outro, com plataformas ovais, retangulares ou quadradas, que iam diminuindo de tamanho como uma pirâmide até o topo. O número de andares variava de dois a sete. Havia vários Zigurates na Babilônia.

Quanto à relação que alguns fazem destes sessenta e cinco anos com Jr 49: 23-27 não parece ser correta, pois o reino de Damasco foi destruído pela Assíria, mas a cidade permaneceu, e é para ela que Jeremias profetiza (Jr 49: 27). O cumprimento da profecia de Jeremias se deu, provavelmente em 581 AC, cerca de cinco anos após a destruição de Jerusalém (586 AC) por Nabucodonosor. Porém, quanto aos anos profetizados por Isaías, provavelmente, trata-se da Assíria entre os reinados de Tiglate-Pileser III (745-727 AC), Salmaneser V (727-722 AC) e Sargom II (722-705 AC). Tiglate-Pileser III conquistou três regiões de Israel entre 734-732 AC: Zebulom, Naftali e Galiléia (2 Rs 15: 29). Damasco foi capturada em 732 AC e foi reduzida a cidade subsidiária dentro da província Assíria de Hamate. Daí por diante perdeu sua influência política, ficando apenas com a influência econômica (Ez 27: 18). Depois passou novamente a ser capital durante o governo selêucida de Antíoco IX em 111 AC. Aretas (Nabateu) conquistou a cidade em 85 AC, entregando-a depois para Tigranes da Armênia (83-69 AC). A partir de 64 AC até 30 DC foi domínio Romano.



Salmaneser V (727-722 AC) sitiou Samaria por três anos (2 Rs 17: 5; 2 Rs 18: 9-11), enquanto seu sucessor Sargom II (722-705 AC) a capturou no ano em que subiu ao trono (Exílio de Israel para a Assíria – 722 AC). O rei da Assíria transportou a Israel para a Assíria e o fez habitar em Hala, junto a Habor (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5: 26) e ao rio Gozã, e nas cidades dos Medos. Habor – um rio (atualmente Habür) que deságua no Eufrates. Atravessava a província Assíria de Gozã (n'har gôzân, 'rio de

Gozã'). No lugar da população israelita (2 Rs 17: 24; 30-31), foram trazidos os habitantes da Babilônia, de Cuta, Ava, Hamate e Sefarvaim.

Só sabemos que após este encontro de Isaías com Acaz, quando Rezim e Peca vieram contra Jerusalém, não conseguiram invadi-la (2 Rs 16: 5). Os dois reis citados acima planejavam invadir Judá para depor Acaz e no seu lugar colocar um rei que não era da linhagem de Davi [o filho de Tabeal ou Tabeel], que envolveria o país na coalizão contra o Império Assírio. Esse personagem (Tabeal ou Tabeel) é desconhecido, embora pareça ser um Efraimita.

A vinda de Emanuel (Cristo, profecia Messiânica) – v. 10-16

• Is 7: 10-16: “E continuou o Senhor a falar com Acaz, dizendo: Pede ao Senhor, teu Deus, um sinal, quer seja embaixo, nas profundezas, ou em cima, nas alturas [NVI: ‘um sinal milagroso, seja das maiores profundezas, seja das alturas mais elevadas’]. Acaz, porém, disse: Não o pedirei, nem tentarei ao Senhor. Então, disse o profeta: Ouvi, agora, ó casa de Davi [NVI: ‘Ouçam agora, descendentes de Davi’]: acaso, não vos basta fatigardes os homens, mas ainda fatigais também ao meu Deus? Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá [NVI: ‘ficará grávida’] e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel. Ele comerá manteiga e mel quando souber desprezar o mal e escolher o bem [NVI: ‘ele comerá coalhada e mel até a idade em que saiba rejeitar o erro e escolher o que é certo’]. Na verdade, antes que este menino saiba desprezar o mal e escolher o bem, será desamparada a terra ante cujos dois reis tu tremes de medo [NVI: ‘reis que você teme ficará deserta’]”.

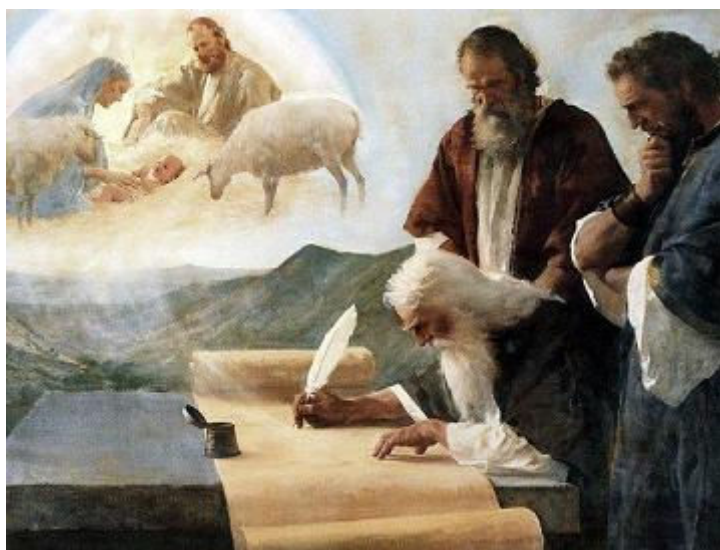
Isaías propôs a Acaz que ele pedisse um sinal miraculoso ao Senhor de que a profecia era verdadeira, de que Judá não seria invadida nem por Israel nem pelos Sírios de Rezim num futuro próximo (em menos de 2 anos, ao que dá a entender: ‘até a idade em que saiba rejeitar o erro e escolher o que é certo’, o que fala de uma tenra idade do menino). É interessante que o profeta responde não diretamente para Acaz, mas para a descendência dos reis da linhagem de Davi (‘Ouvi, agora, ó casa de Davi... o Senhor mesmo vos dará um sinal; NVI: ‘Ouçam agora, descendentes de Davi’). E aí surge muita polêmica entre os teólogos porque uns sugerem que o sinal seria o nascimento do próprio descendente de Acaz, Ezequias, o qual eles chamam de ‘o tipo de Cristo’. Outros dizem que a ansiedade de Isaías diante de uma situação calamitosa a qual a nação de Judá atravessava (não só no âmbito político como também religioso, com alto grau de idolatria) o fazia ansiar pela rápida vinda do Messias, projetando-O em Ezequias. Mas não é verdade, pois se Ezequias começou a reinar em co-regência com Acaz em 729 AC e como rei único em 716 AC (com 25 anos de idade – 2 Rs 18: 2; 2 Cr 29: 1), e essa situação estava ocorrendo em 734 AC, ele já tinha nascido (741 AC) e, portanto, deveria ter mais ou menos 7 anos na época. O profeta estava se referindo à descendência de Acaz e à Casa real de Judá; conseqüentemente, ao Messias, a Jesus.

Aí surge outra questão discutida pelos teólogos que é a palavra hebraica usada por Isaías para ‘virgem’, ou seja, ‘almâ ou `almah (Strong #5959), e que quer dizer, ao pé da letra, ‘mulher solteira’; também significa: uma moça (como que velada ou privada – com respeito ao costume de ocultar o rosto da moça com um lenço, um véu): donzela, menina, jovem, virgem em idade de casamento (entre 12 e 15 anos): donzela, menina, jovem, virgem. A palavra ‘almâ não é empregada no oriente próximo nem na bíblia, pois poderia se tratar de uma mulher imoral; ou, então, uma mulher de bom comportamento e ainda solteira; assim, o nascimento teria que ser sobrenatural, o que nos fala a favor de uma visão muito longínqua, como o nascimento do Messias.

As outras palavras para ‘virgem’, em Hebraico, poderia ser bethülâ (pode ser uma virgem), mas geralmente vem acompanhada da palavra ‘desposada’, ou da frase:

‘prometida em casamento’ ou ‘a quem nenhum homem havia possuído’ [como em Jl 1: 8 ou Gn 24: 16, a respeito de Rebeca: “A moça era mui formosa de aparência, virgem, a quem nenhum homem havia possuído; ela desceu à fonte, encheu o seu cântaro e subiu”, onde ‘moça’ é na‘arâ ou na‘arah – Strong #5291: uma menina (da infância até a adolescência): donzela, mulher jovem, empregada doméstica; e ‘virgem’ é bethülâ ou bthuwlah – Strong #1330: separar; uma virgem (de sua privacidade); uma noiva; figurativamente: uma cidade ou estado: jovem senhora, virgem]. Outro termo para esse estado de mulher prometida ou noiva, seguida da palavra ‘desposada’, aparece em Dt 22: 23: ‘aras (Strong #781): uma raiz primitiva que significa: se comprometer por meio do matrimônio: noivado, esposa. Em Dt 22: 23 está escrito (ARA): “Se houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na cidade e se deitar com ela,...”, onde ‘moça’, em hebraico é na‘arah – Strong #5291 (como explicado acima); ‘virgem’ é bthuwlah – Strong #1330, e ‘desposada’ é ‘aras (Strong #781). Quando a mulher é casada, se dá o nome de ‘ishshâ do homem (‘ish = esposo). Em Is 62: 4, a bíblia escreve Beulá ou Beulah, desposada, casada; e Hephzibah (Chephtsiy bahh – Strong #2657: Meu deleite é nela, meu prazer está nela, o nome fantasia para a Palestina).

A palavra ‘virgem’ pode ser encontrada, por exemplo, no NT, em grego, se referindo às filhas de Filipe, o evangelista (At 21: 9 – virgens), Strong #g3933: parthenos, significando: uma donzela; por implicação, uma filha solteira; virgem. Isaías poderia ter usado outra palavra para a jovem mãe: na‘arâ.



Resumindo: numa visão, Isaías contemplou uma virgem grávida, prestes a dar à luz um filho, ao qual daria o nome de Emanuel; e isso mostraria a presença de Deus no nascimento da própria criança. Dessa forma, a profecia parece extrapolar o sinal a ser dado para Acáz (no máximo dois anos) de que Judá não cairia nas mãos desses dois inimigos. Por isso, o que Isaías escreveu (‘uma mulher de bom comportamento e ainda solteira’) implicaria num nascimento sobrenatural do menino, como o nascimento do Messias, uma visão muito longínqua.

Emanuel (Is 7: 14; Is 8: 8), em hebraico é ‘immānū’el ou ‘immanuw’el (Strong #6005), significando: Conosco (é) Deus. Mt 1: 23 faz referência a Emanuel, e diz que Jesus havia nascido para cumprir a profecia de Isaías, portanto, fica inviável também a explicação de alguns sobre Emanuel se tratar do nome do filho de Isaías. A bíblia só menciona os dois nomes simbólicos dos dois filhos do profeta; e sua esposa era

chamada de ‘a profetisa’ (Is 8: 3), provavelmente porque ela, igualmente, profetizava. Tinha dois filhos com nomes simbólicos (Is 8: 18): ‘Um-Resto-Volverá’ (‘shearjashub’ = ‘um remanescente voltará’, em relação ao remanescente do povo de Deus que se voltaria de coração para Ele – Is 7: 3) e ‘Rápido-Despojo-Presa-Segura’ ou ‘Rápido para o saque, pronto para o despojo’ (Is 8: 1; 3 – Maher-Shalal-Hash-Baz, quando da invasão dos assírios sobre a Síria e sobre Samaria). Mateus (Mt 1: 23) usa o nome grego ‘Emmanouel’ (Strong g#1694), que significa: Deus conosco; Emanuel: um nome de Cristo.

A bíblia diz no final do trecho acima: “Na verdade, antes que este menino saiba desprezar o mal e escolher o bem, será desamparada a terra ante cujos dois reis tu tremes de medo [NVI: ‘reis que você teme ficará deserta’]”. Isso queria dizer que num prazo menor do que dois anos, tanto Síria quanto Israel (reino do norte) cairiam, o que de fato aconteceu: a Síria caiu em poder dos assírios em 732 AC, e Israel ficou também ameaçado por eles. Acáz apelou para os Assírios, e a bíblia diz em 2 Cr 28: 20-21 que Tiglate-Pileser III veio em sua ajuda, mas o pôs em aperto, em vez de fortalecê-lo, pois Acáz passou a pagar um alto tributo para o rei da Assíria.

Isso não se refere à profecia sobre o segundo filho de Isaías (Is 8: 3), pois a mulher de Isaías não poderia se chamar de ‘almã, ou seja, ‘virgem’, ou ‘mulher solteira’. Tampouco se refere a um terceiro filho, tido com uma virgem (talvez, uma concubina) como muitos dizem, como outro sinal de Deus, pois a bíblia nos deixa bem claro o número e os nomes dos seus filhos.

Males sobre Jerusalém – v. 17-25.

- Is 7: 17-25: “Mas o Senhor fará vir sobre ti, sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai [NVI: ‘descendência de seu pai’], por intermédio do rei da Assíria, dias tais, quais nunca vieram, desde o dia em que Efraim se separou de Judá. Porque há de acontecer que, naquele dia, assobiará o Senhor às moscas que há no extremo dos rios do Egito e às abelhas que andam na terra da Assíria; elas virão e pousarão todas nos vales profundos, nas fendas das rochas, em todos os espinhos e em todos os pastios [NVI: ‘em todas as cisternas’]. Naquele dia, rapar-te-á o Senhor com uma navalha alugada doutro lado do rio, a saber, por meio do rei da Assíria [NVI: ‘Naquele dia, o Senhor utilizará uma navalha alugada de além do Eufrates, o rei da Assíria’], a cabeça e os cabelos das vergonhas [NVI: ‘para rapar os pelos de suas pernas’] e tirará também a barba. Naquele dia, sucederá que um homem manterá apenas uma vaca nova e duas ovelhas, e será tal a abundância de leite que elas lhe darão, que comerá manteiga [NVI: ‘Naquele dia, o homem que tiver uma vaca e duas cabras terá coalhada para comer, graças à fartura de leite que elas darão’]; manteiga e mel comerá todo o restante no meio da terra. Também, naquele dia, todo lugar em que houver mil vides, do valor de mil siclos de prata [NVI: ‘doze quilos de prata’], será para espinheiros e abrolhos. Com flechas e arco se entrará aí, porque os espinheiros e abrolhos cobrirão toda a terra [NVI: ‘Os homens entrarão ali com arcos e flechas, pois todo o país estará coberto de roseiras bravas e de espinheiros’]. Quanto a todos os montes, que os homens costumam sacher [*sachar* = *lavar com enxada*; *sacho* = *pequena enxada*] para ali não irás por temeres os espinhos e abrolhos; serão para pasto de bois e para serem pisados de ovelhas”.

A profecia diz que a assolação do inimigo será visível e, conseqüentemente, haverá escassez de suprimento da lavoura e dos animais.

- Is 7: 17: “Mas o Senhor fará vir sobre ti, sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai [NVI: ‘descendência de seu pai’], por intermédio do rei da Assíria, dias tais, quais nunca vieram, desde o dia em que Efraim se separou de Judá” – pode-se dizer que este

versículo dá sequência ao v. 16 do trecho anterior que falava sobre Emanuel. Emanuel, ou o Messias, era um plano para a libertação de Seu povo no futuro, mas de qualquer forma, Acáz tinha sido avisado pelo profeta de que a ameaça de Peca e Rezim estava longe dele: “será desamparada a terra ante cujos dois reis tu tremes de medo [NVI: ‘reis que você teme ficará deserta’]” (Is 7: 16). Isso queria dizer que num curto prazo, tanto Síria quanto Israel (reino do norte) cairiam, o que de fato aconteceu (Is 17: 1; Am 1: 4; 5), pois Acáz apelou para os assírios (2 Rs 16: 7). Os assírios, sob Tiglate-Pileser III tomaram Damasco em 732 AC e a Síria caiu em seu poder, e levou os cativos de Damasco para a Assíria. Ele também matou Rezim (2 Rs 16: 9). Em troca dos favores que Tiglate-Pileser III lhe havia prestado, Acáz tomou a prata e o ouro do templo, da casa real e da casa dos príncipes e os deu ao rei assírio (2 Rs 16: 8-9; 2 Cr 28: 20-21), mas depois, foi intimado a pagar tributo a este.

O que se sabe pelo relato bíblico é que nos dias de Acáz ele fez altares em todos os lugares de Jerusalém e Judá (2 Cr 28: 24-25; 2 Rs 16: 4) e queimou seu próprio filho em sacrifício (2 Rs 16: 3; 2 Cr 28: 3). Por isso, não apenas Peca e Rezim vieram contra ele. Os Edomitas invadiram Judá e levaram presos em cativeiro. Também os filisteus invadiram o sul de Judá e tomaram algumas aldeias, porque o Senhor humilhou Acáz, principalmente, por causa de seus pecados de idolatria (2 Cr 28: 17-19).

Por causa da recusa de Acáz em pedir um sinal ao Senhor, como o profeta tinha sugerido (Is 7: 11-12), e ter preferido apelar para o rei da Assíria, agora a profecia era que isto teria um preço: ele conheceria o jugo assírio. Tiglate-Pileser III capturou três regiões de Israel entre 734-732 AC: Zebulom, Naftali e Galiléia. Também reduziu o reino do norte de Israel à região montanhosa de Efraim, sendo Samaria sua capital. Além de ter matado Rezim, rei da Síria, Tiglate-Pileser III confirmou o reino a Oséias, que matou Peca (2 Rs 15: 29; 2 Rs 17: 1), deixando-o governar em Samaria. O rei assírio pretendia vir a Judá e Jerusalém em seguida.

- Is 7: 18-19: “Porque há de acontecer que, naquele dia, assobiará o Senhor às moscas que há no extremo dos rios do Egito e às abelhas que andam na terra da Assíria; elas virão e pousarão todas nos vales profundos, nas fendas das rochas, em todos os espinhos e em todos os pastos [NVI: ‘em todas as cisternas’]”.

O Senhor comparava os egípcios com as moscas que abundavam naquele país, por causa da multidão de seus exércitos, e da rapidez de sua marcha. Os assírios eram comparados com abelhas porque elas eram abundantes naquele país, e por causa do número de seus exércitos, da sua ordem militar e disciplina, e da sua natureza prejudicial e perniciosa. Pelo que se sabe não houve uma coligação entre o Egito e Tiglate-Pileser III para entrar em Judá. Mesmo que não tivessem entrado em Jerusalém (Isa 7: 18) os assírios vieram e destruíram grande parte das terras de Judá.

- Is 7: 20: “Naquele dia, rapar-te-á o Senhor com uma navalha alugada doutro lado do rio, a saber, por meio do rei da Assíria, a cabeça e os cabelos das vergonhas e tirará também a barba”.

Por causa dos pecados de Acáz, o rei da Assíria, como instrumento do Senhor, o deixará de luto e cheio de preocupação pela desolação de Judá. A navalha também é símbolo de que as terras serão arrasadas.

O ato de raspar o cabelo e a barba era habitual em grandes lutos. Mas aqui, o Senhor mostra um luto muito maior a Acáz: não só a cabeça e a barba; também os cabelos das vergonhas [NVI: ‘das pernas’], ou seja, sua virilidade, sua autoridade e seu poder de reação também seriam afetados. No oriente, de modo geral, e também entre os Judeus, a barba tinha uma grande importância, pois era um sinal de civilidade,

varonilidade e respeitabilidade (Sl 133: 2). Não havia maior ofensa para o homem do que deixar alguém tratá-la com indignidade. Se a mão de alguém a tocava mostrando desprezo, isso era um grande insulto (1 Cr 19: 4; 2 Sm 10: 4-5; 2 Sm 20: 9). Por outro lado, beijar a barba de alguém era uma forma de saudação e simpatia pela outra pessoa. Raspá-la ou arrancá-la era manifestação de luto e dor (2 Sm 19: 24; Ed 9: 3; Is 15: 2; Jr 41: 5; Jr 48: 37). A lei mosaica proibia cortar a barba à maneira dos Egípcios (Lv 19: 27; Lv 21: 5). Diferentemente das nações circunvizinhas, os egípcios se barbeavam, exceto o queixo, onde se permitia haver um molho de cabelos, que se conservava bem cuidado. Algumas vezes, em lugar do seu próprio cabelo, usavam barba postiça, trançada, com formas diferentes, segundo a categoria do indivíduo; da mesma forma que usavam suas perucas. Os leprosos, pela lei judaica, deveriam rapar a barba, o cabelo e as sobrancelhas no sétimo dia de sua purificação (Lv 14: 9).

No AT, o cabelo, tanto para homens quanto para mulheres, costumava ser comprido até certo comprimento (Absalão tinha cabelo comprido: 2 Sm 14: 25-26; 2 Sm 18: 9). Geralmente o cabelo não era cortado, apenas aparado, e devia ser bem tratado, pois deixá-lo sem cuidado era sinal de lamentação. O cabelo comprido era uma honra e um sinal de beleza para a mulher (Ct 4: 1b). No NT parece que o costume se inverte em relação aos homens (1 Co 11: 14), entretanto, continuou sendo uma honra para a mulher (1 Co 11: 15). Os leprosos, pela lei judaica, deveriam rapar a barba, o cabelo e as sobrancelhas no sétimo dia de sua purificação (Lv 14: 9). Quando alguém fazia voto de Nazireado, o cabelo era rapado e queimado no final do voto (Nm 6: 5; 9; 19), exceto Sansão, que por ser Nazireu vitalício não poderia cortá-lo (Jz 13: 5). A lei proibia que se cortasse o cabelo nas têmporas (Lv 19: 27; Jr 25: 23; Jr 49: 31-32), pois esta parte da cabeça era considerada como a fonte da vida para os judeus, e só os pagãos rapavam as costeletas. Em Jr 49: 32, onde está escrito ‘os que cortam os cabelos nas têmporas’ pode-se ler, em hebraico, ‘ter o cabelo barbeado (ou cortado) em ângulos’, ou seja, ter a barba na bochecha estreitada ou cortada, que era um costume cananeu, proibido aos israelitas. Jr 25: 23-24 diz respeito aos árabes, pois está escrito: “a Dedã, a Tema, a Buz e a todos os que cortam os cabelos nas têmporas; a todos os reis da Arábia e todos os reis do misto de gente que habita no deserto”, bem como em Jr 49: 31-32, pois o título da passagem bíblica é: Profecia a respeito da Arábia (*significando sua invasão por Nabucodonosor*): “Levantai-vos, ó babilônios, subi contra uma nação que habita em paz e confiada, diz o Senhor; que não tem portas, nem ferrolhos (*o que significa a vida nômade, ao ar livre, em tendas*); eles habitam a sós. Os seus camelos serão para presa, e a multidão dos seus gados, para despojo; espalharei a todo vento aqueles que cortam os cabelos nas têmporas e de todos os lados lhes trarei a ruína, diz o Senhor”.

Também não se podia cortar o cabelo na testa, pois era característica de certos cultos idólatras (Lv 19: 27; Lv 21: 5; Dt 14: 1). Em relação aos sacerdotes, Deus fala com Ezequiel (Ez 44: 20): “Não raparão a cabeça, nem deixarão crescer o cabelo; antes, como convém, tosquiarão a cabeça”.

Era costume ungir os cabelos de um hóspede em sinal de hospitalidade (Lc 7: 46); ou eram ungidos em ocasião de festas (Sl 45: 7).

Quanto à palavra ‘cinza’ ou ‘cinzas’ (esparramadas sobre a cabeça, como parte do pranto), em hebraico é: ‘epher (Strong #665) = ‘produto da queima’; de uma raiz não utilizada que significa ‘espalhar’; cinzas, pó, poeira. A cinza é uma metáfora do que não tem valor (Is 44: 20) e nojento (Jó 30: 19); miséria (Sl 102: 9; Jr 6: 26); vergonha (2 Sm 13: 19); aviltamento perante Deus (Gn 18: 27; Jó 42: 6); contrição (Dn 9: 3; Mt 11: 21); purificação (Nm 19: 9; 10; 17; Hb 9: 13). Quando a bíblia fala sobre jogar ‘cinzas’ sobre a cabeça ou as vestes como sinal de luto ou arrependimento, ela não está falando necessariamente sobre as cinzas decorrentes da queima de animais (como era nos

sacrifícios do templo), mas está se referindo a poeira, o pó da terra, que muitas vezes era esparramado sobre a cabeça dos arrependidos ou enlutados (cf. Ne 9: 1).

Há outra palavra hebraica usada para ‘cinza’, que é: *deshen*, e significa ‘gordura’ ou ‘cinza’ – resíduo de animais sacrificados.

• Is 7: 21-25: “Naquele dia, sucederá que um homem manterá apenas uma vaca nova e duas ovelhas, e será tal a abundância de leite que elas lhe darão, que comerá manteiga [NVI: ‘Naquele dia, o homem que tiver uma vaca e duas cabras terá coalhada para comer, graças à fartura de leite que elas darão’]; manteiga e mel comerá todo o restante no meio da terra. Também, naquele dia, todo lugar em que houver mil vides, do valor de mil siclos de prata [NVI: ‘doze quilos de prata’], será para espinheiros e abrolhos. Com flechas e arco se entrará aí, porque os espinheiros e abrolhos cobrirão toda a terra [NVI: ‘Os homens entrarão ali com arcos e flechas, pois todo o país estará coberto de roseiras bravas e de espinheiros’]. Quanto a todos os montes, que os homens costumam *sachar* [*sachar* = *lavar com enxada*; *sacho*= *pequena enxada*] para ali não irás por temeres os espinhos e abrolhos; serão para pasto de bois e para serem pisados de ovelhas”.

Quando a bíblia fala sobre um homem ter apenas uma vaca nova e duas ovelhas, isso parece indicar a escassez tanto de homens como de animais depois que o inimigo se retirou da terra. Mesmo havendo tão poucos animais, como uma vaca e duas ovelhas, os que restarem terão como se alimentar a si mesmos e às suas famílias: com leite, manteiga e mel (pois haveria abelhas lá). Como as plantações foram devastadas e havia poucos homens e poucos animais para cuidar da terra, a lavoura seria ocupada por espinheiros e abrolhos; os homens teriam que ir ao campo com flechas e arcos por medo de se machucar nos espinheiros e por medo dos animais selvagens, serpentes e escorpiões que poderiam, eventualmente, se esconder nesse tipo de planta. Por não haver mais cercas entre as propriedades, os animais domésticos que restassem (bois e ovelhas) pastariam soltos.

A única vez que o Egito, Judá e Assíria estiveram envolvidos ao mesmo tempo em guerra foi na época de Josias (640-609 AC), quando Neco II do Egito (610-595 AC) tentou impedir o avanço de Nabucodonosor aliando-se à Assíria. Tentou passar pela terra de Judá, mais foi detido pelo rei Josias, que morreu na batalha de Megido (2 Reis 23: 29). Neco não invadiu Judá; seu objetivo era só passar por ali. A batalha decisiva ocorreu em Carquemis, no norte da Síria, em 605 AC entre Neco II e Nabucodonosor II. Neco foi derrotado e a Babilônia pôde consolidar seu domínio sobre a região; conquistou tudo que pertencia ao Rei do Egito, entre o Rio Nilo e o rio Eufrates. Uma situação de envolvimento entre os três países numa guerra, como referido acima, poderia ser também no sétimo ano de Oséias (725 AC), quando Salmaneser V da Assíria subiu contra Israel e o derrotou porque este pediu auxílio a Faraó Sô do Egito (2 Rs 17: 4; provavelmente uma abreviatura de (O)so(rkon), Osorkon IV, da 22ª dinastia – 730-712 AC, que reinou em Tânis e Bubástis – ou Tefnacte, da 24ª dinastia, e que reinou em Saís, 732-725 AC). Mas Tefnacte (Sô) não pôde ajudá-lo porque estava com problemas internos no país, em guerra contra faraós de Cuxe, que disputavam o trono do Egito. Oséias foi encarcerado. Samaria foi sitiada por três anos (2 Rs 17: 5-6; 2 Rs 18: 9-11). No nono ano (722 AC – 2 Rs 18: 9-11), Israel foi tomado por Sargom II e exilado. No reinado de Sargom II (722-705 AC) o Egito também caiu em poder dos assírios (716 AC), no ano que Ezequias subiu ao poder em Judá. Asdode (cidade da Filístia) foi saqueada em 711 AC por Sargom II (Is 20: 1).

Capítulo 8

A invasão dos Assírios sobre Síria e Samaria – v. 1-4.

• Is 8: 1-4: “Disse-me também o Senhor: Toma uma ardósia grande [NVI: ‘uma placa de bom tamanho’] e escreve nela de maneira inteligível [NVI: ‘legível’]: Rápido-Despojo-Presa-Segura [NVI: ‘Maher-Shalal-Hash-Baz’]. Tomei para isto comigo testemunhas fidedignas, a Urias, sacerdote, e a Zacarias, filho de Jeberequias. Fui ter com a profetisa; ela concebeu e deu à luz um filho. Então, me disse o Senhor: Põe-lhe o nome de Rápido-Despojo-Presa-Segura [NVI: ‘Maher-Shalal-Hash-Baz’]. Porque antes que o menino saiba dizer meu pai ou minha mãe, serão levadas as riquezas de Damasco e os despojos de Samaria, diante do rei da Assíria”.

‘Maher-Shalal-Hash-Baz’ significa: ‘Rápido-Despojo-Presa-Segura’ ou ‘Rápido para o saque, pronto para o despojo’. O Senhor confirma que Síria (Damasco) e Israel (Samaria) cairão pelas mãos do rei da Assíria, Tiglate-Pileser III, em menos de um ano. E o sinal que Ele deu para isso foi o nome do filho recém-nascido do profeta Isaías. O rei assírio conquistou três regiões de Israel entre 734-732 AC: Zebulom, Naftali e Galiléia (2 Rs 15: 29: “Nos dias de Peca, rei de Israel, veio Tiglate-Pileser, rei da Assíria, e tomou a Ijom, a Abel-Bete-Maaca, a Janoa, a Quedes, a Hazor, a Gileade e à Galiléia, a toda a terra de Naftali, e levou os seus habitantes para a Assíria”). Embora a destruição maior tenha sido em Damasco (732 AC), como dissemos no capítulo anterior, deportando seu povo para Quir, na Assíria (2 Rs 16: 9), alguns habitantes de Samaria foram junto com os Damascenos para Gozã e Nínive, acontecendo em maior escala dez anos depois, no governo de Sargom II (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5: 26). Tiglate-Pileser III matou Rezim e confirmou o reino a Oséias, que havia matado Peca (2 Rs 15: 29; 2 Rs 17: 1), deixando-o governar em Samaria como seu vassalo (2 Rs 17: 3). Damasco foi reduzida à posição de cidade subsidiária dentro da província Assíria de Hamate, e daí por diante perdeu sua influência política, ficando apenas com a influência econômica (Ez 27: 18).



Quanto às testemunhas do que Isaías estava escrevendo: Urias, o sacerdote, e Zacarias, filho de Jeberequias, nós só podemos afirmar com certeza que Urias (2 Reis 16: 10; 11; 15-16) era o sacerdote que, a mando de Acáz, havia construído o altar idólatra (2 Rs 16: 10-12) que este tinha visto em Damasco quando foi se encontrar com Tiglate-Pileser III, sendo intimado a pagar-lhe tributo. Isso levou à adoração de divindades sírias dentro do templo de Jerusalém (2 Cr 28: 23). Acáz ajuntou os utensílios do templo e os fez em pedaços, fechando suas portas e (2 Cr 28: 24) fazendo um altar idólatra igual ao que viu em Damasco e colocando na Casa do Senhor ao lado do altar de bronze, e sacrificando no novo altar (2 Rs 16: 10-18: “Porém o altar de bronze, que estava perante o Senhor, tirou ele de diante da casa, de entre o seu altar e a Casa do Senhor e o pôs ao lado do seu altar, do lado norte” – v. 14). Além do que o rei fez altares em todos os lugares de Jerusalém e Judá (2 Cr 28: 24-25; 2 Rs 16: 4). Então, por que Isaías chamaria Urias de uma testemunha fidedigna? Porque, como um cúmplice de Acáz na idolatria, ele não seria propenso a ajudar Isaías ou torcer a verdade a seu favor; assim sendo, ao ver Isaías escrever a profecia antes de acontecer, ele não poderia negá-la após ela ser cumprida. Ele teria que reconhecer que estava presente antes, quando ela foi escrita. Quanto a Zacarias, não se sabe ao certo se era um levita (2 Cr 29: 13), ou se era sogro de Acáz (2 Reis 18: 2; 2 Cr 29: 1).

O reino de Judá também seria afligido pelo rei da Assíria – v. 5-8.

- Is 8: 5-8: “Falou-me ainda o Senhor, dizendo: Em vista de este povo ter desprezado as águas de Siloé, que correm brandamente [NVI: ‘que fluem mansamente’], e se estar derretendo de medo diante de Rezim e do filho de Remalias, eis que o Senhor fará vir sobre eles as águas do Eufrates, fortes e impetuosas, isto é, o rei da Assíria, com toda a sua glória [NVI: ‘com todo o seu poderio’]; águas que encherão o leito dos rios e transbordarão por todas as suas ribanceiras. Penetrarão em Judá, inundando-o, e, passando por ele, chegarão até ao pescoço; as alas estendidas do seu exército cobrirão a largura da tua terra, ó Emanuel”.

Como o rei e o povo não tiveram fé em Deus nem ouviram a voz do profeta, o Senhor permitiu que o exército assírio viesse contra Judá. É como se as águas de Siloé, que corriam devagar pelo aqueduto, pudessem ser comparadas ao governo manso de Deus, aparentemente lento, e que o Seu povo rejeitava. Eles rejeitavam a paz, portanto, Deus traria violência e agitação sobre eles, como as águas do Eufrates corriam com mais velocidade. Se eles não se sentiam em paz nem confiantes em Deus, e se intimidavam com as ameaças da Síria e de Israel, quanto mais em se tratando dos assírios? Mesmo que não tivessem entrado em Jerusalém os assírios vieram e destruíram grande parte das terras de Judá (Is 7: 18-20; 2 Cr 28: 20-21). Em 2 Cr 28: 23, onde está escrito ‘que o feriram’, em hebraico e em inglês a expressão é: ‘que o haviam derrotado’, em relação aos deuses assírios que Acáz pensava que o haviam derrotado, pois sua idolatria tão grande já nem o deixava mais se lembrar de Deus.

‘As alas estendidas do seu exército cobrirão a largura da tua terra, ó Emanuel’ – **Emanuel é o nome dado à terra da Judéia**, uma vez que Jesus nasceria lá. E isso mostra que as alas do exército inimigo encheria cada lugar daquela terra com sua presença, passando por toda a Casa de Judá como uma torrente transbordante.

Os temíveis julgamentos de Deus para Israel, Judá e as nações ímpias – v. 9-15.

- Is 8: 9-15: “Enfurecei-vos, ó povos [NVI: ‘Continuem a fazer o mal, ó nações’], e sereis despedaçados; dai ouvidos, todos os que sois de países longínquos; cingi-vos e sereis despedaçados, cingi-vos e sereis despedaçados [NVI: ‘Sim, mesmo que se preparem para o combate, vocês serão destruídas’]. Forjai projetos, e eles serão

frustrados; dai ordens, e elas não serão cumpridas, porque Deus é conosco. Porque assim o Senhor me disse, tendo forte a mão sobre mim [NVI: ‘falou comigo com veemência’], e me advertiu que não andasse pelo caminho deste povo, dizendo: Não chameis conjuração [NVI: ‘conspiração’] a tudo quanto este povo chama conjuração; não temais o que ele teme, nem tomeis isso por temível. Ao Senhor dos Exércitos, a ele santificai [NVI: ‘O Senhor dos Exércitos é que vocês devem considerar santo’]; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto [NVI: ‘a ele é que vocês devem temer, dele é que vocês devem ter pavor’]. Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel [NVI: ‘Para os dois reinos de Israel ele será um santuário, mas também uma pedra de tropeço, uma rocha que faz cair’], laço e armadilha aos moradores de Jerusalém. Muitos dentre eles tropeçarão e cairão, serão quebrantados, enlaçados e presos”.

O Senhor fala que os planos dos ímpios não terão sucesso. Mesmo que eles se preparem para a guerra e façam grandes estratégias, eles serão frustrados, porque Ele está com Seu povo. Era Isaías falando com esses povos distantes, através de uma oração ou de um clamor, talvez, pois Deus havia falado com ele de maneira bem clara para que não andasse no caminho dos ímpios e não temesse o que seu próprio povo temia. Era a Ele que eles deveriam temer, porque Ele era o único Santo, o Santo de Israel. Para os justos, Ele era um santuário, mas para os escarnecedores e idólatras, Ele seria uma pedra de tropeço. Isso servia tanto para Israel como para Judá e Jerusalém (a descendência de Davi no trono). Os que não dessem ouvido cairiam em laços do inimigo.

A profecia é segura e o povo deve segui-la, ao invés de consultar feiticeiros e necromantes – v. 16-22.

- Is 8: 16-22: “Resguarda o testemunho [NVI: ‘Guarde o mandamento com cuidado’], sela a lei no coração dos meus discípulos. Esperarei no Senhor, que esconde o seu rosto da casa de Jacó, e a ele aguardarei. Eis-me aqui, e os filhos que o Senhor me deu, para sinais e para maravilhas em Israel da parte do Senhor dos Exércitos, que habita no monte Sião. Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso, não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos? À lei e ao testemunho! [NVI: respondam: ‘À lei e aos mandamentos’!] Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva [NVI: ‘vocês jamais verão a luz’]. Passarão pela terra duramente oprimidos e famintos; e será que, quando tiverem fome, enfurecendo-se, amaldiçoarão ao seu rei e ao seu Deus, olhando para cima. Olharão para a terra, e eis aí angústia, escuridão e sombras de ansiedade [NVI: ‘aflição, trevas e temível escuridão’], e serão lançados para densas trevas”.

O profeta diz para os seus discípulos e para as pessoas guardarem o mandamento. Ele já fez sua opção: vai esperar no Senhor e confiar nele. Seus filhos são o testemunho de que o que o Senhor falou é verdade e vai acontecer. Se as pessoas não derem ouvido e ficarem atrás de adivinhos e feiticeiros e de necromantes, eles sofrerão com a ira do Senhor, sofrerão miséria. Eles devem consultar ao seu Deus, não a idólatras. Não vai adiantar eles olharem para cima e amaldiçoarem a Deus, nem olharem para a terra, pois só verão aflição, trevas e ansiedade. Tudo isso porque não quiseram ouvir a voz do Senhor, chamando-os à santidade e à retidão antes que viesse a calamidade.

Capítulo 9

O nascimento e o reino do Messias, o Príncipe da paz – v. 1-7.

• Is 9: 1-7: “Mas para a terra que estava aflita não continuará a obscuridade. Deus, nos primeiros tempos, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, nos últimos, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios [NVI: ‘No passado ele humilhou a terra de Zebulom e de Naftali, mas no futuro honrará a Galiléia dos gentios, o caminho do mar, junto ao Jordão’]. O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz. Tens multiplicado este povo, a alegria lhe aumentaste [NVI: ‘Fizeste crescer a nação e aumentaste a sua alegria’]; alegram-se eles diante de ti, como se alegram na ceifa e como exultam quando repartem os despojos. Porque tu quebraste o jugo que pesava sobre eles, a vara que lhes feria os ombros e o cetro do seu opressor, como no dia dos midianitas [NVI: ‘no dia da derrota de Midiã’]; porque toda bota com que anda o guerreiro no tumulto da batalha e toda veste revolvida em sangue serão queimadas, servirão de pasto ao fogo. Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte [NVI: ‘Deus Poderoso’], Pai da Eternidade [NVI: ‘Pai Eterno’], Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino [NVI: ‘Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino’], para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto”.

• Is 9: 1-5: “Deus, nos primeiros tempos, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali” – Tiglate-Pileser III conquistou três regiões de Israel entre 734-732 AC: Zebulom, Naftali e Galiléia (2 Rs 15: 29: “Nos dias de Peca, rei de Israel, veio Tiglate-Pileser, rei da Assíria, e tomou a Ijom, a Abel-Bete-Maaca, a Janoa, a Quedes, a Hazor, a Gileade e à Galiléia, a toda a terra de Naftali, e levou os seus habitantes para a Assíria”). Por isso, Isaías menciona todas elas no início da profecia do capítulo 9, renovando-lhes a esperança na restauração. Deus, que tornou desprezíveis as terras de Zebulom, Naftali e a Galiléia por causa da invasão assíria, nos últimos tempos [Nos tempos do Messias, é o que ele quer dizer] voltará a dar glória a essas regiões. Elas serão honradas. E o povo que andava em trevas e tristeza verá uma grande luz, e viverá com alegria. A alegria será motivada pelo fim da guerra (a bota e o uniforme militar foram queimados) e da opressão (o jugo, a canga e o bastão do opressor foram quebrados), e, principalmente, pelo nascimento de um menino em Judá, o Messias. A vitória sobre o opressor é comparada à vitória que Gideão teve sobre os midianitas, matando seus reis, Orebe e Zeebe. Orebe foi morto na rocha de Orebe; e Zeebe, no seu lagar (Jz 7: 25). Isaías também fala que a nação vai crescer [‘Tens multiplicado este povo’, ‘Fizeste crescer a nação e aumentaste a sua alegria’ (NVI)]. Como todos os profetas, ele usa o tempo verbal no pretérito como se a profecia já tivesse sido cumprida. Também, como todos os profetas, ele tem a visão, mas nem sempre sabe quando será cumprida, a não ser que Deus revele. Por isso, todas as vezes que ele fala sobre o Messias, dá a impressão de que ele fala de algo muito próximo; seja porque a sua vontade era que Ele viesse logo ou porque ele não tinha, na verdade, a noção do reino espiritual trazido pelo Messias. Em sua mente humana, como um judeu, ele esperava um Messias em forma humana e trazendo um reino militar, como Davi ou Ciro. Não é verdade que ele estava profetizando sobre Ezequias e nem que ele esperava o Messias personificado nele, mesmo porque nós vimos que Ezequias já tinha nascido. A descrição do ‘menino’ (v. 6) que foi dado a Israel continua a profecia sobre Emanuel,

do capítulo 7. Da mesma forma, não é verdade o que pregam sobre Emanuel como um terceiro filho do profeta, e dizendo que ele se casou com outra mulher, uma virgem, além da sua primeira esposa, que lhe deu os dois filhos com nomes simbólicos profetizados na bíblia. Essa confusão foi feita mais tarde com as traduções hebraicas do rolo do profeta para o aramaico, e porque os judeus não acreditavam na possibilidade de outro tipo de Messias, além do qual suas mentes concebiam.

Isaías usa qualidades para este menino que eram muito comuns de se esperar em relação a um rei, segundo a mentalidade da época: a sabedoria do rei na administração (Conselheiro), sua capacidade militar (Deus Forte), zelo pela prosperidade do povo (Pai Eterno) e a preocupação com a felicidade do povo (Príncipe da Paz). O versículo 7 deixa claro que o menino pertence à casa real de Davi ('para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino') e que governará com juízo e justiça (NVI: 'juízo e retidão'). Uma versão (como KJV, ou segundo a nota da NVI, separam a expressão: 'Maravilhoso conselheiro' em duas: 'Maravilhoso', 'Conselheiro'.

Outro comentário: seria admissível chamar o rei de 'deus', em se tratando de egípcios, persas, babilônios ou assírios, mas não em se tratando de Israel, onde o rei não era considerado um 'deus'. No máximo, era chamado, de 'ungido de Deus' ou 'filho (com letra minúscula) de Deus, mas jamais se insinuou alguma divindade nos reis de Judá ('Deus Forte', como está escrito acima).

• Is 9: 6-7: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro (Pele Yo-eytz), Deus Forte (El Gibbor), Pai da Eternidade (Aviyad), Príncipe da Paz (Sar-Shalom); para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto".

Então, 'o menino' (Emanuel) é, sem dúvida, uma referência ao Messias, pelas suas qualidades de homem sábio (Maravilhoso Conselheiro – prefiro, eu pessoalmente, manter essas duas palavras juntas, para enfatizar que Ele não seria apenas um conselheiro qualquer, mas um Maravilhoso Conselheiro); homem de guerra (Deus Forte). A terceira qualidade, a meu ver, não seria o Seu zelo pela prosperidade do povo, mas a Sua eternidade, o Deus criador de todas as coisas, o princípio e o fim, o dono da eternidade, por isso o nome 'Pai da Eternidade'. Ele mesmo disse ao Seu povo que gostaria de ser chamado de Pai deles.

A palavra 'pai', além da sua significação natural (humana), nas Escrituras é escrita no sentido de avô, bisavô, ou fundador de uma família, mesmo que de maneira remota, como o caso de Abraão, o pai dos hebreus, ou pelo significado do seu nome, 'o pai de muitas nações', porque muitos povos tiveram sua origem nele (Ismael e os filhos de Quetura, todos eles, nações árabes). Por isso os judeus no tempo de Jesus Cristo chamavam Abraão, Isaque e Jacó de pais. Jesus Cristo (em Sua encarnação humana) é chamado o Filho de Davi, embora este rei estivesse distante dele muitas gerações. O instituidor, o mestre, o primeiro de uma determinada profissão também recebe o nome de 'pai' na bíblia, como ocorreu com Jabal, que foi 'o pai dos que habitam nas tendas e possuem gado'. E Jubal (seu irmão) 'foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta' (Gn 4: 20-21). Pai é o que gera algo ou alguém, num sentido amplo, seja fisicamente ou figuradamente. A palavra é também usada em relação a Deus no sentido de parentesco espiritual; portanto, Deus é o Pai da humanidade, enquanto que o diabo é o pai (com minúscula) da mentira (Jo 8: 44).

No AT, a palavra 'pai' aparece 1044 vezes, mas apenas 3 vezes (pelo menos na versão ARA), a palavra está escrita com letras maiúsculas, se referindo a Deus:

- Is 63: 16: “Mas tu és nosso Pai, ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece; tu, ó Senhor, és nosso Pai; nosso Redentor é o teu nome desde a antigüidade”.

- Is 64: 8: “Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos”.

- Jr 3: 19: “Mas eu a mim me perguntava: como te porei entre os filhos, e te darei a terra desejável, a mais formosa herança das nações? E respondi: Pai me chamarás e de mim não te desviarás”.

Em 1 Cr 29: 10 Davi chamou Israel de pai, com visão judaica dele como o iniciador da nação de Israel: “Pelo que Davi louvou ao Senhor perante a congregação toda e disse: Bendito és tu, Senhor, Deus de Israel, nosso pai, de eternidade em eternidade (em outras traduções está escrito: ‘Deus de nosso pai Israel’)”.

A quarta qualidade mencionada por Isaías é a preocupação com a felicidade do povo, por isso, o título de ‘Príncipe da Paz’, como Jesus se preocupa com a nossa felicidade e estabilidade emocional e espiritual diante dEle. A palavra hebraica para ‘príncipe’ é: sar (Strong #8269), que significa: uma pessoa principal de qualquer categoria, posto ou classe; capitão (que tem o governo), chefe (capitão), general, governador, detentor, senhor, feitor ou capataz, mestre, amo, príncipe ou principal, governante, administrador ou mordomo (como Sebna é chamado na bíblia como o mordomo de Ezequias, mas na verdade, era um alto oficial da corte). A palavra ‘sar’ vem do verbo ‘sasar’ (Strong #8323), que significa: exercer ou obter completo domínio, tornar-se um príncipe, (deter) o governo; governar, reinar, ser príncipe, controlar, dominar.

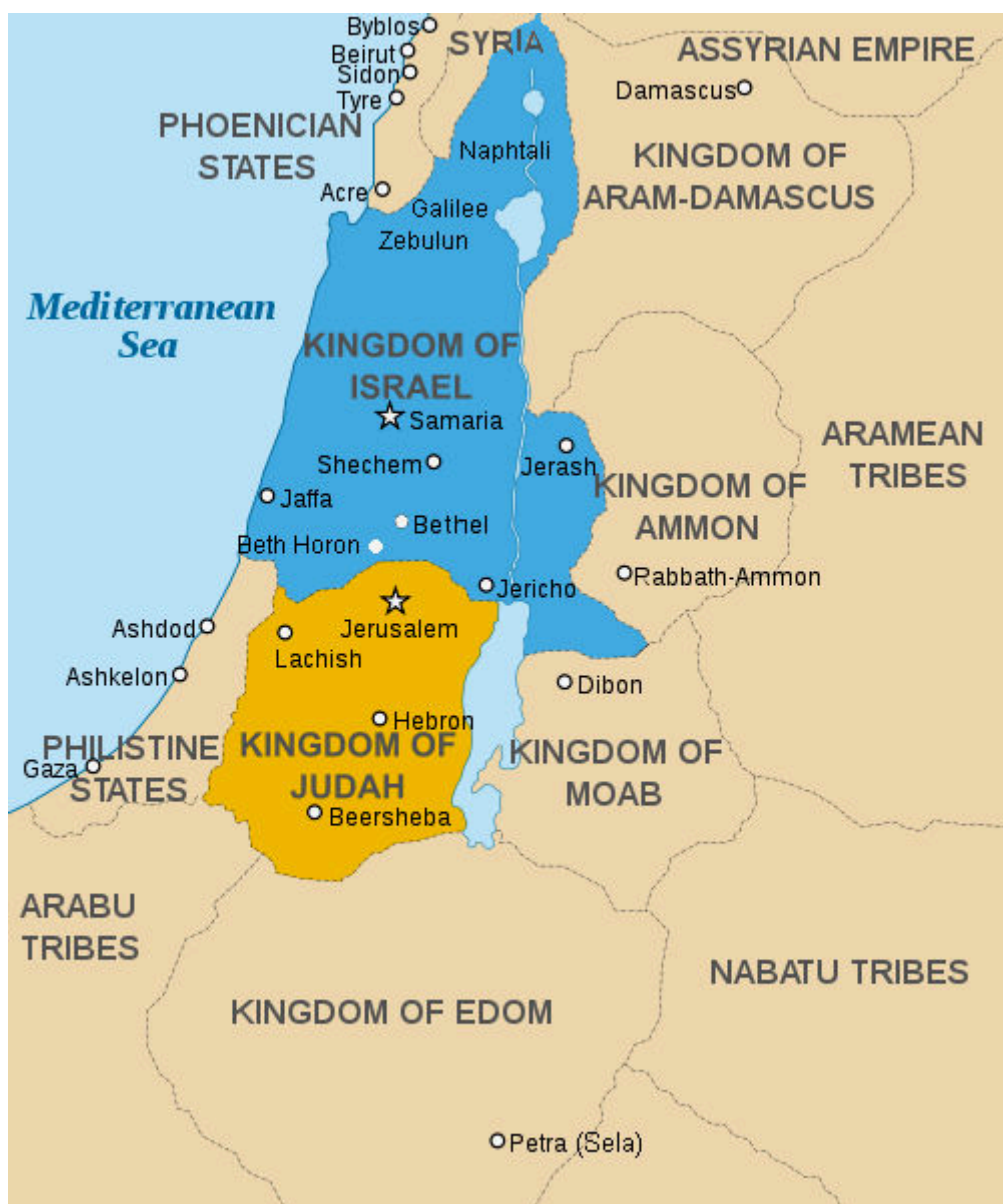
Profecia contra o reino de Israel. Os Arameus e os Filisteus também destruirão Samaria – v. 8-12.

- Is 9: 8-12: “O Senhor enviou uma palavra contra Jacó, e ela caiu em Israel. Todo o povo o saberá, Efraim e os moradores de Samaria, que em soberba e altivez de coração dizem: Os tijolos ruíram por terra, mas tornaremos a edificar com pedras lavradas; cortaram-se os sicômoros [NVI: ‘as figueiras bravas’], mas por cedros os substituiremos. Portanto, o Senhor suscita contra ele os adversários de Rezim e instiga os inimigos. Do Oriente vêm os siros [NVI: ‘Os arameus’], do Ocidente, os filisteus e devoram a Israel à boca escancarada. Com tudo isto, não se aparta a sua ira, e a mão dele continua ainda estendida”.

A palavra profética de Deus contra as dez tribos (Jacó) realmente chegou a Israel pela revelação (‘caiu [do céu] em Israel’). Samaria era a capital do reino do Norte, que ainda estava se estribando na Síria como seu aliado contra a Assíria. Entretanto, o Senhor diz que, pela soberba e altivez de coração dos israelitas, eles se decepcionarão. Ainda que o profeta Isaías falasse sobre a ruína de Samaria, eles diziam para si mesmos que se os tijolos de suas casas ruíssem, eles construiriam outras de pedras lavradas, muito mais bonitas e mais fortes. Os israelitas estavam falando das cidades sitiadas pelos assírios e que cujas casas seriam destruídas.

Sicômoro (hebraico, shiqmâ; em grego, sykomōraia) ou figo-sicômoro (*Ficus sycomorus* L.), uma espécie de figueira brava, é uma árvore grande e vigorosa, abundante no Egito e nas terras baixas da Palestina (1 Rs 10: 27; 2 Cr 1: 15; 2 Cr 9: 27). Os frutos eram comestíveis (um sabor de figo misturado com amora) e de grande valor para Israel, como as oliveiras, pois fazia parte da produção agrária da nação e tinham propriedades anti-sépticas. Em Am 7: 14, a tradução ‘colhedor de sicômoros’ é incorreta, uma vez que o vocábulo hebraico (‘balac’ – Strong #1103) significa cultivador dessa árvore, podando o topo de cada fruto para assegurar que ficaria

maduro; ou, segundo alguns estudiosos, fazendo incisões na sua casca com um instrumento especial para soltar o excesso de suco antes de amadurecer; depois de quatro dias é que se colhia a fruta. Na Judéia eles eram empregados em construção, mas não eram árvores tão valiosas como os cedros, cuja madeira não tinha nós, tinha um cheiro agradável e era muito mais forte e durável, inclusive na construção dos palácios. Assim, os sicômoros que os assírios usaram para fazer as obras de cerco seriam substituídos por cedros, árvores altas e grandes, muito bonitas de se olhar, de grande valor e utilidade em construção, e muito duráveis.



Por isso, o Senhor levanta contra Israel (Efraim) os adversários de Rezim, ou seja, os arameus ou assírios, e os filisteus. Os assírios atacariam Damasco primeiro, e depois avançariam para o sul até Efraim. Tiglate-Pileser III mataria Rezim, rei de Damasco, e a cidade seria reduzida a uma cidade vassala da província Assíria de Hamate, perdendo sua influência política e, portanto, não mais podendo continuar como aliada de Efraim, mesmo que quisesse; infelizmente, ela seria a partir daquele momento uma serviçal da

Assíria. Damasco caiu diante da Assíria em 732 AC, e seu povo foi deportado para Quir, na Assíria (2 Rs 16: 9), sendo que alguns habitantes de Samaria foram junto como os Damascenos para Gozã e Nínive. Entretanto, a maior deportação de Israel ocorreria dez anos mais tarde no reinado de Sargom II (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5: 26). Arameus é um nome comum para sírios e assírios, pois se refere à região de Aram, na bíblia.

Israel sofrerá por sua impenitência e hipocrisia (do povo e dos líderes) – v. 13-21.

- Is 9: 13-21: “Todavia, este povo não se voltou para quem o fere, nem busca ao Senhor dos Exércitos. Pelo que o Senhor corta de Israel a cabeça e a cauda, a palma e o junco, num mesmo dia. O ancião, o homem de respeito, é a cabeça [NVI: ‘as autoridades e os homens de destaque são a cabeça’]; o profeta que ensina a mentira é a cauda [NVI: ‘os profetas que ensinam mentiras são a cauda’]. Porque os guias deste povo são enganadores [NVI: ‘Aqueles que guiam este povo o desorientam’], e os que por eles são dirigidos são devorados [NVI: ‘e aqueles que são guiados deixam-se induzir ao erro’]. Pelo que o Senhor não se regozija com os jovens dele e não se compadece dos seus órfãos e das suas viúvas, porque todos eles são ímpios e malfazejos [NVI: ‘hipócritas e perversos’], e toda boca profere doidices. Com tudo isto, não se aparta a sua ira, e a mão dele continua ainda estendida. Porque a maldade lavra como um fogo [NVI: ‘Porque a impiedade queima como fogo’], ela devora os espinheiros e os abrolhos; acende as brenhas do bosque [NVI: ‘põe em chamas os matagais da floresta’], e estas sobem em espessas nuvens de fumaça. Por causa da ira do Senhor dos Exércitos, a terra está abrasada [NVI: ‘a terra será ressecada’], e o povo é pasto do fogo [NVI: ‘o povo será como lenha no fogo’]; ninguém poupa a seu irmão. Abocanha à direita e ainda tem fome, devora à esquerda e não se farta; cada um come a carne do seu próximo: Manassés ataca a Efraim, e Efraim ataca a Manassés, e ambos, juntos, atacam a Judá. Com tudo isto, não se aparta a sua ira, e a mão dele continua ainda estendida”.

O profeta descreve um povo desunido, que vive em contendas, cheio de violência uns contra os outros; um povo de índole maldosa, com líderes que ensinam mentiras; e o povo recebe suas mentiras sem questionar. Até os que parecem mais humildes e indefesos como órfãos e viúvas desagradam a Deus, pois não o temem. As tribos do norte brigam entre si e também atacam Judá.

Capítulo 10

Julgamento divino contra os que praticam injustiça – v. 1-4.

• Is 10: 1-4: “Ai dos que decretam leis injustas, dos que escrevem leis de opressão; para negarem justiça aos pobres, e arrebatarem o direito aos aflitos do meu povo, a fim de despojarem as viúvas e roubarem os órfãos! Mas que fareis vós outros no dia do castigo, na calamidade que vem de longe? A quem recorrereis para obter socorro e onde deixareis a vossa glória? [NVI: ‘riquezas’] Nada mais vos resta a fazer, senão dobrar-vos [NVI: ‘encolher-se’] entre os prisioneiros e cair entre os mortos. Com tudo isto, não se aparta a sua ira [NVI: ‘a ira divina não se desviou’], e a mão dele continua ainda estendida”.

Estes quatro versículos são uma continuação dos últimos versículos do capítulo 9, onde o profeta descreve a maldade do seu povo e, mesmo assim não mostram arrependimento nem mudança; por isso, o Senhor continua com a Sua mão estendida em ira contra eles. Aqui Deus lhes pergunta o que eles farão no dia que forem para o cativeiro. O que lhes resta apenas é ficarem mudos e humilhados entre os prisioneiros de guerra ou estendidos junto aos mortos.

Profecia contra a Assíria por seu orgulho – v. 5-11.

• Is 10: 5-11 (cf. Sf 2: 23-15; Is 14: 24-27; Na 1: 1): “Ai da Assíria, cetro da minha ira! A vara em sua mão é o instrumento do meu furor. Envio-a contra uma nação ímpia e contra o povo da minha indignação [NVI: ‘um povo que me enfurece’] lhe dou ordens, para que dele roube a presa, e lhe tome o despojo, e o ponha para ser pisado aos pés, como a lama das ruas. Ela, porém, assim não pensa, o seu coração não entende assim; antes, intenta consigo mesma destruir e desarraigar não poucas nações. Porque [*A Assíria*] diz: ‘Não são meus príncipes [NVI: ‘comandantes’] todos eles reis?’ Não é Calno como Carquemis? [NVI: ‘Acaso não aconteceu a Calno o mesmo que a Carquemis?’] Não é Hamate como Arpade? E Samaria, como Damasco? O meu poder atingiu os reinos dos ídolos, ainda que as suas imagens de escultura eram melhores [NVI: ‘eram mais numerosas’] do que as de Jerusalém e do que as de Samaria. Porventura, como fiz a Samaria e aos seus ídolos, não o faria igualmente a Jerusalém e aos seus ídolos?”

Aqui o profeta fala do orgulho dos Assírios, mencionando o nome de algumas de suas cidades, nas quais eles se vangloriavam por tê-las tomado.

Calno ficava na Síria, antes de ser capturada pelos assírios. Calno (Is 10: 9) pode ser a mesma ‘Calné’ de Am 6: 2: “Passai a Calné e vede; e, dali, ide à grande Hamate; depois, descei a Gate dos filisteus; sois melhores que estes reinos? Ou será maior o seu território do que o vosso território?” A cidade é identificada por alguns arqueólogos como Kulnia, Kullani ou Kullanhü, a moderna Kullân-Köy, entre Carquemis no rio Eufrates e Arpade, perto de Alepo, no norte da Síria, quase dez quilômetros a sudeste de Arpade. Calno ou Calné foi associada a Cane (Ez 27: 23), como uma das cidades com as quais Tiro manteve relações comerciais. Em Gn 10: 10 está escrito que Calné foi uma das quatro cidades fundadas por Ninrode: Babel, Ereque, Acade e Calné. Mas, provavelmente, não se trata da mesma cidade, uma vez que estas quatro cidades estavam localizadas na Caldéia, ao norte da Suméria, e não da região da Mesopotâmia (ao Norte), onde depois se estabeleceu o Império Assírio. No caso de Ninrode (Gn 10: 10), W. F. Albright (1944) diz que a palavra não se referia a uma cidade, mas foi corrompida de uma expressão que significa: ‘todos eles’.

Arpade ficava na Síria. Arpade foi primeiramente capturada pelos assírios em 754 AC, no reinado de Assurnirari V (755-745 AC), em seus esforços para controlar a rota para Hamate e Damasco, que eram suas aliadas (Jr 49: 23). Arpade foi saqueada por Tiglate-Pileser III em 740 AC, após dois anos de cerco, e novamente por Sargom II, em 720 AC. Sua queda simbolizou o poder avassalador da Assíria (Is 10: 9). Hoje existem ruínas dela em Tell Rifa'ad, a trinta e dois quilômetros a noroeste de Alepo (Síria).

Damasco era a capital da Síria que foi tomada posteriormente pelos Assírios; Carquemis ficava na Assíria. Em 605 AC, os Babilônios derrotaram os Egípcios em Carquemis, e eles fugiram para Hamate, na Síria, onde foram totalmente destruídos.

Hamate, 'Fortaleza ou recinto sagrado', foi uma cidade e reino da alta Síria, no vale de Orontes. A entrada de Hamate é uma abertura que dava para o vale Sírio. Era o limite daquele território, cedido aos israelitas (Nm 13: 21), mas eles não chegaram a tomar posse dessa terra. Teve muita importância e prosperidade no tempo de Davi (2 Sm 8: 9-10) e Salomão, sendo que este edificou ali cidades-armazéns (2 Cr 8: 4; 2 Rs 14: 28). Depois da morte de Salomão, Hamate se tornou, outra vez, estado livre, e conservou a sua independência até que o rei Jeroboão II de Israel (782-753 AC) a tomou de Judá, destruindo as suas fortificações (2 Rs 14: 28). Mais tarde, Hamate fez parte do império da Assíria (2 Rs 18: 34; Is 10: 9), passando depois para o poder dos caldeus no tempo de Zedequias (Jr 39: 5; Jr 49: 23; Jr 52: 9; 27). Não somente era um importante centro comercial, mas também se tornara notável em virtude do seu sistema de irrigação por meio de grandes rodas ('norias'), que faziam subir a água do rio Orontes para ser levada à cidade alta. É hoje conhecida pelo nome de Hamãh ou Hama.

Na época de esplendor da Assíria, essas cidades eram seu orgulho, porque caíram em seu poder. Eles achavam que eram invencíveis e que seus comandantes eram tão poderosos como os reis, que Seu poder atingiria todos esses reinos, cujos deuses eram mais numerosos do que os de Samaria. Precisamos nos lembrar que todo este trecho bíblico começou em Is 9: 8, e foi profetizado em relação a Israel (a nação do norte), não contra Judá. O despojamento das cidades de Samaria e Damasco (Is 8: 4), a deportação dos habitantes de Damasco para Quir (2 Rs 16: 9) e sua destruição foram citados como lição para Judá, aqui em Is 10: 9. Mas, assim como o rei da Assíria se gabava de ter poder para destruir reinos idólatras maiores do que Samaria, Deus o também o teria para corrigir Seu próprio povo e para destruir a Assíria.

Julgamento divino contra a Assíria – v. 12-19.

- Is 10: 12-19 (cf. Sf 2: 23-15; Is 14: 24-27; Na 1: 1): “Por isso, acontecerá que, havendo o Senhor acabado toda a sua obra no monte Sião e em Jerusalém, então castigará a arrogância do coração do rei da Assíria e a desmedida altivez dos seus olhos [NVI: ‘pelo seu olhar arrogante’]; porquanto o rei disse: ‘Com o poder da minha mão, fiz isto, e com a minha sabedoria, porque sou inteligente; removi os limites dos povos [NVI: ‘as fronteiras das nações’], e roubei os seus tesouros, e como valente abati os que se assentavam em tronos [NVI: ‘como um poderoso subjuguéi seus habitantes’ ou ‘poderosos’]. Meti a mão nas riquezas dos povos como a um ninho; e, como se ajuntam os ovos abandonados, assim eu ajuntei toda a terra, e não houve quem movesse a asa, ou abrisse a boca, ou piasse’. Porventura, gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? Ou presumirá a serra [NVI: ‘ou a serra se vangloria’] contra o que a maneja? Seja isso como se a vara brandisse os que a levantam ou o bastão levantasse a quem não é pau! [NVI: ‘quem não é madeira’] Pelo que o Senhor, o Senhor dos Exércitos, enviará a tísica contra os seus homens [NVI: ‘enviará uma enfermidade devastadora sobre os seus fortes guerreiros’; Nota minha: ‘tísica’ é ‘tuberculose’], todos gordos, e debaixo da sua glória [em Inglês, ‘debaixo de sua pompa’] acenderá uma queima, como a queima de

fogo [NVI: ‘se acenderá um fogo como chama abrasadora’]. Porque a Luz de Israel virá a ser um fogo e o seu Santo, como labareda, que abrase e consuma os espinheiros e os abrolhos da Assíria, num só dia. Também consumirá a glória da sua floresta e do seu campo fértil, desde a alma até o corpo; e será como quando um doente se definha. O resto das árvores da sua floresta será tão pouco, que um menino saberá escrever o número delas [NVI: ‘até uma criança poderá contá-las’].”

Da mesma forma que Deus enviou destruição sobre Samaria, por causa dos seus deuses, Ele lidaria com Israel e Judá por todos os seus pecados, inclusive a idolatria. Entretanto, Ele não havia se esquecido da arrogância do rei da Assíria, que achava que tinha sido seu próprio braço que lhe conquistou vitória, sem saber que foi apenas um instrumento nas mãos de Deus para castigar Seu povo.

O rei da Assíria se achava dono de muita sabedoria e descreve suas vitórias de maneira a humilhar os povos conquistados, comparando-os com aves indefesas, cujos ovos eram roubados de repente, da mesma forma que ele saqueou tesouros de muitas nações. Assim como Deus se diz o oleiro, e nós somos o barro moldado por Suas mãos, Ele se compara agora como quem corta com um machado ou como quem maneja uma serra, sendo os povos estrangeiros apenas instrumentos em Suas mãos. Ainda compara os inimigos do Seu povo a simples bastões ou varas de madeira que não poderiam se opor a Ele. O Senhor disse que enviaria sobre os seus fortes guerreiros uma doença devastadora, consumidora (A versão bíblica ARA fala ‘tísica’, que significa ‘tuberculose’). A palavra hebraica usada é *razown* (Strong #7332), que significa magreza, palavra correspondente à que é usada por King James (KJV), significando uma consumpção, um definhamento, uma perda de poder e de forças, a perda de sua segurança, perda da coragem.

‘E debaixo de sua glória’ (em Português), está escrito em Inglês, ‘debaixo de sua pompa’. Isso quer dizer que o Senhor consumiria sua pompa como fogo consome ervas daninhas. E a bíblia completa: ‘Porque a Luz de Israel virá a ser um fogo e o seu Santo, como labareda, que abrase e consuma os espinheiros e os abrolhos da Assíria, num só dia’. Ele não estava falando necessariamente de queimá-los vivos, mas destruir sua pompa e vaidade no fogo de Sua ira, pelo modo que Ele tinha em mente, seja ele qual for.

Quando o profeta fala que Deus ‘Também consumirá a glória da sua floresta e do seu campo fértil, desde a alma até o corpo; e será como quando um doente se definha’, ele quer dizer que o exército assírio, composto de homens fortes (v.16: ‘seus homens, todos gordos’) e tão numerosos como árvores numa floresta, seria destruído pelo Senhor. Sua glória (sua pompa, sua vaidade, a confiança deles em sua própria força bruta, tudo aquilo em que eles colocavam sua confiança) não era nada diante do poder de Deus.

Seus soldados eram como um campo fértil, como espigas de cereal maduras e propícias a serem colhidas. Ele consumiria não somente o corpo como a alma, ou seja, não só a morte física daqueles homens, como também sua coragem, seu ímpeto e motivação e a tendência pecaminosa dentro deles, de todas as formas, ou seja, todas as formas de abominação das suas almas aos olhos de Deus.

O resto das árvores da sua floresta será tão pouco, que um menino saberá escrever o número delas [NVI: ‘até uma criança poderá contá-las’] – muito poucos soldados assírios sobreviverão.

Agora entra um ponto de discórdia por parte dos teólogos em relação à localização cronológica desta destruição. A maioria menciona esta profecia como sendo a destruição do exército de Senaqueribe (2 Rs 19: 35-37; 2 Cr 32: 21; Is 37: 36-38) em 701 AC quando veio atacar Judá e Jerusalém. O resultado desta campanha foi descrito

na bíblia: a destruição de 185.000 soldados do exército Assírio, durante a noite, por um anjo do Senhor, e é onde eles se baseiam para afirmar as palavras de Is 10: 17: ‘abrase e consuma os espinheiros e os abrolhos da Assíria, num só dia’. Quanto ao exército de Senaqueribe essa afirmação é verdadeira, pois numa noite eles foram consumidos, provavelmente por uma doença inesperada, peste, como a bíblia costuma escrever (cf. 1 Cr 21: 11-12; 2 Sm 24: 12-13, no caso de Davi, por causa do censo).

Mas eu notei algo que acho que vale a pena de ser lembrado: pelo menos na versão bíblica ARA os títulos destes três trechos acima sobre a destruição do exército de Senaqueribe são: ‘A destruição do exército dos assírios’, ao passo que aqui em Isaías o título do capítulo 10: 5-19 é ‘Profecia contra a Assíria’, e na NVI, ‘O juízo de Deus sobre a Assíria’. Isso tem uma diferença: a destruição de um exército assírio é uma coisa; a destruição da Assíria (nação ou império) é outra, mesmo porque até aqui o profeta estava falando da guerra Siro-Efraimita durante o governo de Tiglate-Pileser III (745-727 AC).

Depois dele vieram: Salmaneser V (727-722 AC), que sitiou Samaria por três anos (2 Rs 17: 5; 2 Rs 18: 9-11), enquanto seu sucessor Sargom II (722-705 AC) a capturou no ano em que subiu ao trono (Exílio de Israel para a Assíria – 722 AC), por isso Isaías estava alertando os israelitas. No reinado de Sargom II o Egito também caiu em poder dos assírios (716 AC, o ano que Ezequias subiu ao poder em Judá) e Asdode (cidade da Filístia) foi saqueada em 711 AC (Is 20: 1). Senaqueribe (Sin-ahhe-eriba, 705-681 AC) veio depois. Sua morte está registrada na História como sendo em 681 AC, quando seu filho mais novo Esar-Hadom subiu ao poder. Depois da campanha fracassada contra Jerusalém em 701 AC, quando o seu exército morreu fulminado por um anjo do Senhor à noite (uma morte rápida, e não lenta como a ‘tísica’ ou ‘tuberculose’ fez definhar aos poucos – Is 10: 16; 18), Senaqueribe passou o resto de seu reinado em campanhas militares contra rebeldes no seu império.

Seu filho Esar-Hadom reinou no período de 681-669 AC e fez uma grande expedição contra o delta egípcio em 672 AC, instalando governadores assírios em Tebas e Mênfis para controlar o tributo (lembre-se que o Egito já estava em poder dos assírios desde 716 AC). Ele dividiu o Egito em cerca de vinte províncias dominadas por vinte príncipes, o chefe dos quais era o meio-líbio Neco de Saís. Alguns príncipes do Baixo Egito tiraram proveito dessa situação para se revoltar, mas outros apoiaram Tiraca (2 Rs 19: 9; Is 37: 9 – Taharqa ou Taharka, ou Khureneferem – 690-664 AC), que conseguiu reconquistar o Egito por um breve tempo em 669 AC. Esar-Hadom enviou uma força contra ele, mas morreu no caminho. Tiraca foi derrotado em Mênfis por Assurbanipal em 664 AC.

Depois de Esar-Hadom veio seu filho Assurbanipal (669-627 AC) como rei da Assíria, enquanto seu outro filho Samas-sum-ukin ficou como príncipe herdeiro da Babilônia. Embora o Egito ainda promovesse algumas revoltas contra a Assíria, Assurbanipal, no início do seu reinado, guerreou contra o Egito em três árduas campanhas e capturou Tebas (Na 3: 8, ‘Nô’) em 661 AC, e seus habitantes foram levados à Assíria, depois de três anos de cerco (Na 3: 8-10). No seu reinado, Assíria adquiriu a maior extensão territorial, embora em 663 AC tenha começado a mostrar sinais de fraqueza, e tenha sido atacada pelos Medos nesta época. Seu irmão Samas-sum-ukin, com o apoio de Elão se revoltou contra ele em 652 AC, mas morreu no seu próprio palácio, ao qual ele havia posto fogo. Por isso Assurbanipal marchou para saquear Susã em 639 AC, e daí por diante a cidade se tornou uma província Assíria. Com o desvio da atenção de Assurbanipal para o leste e livres das incursões do exército Assírio para apoiar seus oficiais e coletores de impostos locais, as cidades-estados do

ocidente gradualmente foram se libertando da Assíria. O Egito, agora livre, voltou novamente sua atenção para a Palestina.

O descendente de Assurbanipal foi Sinsariscum (Sin-shar-ishkun; Sîn-šarru-iškun – 628-612 AC), um dos seus filhos. Nínive, a magnificente cidade embelezada por Senaqueribe (700 AC) foi atacada novamente em 625 AC pelos Medos, que se aliaram aos Caldeus. O último rei da Assíria (Assurubalite II, 612-608 ou 605 AC, que não se sabe se ele é filho ou irmão de Sinsariscum) foi praticamente um fantoche nas mãos dos Babilônios, pois a queda de Nínive se deu em 612 AC (profetizada por Naum), e foi arrasada até o chão. Isso aconteceu graças à aliança entre o rei dos Medos, Ciáxares ('Uvarkhshattrá'; 625-584 AC, pai de Astíages, o avô de Ciro II), e Nabopolassar (626-605 AC, pai de Nabucodonosor II), rei da Babilônia. Houve guerra séria, incêndios em quase todas as cidades do império assírio, e os habitantes de Nínive que não puderam escapar para as últimas fortalezas assírias no oeste foram massacrados ou deportados. Muitos esqueletos não enterrados foram encontrados por arqueólogos naquele sítio. O Império Assírio então acabou e os Medos e os Babilônios dividiram suas províncias entre si.

Assim, voltando ao nosso raciocínio sobre Isaías, podemos pensar que esta 'magreza' (KJV) ou enfraquecimento, consumpção, definhamento, perda de poder e de forças, perda de segurança e perda da coragem, tudo isso veio aos poucos como um definhamento de todo um império, não apenas a destruição do exército de Senaqueribe, pois a Assíria não deixou de oprimir as nações nem Israel (aqui no caso, o reino de Judá) apenas com a fuga deste governante e sua morte pelos seus dois filhos. O império continuou por mais ou menos setenta anos após sua morte e, aí sim, foi completamente destruído; batalha após batalha, derrota após derrota, pela vontade de Deus; e é isso que eu penso que esta profecia de Isaías 10: 1-19 significa. Depois, o profeta continua a falar sobre um remanescente de Israel (do reino do Norte) que ainda vai permanecer após a invasão de Tiglate-Pileser III.

Como foi dito anteriormente, nós precisamos nos lembrar que todo este trecho bíblico começou em Is 9: 8, e foi profetizado em relação a Israel (a nação do norte), não contra Judá. O despojamento das cidades de Samaria e Damasco (Is 8: 4), a deportação dos habitantes de Damasco para Quir (2 Rs 16: 9) e sua destruição foram citados como lição para Judá (Is 10: 9). As cidades de Judá foram destruídas, sim, pelos assírios, mas Jerusalém só foi invadida, queimada e saqueada mesmo pelos babilônios.

Um remanescente de Israel e Judá será salvo – v. 20-27.

• Is 10: 20-27: "Acontecerá, naquele dia, que os restantes de Israel, e os da casa de Jacó que se tiverem salvado nunca mais se estribarão naquele que os feriu, mas, com efeito, se estribarão no Senhor, o Santo de Israel. Os restantes se converterão ao Deus forte, sim, os restantes de Jacó [NVI: 'o remanescente de Jacó voltará para o Deus Poderoso']. Porque ainda que o teu povo, ó Israel, seja como a areia do mar, o restante se converterá; destruição está determinada, trasbordante de justiça. Porque uma destruição, e essa já determinada, o Senhor, o Senhor dos Exércitos, a executará no meio de toda esta terra. Pelo que assim diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos: Povo meu, que habitas em Sião, não temas a Assíria, quando te ferir com a vara, e contra ti levantar o seu bastão à maneira dos egípcios; porque daqui a bem pouco se cumprirá a minha indignação e a minha ira, para a consumir [NVI: 'Muito em breve o meu furor passará, e a minha ira se voltará para a destruição deles']. Porque o Senhor dos Exércitos suscitará contra ela um flagelo [NVI: 'os flagelará com um chicote'], como a matança de Midiã junto à penha [*rocha*] de Orebe (cf. Jz 7: 25); e a sua vara se estenderá sobre o mar, e ele a levantará como fez no Egito [NVI: 'ele erguerá o seu cajado contra o mar como

fez no Egito’]. Acontecerá, naquele dia, que o peso será tirado do teu ombro, e o seu jugo, do teu pescoço, jugo que será despedaçado por causa da gordura [NVI: ‘o jugo se quebrará porque vocês estarão muito gordos’]”.

- Is 10: 20: “Acontecerá, naquele dia, que os restantes de Israel, e os da casa de Jacó que se tiverem salvado nunca mais se estribarão naquele que os feriu, mas, com efeito, se estribarão no Senhor, o Santo de Israel”.

- Is 10: 22: “Porque ainda que o teu povo, ó Israel, seja como a areia do mar, o restante se converterá; destruição está determinada, transbordante de justiça.” – se refere a alguns israelitas que escaparam do cativeiro assírio foram para Judá, tornando-se parte do Reino do Sul; por isso, o termo ‘restante’.

O Senhor fala que um remanescente de Israel e Judá será salvo [“Um-Resto-Volverá” (Shearjashub – Is 7: 3), nome do outro filho de Isaías]. Ele conforta Seu povo de Sião (de Jerusalém), agora, dizendo que a opressão da Assíria não durará para sempre, e que o Egito, em quem eles se apoiaram, não poderá livrá-los (O profeta já passa para o reinado de Ezequias, que tendia a confiar no Egito quando Judá foi ameaçado). Eles (os Israelitas do reino do Norte que sobraram) descobrirão que Deus é sua força.

Do versículo 21 ao versículo 27 o profeta continua falando sobre a intenção de Deus de destruir a Assíria, mas Seu povo será libertado pelo Seu poder, pelo poder do Seu Espírito.

- Is 10: 26: “Porque o Senhor dos Exércitos suscitará contra ela um flagelo, como a matança de Midiã junto à penha de Orebe (cf. Jz 7: 25); e a sua vara se estenderá sobre o mar, e ele a levantará como fez no Egito”. Aqui no v. 26 há menção da matança de Midiã junto à penha de Orebe, se referindo aos tempos de Gideão, onde os príncipes Midianitas Orebe e Zeebe foram mortos pelos homens de Efraim (Sl 83: 11; Jz 7: 25 cf. Is 9: 4), à noite, inesperadamente. Agora, sim, Ele se refere a Senaqueribe (que virá daqui a alguns anos a Judá). Da mesma forma que ocorreu em Orebe, o exército de Senaqueribe foi morto inesperadamente à noite pelo Anjo do Senhor, e ele foi assassinado por seus próprios filhos em sua terra (Is 37: 36; 2 Cr 32: 21-22; 2 Rs 19: 35-37). Deus também fala que sua vara estará sobre o mar como a vara de Moisés foi estendida sobre o Mar Vermelho para abri-lo, antes da travessia do povo, e para fazer o mar retomar sua força e engolir os egípcios (Êx 14: 16-18; 21; 26-28).

A marcha de Senaqueribe em direção a Jerusalém – v. 28-34.

- Is 10: 28-32: “A Assíria vem a Aiata, passa por Migrom e em Micmás larga a sua bagagem [NVI: ‘guardam suprimentos’]. Passa o desfiladeiro [NVI: ‘Atravessam o vale’], aloja-se em Geba, já Ramá treme, Gibeá de Saul foge. Ergue com estrídulo a voz, ó filha de Galim! [NVI: ‘Clamem, ó habitantes de Galim’] Ouve, ó Laís! Oh! Pobre Anatote! Madmena (cf. Js 15: 31) se dispersa; os moradores de Gebim fogem para salvar-se. Nesse mesmo dia, a Assíria parará em Nobe; agitará o punho ao monte da filha de Sião, o outeiro de Jerusalém”.

A passagem acima descreve a marcha de Senaqueribe até Jerusalém. Senaqueribe invadiu o Reino de Judá, tendo tomado quarenta e seis cidades fortificadas ao todo. Aqui, Isaías descreve o nome de 12 cidades. Miquéias, que seu contemporâneo, descreve mais 11 cidades, sendo Laquis uma das mais importantes (Mq 1: 10-15): Gate (cidade filistéia, na região fértil de Judá), Bete-Leafra [ou Bete-Ofra], Safir, Zaanã, Bete-Ezel, Marote, Laquis, Moresete-Gate, Aczibe, Maressa e Adulão. E ainda existe a cidade de Azeca, geralmente mencionada junto com Laquis, também na região fértil de Judá (Js 10: 10, 11, 35; 1 Sm 17: 1; 2 Cr 11: 9; Ne 11: 30; Jr 34: 7).

Ele vem a Aiате, passa por Migrom (na tribo de Benjamim) e chega a Micmás (na tribo de Benjamim), onde deixa sua artilharia pesada e suas provisões. Depois passa o desfiladeiro de Micmás (onde esteve um dia a guarnição dos filisteus, no tempo de Jônatas, filho de Saul – 1 Sm 14: 4-5) e se acampa em Geba (cidade de Benjamim – Js 21: 17; 1 Rs 15: 22). Ramá (na tribo de Benjamim – Js 18: 25) começa a temer sua chegada. Os moradores de Gibeá fogem (1 Sm 10: 26; 1 Sm 11: 4; 1 Sm 13: 2; tribo de Benjamim). Os homens de Judá estão com tanto medo que não oferecem qualquer resistência, pois não têm mais fé em Deus e no Seu livramento. Laís é o nome de dois lugares na Palestina. Um deles se refere ao antigo nome da cidade de Dã (na tribo de Dã), no extremo norte de Canaã, aliada dos sidônios. Laís, em Js 19: 47 é chamada de Lesém, que significa ‘jóia’. A outra Laís referida por Isaías como entre as cidades de Judá destruídas por Senaqueribe, é escrita como Laish (Layish) ou Laishah, que significa ‘leoa’. O local é desconhecido, atualmente, mas cogita-se que estava a duas milhas a nordeste de Jerusalém. Até Anatote, cidade de sacerdotes, grita de medo. Os moradores de Gebim fogem (Não se sabe onde Gebim estava localizada). Pensa-se que Aiате se refere à cidade de Ai, ao oriente de Betel (Js 7: 2), que foi queimada e destruída por Josué (Js 8: 28), porém reconstruída mais tarde. Foi inicialmente uma cidade de Efraim (1 Cr 7: 28, ‘Aia’), mas passou a ser habitada pelos benjamitas após o exílio, no tempo de Neemias (Ne 11: 31, ‘Aia’), junto com Geba, Micmás e Betel, a algumas milhas de Jericó. Atualmente, a cidade de Et-Tell (em árabe, All, ‘montão’), a quatro quilômetros a sudeste de Betel (Tell Beitin), é geralmente identificada com Ai. Betel era uma cidade entre a fronteira de Benjamim e Efraim. Betel primeiro pertenceu à tribo de Benjamim (Js 18: 13), mas depois foi conquistada pela tribo de Efraim (1 Cr 7: 28). Betel era também chamada, depreciativamente, em Oséias 4: 15; Oséias 10: 5; 8 de Bete-Áven, que significa ‘Casa da Iniquidade’ ou ‘Casa da Vaidade’ por causa do seu pecado de idolatria. Galim, assim como Anatote, geme. As duas estão na tribo de Benjamim. Galim era a cidade de Palti ou Paltiel, o homem a quem Mical foi dada por esposa, após a fuga de Davi (1 Sm 25: 44; 2 Sm 3: 15). Madmena (parte sul da tribo de Judá – Js 15: 31) é uma cidade em que os moradores se dispersaram ao ouvir sobre a vinda de Senaqueribe, assim como fizeram os de Gebim. Nobe era uma cidade dos sacerdotes (1 Sm 22: 19) e estava perto de Jerusalém, podendo ser vista por esta. Por isso, a bíblia diz que Senaqueribe agitou o punho ao monte da filha de Sião, o monte de Jerusalém, em sinal de ameaça e desprezo por ser incapaz de resistir a ele.

Antes de prosseguir, vamos ver o que isso significa para nós: a Assíria era uma grande ameaça para Judá e Jerusalém, assim como Satanás é um inimigo para nossa alma. Quando os judeus viram o destruidor se aproximar eles fugiram, pois já não tinham mais fé; sua comunhão com Deus fora quebrada. Conosco é a mesma coisa. Se não tivermos comunhão com o Senhor e não nos firmarmos em Sua força, qualquer tipo de prova ou má notícia que possa nos ameaçar nos derruba, nos afasta uns dos outros e perdemos a força. Mas Deus jamais vai perder a Sua força. No caso de Senaqueribe, mesmo que os moradores de Judá não lhe oferecessem resistência e ‘fugissem da briga’, Deus mesmo era capaz de defender Sua cidade e Seu povo. Ele sempre nos defenderá, apesar do nosso medo e da nossa covardia, mas não se agrada desse comportamento. Ele quer nos ver lutando as Suas batalhas e defendendo a Sua santidade em nós e preservando o que Ele já nos deu de melhor: a salvação, a comunhão com o Espírito Santo e os dons espirituais.

O julgamento de Deus sobre os assírios – v. 33-34.

- Is 10: 33-34: “Mas eis que o Senhor, o Senhor dos Exércitos, cortará os ramos com violência, as árvores de alto porte serão derribadas, e as altivas serão abatidas.

Cortará com o ferro [NVI: ‘Com um machado’] as brenhas da floresta, e o Líbano cairá pela mão de um poderoso [NVI: ‘do Poderoso’]”.

O exército assírio era comparado com a floresta do Líbano, pela a multidão de árvores nele, e com a altura de seus cedros, pois seus soldados não eram soldados comuns, mas muitos e grandes homens. O rei Assírio era comparado com cedro do Líbano, pela sua imponência, mas foram todos derrotados ‘pela mão de um poderoso’, como está na bíblia (ARA). Na NVI está escrito: ‘pela mão do Poderoso’.

‘Pela mão do Poderoso’, sem dúvida, significa pela mão do próprio Deus fazendo Seu julgamento.

‘Pela mão de um poderoso’ pode ter algumas interpretações: pode significar o anjo do Senhor que mais tarde derrotou o exército inimigo, ou pode significar pelas mãos de Nabopolassar (626-605 AC), o rei Babilônico que conquistou a Assíria alguns anos depois.

Senaqueribe, apesar de tudo, não conseguiu entrar em Jerusalém.

Lista dos reis do Período Neo-assírio (912-612 AC):

- Adadenirari II – 912-891 AC
- Tuculti-Ninurta II – 891-884 AC
- Assurnasirpal II – 884-859 AC
- Salmaneser III (em acadiano Šulmānu-ašarēdu) – 859-824 AC
- Samsiade V – 824-811 AC
- Adadenirari III – 811-783 AC (no tempo do profeta Jonas)
- Salmaneser IV – 781-773 AC – filho de Adadenirari III (no tempo de Jonas)
- Assurdã ou Ashur-dan III – 773-755 AC – filho de Adadenirari III (no tempo do profeta Jonas)
- Assurnirari V – 755-745 AC – filho de Adadenirari III (no tempo de Jonas)
- Tiglate-Pileser III (745-727 AC)
- Salmaneser V (727-722 AC)
- Sargom II (Sharrukin II; em Assírio, Šarru-ukīn – 722-705 AC)
- Senaqueribe (Sin-ahhe-eriba, 705-681 AC). Campanha de Senaqueribe contra a Judéia: 701 AC. Senaqueribe significa: ‘O Deus da Lua Multiplicou os Seus Irmãos’ ou ‘Deus tem multiplicado meus irmãos’ – 2 Rs 18: 13 e segs.; 2 Cr 32: 1-8; Is 36: 1-3 e segs. Foi Senaqueribe quem fez de Nínive uma verdadeira cidade magnificente (700 AC).
- Assaradão (Esar-Hadom, o filho mais novo de Senaqueribe, 681-669 AC; em Latim, Asor Haddan)
- Assurbanipal (669-627 AC)
- Sinsariscum (Sin-shar-ishkun; Sîn-šarru-iškun, 628-612 AC), um dos filhos de Assurbanipal
- Assurubalite II (O último rei da Assíria. Não está certo se ele é filho ou irmão do penúltimo rei Sinsariscum)

Em 612 AC, Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, incorporou a Assíria ao império Babilônico, dividindo-a com os Medos.

Em 732 AC o rei assírio Tiglate-Pileser III (745-727 AC) capturou Damasco e anexou o território de Israel desde o norte da planície de Jezreel, deixando Oséias a governar o restante do reino do norte como seu vassalo (2 Rs 17: 3). Quando Oséias se revoltou e pediu auxílio ao Egito (2 Rs 17: 4), Salmaneser V (727-722 AC) sitiou Samaria por três anos (2 Rs 17: 5; 2 Rs 18: 9-11), enquanto seu sucessor Sargom II (722-705 AC) a capturou no ano em que subiu ao trono (Exílio de Israel para a Assíria – 722 AC). No lugar da população israelita, foram trazidos os habitantes da Babilônia, de Cuta, Ava, Hamate e Sefarvaim.

Em 701 AC, Senaqueribe marchou contra a Síria, cercou Sidom, e marchou para o sul, a fim de atacar Asquelom. Invadiu o Reino de Judá, tendo tomado quarenta e seis cidades fortificadas. Sitiou Laquis com sucesso (2 Rs 18: 13-14; 17; Mq 1: 13) e foi para Jerusalém para atacar Ezequias (2 Rs 18: 17-19). Laquis estava situada na área agrícola mais fértil de Judá (Sefelá); por isso, era de vital importância para a economia do reino. Foi completamente destruída. O rei de Judá (Ezequias) enviou a Senaqueribe mensagem de submissão, acompanhada de valiosos presentes para aplacar a fúria do inimigo: 300 talentos de prata e 30 de ouro como tributo, mais a prata que se achou na Casa do Senhor e nos tesouros da casa do rei, e o ouro que foi removido das portas e das ombreiras do templo (2 Rs 18: 14-16). Mas o monarca Assírio não se satisfaz e enviou a Ezequias seus oficiais: Tartã (general ou comandante chefe), Rabe-Saris (seu oficial principal) e Rabsaquê (comandante de campo), exigindo a rendição de Jerusalém, o que foi recusado. Eles voltaram a Senaqueribe, que já tinha se retirado de Laquis e, agora, estava em Libna (2 Rs 19: 8) e lhe disseram as palavras de Ezequias. O Assírio tornou a enviar mensageiros a Ezequias com uma carta ameaçadora, mas que foi entregue em oração nas mãos do Senhor, que respondeu através do profeta Isaías com palavras de libertação para Judá e julgamento sobre o opressor (2 Rs 19: 14-34). Eliaquim (o mordomo), Sebna (o escrivão) e Joá (o cronista) foram os intermediários de Ezequias na negociação (2 Rs 18: 37; 2 Rs. 19: 2). A História fala que a cidade judaica de Azeca, assim como Laquis, também foi tomada de assalto, pilhada e, em seguida, devastada. Além de Laquis, na valiosa terra agrícola de Sefelá (planície marítima de Filístia na terra de Judá), havia outras cidades, que foram entregues nas mãos dos Filisteus. Laquis e Azeca foram reconstruídas. Quando os Babilônios comandados por Nabucodonosor invadiram Judá, elas foram as últimas cidades que caíram antes que Judá fosse tomada (Jr 34: 6-7).

O resultado desta campanha de Senaqueribe em 701 AC foi descrito na bíblia: a destruição de 185.000 soldados do exército Assírio, durante a noite, por um anjo do Senhor (2 Rs 19: 35; 2 Cr 32: 21-23; Is 37: 36). Senaqueribe, porém, desistiu do cerco da cidade, retirando-se para sua capital, Nínive (2 Rs 19: 36; Is 37: 37-38), onde foi morto por dois de seus filhos: Adrameleque e Sarezer. Entretanto, aqui é bem provável que houve um intervalo de tempo entre os dois eventos, pois sua morte está registrada na História como sendo em 681 AC, quando seu filho mais novo, Assaradão (Esar-Hadom), subiu ao poder; mesmo porque a NVI diz: “Certo dia, quando estava adorando no templo de seu deus Nisroque, seus filhos Adrameleque e Sarezer o feriram à espada, e fugiram para a terra de Ararate. E seu filho Esar-Hadom foi o seu sucessor” (Is 37: 38). Isso pode confirmar que houve um intervalo de anos entre os eventos.

Sabe-se que depois desta campanha contra Ezequias em 701 AC, ele passou o resto de seu reinado em campanhas militares contra rebeldes no seu império.

É interessante comentar o comportamento de Ezequias em relação à Assíria no início do seu governo (2 Rs 18: 7-8) e depois de mais ou menos vinte e quatro anos. No início, ele se rebelou contra o rei da Assíria e deixou de servi-lo (provavelmente Sargom II – 722-705 AC; ou seu antecessor, Salmaneser V – 727-722 AC), sendo que o 4º ano de Ezequias descrito aqui na bíblia, quando o rei assírio subiu contra Samaria e a cercou (725 AC) esteja se referindo ao seu período de co-regência com Acaz (729-716 AC). Depois de mais ou menos vinte e quatro anos (por volta de 701 AC), Ezequias demonstrou medo e preocupação com a ameaça de Senaqueribe, pagando-lhe um tributo alto em ouro e prata, e ainda lhe dando o ouro do templo e da casa real.

Capítulo 11

O Espírito do Senhor estará sobre o Messias e Seu reino – v. 1-5.

• Is 11: 1-5: “Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor. E deleitar-se-á no temor do Senhor; não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos [NVI: ‘Não julgará pela aparência, nem decidirá com base no que ouviu’]; mas julgará com justiça os pobres, e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra [NVI: ‘pobres’]; ferirá a terra com a vara de sua boca [NVI: ‘Com suas palavras, como se fossem um cajado’], e com o sopro dos seus lábios matará o perverso. A justiça será o cinto dos seus lombos [NVI: ‘a faixa de seu peito’], e a fidelidade, o cinto dos seus rins [NVI: ‘o seu cinturão’]”.

Como já foi comentado no capítulo 9, da mesma forma que todos os demais profetas, Isaías tem a visão, mas nem sempre sabe quando será cumprida, a não ser que Deus revele. Por isso, todas as vezes que ele fala sobre o Messias, dá a impressão de que ele fala de algo muito próximo; seja porque a sua vontade era que Ele viesse logo ou porque ele não tinha, na verdade, a noção do reino espiritual trazido pelo Messias. Em sua mente humana, como um judeu, ele esperava um Messias em forma humana e trazendo um reino militar, como Davi ou Ciro. Não é verdade que ele estava profetizando sobre Ezequias e nem que ele esperava o Messias personificado nele. No capítulo 9, para o ‘menino’ que nasceria da virgem, Isaías usou as qualidades que eram muito comuns de se esperar em relação a um rei, segundo a mentalidade da época: sabedoria na administração, capacidade militar, zelo pela prosperidade do povo e a preocupação com a felicidade deste. O versículo 7 (Is 9: 7) deixou claro que o menino pertenceria à casa real de Davi e que governaria com juízo e justiça, salvando o país da catástrofe.

Aqui (Is 11: 1-5), nós vemos coisa parecida. ‘Do tronco de Jessé’, ‘Raiz de Davi’, ‘Renovo’ e ‘Renovo de Justiça’ são todos termos empregados para descrever a linhagem real do Messias, descendente de Davi.

Isaías profetiza sobre as qualidades do Messias, como se esperaria de um rei, também chamado ‘ungido de Deus’. Por isso, ele começa falando que o Espírito do Senhor repousará sobre Ele, o Messias, trazendo também os dons da sabedoria, do entendimento, de conselho, de fortaleza [em algumas versões, está escrito ‘poder’], de conhecimento e de temor do Senhor. A palavra ‘conselho’, em Hebraico, ‘etsah (Strong #6098) significa: conselho; por implicação: plano, prudência, deliberação, consideração, ponderação, conselho, conselheiro, propósito.

Antes de prosseguirmos, vamos entender o que cada um desses dons significa:

1º) O Espírito do Senhor: é o próprio Espírito de Deus em nós, mantendo Sua chama de vida no nosso espírito, fazendo-nos existir e realizar Sua obra na terra. Com o Espírito Santo podemos realizar o que Jesus realizava: pregar boas novas, curar os enfermos da alma e do corpo, libertar os cativos do diabo e levar alegria. Nós o recebemos no momento da nossa conversão. Ele nos faz sentir coragem, assim como a força e o poder de Deus em ação de milagres, libertação e cura.

2º) O Espírito de Sabedoria: A sabedoria é a arte de ser bem sucedido, de formar um plano correto para alcançar os resultados desejados, ter habilidade, prudência, graça; saber aplicar o conhecimento e o entendimento da palavra; está envolvida no ato de interpretar sonhos. A sabedoria, no seu sentido mais amplo, pertence exclusivamente a Deus e consiste não apenas em conhecimento completo acerca de todos os aspectos da

vida, mas também no conhecimento daquilo que Ele tem em mente para ser cumprido. A sabedoria está mais relacionada ao ensino, ao passo que o conhecimento está mais relacionado ao ministério profético. Sua sede é o coração, o centro da decisão moral e intelectual. A sabedoria nos coloca em contato direto com a mente de Deus nos fazendo pensar como Ele pensa.

3º) O Espírito de Entendimento: inteligência, discernimento. É a compreensão que adquirimos após termos o conhecimento (a revelação) da palavra de Deus. Ele nos coloca em contato com a verdade divina contida na Palavra, nos trazendo a segurança sobre o que cremos e nos dando a capacidade de resistir ao mal e a tudo o que tenta impedir Sua vontade para nossa vida, como os falsos ensinamentos.

4º) O Espírito de Conselho: planejamento e estratégia, solução para um propósito. Estar numa mesa de conselho é estar junto com autoridades que vêm discutir algo importante e planejar soluções e estratégias (Is 40: 13-14; Jr 23: 18). Assim, estarmos reunidos com Deus em oração nos dá o discernimento espiritual para recebermos Suas estratégias para vencermos qualquer situação. A prudência nos leva a planejar a estratégia correta em cada situação e esperar pelo momento certo de tomar decisões; também nos ensina a maneira como tudo deve ser feito. Através dela adquirimos a certeza de que tudo tem solução.

5º) O Espírito de Fortaleza: dá-nos domínio e convicção da vitória. Onde as minhas forças acabam os recursos de Deus são liberados. A fortaleza (ou ‘poder’ em algumas traduções) nos faz realizar coisas que, no nosso natural, não somos capazes; coisas grandes e ousadas. A fortaleza do Espírito nos envolve como um escudo de proteção e nos firma ‘na Rocha’, como se firma no chão uma árvore com raízes fortes. Ela nos dá determinação, segurança e certeza para prosseguirmos em nossos objetivos.

6º) O Espírito de Conhecimento: é ter a compreensão correta das coisas, a informação revelada da palavra de Deus e saber o que temos à nossa disposição através dela. Está relacionado à revelação e à experiência, aos sonhos e às visões. A palavra ‘conhecimento’ tem a idéia de desvendar alguma coisa oculta para que possa ser vista e conhecida conforme é, ou seja, ela expressa a idéia de revelação. O conhecimento traz luz, clareza, revelação e manifestação do que está em oculto, seja bom ou mau. Ele nos faz conhecer os segredos do coração de Deus e os mistérios do mundo espiritual. Enchemos com a verdade para que possamos vencer as falsas profecias.

7º) O Espírito de Temor do Senhor: significa reverência, prioridade, respeito, devoção a Deus, reconhecer quem Ele é e não usar Seu nome em vão. O temor do Senhor nos eleva até o trono e nos faz entrar em contato com a santidade do Senhor e nos coloca numa posição de afastamento das coisas mundanas para dar reverência e prioridade à pessoa de Deus. Diante dEle cai toda a irreverência, idolatria e perturbação da paz.

Assim, o texto fala de um personagem régio que julgará com justiça e decidirá com equidade a favor dos pobres, destruindo o perverso. ‘A vara de sua boca’ significa: o Messias conquistará o povo por meios das palavras (Is 49: 2; Hb 4: 12; Ap 19: 15). Fazendo uma comparação com a armadura de Deus e com as profecias posteriores do livro de Isaías, este personagem messiânico usará a justiça como uma couraça [Is 11: 5 – NVI: ‘a faixa de seu peito’; cf. Is 59: 17], e a fidelidade como seu cinturão. Por fidelidade, nós podemos entender aqui a fidelidade à Deus e à Sua palavra de verdade, como é o cinturão da verdade de Ef 6: 14.

No reino do Messias haverá paz e unidade – v. 6-9.

• Is 11: 6-9 (cf. Is 65: 25): “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado [NVI: ‘novilho gordo’]

andarão juntos; e um pequenino os conduzirá [NVI: ‘uma criança os guiará’]. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide [NVI: ‘cobra’], e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco [NVI: ‘no ninho da víbora’]. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar”.

O Messias estabelecerá uma nova realidade. Aqui, justiça e paz que são simbolizadas pela convivência harmoniosa de animais selvagens e domésticos. E até uma criancinha poderá brincar com uma víbora porque não haverá perigo; os moradores do reino de Deus são inofensivos. No Seu reino, o pobre e o oprimido serão protegidos contra a prepotência dos poderosos. Em Israel haverá o conhecimento de Deus.

Seu próprio povo retornará de todas as terras para onde foram espalhados e as nações os servirão; os gentios procurarão pelo Senhor – v. 10-16.

• Is 11: 10-16: “Naquele dia, recorrerão as nações à raiz de Jessé que está posta por estandarte dos povos; a glória lhe será a morada. Naquele dia, o Senhor tornará a estender a mão para resgatar o restante do seu povo, que for deixado, da Assíria, do Egito, de Patros, da Etiópia (em hebraico, Cuxe), de Elão, de Sinar, de Hamate, e das terras do mar [NVI: ‘nas ilhas do mar’]. Levantará um estandarte para as nações, ajuntará os desterrados de Israel e os dispersos de Judá recolherá desde os quatro confins da terra. Afastar-se-á a inveja de Efraim [NVI: ‘o ciúme de Efraim’], e os adversários de Judá serão eliminados [NVI: ‘a hostilidade de Judá será eliminada’]; Efraim já não invejará a Judá, e Judá já não oprimirá a Efraim [NVI: ‘será hostil a Efraim’]. Antes, voarão para sobre os ombros dos filisteus ao Ocidente [NVI: ‘Eles se infiltrarão pelas encostas da Filístia’]; juntos, despojarão os filhos do Oriente; contra Edom e Moabe lançarão as mãos, e os filhos de Amom lhes serão sujeitos. O Senhor destruirá totalmente o braço do mar do Egito, e com a força do seu vento moverá a mão contra o Eufrates, e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete canais [NVI: ‘riachos’], de sorte que qualquer o atravessará de sandálias. Haverá caminho plano para o restante do seu povo, que for deixado, da Assíria, como o houve para Israel no dia em que subiu da terra do Egito”.

Isaías diz que o Messias será colocado na terra por um estandarte para os povos e todas as nações deverão recorrer a Ele. Naquele dia que Ele vier, haverá um resgate de todos os do Seu povo que foram espalhados pelas nações por causa do exílio. Judá e Efraim, ou seja, o reino do sul e o reino do norte não mais serão duas nações divididas; pelo contrário, como no reinado de Davi elas voltarão a ser uma só nação sob o Messias. As nações que antes os oprimiram estarão sujeitas aos israelitas, como Moabe, Edom e os filhos de Amom. Os filisteus também se submeterão a Israel.

Em Is 11: 11, o profeta menciona algumas nações como: Assíria, Egito, Patros, Etiópia, Elão, Sinar, Hamate, e as terras do mar (ou ‘ilhas do mar’). A expressão ‘ilhas do mar’ se refere aos países distantes da Judéia, habitados por gentios idólatras; as partes mais remotas do mundo, bem como na Arábia, que estava perto deles; ou todas as regiões além do mar (Jr. 25: 22), regiões marítimas ou regiões costeiras, não meramente ilhas no sentido estrito.

Patros é o nome hebraico para Alto Egito e Cuxe ou Etiópia. Elão é o nome antigo da planície de Cuzistão, na baixa Mesopotâmia, no atual Irã, banhada pelos rios Karkheh (ou Karkhen) e Karun (Kārūn), que deságuam no Tigre justamente ao norte do Golfo Pérsico. O Karkheh ou Karkhen é talvez o rio conhecido na bíblia como o Giom, um dos quatro rios do Éden. Outros cientistas acham que o Giom é o próprio rio Karun. Cuzistão ou Khuzistão ou Khuzestão (árabe transliterado, Khūzestān) é hoje uma das

províncias ao sudoeste do Irã, fazendo fronteira com o sul do Iraque. A sua capital é Ahvaz. Khuzestan significa ‘a terra dos Khuz’ ou ‘Kuzi’, se referindo aos habitantes originais desta província, o povo ‘Susian’ (em persa antigo, ‘Huza’ ou ‘Huja’; Shushan, em Hebraico; em Ester 1: 2, chamada de Susã). Susã é um atual sítio arqueológico nas proximidades de Shush, outra cidade da província do Cuzistão. Senaqueribe e Assurbanipal sujeitaram os elamitas e deportaram alguns deles para Samaria, transferindo alguns israelitas para o Elão (Is 11: 11; Ed 4: 9). O Elão foi anexado por um ancestral de Ciro, e Susã acabou por se tornar uma das três principais cidades do Império Medo-Persa. Sinar (ou Sinear) é o nome hebraico da terra da Babilônia; Hamate é uma cidade da Síria (Hoje conhecida pelo nome de Hamãh ou Hama).

Is 11: 15-16: “O Senhor destruirá totalmente o braço do mar do Egito, e com a força do seu vento moverá a mão contra o Eufrates, e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete canais [NVI: ‘riachos’], de sorte que qualquer o atravessará de sandálias. Haverá caminho plano para o restante do seu povo, que for deixado, da Assíria, como o houve para Israel no dia em que subiu da terra do Egito” – da mesma forma que o Mar vermelho foi um impedimento no caminho dos Israelitas no Êxodo, o Eufrates era uma obstrução no caminho de Israel para o seu retorno da Assíria. ‘Caminho plano’ significa ‘sem obstrução, sem impedimentos futuros’. Entretanto, pela força do Seu vento, o Senhor da mesma forma dividiria o Eufrates por onde os exilados pudessem passar a pé. Ele faria o impossível para libertar Seu povo. Isso pode ser visto também como uma visão da restauração futura de Israel no final dos tempos. Foi feita uma relação com o primeiro êxodo, onde o profeta menciona os sete canais de desembocadura do Nilo no Mediterrâneo. Essa relação foi feita para lembrá-los de que a libertação da Babilônia seria tão majestosa quanto fora a libertação do Egito; um segundo êxodo para eles (cf. Zc 10: 11). ‘Com a força do seu vento moverá a mão contra o Eufrates’ lembra o forte vento oriental que soprou e dividiu as águas do Mar Vermelho (Êx 14: 21).

Capítulo 12

A ação de graças pela sua redenção – v. 1-6.

• Is 12: 1-6: “Orarás naquele dia: Graças te dou, ó Senhor; porque, ainda que te iraste contra mim, a tua ira se retirou, e tu me consolaste. Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei, porque o Senhor Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação. Vós, com alegria, tirareis águas das fontes da salvação. Direis naquele dia: Dai graças ao Senhor, invocai o seu nome, tornai manifestos os seus feitos entre os povos, lembrai-vos que é excelso o seu nome. Cantai louvores ao Senhor, porque fez coisas grandiosas; saiba-se isto em toda a terra. Exulta e rejubila, ó habitante de Sião, porque grande é o Santo de Israel no meio de ti”.

Este é um hino de louvor cantado pelos que voltaram do cativeiro (Is 11: 11-16), muito semelhante ao cântico de Moisés (Êx 15: 2) ou ao Salmo 118: 14, agradecendo ao Senhor pela salvação. No versículo 3 (“Vós, com alegria, tirareis água das fontes da salvação”), a palavra hebraica para ‘salvação’ é *yshuw`ah* (ou *yeshu`âh*), que significa ‘algo salvo’, isto é, ‘libertação’, portanto, ajuda, vitória, prosperidade, salvamento, saúde, socorro, salvar, proteger, guardar, preservar (saúde), bem-estar. A palavra *yshuw`ah* está ligada à palavra *yasha`*, que é uma raiz primitiva cujo significado é: ser aberto, largo (espaçoso) ou livre e, conseqüentemente, estar seguro, livre; ou socorro (ou vir em socorro de), vingar, defender, libertar (ou libertador), socorrer, preservar, resgatar, trazer ou ter salvação, salvar (ou salvador), obter vitória. Também é um cântico de louvor referente ao reino do Messias.

• Is 12: 3: “Vós, com alegria, tirareis água das fontes da salvação”.

Isso não só diz respeito à restauração de Israel num futuro próximo, quando voltasse do cativeiro. Também diz respeito ao reino do Messias, à nova dispensação em Cristo trazendo a salvação. Água é símbolo do Espírito Santo:

• Jo 7: 37-39: “No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado”.

No AT, as águas estavam relacionadas à salvação de uma vida, pois em terras desérticas e secas, a presença de água era uma bênção de Deus, um sinal do Seu favor, preservando a vida (como aconteceu com Agar e Ismael quando foram expulsos do acampamento de Abraão e foram dessedentados pelas águas do poço que o Senhor abriu para eles – Gn 21: 19).

Da mesma forma, diz respeito à igreja do NT, nós, quando a nossa salvação for completada na segunda vinda de Jesus:

• Ap 21: 6: “Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida”.

• Ap 22: 1: “Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro”.

• Is 12: 4: “Direis naquele dia: Dai graças ao Senhor, invocai o seu nome, tornai manifestos os seus feitos entre os povos, lembrai-vos que é excelso o seu nome”. Isso quer dizer para proclamar as obras do Senhor entre todas as nações, para que todos saibam o que Ele é capaz de fazer, como é capaz de salvar. O cativeiro foi o resultado da ira de Deus; agora, Sua misericórdia trazia a salvação e a reunião do povo que havia sido disperso.

- Is 12: 5: “Cantai louvores ao Senhor, porque fez coisas grandiosas; saiba-se isto em toda a terra”. Coisas grandiosas relembram Suas maravilhas no Mar Vermelho, bem como na libertação do povo do cativo na Assíria e na Babilônia.

- Is 12: 6: “Exulta e rejubila, ó habitante de Sião, porque grande é o Santo de Israel no meio de ti”. Habitante de Sião se refere aos que retornaram do cativo na Babilônia e têm a aprovação e proteção do Senhor. Esse termo também serve para descrever os que vivem no reino do Messias, que podem celebrar a salvação que receberam dEle. “No meio de ti” – Jesus no meio do Seu povo.

Capítulo 13

Profecia contra a Babilônia – v. 1-5.

- Is 13: 1-5: “Sentença que, numa visão, recebeu Isaías, filho de Amoz, contra a Babilônia. Alçai um estandarte sobre o monte escaldado [NVI: ‘colina desnuda’]; levantai a voz para eles (*os persas*); acenai-lhes com a mão, para que entrem pelas portas dos tiranos [NVI: ‘portas dos nobres’]. Eu dei ordens aos meus consagrados, sim, chamei os meus valentes para executarem a minha ira, os que com exultação se orgulham [NVI: ‘os que se regozijam com o meu triunfo’]. Já se ouve sobre os montes o rumor como o de muito povo, o clamor de reinos e de nações já congregados. O Senhor dos Exércitos passa revista às tropas de guerra. Já vêm de um país remoto [NVI: ‘de terras distantes’], desde a extremidade do céu [NVI: ‘lá dos confins dos céus’], o Senhor e os instrumentos da sua indignação, para destruir toda a terra”.

Isaías recebeu do Senhor uma visão e uma sentença contra a Babilônia, onde Ele mandava acenar para os medos e os persas para que viessem sobre ela, como os chamando ao ataque.

- Is 13: 3: “Eu dei ordens aos meus consagrados, sim, chamei os meus valentes para executarem a minha ira, os que com exultação se orgulham [NVI: ‘os que se regozijam com o meu triunfo’]”.

Os exércitos dos medos e persas foram escolhidos por Deus para destruir Babilônia: são chamados ‘meus consagrados’ porque tinham sido separados por Ele para executar Sua vingança contra uma nação pecaminosa. Ele lhes dava poder para realizar isso, embora eles não reverenciassem o Deus de Israel.

- Is 13: 4: ‘O clamor de reinos e nações já congregados’ significa os medos e persas e outras nações que serviram sob eles nesta guerra.

A destruição de Babilônia; sua grande angústia e total desolação – v. 6-22.

- Is 13: 6-9: “Uivai, pois está perto o Dia do Senhor; vem o Todo-Poderoso como assolação. Pelo que todos os braços se tornarão frouxos, e o coração de todos os homens se derreterá. Assombrar-se-ão, e apoderar-se-ão deles dores e ais, e terão contorções como a mulher parturiente; olharão atônitos uns para os outros; o seu rosto se tornará rosto flamejante. Eis que vem o Dia do Senhor, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores”.

Todos os homens se assustarão e terão muito medo quando os Medos e os Persas vierem, pois Deus os trará com violência para assolar a terra e destruir os pecadores, os perversos babilônios. O dia do Senhor será terrível, com ira e ardente furor. Não haverá lugar para o pecador fugir.

- Is 13: 10: “Porque as estrelas e as constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz”: significa uma situação onde todos estarão sombrios e desanimados, onde os homens não terão esperança por causa da destruição que vão vivenciar. Quando tentarem levantar a esperança da alma, logo se decepcionarão. Os que estão sendo punidos pensarão que os poderes do céu estão contra eles. Seu conforto e esperança falharão. ‘As estrelas do céu não darão a sua luz, o sol será escurecido’: tais expressões são freqüentemente empregadas pelos profetas, para descrever as grandes mudanças dos governos.

- Is 13: 11-19: “Castigarei o mundo por causa da sua maldade e os perversos, por causa da sua iniquidade; farei cessar a arrogância dos atrevidos e abaterei a soberba dos

violentos. Farei que os homens sejam mais escassos do que o ouro puro, mais raros do que o ouro de Ofir. Portanto, farei estremecer os céus; e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do Senhor dos Exércitos e por causa do dia do seu ardente furor. Cada um será como a gazela que foge e como o rebanho que ninguém recolhe; cada um voltará para o seu povo e cada um fugirá para a sua terra. Quem for achado será traspassado; e aquele que for apanhado cairá à espada. Suas crianças serão esmagadas perante eles; a sua casa será saqueada, a sua mulher, violada. Eis que eu despertarei contra eles os Medos, que não farão caso da prata, nem tampouco desejaram ouro. Os seus arcos matarão os jovens; eles não se compadecerão do fruto do ventre; os seus olhos não pouparão as crianças. Babilônia, a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou”.

Este trecho nos mostra a ação violenta dos Medos e Persas, não poupando nada nem ninguém, independentemente da idade, e o desespero dos babilônios querendo fugir para algum lugar, mas sem sucesso. Os Persas viriam a mando do Senhor, o que significa que não invadiriam a cidade por causa de dinheiro ou despojos (prata e ouro), mas porque Ciro tinha um propósito diferente no seu coração (colocado, obviamente, pelo Senhor para fazer se cumprir a justiça). As barbaridades dos caldeus (babilônios) praticadas contra outros povos se voltariam, agora, contra eles mesmos. Muitos homens serão mortos; poucos serão os que forem deixados (‘mais raros do que o ouro de Ofir’).

Quando a bíblia fala ‘o mundo’ aqui neste texto, ela está se referindo ao Império Babilônico, como foi depois o Império Romano, porque se estendeu por grande parte do mundo. Eles se achavam muito grandes e importantes por causa do tamanho do seu império. Mas nada tinham de bom, apesar da sua riqueza e grande poder comercial; apenas iniquidade, maldade, violência, idolatria, atrevimento e orgulho. Deus os castigaria por tudo isso, assim como castigará o mundo atual na Sua segunda vinda, esta Babilônia em que vivemos, como num exílio, até alcançarmos a nossa cidade permanente no céu. Os mesmos defeitos vistos naquele povo se acham presente hoje, e não haverá lugar para o pecador fugir da punição do Senhor, caso não haja arrependimento e mudança de atitude. O que os Babilônios plantaram, i.e., a violência que fizeram ao povo de Deus, além do Ele planejou para sua punição, eles colheriam em breve, através dos Medos e Persas.

• Is 13: 20-22: “Nunca jamais será habitada, ninguém morará nela de geração em geração; o arábio não armará ali a sua tenda, nem tampouco os pastores farão ali deitar os seus rebanhos. Porém, nela, as feras do deserto repousarão [NVI: ‘as criaturas do deserto’; NRSV em inglês: ‘animais selvagens’], e as suas casas se encherão de corujas; ali habitarão os avestruzes, e os sátiros pularão ali. As hienas uivarão nos seus castelos; os chacais, nos seus palácios de prazer [NVI: ‘luxuosos palácios’]; está prestes a chegar o seu tempo, e os seus dias não se prolongarão”.

Após a destruição decretada por Deus, a Babilônia jamais se reergueria. Seria uma ruína perpétua. Nem mesmo os árabes que habitavam em tendas e pastoreavam ovelhas morariam ali ou levariam seus rebanhos para aquele lugar. Pelo contrário, ele seria habitado por animais selvagens que costumam viver em regiões solitárias e desérticas: corujas, avestruzes, sátiros (bodes selvagens), hienas, chacais etc. A Babilônia permaneceu em ruínas através das gerações, e se esqueceu que um dia foi uma cidade nobre. A destruição dessa cidade orgulhosa é símbolo da ruína da Babilônia do Novo Testamento; é uma advertência para os pecadores em relação à futura ira de Deus, e um encorajamento para os crentes no que diz respeito a esperar com fé a destruição do inimigo de suas almas. O mundo que vemos hoje não existirá mais, apenas o reino espiritual do Senhor. O que sobrar de corrompido será entregue aos demônios, simbolizados nestes versículos pelos animais selvagens.

Capítulo 14

Israel será libertado do cativeiro babilônico, seu triunfo sobre Babilônia – v. 1-23.

• Is 14: 1-11: “Porque o Senhor se compadecerá de Jacó, e ainda elegerá a Israel, e os porá na sua própria terra; e unir-se-ão a eles os estrangeiros, e estes se achegarão à casa de Jacó. Os povos os tomarão e os levarão aos lugares deles, e a casa de Israel possuirá esses povos por servos e servas, na terra do Senhor; cativarão aqueles que os cativaram e dominarão os seus opressores. No dia em que Deus vier a dar-te descanso do teu trabalho, das tuas angústias e da dura servidão com que te fizeram servir [NVI: ‘do sofrimento, da perturbação e da cruel escravidão que sobre você foi imposta’], então, proferirás este motejo contra o rei da Babilônia e dirás: Como cessou o opressor! Como acabou a tirania! [NVI: ‘Sua arrogância acabou-se’] Quebrou o Senhor a vara dos perversos e o cetro dos dominadores [NVI: ‘governantes’], que feriam os povos com furor, com golpes incessantes, e com ira dominavam as nações, com perseguição irreprimível [NVI: ‘perseguição implacável’]. Já agora descansa e está sossegada toda a terra. Todos exultam de júbilo. Até os ciprestes se alegram sobre ti, e os cedros do Líbano exclamam: Desde que tu caíste, ninguém já sobe contra nós para nos cortar. O além, desde o profundo [NVI: ‘Sheol’, lugar dos mortos], se turba por ti, para te sair ao encontro na tua chegada; ele, por tua causa, desperta as sombras [NVI: ‘desperta os espíritos dos mortos’] e todos os príncipes [NVI: ‘governantes’] da terra e faz levantar dos seus tronos a todos os reis das nações. Todos estes respondem e te dizem: Tu também, como nós, estás fraco? E és semelhante a nós? Derribada está na cova a tua soberba [NVI: ‘Sua soberba foi lançada na sepultura’], e, também, o som da tua harpa; por baixo de ti, uma cama de gusanos [NVI: ‘larvas’], e os vermes são a tua coberta”.

Aqui há uma promessa de Deus de trazer de volta o Seu povo cativo na Babilônia e na Assíria, e de reverter o estado em que estavam, ou seja, os que os levaram prisioneiros seriam, agora, dominados pelos israelitas, pois os temeriam por causa do seu Deus. No dia da libertação haveria muita alegria pela vingança de Deus sobre os opressores do Seu povo, quebrando sua perversidade, e toda a terra de Israel e as nações subjugadas pelos babilônios também estariam em paz. Os governantes poderosos exultariam por causa da queda da Babilônia. Até o inferno se moveria para receber os seus mortos, em especial o seu rei, e eles zombariam dele por causa da sua arrogância que foi quebrada. A sepultura do rei babilônico seria igual à de qualquer mortal, e vermes comeriam seu cadáver.

• Is 14: 12-19: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã (*), filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte [NVI: ‘Subirei aos céus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembléia, no ponto mais elevado do monte santo’ (em Hebraico: Zafon)]; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo abismo. Os que te virem te contemplarão, hão de fitar-te e dizer-te: É este o homem que fazia estremecer a terra e tremer os reinos? Que punha o mundo como um deserto e assolava as suas cidades? Que a seus cativos não deixava ir para casa? Todos os reis das nações, sim, todos eles, jazem com honra, cada um, no seu túmulo. Mas tu és lançado fora da tua sepultura, como um renovo bastardo, coberto de mortos traspassados à espada, cujo cadáver desce à cova e é pisado de pedras”.

Aqui, o rei que prefigura Satanás é o rei da Babilônia, ao qual o profeta se referia. O rei de Babilônia é um símbolo de Lúcifer, precipitado do céu por sua arrogância (2 Pe 2: 4; Jd 6).

(*) A expressão ‘estrela da manhã’, neste texto, se referindo a Satanás, parece ter sido usada de uma forma irônica, uma vez que Jesus é a brilhante Estrela da manhã – Ap 22: 16: “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã”.

A palavra hebraica usada em Isaías 14: 12 (Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações) para ‘estrela’ é *heylel* (Strong #1966), de *halal*, que significa: ‘brilho, estrela da manhã, Lúcifer’ (aqui, no sentido de ‘brilho’, ‘estrela’, não como um nome próprio: Lúcifer).

Podemos ver também uma concordância bíblica neste texto com Ap 18: 1-8; 21 (a queda de Babilônia) e Ap 8: 10-11: “O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas uma grande estrela, ardendo como tocha. O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargosas”. Mas há uma particularidade aqui, apesar de os teólogos fazerem esta correlação com Apocalipse. De fato, a estrela cai do céu, mas não é uma estrela brilhante que chama a atenção, mas é símbolo de destruição e punição. Seu nome é Absinto, que significa ‘amargor’. Em outras palavras, a estrela neste último texto não está sendo lançada abaixo como uma punição por sua altivez e orgulho, mas é um instrumento de Deus para trazer a amargura, o fel do sofrimento sobre a iniquidade.

Is 14: 15: “Contudo serás precipitado para o reino dos mortos [Sheol = inferno], no mais profundo abismo [em hebraico: *bowr*, Strong #953, que significa: uma cova, um buraco (especialmente usado como cisterna ou prisão), cisterna, masmorra, fonte, poço, buraco, cova]” cf. Mt 11: 23; Lc 10: 15 (ARA) – ‘abismo’ é substituído nestas duas passagens por ‘inferno’ (em grego, Hades, o equivalente da palavra hebraica Seol).

• Is 14: 20-23: “Com eles não te reunirás na sepultura, porque destruíste a tua terra e mataste o teu povo; a descendência dos malignos jamais será nomeada. Preparai a matança para os filhos, por causa da maldade de seus pais, para que não se levantem, e possuam a terra, e encham o mundo de cidades. Levantar-me-ei contra eles, diz o Senhor dos Exércitos; exterminarei de Babilônia o nome e os sobreviventes, os descendentes e a posteridade, diz o Senhor. Reduzi-la-ei a possessão de ouriços (*ouriço: um mamífero comedor de insetos com pêlos espinhosos nas costas e nas laterais*) [NVI: corujas] e a lagoas de águas; varrê-la-ei com a vassoura da destruição, diz o Senhor dos Exércitos”.

O Senhor continua declarando Seu firme propósito de destruição do rei da Babilônia e de seus sobreviventes, assim como a destruição de sua terra. A descendência dos perversos não será lembrada, pois seguiram os passos da iniquidade de seus antepassados. A beleza da antiga cidade de Babilônia será perdida e esquecida pelas futuras gerações, e ela será transformada num lugar selvagem e desabitado; os únicos habitantes que permanecerão nela serão os animais selvagens.

O propósito de Deus contra a Assíria – v. 24-27.

• Is 14: 24-27 (cf. Is 10: 5-34): “Jurou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e, como determinei, assim se efetuará. Quebrantarei a Assíria na minha terra e nas minhas montanhas a pisarei, para que o seu jugo se aparte de Israel, e a sua carga se desvie dos ombros dele. Este é o desígnio que se formou concernente a toda a terra; e esta é a mão que está estendida sobre todas as nações. Porque o Senhor

dos Exércitos o determinou; quem, pois, o invalidará? A sua mão está estendida; quem, pois, a fará voltar atrás?”

Pode ser uma nova profecia, ou um retorno ao que é predito no décimo capítulo (Is 10: 5-34) sobre Senaqueribe e seu exército e a destruição dele, muito antes da destruição de Babilônia. No v. 25 a bíblia diz: “Quebrantarei a Assíria na minha terra e nas minhas montanhas a pisarei, para que o seu jugo se aparte de Israel, e a sua carga se desvie dos ombros dele”. A parte montanhosa da Judéia pode se referir às montanhas que circundavam Jerusalém, onde o Exército Assírio, sob Senaqueribe, foi destruído sem a ajuda de homens, mas pelas mãos do próprio Deus, ou se preferir, Jesus, o Anjo do Senhor (2 Rs 19: 35; Is 37: 36 – nestas duas passagens a palavra ‘anjo’ está escrita com letra maiúscula – ARA: ‘O Anjo do Senhor’, ao passo que em 2 Cr 32: 21, está escrito: ‘O Senhor enviou um anjo’, com letra minúscula).

‘Para que o seu jugo se aparte de Israel, e a sua carga se desvie dos ombros dele’ significa que o cerco de Jerusalém seria quebrado e a cidade seria livre do inimigo (cf. Is 10: 27), assim como toda a nação seria beneficiada, pois Senaqueribe não atacou mais nenhuma cidade de Israel; pelo contrário, a bíblia diz que voltou para sua terra.

Profecia contra os filisteus – v. 28-32.

• Is 14: 28-32: “No ano em que morreu o rei Acaz, foi pronunciada esta sentença: Não te alegres, tu, toda a Filístia, por estar quebrada a vara que te feria; porque da estirpe da cobra sairá uma áspide, e o seu fruto será uma serpente voadora [NVI: ‘serpente veloz’]. Os primogênitos dos pobres [NVI: ‘O mais pobre dos pobres’] serão apascentados, e os necessitados se deitarão seguros; mas farei morrer de fome a tua raiz, e serão destruídos os teus sobreviventes. Uiva, ó porta; grita, ó cidade; tu, ó Filístia toda, treme; porque do Norte vem fumaça [NVI: ‘Do norte vem um exército’], e ninguém há que se afaste das fileiras. Que se responderá, pois, aos mensageiros dos gentios? [NVI: ‘aos emissários daquela nação’] Que o Senhor fundou a Sião [NVI: ‘estabeleceu Sião’], e nela encontram refúgio os aflitos do seu povo”.

Acaz morreu em 716 AC, durante o reinado de Sargom II da Assíria (722-705 AC). A bíblia diz que no reinado de Acaz os edomitas invadiram Judá e levaram presos em cativeiro. Também os filisteus (2 Cr 28: 18) invadiram o sul de Judá e tomaram algumas aldeias, porque o Senhor humilhou Acaz, principalmente, por causa de seus pecados de idolatria (2 Cr 28: 17-19). Por sua vez, Sargom II já havia tomado Samaria e deportado os cativos (722 AC). No ano da morte de Acaz, Sargom II tomou o Egito e, em 711 AC ele saqueou Asdode, cidade da Filístia. Nesta profecia, é dada a certeza da destruição dos filisteus e do seu poder, pela fome e pela guerra. Provavelmente, Isaías está falando com Ezequias, filho e sucessor de Acaz.

‘A vara que te feria’ (feria os filisteus), muito provavelmente, se refere à Assíria, uma vez que este trecho se segue à profecia contra os Assírios, por isso, eles poderiam estar alegres com a sua queda (Is 14: 25 o profeta fala usando o tempo verbal no pretérito como se já tivesse ocorrido a queda de um governante assírio que oprimia os filisteus); ou ainda se regozijar com a morte passada e longínqua de Uzias, que havia guerreado contra eles e quase os destruído (2 Cr 26: 6-7). Por outro lado, os filisteus tinham ferido os judeus no tempo de Acaz (2 Cr 28: 18-19), que acabava de morrer, porém, Ezequias, seu filho, os venceria (2 Rs 18: 8).

Em Is 14: 29 está escrito: “Não te alegres, tu, toda a Filístia, por estar quebrada a vara que te feria; porque da estirpe [linhagem] da **cobra** [em hebraico: *nachash* (*nâchâsh*, Strong #5175): uma cobra, víbora, serpente (sibilando)] sairá uma **áspide** [em hebraico: *tsepha*, Strong #6848 – que significa: expulsar; expelir, empurrar ou forçar para fora; uma víbora (como empurrando para fora a língua, isto é, sibilando),

víbora amarela], e o seu fruto será uma **serpente voadora** [NVI, em Português: ‘serpente veloz’; Em inglês, KJV: ‘uma ardente serpente voadora’; em hebraico: *sârâph me`ophêph* [serpente ardente = *sârâph*, Strong #8314], voadora [*mouphph* ou *me`ophêph*, de *`uwph*, Strong #5774, usado para a palavra ‘voar’, significa: cobrir (com asas ou obscuridade ou penumbra); voar, voar para longe; desmaiar; brandir, fugir para longe, pôr-se, brilhar, cansado]”.

A profecia pode ser interpretada da seguinte forma: ‘a cobra’ como sendo Tiglate-Pileser III (745-727 AC), que já havia morrido, e que suprimiu muitas revoltas dos filisteus durante seu reinado; mas depois dele viria seu neto Sargom II (722-705 AC) e seu bisneto Senaqueribe (705-681 AC), que em 701 AC marchou contra a Síria, cercou Sidom, e marchou para o sul, a fim de atacar Asquelom, uma cidade dos filisteus. Sargom II seria a ‘áspide’ (em 711 AC ele saqueou Asdode, cidade da Filístia – Is 20: 1). A serpente voadora [NVI, em Português: ‘serpente veloz’] poderia se referir a Senaqueribe, pela velocidade do seu exército e pela astúcia e estratégias de guerra, além da sua fúria e violência que trazia destruição por onde passava, assim como uma terra é destruída pelo fogo.

Nós também podemos pensar da seguinte forma: neste versículo acima (Is 14: 29), ele usa palavras com o mesmo sentido para descrever o mesmo tipo de animal: cobra, áspide e serpente. Os animais, na bíblia, muitas vezes são usados para descrever reinos ou impérios. No caso da serpente, ela é um animal que se enrola sobre si mesma, rasteja pela terra em movimentos ondulantes, ao invés de caminhar de maneira retilínea. Da mesma forma é um rio sinuoso, que tem muitas curvas até desaguar no mar. Os rios Tigre e Eufrates são assim: com muitos meandros por toda a planície da Mesopotâmia até desaguar no golfo Pérsico. A bíblia freqüentemente se refere ao Eufrates como ‘serpente sinuosa’. Como Isaías fala que a cobra e a áspide são da mesma linhagem, podemos pensar em descendentes diretos de pessoas, reis, governantes, de uma mesma família e, extrapolando, da mesma região entre esses dois rios, como foi o caso dos assírios. E o trecho continua dizendo que o fruto da áspide será uma serpente voadora, o que nos leva a pensar que se trata de uma mesma genealogia. Fruto, raiz, semente e rebento são palavras comuns na bíblia para se referir a uma descendência. Portanto, Senaqueribe foi o ‘fruto’ plantado pelos governantes Assírios que o precederam. Com a violência, ganância e desejo de posse daquela área e de outras para expandir seu império, eles geraram muitas revoltas entre as nações, provocando finalmente a própria derrota. Tiglate-Pileser III tomou muitas terras e estabeleceu o Império Assírio. Seu filho e seu neto seguiram seu exemplo e fizeram de tudo para expandir seu império, como aconteceu com a tomada da Palestina, fazendo judeus e filisteus seus súditos ou escravos.

- Is 14: 30: “Os primogênitos dos pobres [NVI: ‘O mais pobre dos pobres’] serão apascentados, e os necessitados se deitarão seguros; mas farei morrer de fome a tua raiz, e serão destruídos os teus sobreviventes” – o povo judeu, levado à extrema pobreza, seria apascentado e teria provisão; seria restituído de tudo o que tinha perdido.

- Is 14: 31: “Uiva, ó porta; grita, ó cidade; tu, ó Filístia toda, treme; porque do Norte vem fumaça [NVI: ‘Do norte vem um exército’], e ninguém há que se afaste das fileiras”.

A palavra ‘porta’ é usada como sinônimo para ‘cidade’, pois a porta da cidade era não apenas um ponto de honra numa cidade fortificada, como símbolo do seu poder, mas era o local onde juízes e anciãos se assentavam; ela era o centro das atividades comerciais e jurídicas. As portas das cidades filistéias, que outrora se fechavam ao inimigo, agora se abririam para que ele entrasse e destruísse, pois o desígnio de Deus já estava determinado. O versículo continua dizendo que do Norte, ou seja, da Assíria,

viria destruição, um numeroso exército, levantando uma poeira como fumaça enquanto se movem, e vindo com grande rapidez e irritação (‘uma fumaça’). Assim era o exército Assírio sob Senaqueribe, principalmente quando veio destruindo as cidades de Judá, com o intuito de saquear Jerusalém (Is 10: 28-34) e Asquelom, uma cidade dos filisteus. Faraó do Egito um dia viria para ferir os filisteus e entrar em Gaza (Jr 47: 1), mas o Egito ficava ao Sul, não no Norte; portanto, essa profecia não dizia respeito ao Egito. Mais tarde, Nabucodonosor, vindo de Babilônia, também atacaria os filisteus, mas esta profecia diz respeito aos assírios.

- Is 14: 32: “Que se responderá, pois, aos mensageiros dos gentios? [NVI: ‘aos emissários daquela nação’] Que o Senhor fundou a Sião [NVI: ‘estabeleceu Sião’], e nela encontram refúgio os aflitos do seu povo”.

A respeito do versículo 32, nós podemos perguntar:

— O que um judeu diria ao povo de outras nações, quando eles perguntassem sobre o estado de Sião, uma vez que não apenas os filisteus, mas até os próprios judeus, estavam sendo ameaçados pelo mesmo inimigo?

A resposta seria:

— Embora Sião (Jerusalém) estivesse muito afligida naquele momento, ela estava sobre um fundamento firme, e Deus, que a fundou primeiramente, a restaurará, e seus pobres desprezados recorrerão a ela, como a um forte refúgio.

Assim, a igreja de Deus, que muitas vezes se chama Sião nas Escrituras, é Sua fundação; Ele colocou Cristo como o fundamento da mesma, e aqueles que são sensíveis à sua pobreza espiritual e miséria confiam nEle.

Capítulo 15

A Destruição de Moabe – v. 1-9

• Is 15: 1-9: “Sentença contra Moabe. Certamente, numa noite foi assolada Ar de Moabe e ela está destruída; certamente, numa noite foi assolada Quir de Moabe e ela está destruída. Sobe-se ao templo e a Dibom, aos altos [NVI: ‘a seus altares idólatras’], para chorar; nos montes Nebo e Medeba, lamenta Moabe [NVI: ‘por causa de Nebo e de Medeba Moabe pranteia’]; todas as cabeças se tornam calvas [NVI: ‘rapadas’], e toda barba é rapada. Cingem-se de panos de saco nas suas ruas; nos seus terraços e nas suas praças, andam todos uivando e choram abundantemente. Tanto Hesbom como Eleale andam gritando; até Jaza [NVI: ‘Jaz’] se ouve a sua voz; por isso, os armados de Moabe clamam; a sua alma treme dentro dele. O meu coração clama por causa de Moabe, cujos fugitivos vão até Zoar, novilha de três anos [NVI: ‘até Eglate-Selisia’]; vão chorando pela subida de Luíte e no caminho de Horonaim levantam grito de desespero; porque as águas de Ninrim desaparecem (Jr 48: 34); seca-se o pasto, acaba-se a erva, e já não há verdura alguma, pelo que o que pouparam, o que ganharam e depositaram eles mesmos levam para além das torrentes dos salgueiros; porque o pranto rodeia os limites de Moabe; até Eglaim chega o seu clamor, e ainda até Beer-Elim, o seu lamento; porque as águas de Dimom [no texto Massorético; na Septuaginta, na Vulgata e nos manuscritos do Mar Morto está escrito ‘Dibom’] estão cheias de sangue; pois ainda acrescentarei a Dimom: leões contra aqueles que escaparem de Moabe e contra os restantes da terra”.

Essa profecia de Isaías provavelmente se refere à invasão da Babilônia, se confrontarmos com a semelhança que há entre ela e a de Jeremias 48 e seguindo a profecia contra os filisteus, fazendo alusão ao seu último destruidor, que seria Nabucodonosor.

A profecia de Is 15 se refere à queda de Moabe. Moabe era o nome da terra do descendente de Ló (Gn 19: 37), de seu relacionamento incestuoso com a filha mais velha. Moabe significa ‘desejo’, ‘família de um pai’. Era irmão de Ben-Ami ou Amom, descendente do incesto de Ló com a filha mais nova e significa ‘filho de meu povo’ (Ben-Ami) e ‘artesão’ (Amom). Eram, portanto, povos aparentados com Israel. O casamento entre moabitas e judeus não era proibido pelo Senhor; apenas, os moabitas e amonitas eram proibidos de entrar no tabernáculo (Dt 23: 3-4), não propriamente pelo pecado de incesto dos seus ancestrais, e sim porque alugaram Balaão para amaldiçoar os israelitas (Nm 22: 1-6).

Geograficamente falando, Moabe é o nome histórico de uma faixa de terra montanhosa no que é atualmente a Jordânia, ao longo da margem oriental do Mar Morto. Os principais rios de Moabe mencionados na bíblia são o Arnom, o Dibom ou Dimom (‘Águas de Dimom’ – Is 15: 9) e o Ninrim (‘Águas do Ninrim’ – Is 15: 6; Jr 48: 34). Moabe era uma terra de cidades fortificadas e com muitos rios e correntes de água para regar os campos, propícios a pastos e cultivo de uvas e muitas espécies de árvores, como o bálsamo.

Por isso, Ló escolheu aquela região para morar (Gn 13: 10-12); mais especificamente numa caverna perto de Zoar, antes chamada Bela (Gn. 14: 8), na planície localizada ao longo do vale do Jordão inferior e da planície do Mar Morto. Devido às águas que descem das montanhas de Moabe, Zoar era um oásis florescente. Zoar significa ‘pequeno’. Este lugar, provavelmente, pode ser atualmente identificado como Safi (uns dizem que se chama Tell Esh-Shaghur), por detrás do qual o terreno se vai elevando pelo espaço de três ou cinco quilômetros, existindo ali muitas cavernas. Há

outra cidade mencionada nesta profecia de Isaías, chamada Horonaim (Is 15: 5), cujo nome significa, em hebraico, ‘cidade de duas cavernas’, o que vem a confirmar a afirmação anterior. Zoar era uma das cinco cidades descritas em Gn 14: 8 [Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim, Bela (Zoar – Gn 19: 20; 22)], a qual foi poupada na destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19: 23-25; 29; 30; Dt 29: 23).

Na última metade do século VIII AC Moabe foi subjugada pela Assíria (Salmaneser, Senaqueribe ou Esar-Hadom), e compelida a pagar tributo, mas depois da queda da Assíria, Moabe ficou novamente livre. Foi subjugada por Nabucodonosor e caiu sucessivamente debaixo do controle dos persas e vários grupos do norte da Arábia. Nos tempos pós-exílicos, os Moabitas continuaram a ser reconhecidos como uma raça (Ed 9: 1; Ne 13: 1; 23), i.e., a terra de Moabe continuou ser conhecida pelo seu nome bíblico por um tempo. Alexandre Janeu (103-76 AC), rei da Judéia de linhagem sacerdotal Hasmoneana, os subjugou no final do segundo século AC, anexando seu território aos de Samaria e de Iduméia, que já estavam sob o controle de Jerusalém. Mais tarde, a antiga terra de Moabe foi ocupada pelos Nabateus.



As águas de Ninrim são mencionadas em Is 15: 6 e Jr 48: 34. A seqüência de localidades que são citadas por ambos os profetas, principalmente por Jeremias, sugere que Ninrim era um lugar ao sul de Moabe, atualmente identificado como o Wadí en-Numeirah, a dezesseis quilômetros da extremidade sul do Mar Morto. Wadis são leitos

de riachos que só exibem água na estação chuvosa (árabe: wadi; hebraico, nahal). Ninrim não deve ser confundido com Nimra (Ninra – Nm 32: 3) ou Bete-Ninra (Nm 32: 36) cerca de dezesseis quilômetros ao Norte do Mar Morto. Esta última cidade era uma cidade fortificada da Transjordânia, dada à tribo de Gade por Moisés na distribuição da Terra Prometida. Ninrim (‘Nimriym’) significa ‘águas claras’, ao passo que Dibom ou Dimom (‘Diymown’) significa ‘caminho devastado’. Outros pesquisadores traduzem como ‘sangue’ (Is 15: 9).

Outra cidade importante de ser mencionada é Hesbom. Hesbom significa ‘fortaleza’. Estava localizada no território da tribo de Rúben, antes pertencente aos Amorreus, terra chamada ‘de ferro’ por ser de basalto, portanto, de cor negra e escura. As piscinas naturais deixavam a água com aparência negra e misteriosa, pois não se podia ver o que havia no fundo (Ct 7: 4). Hesbom foi a principal cidade de Seom, rei dos Amorreus (Nm 21: 26; Dt 4: 46). As suas ruínas ainda se podem ver numa colina que está na orla ocidental de uma alta planície a trinta e três quilômetros ao oriente da extremidade norte do Mar Morto, nos confins de Rúben e Gade. Foi conquistada por Moisés (Nm 21: 21-26), e cedida a Rúben (Nm 32: 27), que a mandou reedificar, sendo depois transferida a sua posse para os filhos de Merari (Uma das cidades dos levitas – Js 21: 39). Mais tarde os Moabitas (Nm 21: 26) a retomaram (Is 15: 4), e também os Amonitas (Jr 48: 2). Ainda se acham cisternas e depósitos de água nas ruínas de Hesbom. O seu nome atual é Hisban ou Hesbân, cerca de 20 km a sudoeste Amã (em árabe, ‘Ammān, na Jordânia; a cidade bíblica de Rabá).



Mais uma cidade importante mencionada pelo profeta é Medeba (meydba’ ou mêdhebhã’, ‘água de calma’). Era uma cidade situada num planalto no território de

Rúben (Js 13: 9; 16), no lado direito do ribeiro de Arnom. Inicialmente foi uma cidade Moabita, depois conquistada pelos Amorreus (Nm 21: 30), e depois para a tribo de Rúben, após Moisés ter derrotado Seom, rei dos Amorreus. Ela passou a ser uma cidade dos filhos de Amom, que se aliaram aos Siros, mas Davi a tomou (1 Cr 19: 6-15, em especial v. 7). Daí por diante parece que trocou de mão por diversas vezes. Voltou aos Moabitas, mas tornou a ser recuperada por Israel nos dias de Jeroboão II (782-753 AC). Quando Isaías escreveu a profecia, ela já tinha voltado a ser domínio dos Moabitas. A localidade atualmente chamada de Madaba (Mādabā) fica a cerca de dez quilômetros ao sul de Hesbom e trinta quilômetros a sudoeste da capital da Jordânia, Amã.

- Em Is 15: 2-3 está escrito: “Sobe-se ao templo e a Dibom [em Inglês é: ‘Ele subiu a Bajith’ – KJV; ‘ele’ pode se referir a Moabe, o rei ou o povo de Moabe; ou ‘Dibom subiu ao templo, até os lugares altos para chorar’ – NRSV], aos altos, para chorar; nos montes Nebo e Medeba, lamenta Moabe; todas as cabeças se tornam calvas, e toda barba é rapada. Cingem-se de panos de saco nas suas ruas; nos seus terraços e nas suas praças, andam todos uivando e choram abundantemente”.

A palavra hebraica Bajith, que significa ‘uma casa’, aqui se trata de uma casa de idolatria, provavelmente o templo de Quemus, o mesmo chamado Bete-Baal-Meon (Js 13: 17), ‘a casa da habitação de Baal’, e é mencionado com Dibom e Bamote-Baal. Se escrevermos esta palavra (Bajith) com letra maiúscula, pode se tratar de um lugar da Palestina. Mas como em Hebraico as letras maiúsculas ou minúsculas não fazem diferença, podemos ver pela Concordância Lexicon Strong que ‘Bajith’ (Strong #1006) é o mesmo que ‘bayith’ (Strong #1004), também escrito como ‘bah’-yith’, que significa (entre outras coisas): uma casa (na maior variação de aplicações, especialmente de família, etc.), masmorra, família, dentro (do lado de dentro), palácio, lugar, prisão, templo. Isso nos faz pensar que, provavelmente, se tratava de uma casa eminente ou templo de seus ídolos (como foi explicado acima), pois o versículo menciona a palavra ‘templo’ juntamente com a expressão ‘seus altos’. Dibom (ou Dimom) também deveria estar num monte ou num planalto onde havia altares aos deuses Moabitas, onde eles deveriam chorar e se lamentar por causa do seu infortúnio, e fazer suas súplicas com lágrimas aos seus ídolos, para que os ajudassem.

Também deveriam se lamentar em Medeba e no Monte Nebo, o mesmo que Deus pediu a Moisés para subir e, assim, ter uma visão da Terra Prometida (Dt 32: 49; Dt 34: 1). É o mais alto cume da cordilheira de Pisga, na terra de Moabe, em frente Jericó. A cidade moabita que levava o seu nome havia sido tomada pelos Amorreus, antes dos Israelitas derrotarem Seom, seu rei. Quando Moisés os derrotou, Nebo passou a ser herança da tribo de Rúben (Nm 32: 3; 38; 1 Cr 5: 8). Não se sabe como, a cidade foi recuperada pelos Moabitas – Is 15: 2; Jr 48: 1; 22. Nebo (em hebraico transliterado, ‘nbow’) era também o nome de uma divindade Babilônica, também cultuada pelos Assírios. Em Babilônico, o nome significa: ‘elevação’; deus da erudição e, por conseguinte, da escrita, da astronomia e de todas as ciências; por isso, poderia corresponder ao deus romano Mercúrio. Seu símbolo consistia de uma cunha no alto de um poste, o que significava ou a escrita cuneiforme ou algum instrumento visor empregado na astronomia. Era a principal divindade de Borsipa, cidade a onze quilômetros a sudoeste de Babilônia, mas havia um templo chamado Ezida, ‘Casa do Conhecimento’, que lhe era dedicado em cada uma das cidades maiores da Babilônia e da Assíria. O nome ‘Nebo’ (ou ‘Nabu’) forma parte das palavras Nebu-cadenezar (Nabucodonosor, em Português; Nebuchadnezzar, em Inglês; na ortografia babilônica Nabu-kudur-uzur, ‘Nebo, proteja a coroa’ ou ‘Nebo, proteja as fronteiras’, ou ‘defensor dos limites’) e Nebuzaradã (‘Nebo deu geração’). Borsipa foi completamente reedificada por Nabucodonosor.

Ainda nos versículos 2-3, Isaías fala: “... todas as cabeças se tornam calvas, e toda barba é rapada. Cingem-se de panos de saco nas suas ruas; nos seus terraços e nas suas praças, andam todos uivando e choram abundantemente”. O ato de raspar o cabelo e a barba era habitual em grandes lutos. No oriente, de modo geral, e também entre os Judeus, a barba tinha uma grande importância, pois era um sinal de civilidade, varonilidade e respeitabilidade (Sl 133: 2). Não havia maior ofensa para o homem do que deixar alguém tratá-la com indignidade. Se a mão de alguém a tocava mostrando desprezo, isso era um grande insulto (1 Cr 19: 4; 2 Sm 10: 4-5; 2 Sm 20: 9). Por outro lado, beijar a barba de alguém era uma forma de saudação e simpatia pela outra pessoa. Raspá-la ou arrancá-la era manifestação de luto e dor (2 Sm 19: 24; Ed 9: 3; Is 15: 2; Jr 41: 5; Jr 48: 37). A lei mosaica proibia cortar a barba à maneira dos Egípcios (Lv 19: 27; Lv 21: 5). Diferentemente das nações circunvizinhas, os egípcios se barbeavam, exceto o queixo, onde se permitia haver um molho de cabelos, que se conservava bem cuidado. Algumas vezes, em lugar do seu próprio cabelo, usavam barba postiça, trançada, com formas diferentes, segundo a categoria do indivíduo; da mesma forma que usavam suas perucas. Os leprosos, pela lei judaica, deveriam rapar a barba, o cabelo e as sobrancelhas no sétimo dia de sua purificação (Lv 14: 9).

No AT, o cabelo, tanto para homens quanto para mulheres, costumava ser comprido até certo comprimento (Absalão tinha cabelo comprido: 2 Sm 14: 25-26; 2 Sm 18: 9). Geralmente o cabelo não era cortado, apenas aparado, e devia ser bem tratado, pois deixá-lo sem cuidado era sinal de lamentação. O cabelo comprido era uma honra e um sinal de beleza para a mulher (Ct 4: 1b). No NT parece que o costume se inverte em relação aos homens (1 Co 11: 14), entretanto, continuou sendo uma honra para a mulher (1 Co 11: 15). Os leprosos, pela lei judaica, deveriam rapar a barba, o cabelo e as sobrancelhas no sétimo dia de sua purificação (Lv 14: 9). Quando alguém fazia voto de Nazireado, o cabelo era rapado e queimado no final do voto (Nm 6: 5; 9; 19), exceto Sansão, que por ser Nazireu vitalício não poderia cortá-lo (Jz 13: 5). A lei proibia que se cortasse o cabelo nas têmporas (Lv 19: 27; Lv 21: 5), pois esta parte da cabeça era considerada como a fonte da vida para os judeus, e só os pagãos rapavam as costeletas. Em Jr 9: 26; Jr 25: 23 e Jr 49: 32, onde está escrito ‘os que cortam os cabelos nas têmporas’ pode-se ler, em hebraico, ‘ter o cabelo barbeado (ou cortado) em ângulos’, ou seja, ter a barba na bochecha estreitada ou cortada, que era um costume cananeu, proibido aos israelitas. Jr 25: 23-24 diz respeito aos árabes, pois está escrito: “a Dedã, a Tema, a Buz e a todos os que cortam os cabelos nas têmporas; a todos os reis da Arábia e todos os reis do misto de gente que habita no deserto”, bem como em Jr 49: 31-32, pois o título da passagem bíblica é: Profecia a respeito da Arábia (significando sua invasão por Nabucodonosor): “Levantai-vos, ó babilônios, subi contra uma nação que habita em paz e confiada, diz o Senhor; que não tem portas, nem ferrolhos (*o que significa a vida nômade, ao ar livre, em tendas*); eles habitam a sós. Os seus camelos serão para presa, e a multidão dos seus gados, para despojo; espalharei a todo vento aqueles que cortam os cabelos nas têmporas e de todos os lados lhes trarei a ruína, diz o Senhor”.

Também não se podia cortar o cabelo na testa, pois era característica de certos cultos idólatras (Lv 19: 27; Lv 21: 5; Dt 14: 1). Em relação aos sacerdotes, Deus fala com Ezequiel (Ez 44: 20): “Não raparão a cabeça, nem deixarão crescer o cabelo; antes, como convém, tosquiarão a cabeça”.

Era costume ungir os cabelos de um hóspede em sinal de hospitalidade (Lc 7: 46); ou eram ungidos em ocasião de festas (Sl 45: 7).

Quanto à palavra ‘cinza’ ou ‘cinzas’ (esparramadas sobre a cabeça, como parte do pranto), em hebraico é: ‘epher (Strong #665) = ‘produto da queima’; de uma raiz não

utilizada que significa ‘espalhar’; cinzas, pó, poeira. A cinza é uma metáfora do que não tem valor (Is 44: 20) e nojento (Jó 30: 19); miséria (Sl 102: 9; Jr 6: 26); vergonha (2 Sm 13: 19); aviltamento perante Deus (Gn 18: 27; Jó 42: 6); contrição (Dn 9: 3; Mt 11: 21); purificação (Nm 19: 9; 10; 17; Hb 9: 13). Quando a bíblia fala sobre jogar ‘cinzas’ sobre a cabeça ou as vestes como sinal de luto ou arrependimento, ela não está falando necessariamente sobre as cinzas decorrentes da queima de animais (como era nos sacrifícios do templo), mas está se referindo a poeira, o pó da terra, que muitas vezes era esparramado sobre a cabeça dos arrependidos ou enlutados (cf. Ne 9: 1).

Há outra palavra hebraica usada para ‘cinza’, que é: *deshen*, e significa ‘gordura’ ou ‘cinza’ – resíduo de animais sacrificados.

O pano de saco era um tecido grosseiro [em hebraico: *saq* – Strong #8242: Uma malha (como permitindo que um líquido traspasse), isto é, um pano grosso (usado em luto e para ensacamento); portanto, um saco (para grãos, etc.): saco (roupa de cama, roupas); em grego, *sakkos* (Strong #g4526), de onde se deriva nosso vocábulo em português – Mt 11: 21; Lc 10: 13], usualmente feito de pêlo de cabras ou de pêlo do camelo e de cor negra (Ap 6: 12). A mesma palavra hebraica algumas vezes significa ‘saco’ (de se guardar dinheiro ou mantimento – Gn 42: 27), que evidentemente era feito do mesmo material. O pano de saco era um sinal de lamentação pelos mortos (Gn 37: 34; 2 Sm 3: 31; Jl 1: 8), ou de lamentação por desastre nacional ou pessoal (Jó 16: 15; Lm 2: 10 – palavra que, na nossa versão em Português, é traduzida como ‘cilício’, embora não seja exatamente a mesma coisa; Et 4: 1), ou de penitência pelos pecados (1 Rs 21: 27; Ne 9: 1; Jn 3: 5; Mt 11: 21), ou de oração especial pedindo livramento (2 Rs 19: 1; 2; Dn 9: 3). A forma do pano de saco, como símbolo da humilhação diante de Deus, era freqüentemente uma faixa ou saíote preso ao redor da cintura (1 Rs 20: 31; 32; Is 3: 24 – traduzido como cilício; Is 20: 2; Ez 27: 31). Era usualmente usado pegado à pele (2 Rs 6: 30; Jó 16: 15), e às vezes era usado durante uma noite inteira (1 Rs 21: 27; Jl 1: 13). Em certo caso substituiu um manto presumivelmente por cima de outras roupas (Jn 3: 6). Algumas vezes o pano de saco era estendido no chão para deitar-se em cima (2 Sm 21: 10; Is 58: 5). Os pastores da Palestina usavam pano de saco por ser barato e durável. Algumas vezes os profetas usavam-no como símbolo do arrependimento que pregavam (Is 20: 2; Ap 11: 3). Conforme Jn 3: 8, até mesmo os animais eram vestidos em pano de saco como sinal de súplica nacional. O uso de pano de saco como lamentação e penitência era praticado não somente em Israel, mas também em Damasco (1 Rs 20: 31), em Moabe (Is 15: 3), em Amom (Jr 49: 3 – traduzido como cilício), em Tiro (Ez 27: 31) e em Nínive (Jn 3: 5). A NVI costuma traduzir ‘pano de saco’ por ‘vestes de lamento’. O ‘cilício’ se trata de uma peça de penitência medieval.

Em Is 15: 4-6 nós podemos ler: “Tanto Hesbom como Eleale andam gritando; até Jaza [NVI: ‘Jaaz’] se ouve a sua voz; por isso, os armados de Moabe clamam; a sua alma treme dentro dele. O meu coração clama por causa de Moabe, cujos fugitivos vão até Zoar, novilha de três anos [NVI: ‘até Eglate-Selisia’]; vão chorando pela subida de Luíte e no caminho de Horonaim levantam grito de desespero; porque as águas de Ninrim desaparecem; seca-se o pasto, acaba-se a erva, e já não há verdura alguma” (ARA). Nesta profecia de Isaías, clamores de angústia sobem das cidades de Moabe, e as águas de Ninrim desaparecem. As águas de Ninrim desaparecem ou secam por uma grande seca que virá sobre a terra nesse momento ou serão misturadas com o sangue dos mortos ou, ainda, por ação do exército inimigo com os seus cavalos pisando-as com as patas, e sujando-as. Quanto à expressão ‘novilha de três anos’, pode ser lida: ‘... cujos fugitivos vão até Zoar, [como uma] novilha de três anos’. Na NVI (Is 15: 5) está escrito:

“O meu coração clama por causa de Moabe! Os seus fugitivos vão até Zoar, até Eglate-Selisia. Sobem pelo caminho de Luíte, caminhando e chorando. Pela estrada de Horonaim levantam clamor em face da destruição”. A mesma profecia é escrita em Jr 48: 34 como: “O grito de Hesbom é ouvido em Eleale e Jaaz, desde Zoar até Horonaim e Eglate-Selisia, pois até as águas do Ninrim secaram” (NVI), ou “Ouve-se o grito de Hesbom até Eleale e Jasa, e de Zoar se dão gritos até Horonaim e Eglate-Selisia; porque até as águas do Ninrim se tornam em assolação” (ARA). Assim, entende-se que ‘Eglate-Selisia’, traduzida como ‘novilha de três anos’, é o nome próprio de um lugar. Em Hebraico transliterado, a palavra para ‘novilha’ é Eglah (‘eglah). Salisa (shliyshiyy – Strong #7992) significa: a terça parte, o que confirma a afirmação de alguns estudiosos judeus sobre haver mais duas cidades com o nome de Selisia ou Salisa; por isso, a tradução ‘novilha de três anos’, pois essa era uma das três cidades com este nome. Sua localização é desconhecida.

Eleale (em Hebraico, ‘el‘āleh, ‘Deus é exaltado’), pertenceu à tribo de Rúben (Nm 32: 37) e mais tarde foi tomada pelos moabitas (Is 15: 4; Is 16: 9; Jr 48: 34). Atualmente, corresponde a uma pequena cidade da Jordânia chamada el-‘Al, localizada a um quilômetro e meio ao norte de Hesbom. Quanto a Luíte, Eglaim e Beer-Elm, sua localização é desconhecida. Eglaim (‘eghlayim, Is 15: 8) é uma aldeia em Moabe, diferentemente de En-Eglaim (‘ên-‘eghlayim, ‘fonte das duas novilhas’ ou ‘fonte dos dois bezerros’), mencionada em Ez 47: 10.

Resumindo Is 15: 1-9: o clamor dos angustiados de Moabe está em toda a parte, passando por todas as suas cidades, por causa dos seus rios e da fertilidade da sua terra, que deixarão de existir após a invasão Babilônica. Eles se cingirão de panos de saco e manifestarão abertamente o seu pranto.

Capítulo 16

Os Moabitas são exortados a pagar o devido tributo ao governante de Judá; e os Judeus são exortados a acolher os desterrados de Moabe – v. 1-5.

- Is 16: 1-5: “Enviai cordeiros ao dominador [NVI: ‘ao governante’] da terra, desde Sela [NVI: ‘Selá’], pelo deserto, até ao monte da filha de Sião. Como pássaro espantado, lançado fora do ninho, assim são as filhas de Moabe nos vaus do Arnom [NVI: ‘lugares de passagem do Arnom’], que dizem: Dá conselhos, executa o juízo [NVI: ‘Dá conselhos e propõe uma decisão’] e faz a tua sombra no pino do meio-dia como a noite; esconde os desterrados e não descubras os fugitivos. Habitem entre ti os desterrados de Moabe, serve-lhes de esconderijo contra o destruidor. Quando o homem violento [NVI: ‘opressor’] tiver fim, a destruição for desfeita e o opressor deixar a terra, então, um trono se firmará em benignidade, e sobre ele no tabernáculo de Davi se assentará com fidelidade um que julgue, busque o juízo e não tarde em fazer justiça”.

- Is 16: 1: “Enviai cordeiros ao dominador da terra, desde Sela, pelo deserto, até ao monte da filha de Sião. Como pássaro espantado, lançado fora do ninho, assim são as filhas de Moabe nos vaus do Arnom, que dizem”.

Isaías usa a palavra ‘dominador’ da terra (ARA), ou ‘governante’ da terra (NVI). Ele fala para os Moabitas como evitar o desastre que virá sobre sua terra: pagar o tributo que era devido ao governante de Israel da linhagem de Davi, como havia sido combinado quando Moabe esteve sob domínio de Davi e lhe pagava tributo (2 Sm 8: 2). Depois, os reis de Moabe começaram a pagar seu tributo aos reis de Israel com cem mil cordeiros e a lã de cem mil carneiros até a morte de Acabe (2 Rs 3: 4-5, por volta de 853 AC), quando Mesa, rei dos Moabitas, se rebelou e deixou de pagar o tributo. O profeta lhes diz agora, que eles deveriam voltar a pagar este tributo ao rei Ezequias; e deveriam pagá-lo de todas as partes do país, desde Sela ou Selá (em Edom) até o templo sobre o Monte de Sião, a cidade de Davi. Podemos interpretar isso de uma maneira figurada onde ‘o dominador da terra’ ou ‘governante da terra’ seria a figura de Deus. Assim como aconteceu com a pregação de Jonas em Nínive quarenta dias antes de ser destruída, mas se arrependeu e o Senhor usou de misericórdia para com ela, os Moabitas estavam tendo uma chance de arrependimento e oportunidade de fazer a paz com o Deus de Israel por meio de sacrifícios a Ele no Monte Sião. Talvez sua destruição pudesse ser evitada, mesmo tendo Deus decretado um tempo para isso (Is 16: 14).

- Is 16: 1: “Enviai cordeiros ao dominador da terra, desde Sela, pelo deserto, até ao monte da filha de Sião” – Sela ou Selá ou Cela’ (Strong #5554) era a principal cidade do reino de Edom, e cujo significado é ‘rocha’ ou ‘penedo’. Pode ser identificada com o grande planalto rochoso Umm el-Biyara, que se eleva trezentos metros acima do nível das ruínas de Petra (tradução grega da palavra edomita ‘Sela’) e a mais de mil e cem metros acima do nível do mar. Sela ou Selá era o local de um povoado edomita desde a idade do ferro I (1200-970 AC) e que ainda existia na idade do ferro II (970-580 AC). Ele ficava perto do Monte Hor, onde Arão morreu. Permaneceu sob domínio de Edom até a época do domínio Persa (Dinastia Aquemênida). Sela (em edomita), originalmente conhecida pelos nabateus como Raqmu, é chamada de Pétra (πέτρα) pelos gregos, ou Petra, pelos latinos. Em Árabe é chamada Al-Bitrā ou Al-Batrā. Hoje, é uma cidade arqueológica ao sul da Jordânia.

Durante o século VI AC, Sela era uma importante rota comercial entre a Península Arábica e Damasco. O povoado foi conquistado pelos nabateus, uma das tribos árabes, em 312 AC, o que obrigou os edomitas a se mudarem para o sul da Palestina, região que passou a ser chamada Iduméia, nome derivado dos edomitas ou idumeus. Depois Petra

passou para domínio romano; e em 106 DC Trajano a colocou sob controle direto de Roma, ao invés do controle de Nabatéia, quando a cidade passou a ser a capital da região conhecida como Arabia Petrea ou Arabia Petraea ou a Província Romana da Arábia, ou simplesmente, Arábia. A cidade sofreu um grande terremoto (363 DC), e quase foi destruída. Em 551 DC sofreu outro terremoto, mais intenso que o primeiro, e quase foi destruída por completo. A mudança nas rotas comerciais diminuiu o interesse comercial pela cidade, além do terremoto que ela tinha sofrido, sendo que ela não conseguiu mais se recuperar. Hoje, suas ruínas são consideradas pela UNESCO como parte do Patrimônio da Humanidade. Ela é conhecida como a Cidade Rosa devido à cor das pedras do local.

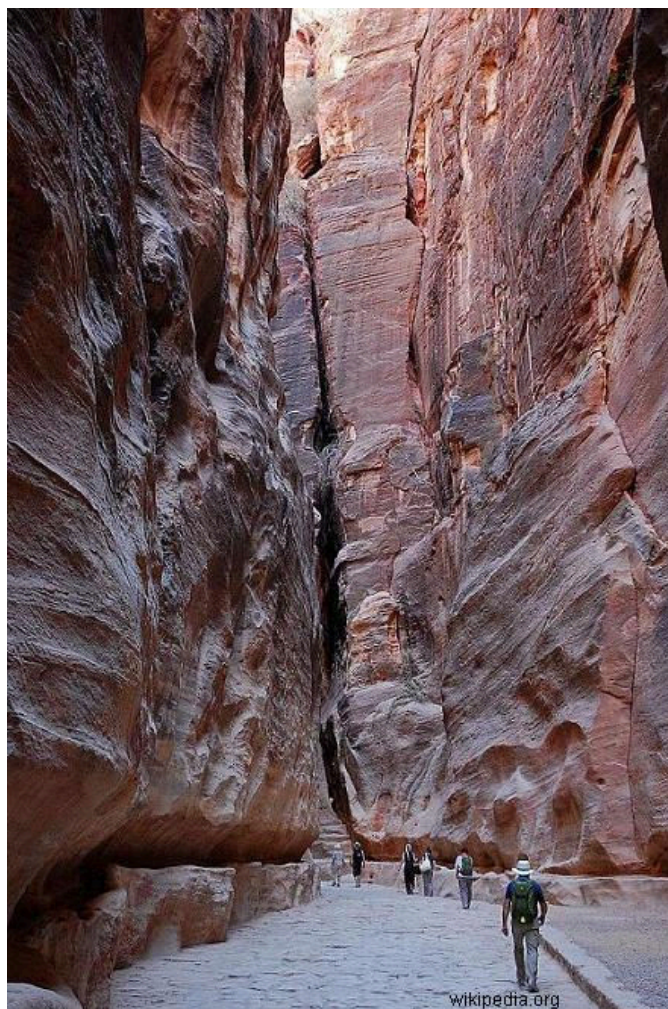


Monte Seir (Edom) e Sela (Selá ou Petra)

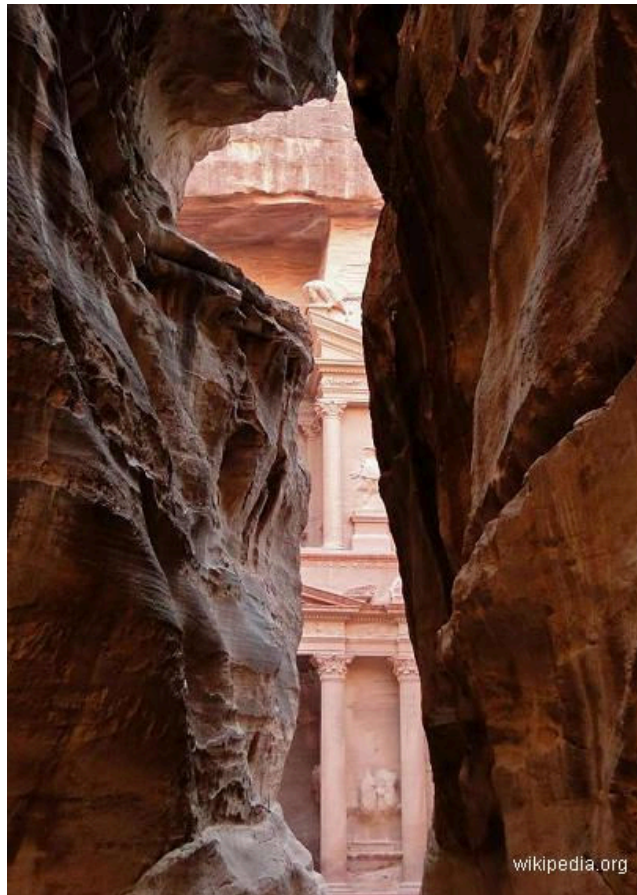


Vista geral de Petra

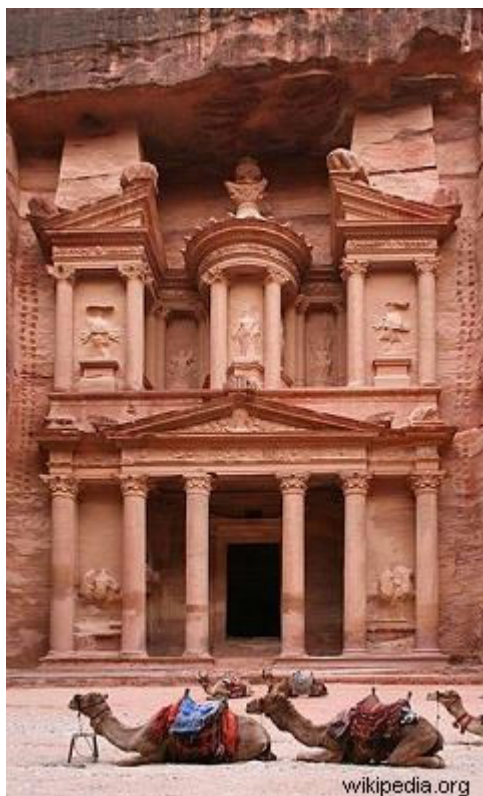
O Siq (al-Sīq) – literalmente ‘o eixo’, também conhecido como Siiq ou Siqit, é a entrada principal de Petra; um desfiladeiro escuro e estreito (em alguns pontos não tem mais de 3 metros de largura) com 1,2 km de extensão, e que termina na ruína mais elaborada de Petra, Al Khazneh (‘O Tesouro’). O Siq foi usado como entrada para a grande caravana em Petra.



Siq (al-Sīq)



O fim do Siq, com sua visão de Al Khazneh ('O Tesouro')



'O Tesouro' (Al Khazneh) é um dos templos da cidade; na verdade, uma tumba escavada na face do penhasco e cuja fachada com pilares foi reconstruída segundo os padrões gregos.



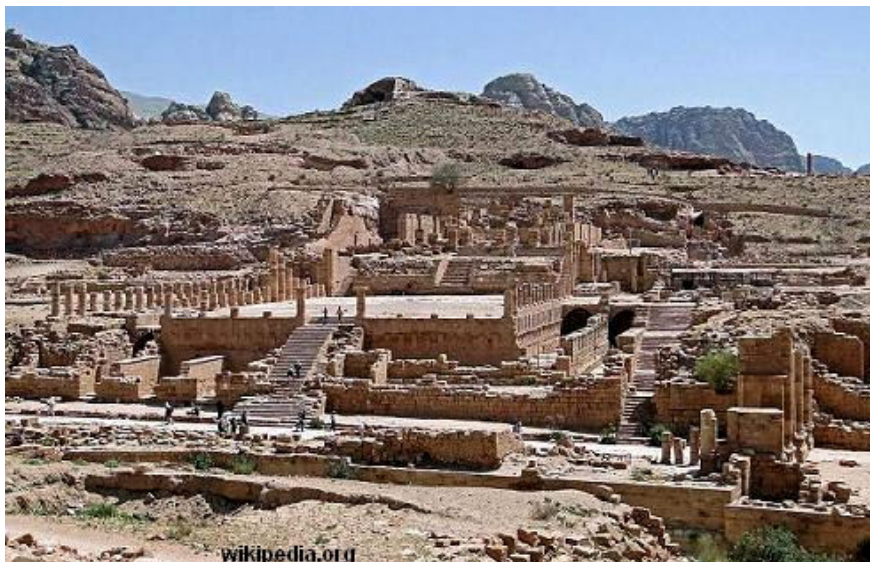
O Templo do jardim



Anfiteatro de Petra



Al Deir ('O Monastério')



O grande templo de Petra



Antigas colunas do grande templo

A quinze quilômetros ao norte de Petra, na província de Ma'ân na Jordânia, existe outro sítio arqueológico nabateu construído por volta do século I DC, chamado Pequena Petra (em árabe: al-batrā aṢ-Ṣaġīra), também conhecido como Siq al-Barid (ou Siiq al-bariid, em árabe, literalmente 'o desfiladeiro frio').

Seu nome, 'o desfiladeiro frio', vem da sua orientação geográfica e de suas paredes altas, que impedem a entrada da maior parte da luz solar. O desfiladeiro estreito é semelhante ao que conduz à cidade de Petra, porém de menor extensão (450 metros); no final dele aparece a fachada de uma tumba monumental e um grande número de cômodos escavados nas rochas. Chama-se 'Pequena Petra' pelas suas semelhanças com o local maior ao sul. As construções são esculpidas nas paredes dos desfiladeiros de arenito.

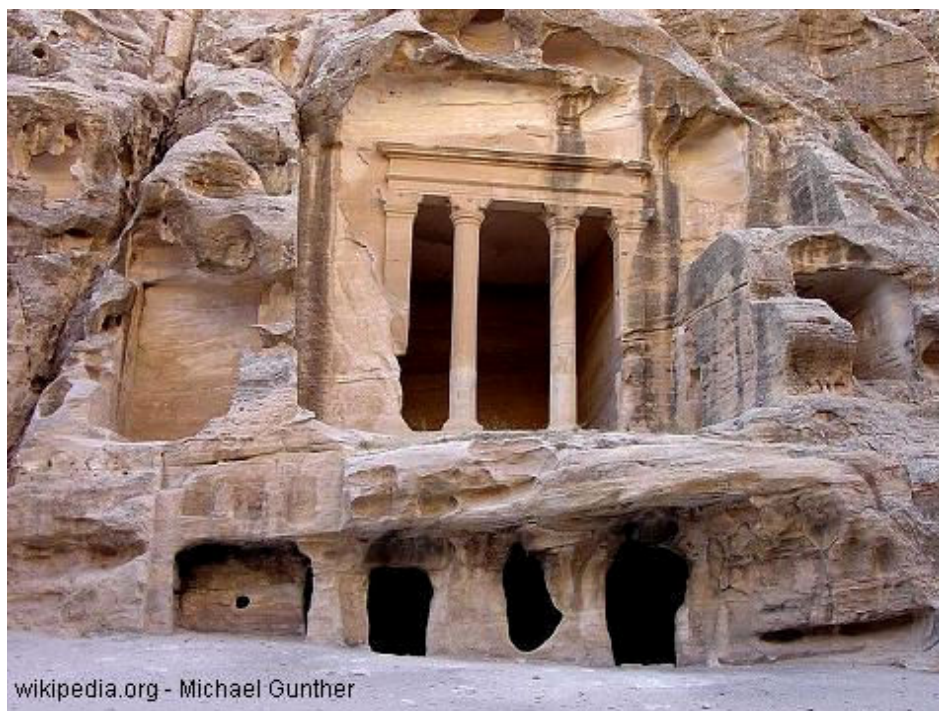


Rota da seda

Os arqueólogos acreditam que todo o complexo era um subúrbio de Petra, que abrigava os comerciantes visitantes da Rota da Seda, uma antiga rede de rotas de comércio, terrestres e marítimas, conectando a Ásia com a África, o Oriente Médio e o sul da Europa, se estendendo do Japão, da China e da Coreia até o Mar Mediterrâneo.

Chama-se Rota da Seda por causa do comércio lucrativo de seda, entre outros produtos. Junto com a aldeia vizinha, Beidha, a Pequena Petra foi escavada no final do século 20 por arqueólogos britânicos.

Uma das construções mais famosas em Siq al-Barid (Pequena Petra) é um templo de colunatas de estilo clássico esculpido em um penhasco e sustentado por duas colunas. Dentro dela não há nenhuma decoração nem escultura. Abaixo da câmara existe uma espécie de caverna com três recintos, e num deles há prateleiras embutidas nas paredes. É provável que a câmara na parte de cima fosse uma espécie de capela para culto, e a casa na parte de baixo servia de habitação para os que ministravam os rituais.



Templo de Siq al-Barid

Os versículos bíblicos que se referem à cidade de Sela (Strong #5554) são:

- 2 Rs 14: 7 – Strong #5554 – Cela', Sela, a cidade rochosa da Iduméia (Sela ou Petra) – tomada por Amazias, rei de Judá, quando feriu os edomitas no vale do Sal. Ele mudou o nome da cidade para Jocteel.

- Is 16: 1 – Strong #5554 – Cela', Sela, a cidade rochosa da Iduméia (Sela ou Petra) – quando Isaías fala aos edomitas para enviar tributo a Sião.

Outros versículos bíblicos, onde a palavra Sela ou Selá é mencionada, são:

- Is 42: 11, onde está escrito 'rochas' – ARA;
- Jz 1: 36, onde está escrita a palavra 'Sela' como o limite dos amorreus – ARA;
- 2 Cr 25: 12, onde está escrito 'penhasco' – ARA;
- Ob 3 ('os que habitam nas fendas das rochas') – ARA.

Nestes versículos acima, a palavra hebraica é Sela' ou has-sela' ou Cela' (Strong #5553), com o simples significado de 'rocha ou penedo, pedra, pedregoso', ou seja, qualquer lugar rochoso; uma rocha escarpada; rocha áspera, forte, fortaleza (lugar de defesa).

Os Moabitas pareciam pássaros lançados fora do seu ninho, e que pediam conselhos e refúgio a Israel, pois a versão ARA diz: "Como pássaro espantado, lançado fora do

ninho, assim são as filhas de Moabe nos vaus do Arnom, que dizem: Dá conselhos, executa o juízo e faz a tua sombra no pino do meio-dia como a noite; esconde os desterrados e não descubras os fugitivos. Habitem entre ti os desterrados de Moabe, serve-lhes de esconderijo contra o destruidor” (Is 16: 2-4a).

Na NVI está escrito: “Como aves perdidas, lançadas fora do ninho, assim são os habitantes de Moabe nos lugares de passagem do Arnom. ‘Dá conselhos (NVI, em inglês: ‘Dê-nos conselho’) e propõe uma decisão. Torna a tua sombra como a noite em pleno meio-dia e esconde os fugitivos; não deixes ninguém saber onde estão os refugiados. Que os fugitivos moabitas habitem contigo; sê para eles abrigo contra o destruidor” (Is 16: 2-4a).

O profeta expressa aqui os pensamentos e os pedidos de socorro das cidades (‘filhas’ – pode-se entender como ‘cidades’, além de dizer respeito às mulheres) de Moabe.

Nos versículos 4b e 5, ele diz: “Quando o homem violento tiver fim, a destruição for desfeita e o opressor deixar a terra, então, um trono se firmará em benignidade, e sobre ele no tabernáculo de Davi se assentará com fidelidade um que julgue, busque o juízo e não tarde em fazer justiça” (ARA).

“O opressor há de ter fim, a destruição se acabará e o agressor desaparecerá da terra. Então, em amor será firmado um trono; em fidelidade um homem se assentará nele na tenda de Davi: um Juiz que busca a justiça e se apressa em defender o que é justo” (NVI).

“Um trono que se estabelecerá em bondade e misericórdia” pode se referir a Ezequias e seu governo sobre Judá, após a retirada de Senaqueribe. Se levarmos essa interpretação para o campo espiritual, podemos perceber que Ezequias prefigura Cristo, o Messias, cujo reino terá estabilidade eterna. Ele julgará corretamente e fará juízo contra os inimigos do Seu povo. Jesus, da descendência de Davi, levantará o seu tabernáculo caído, pois Ele é o verdadeiro Tabernáculo de Deus com os homens, apascentando judeus e gentios (Am 9: 11). Portanto, o versículo 5 é uma profecia Messiânica.

Os Moabitas são ameaçados por seu orgulho e arrogância – v. 6-8.

• Is 16: 6-8: “Temos ouvido da soberba de Moabe, soberbo em extremo; da sua arrogância, do seu orgulho e do seu furor; a sua jactância é vã. Portanto, uivará Moabe, cada um por Moabe; gemereis profundamente abatidos pelas pastas de uvas de Quir-Haresete [NVI: ‘bolos de passas de Quir-Haresete’]. Porque os campos de Hesbom estão murchos; os senhores das nações [NVI: ‘governantes das nações’] talaram os melhores ramos da vinha de Sibma, que se estenderam até Jazer e se perderam no deserto, sarmentos que se estenderam e passaram além do mar [NVI: ‘Seus brotos espalhavam-se e chegavam ao mar’]”.

O profeta fala da arrogância e soberba de Moabe; por isso, são ameaçados de destruição. A expressão ‘pastas de uva’ (ARA) ou ‘bolos de passas’ de Quir-Haresete é um jogo de palavras no original em Hebraico para designar os homens de Quir-Haresete – Jr. 48: 36: ‘Os habitantes de Quir-Heres’ ou ‘Os homens de Quir-Heres’. Na KJV, essas duas expressões são substituídas pela palavra ‘fundações’ ou ‘fundamentos’. A Concordância de Strong (#808) escreve: ‘ashiysh, que significa uma fundação (no sentido de pressionar firme para baixo) ou uma fundação arruinada; derivada da raiz: ‘ashuwyah (Strong #803), participio passado do verbo ‘fundar’, ou ‘fundação’. Quir-Haresete (hebraico: qīr harʿset) se refere à Quir de Moabe, também chamada Quir-Heres, uma cidade fortificada ao sul de Moabe. Seu nome em hebraico, qīr harʿset (Qiyir Cheres ou Qiyir Chareseth – Strong #7025) significa ‘Muro de cacos’ ou ‘fortaleza de

barro', o que corrobora a definição de Strong (#808), uma fundação arruinada, que poderia se referir aos homens de Moabe como 'pastas de uva', algo amassado, pisado.

Ainda no versículo 8 ('os senhores das nações [NVI: 'governantes'] talaram os melhores ramos da vinha de Sibma') é usada a palavra 'senhores' ou 'governantes' das nações, se referindo tanto a Caldeus quanto a Assírios, os grandes governantes das nações orientais que viriam para destruir Moabe, cada um no devido tempo: 'os melhores ramos da vinha', que não só diz respeito a frutas, mas também às pessoas mais nobres. Elas fugiram para salvar suas vidas ('se perderam no deserto'), tentando até sair de seu país ('mar', o Mar Morto, fronteira oeste de Moabe). Sibma foi uma cidade dos amorreus dada à tribo de Rúben por Moisés (Sibmâ ou Sebã, pois seu nome provavelmente foi alterado quando foi reconstruída – Nm 32: 3; 38; Js 13: 19; 21). Pelo tempo de Isaías ou Jeremias, ela havia voltado às mãos dos moabitas (Is 16: 8-9; Jr 48: 32). Originalmente era terra própria para criação de gado (Nm 32: 4), mas tornou-se famosa por seus vinhedos e frutas de verão. Ela estava situada a cinco quilômetros a oeste-sudoeste de Hesbom.

O profeta os apóia, e chora por eles – v. 9-11.

• Is 16: 9-11: “Pelo que prantearei, com o pranto de Jazer, a vinha de Sibma; regar-te-ei com as minhas lágrimas, ó Hesbom, ó Eleale; pois, sobre os teus frutos de verão e sobre a tua vindima, caiu já dos inimigos o eia, como o de pisadores. Fugiu a alegria e o regozijo do pomar; nas vinhas já não se canta, nem há júbilo algum; já não se pisarão as uvas nos lagares. Eu fiz cessar o eia dos pisadores. Pelo que por Moabe vibra como harpa o meu íntimo, e o meu coração, por Quir-Heres”.

O profeta sofre e chora por eles, pois vê que o alegre canto dos que pisam as uvas vai desaparecer.

O julgamento de Deus, apesar das súplicas dos Moabitas aos seus deuses – v. 12-14.

• Is 16: 12-14: “Ver-se-á como Moabe se cansa nos altos, como entra no santuário a orar e nada alcança [NVI: 'Quando Moabe se apresentar cansado nos lugares altos e for ao seu santuário, nada conseguirá']. Esta é a palavra que o Senhor há muito pronunciou contra Moabe. Agora, porém, o Senhor fala e diz: Dentro de três anos, tais como os de jornaleiros, será envilecida a glória de Moabe, com toda a sua grande multidão; e o restante será pouco, pequeno e débil [NVI: 'os seus sobreviventes serão poucos e fracos']”.

Já que Moabe não se arrependeu diante do Senhor e continuou com súplicas vãs aos seus deuses, Deus, então, realizará o Seu julgamento. Aqui são previstos três anos, ou seja, Moabe ficará sabendo que sua ruína está próxima. A bíblia escreve: “Agora, porém, o Senhor fala e diz: Dentro de três anos, tais como os de jornaleiros [sinônimo de 'trabalhadores'], será envilecida a glória de Moabe, com toda a sua grande multidão; e o restante será pouco, pequeno e débil” (Is 16: 14).

'Dentro de três anos, tais como os de jornaleiros', na NVI é: 'Dentro de três anos, e nem um dia a mais', o que no original em hebraico é: 'Como os anos de um contrato de trabalho'. A versão inglesa de King James escreve: 'como os anos de um mercenário'.

Mercenário é uma pessoa que trabalha meramente por pagamento, especialmente por um salário pago para fazer algo desagradável. Em hebraico é usada a palavra *sakiyr* (Strong #7916), que significa: um homem com salário por dia ou ano: assalariado, contratado (homem, empregado), mercenário. Isso quer dizer que dentro de três anos precisamente contados, pois os mercenários são muito pontuais na observação do tempo para o qual eles são contratados, a força e a riqueza e outras coisas nas quais Moabe se

gloriava, tornar-se-iam desprezíveis para aqueles que antes os admiravam, assim como o seu grande povo, do qual os Moabitas se gabavam. O remanescente seria pequeno e fraco: ‘o restante será pouco, pequeno e débil’ (Is 16: 14).

Neste ponto do estudo parece haver uma distinção entre a profecia do capítulo 15, que se referia à invasão Babilônica, e esta do capítulo 16, que mais parece estar relacionada aos Assírios como algo mais próximo do tempo em que ela foi profetizada por Isaías. Não é possível dizer com certeza de que rei Assírio o profeta estava falando (Salmaneser, Senaqueribe ou Esar-Hadom), mesmo porque não está claro qual o rei de Judá estava no governo quando a profecia foi liberada (Se foi no ano em que o rei Acaz morreu – Isaías 14: 28; ou se no 1º ano, no 4º ou no 11º ano de Ezequias).

Capítulo 17

Damasco e o restante da Síria; Samaria e suas cidades serão arruinadas pelos Assírios. Moabe também sofrerá – v. 1-5.

• Is 17: 1-5: “Sentença contra Damasco. Eis que Damasco deixará de ser cidade e será um montão de ruínas. As cidades de Aroer serão abandonadas; não de ser para os rebanhos, que aí se deitarão sem haver quem os espante. A fortaleza de Efraim desaparecerá, como também o reino de Damasco e o restante da Síria [NVI: ‘Arã’]; serão como a glória dos filhos de Israel, diz o Senhor dos Exércitos. Naquele dia, a glória de Jacó será apoucada [NVI: ‘se definhará’], e a gordura da sua carne desaparecerá [NVI: ‘a gordura do seu corpo se consumirá’]. Será, quando o segador ajunta a cana do trigo e com o braço sega as espigas, como quem colhe espigas, como quem colhe espigas no vale dos Refains [NVI: ‘vale de Refaim’]”.

Esta profecia foi entregue ainda no reinado de Acáz. Como o livro de Isaías nem sempre segue uma seqüência temporal na narrativa, cogita-se que os 65 anos da profecia mencionada em Is 7: 8 correspondem ao mesmo trecho escrito em Is 17: 1-3 e às profecias anteriores de Am 1: 1; 3-5.

Tanto a cidade de Damasco como o reino da Síria (Is 17: 3) e Samaria (‘a fortaleza de Efraim’) seriam arruinados. Isto foi cumprido pelos reis da Assíria: Tiglate-Pileser III (745-727 AC – 2 Rs 15: 29) quando capturou Damasco em 732 AC, Salmaneser V (727-722 AC – 2 Rs 17: 5-6; 2 Rs 18: 9), que sitiou Samaria por três anos, e Sargom II (722-705 AC) que a capturou definitivamente em 722 AC (2 Rs 18: 9-11).

Essa destruição seria como uma colheita de trigo: o segador põe de pé um feixe com muitas espigas, e depois com o outro braço ele as ceifa num só golpe. Assim deveria ser com o povo de Israel: eles eram como um campo de trigo, com beleza e glória, plantados num lugar fértil. Então, como um segador, os Assírios viriam e os ceifaria; um feixe tão grosso como eles também eram numerosos.

Arameus é um nome comum para sírios e assírios, pois se refere à região de Arã, na bíblia.

A bíblia fala (Is 17: 5) do ‘Vale dos Refains’ (ARA), ou ‘Vale de Refaim’ (NVI). Refains (repha’im – Dt 2: 20) foram povos mencionados juntamente com os zuzins e emins no tempo de Abraão (Gn 14: 5), assim como os habitantes da Terra Prometida no tempo da conquista por Moisés e Josué. Os Amonitas os chamavam de zanzumins (Dt 2: 20-21), e os Moabitas que os sucederam os chamavam de ‘emins’ (Dt 2: 11). Os Refains, assim como os Enaquins eram gigantes (Dt 2: 21; Js 12: 4; Js 13: 12; Js 15: 8; Js 17: 15; Js 18: 16; 2 Sm 5: 18; 2 Sm 5: 22; 2 Sm 23: 13; 1 Cr 11: 15; 1 Cr 14: 9; 1 Cr 20: 4; 6; 8, onde está escrita a palavra ‘gigantes’). Em muitos textos acima, a bíblia escreve ‘Vale dos Gigantes’ no lugar de ‘Vale dos Refains’, dependendo da tradução (Nova Tradução na Linguagem de Hoje, por exemplo). O Vale dos Refains era um vale abundante e fértil perto de Jerusalém, onde Davi teve muitas vitórias contra os filisteus. Ali as espigas de trigo eram muito grandes e pesadas, e era tão grande o cuidado que se tomava na colheita que nenhuma se perdia. Isso seria similar ao que aconteceria com a retirada do povo de Israel em grande número pelos reis Assírios, ou a captura dos que tinham conseguido fugir.

Aroer é um lugar na Transjordânia, na margem norte do rio Arnom, de frente para uma profunda garganta, sendo a moderna ‘Ara’ir, a vinte e três quilômetros a leste do Mar Morto (Dt 2: 36; Dt 3: 12; Dt 4: 48; Js 12: 2). Aroer foi dada por Moisés à tribo de Gade e Rúben (Nm 32: 33-34; Js 13: 9; Js 13: 16), mas aparentemente foi reconquistada por Jefté das mãos dos amonitas (Jz 11: 26; 33), que a haviam tomado das mãos dos

israelitas. Desde o tempo de Davi, Moabe e Edom eram submissos a Israel. Por volta de 853 AC, Mesa (séc. IX AC), rei de Moabe, edificou Aroer, após a morte de Acabe, quando se revoltou e deixou de pagar tributo a Israel. No tempo de Jeú (841-814 AC), Hazael (843-796 AC) de Damasco, conquistou essa região (2 Rs 10: 32-33) e a cidade de Gate, na Filístia (2 Rs 12: 17). O sucessor de Hazael, Ben-Hadade III (796-770 AC), muito provavelmente, a perdeu de novo para Israel no tempo de Jeroboão II (782-753 AC), pois a bíblia diz que este reconquistou Damasco e Hamate (2 Rs 14: 28) e, conseqüentemente, Moabe reconquistou sua independência, quando, então, Aroer passou a ser local moabita até o tempo de Jeremias (Jr 48: 18-20). Nesta profecia de Isaías (Is 17: 1-3), Aroer estava nas mãos de Moabe. Aroer em Hebraico ('Arow'er ou 'Aro'er – Strong #6177) significa 'nudez da situação'.

Um remanescente se arrependerá e se voltará para Deus – v. 6-8.

- Is 17: 6-8: “Mas ainda ficarão alguns rabiscos [NVI: ‘espigas’], como no sacudir da oliveira; duas ou três azeitonas na ponta do ramo mais alto, e quatro ou cinco nos ramos mais exteriores de uma árvore frutífera, diz o Senhor, Deus de Israel. Naquele dia, olhará o homem para o seu Criador, e os seus olhos atentarão para o Santo de Israel. E não olhará para os altares, obra das suas mãos, nem atendará para o que fizeram seus dedos, nem para os postes-ídolos, nem para os altares do incenso”.

O profeta diz que apesar da destruição de Samaria pelos assírios, haverá um remanescente de Israel (de Efraim) que abandonará seus ídolos e se voltará para o Senhor. Os Samaritanos, ou seja, os israelitas do reino do norte haviam se esquecido do Seu Deus e O trocaram por imagens de escultura e os ídolos sírios (os postes-ídolos a Aserá, a consorte de Baal).

Os idólatras serão punidos por sua impiedade – v. 9-11.

- Is 17: 9-11: “Naquele dia, serão as suas cidades fortes como os lugares abandonados no bosque ou sobre o cimo das montanhas, os quais outrora foram abandonados ante os filhos de Israel, e haverá assolação [NVI: ‘Naquele dia, as suas cidades fortes, que tinham sido abandonadas por causa dos israelitas, serão como lugares entregues aos bosques e ao mato. E tudo será desolação’]; porquanto te esqueceste do Deus da tua salvação e não te lembraste da Rocha da tua fortaleza. Ainda que faças plantações formosas e plantas mudas de fora, e, no dia em que as plantares, as fizeres crescer, e na manhã seguinte as fizeres florescer, ainda assim a colheita voará no dia da tribulação e das dores incuráveis”.

O Senhor está falando das cidades de Samaria, que no passado pertenceram aos amorreus, antes de serem tomadas pelos israelitas e dadas a Rúben, Gade e meia tribo de Manassés, e que Damasco também tomou, seriam agora assoladas e abandonadas.

A desgraça também atingirá os inimigos de Israel – v. 12-14.

- Is 17: 12-14: “Ai do bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares, e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas! Rugirão as nações, como rugem as muitas águas, mas Deus as repreenderá, e fugirão para longe; serão afugentadas como a palha dos montes diante do vento e como pó levado pelo tufão. Ao anoitecer, eis que há pavor, e, antes que amanheça o dia, já não existem. Este é o quinhão [NVI: ‘destino’] daqueles que nos despojam e a sorte daqueles que nos saqueiam”.

Os assírios, que saqueariam Israel, também seriam punidos por Deus. Eles, que pareciam muito fortes e aterrorizantes, fugirão como palha soprada pelo vento do

Senhor no dia da Sua ira. E isso virá a ser tão rápido, da noite para o dia, que eles mal perceberão.

Capítulo 18

Profecia sobre a destruição dos Etíopes – v. 1-6.

• Is 18: 1-6: “Ai da terra onde há o roçar de muitas asas de insetos (*no original: ‘gafanhotos’*), que está além dos rios da Etiópia; que envia embaixadores por mar em navios de papiro sobre as águas, dizendo [*não se vê este verbo nos papiros originais*]: Ide, mensageiros velozes, a uma nação de homens altos e de pele brunida (*quer dizer: brilhante, lustrosa*), a um povo terrível, de perto e de longe; a uma nação poderosa e esmagadora, cuja terra os rios se dividem. Vós, todos os habitantes do mundo, e vós, os moradores da terra, quando se arvorar a bandeira nos montes, olhai; e, quando se tocar a trombeta, escutai. Porque assim me disse o Senhor: Olhando da minha morada, estarei calmo como o ardor quieto do sol resplandecente [NVI: ‘quieto como o ardor do sol reluzente’], como a nuvem do orvalho no calor da sega [NVI: ‘da colheita’]. Porque antes da vindima, caída já a flor, e quando as uvas amadurecem [NVI: ‘quando a floração der lugar ao fruto e as uvas amadurecerem’], então, podará os sarmentos [NVI: ‘os brotos’] com a foice e cortará os ramos que se estendem [NVI: ‘os ramos longos’]. Serão deixados juntos às aves dos montes [NVI: ‘abutres das montanhas’] e aos animais da terra [NVI: ‘animais selvagens’]; sobre eles veranearão as aves de rapina [NVI: ‘as aves se alimentarão deles todo o verão’], e todos os animais da terra passarão o inverno sobre eles”.

A Etiópia foi povoada por descendentes de Cuxe (filho de Cam, filho de Noé – Gn 10: 6). Em grego, é chamada Aithiōps, ‘rosto queimado’. Fazia parte do reino da Núbia, e estendia-se desde Sevene (Ez 29: 10; Ez 30: 6) para o sul, até a junção do Nilo Azul, do Nilo Branco e do Rio Astabora (Grego: Ασταβόρας) ou Astabaras (Grego: Ασταβάρας), atual Atbara (em árabe transliterado, Nahr 'Atbarah), perto da moderna cidade de Cartum (capital do Sudão). Na Antiguidade e na bíblia, Cuxe era a grande região que abrangia o norte do atual Sudão, o sul do Egito e partes da Etiópia, Eritréia e Somália. Sevene (em hebraico), mais tarde conhecida como Syene [em grego antigo, Συήνη; 'Aswân, em árabe; em árabe egípcio, Aswân; sewench (s^eweneh, em Massorético); Swenett ou Swn (em Egípcio antigo – Ez 29: 10; Ez 30: 6) estava localizada na primeira catarata do Nilo, na fronteira entre Egito e Etiópia. O nome egípcio antigo ‘Swenett’ sugere que a cidade recebeu o nome da deusa egípcia Swenett, associada com o parto, e cujo significado é ‘a abridora’ (‘que dá entrada, que abre’ – Evandro de Souza Lopes, Os nomes bíblicos e seus significados, CPAD, 8ª edição 2002). Outros dizem que o antigo nome da cidade deriva do símbolo egípcio para ‘comércio’ ou ‘mercado’; portanto, poderia significar ‘lugar de troca, mercado’ – fonte: wikipedia.org. Do séc. XVI até o séc. IX AC os Etíopes foram dominados pelos Egípcios. O reino da Etiópia (Hebraico: Cuxe) existiu dentro do reino da Núbia desde 2000 AC e seus governantes adotaram a cultura Egípcia. Por volta de 1150 AC, sua capital era Napata, na margem ocidental do rio Nilo.

Quando Shoshenk I ou Sheshonk I (Sisake I – 945-924 AC) invadiu o reino de Roboão (930-913 AC – 2 Cr 12: 1-12; 1 Rs 14: 25-28), os etíopes foram seus aliados, junto com os líbios e os suquitas (2 Cr 12: 6). Sisake I (Shoshenk I ou Sheshonk I) foi o primeiro faraó e fundador da 22ª dinastia egípcia. Ele pertencia a uma família Líbia de Bubástis (atual Tell Basta), uma cidade ao sul de Tânis. Bubastis é freqüentemente identificada com a cidade bíblica Pi-Beseth ou Pibeseth (Ez 30: 17). Sisake I reatou relações com Biblos, a tradicional parceira comercial egípcia na costa fenícia, aumentando a prosperidade no início da dinastia. Suquitas (em egípcio, thktn, tkn), auxiliares Líbios, eram empregados como batedores nos séculos XIII e XII AC. Não se

sabe exatamente se ‘suquitas’ eram moradores de Sucote, no Egito, uma das paradas dos hebreus antes da travessia do Mar Vermelho. Mais ou menos nesta época também (século X AC), os Etíopes intentaram um ataque contra a Palestina, mas foram derrotados por Asa, rei de Judá (911-870 AC – 2 Cr 14: 9-15).





A Etiópia realmente se engrandeceu por volta de 720 AC, quando seu rei (Pi-anki ou Piye ou Pié) tirou vantagem das contendas internas do Egito e se tornou o primeiro conquistador daquela terra (governou o Egito de 744 AC a 714 AC). Entre 744 e 656 AC, os seus reis dominaram o Egito, formando a 25ª dinastia. Um deles, Tiraca (Taharqa ou Taharka, ou Khureneferem – 690-664 AC) é citado em 2 Rs 19: 9. Depois os cuxitas foram expulsos do Egito pelos assírios (Esar-Hadom – 681-669 AC), onde acabaram por estabelecer sua capital em Meroë (Meroé).

Tiraca conseguiu reconquistar o Egito por um breve tempo em 669 AC. Esar-Hadom enviou uma força contra ele, mas morreu no caminho. Tiraca foi derrotado em Mênfis por Assurbanipal em 664 AC. Há estudos que dizem que o reino de Meroé era

governado por rainhas que recebiam o nome-título de Candace, em que o poder seria passado aos descendentes pela via feminina.

Naum (Na 3: 9) faz alusão à glória desse período: ele diz que a Etiópia e o Egito eram a força de Nô-Amom, i.e., Tebas. Mas Tebas foi sitiada por Assurbanipal (669-627 AC) durante três anos e levada em cativo em 661 AC para a Assíria. A destruição de Tebas (Na 3: 8-10) causou um reflexo na Etiópia, que também veio a cair, cumprindo a profecia de Is 20: 2-6 e, provavelmente, Is 18: 1-6. Assurbanipal colocou Neco I no trono do Egito (672-664 AC), mas depois da queda de Tebas, ele o substituiu por Psamético I (664-610 AC). Este expulsou os cuxitas do Egito em 656 AC.

Tropas etíopes combateram em vão no exército de Faraó Neco II (610-595 AC) em Carquemis (2 Cr 35: 20; Jr 46: 9). Em maio-junho de 605 AC os Babilônios derrotaram os egípcios que fugiram para Hamate, onde foram totalmente destruídos, assim como os Assírios (profecia de Is 10: 5-12; Ez 30: 4-5). Nabucodonosor invadiu o Egito (cf. Jr 43: 8-13) dezoito anos após a queda de Judá, por volta de 568-567 AC. Mais tarde, a conquista do Egito por Cambises II (filho de Ciro, o grande) abarcou a Etiópia (Cuxe) no domínio persa: Et 1: 1; Et 8: 9 – aqui a bíblia nomeia a Etiópia como a mais remota província persa para o sudoeste, enquanto os escritores bíblicos algumas vezes a usam para simbolizar a extensão sem limites da soberania de Deus (Sl 87: 4; Ez 30: 4-5).

‘Além dos rios da Etiópia’ (Is 18: 1; Sf 3: 10) talvez seja expressão referente ao norte da Abissínia (como era conhecido o império Etíope do Alto Nilo que ocupava os atuais territórios da Etiópia e Eritreia), onde colonos judeus aparentemente se haviam estabelecido juntamente com outros povos semíticos vindos do sul da Arábia. O cronista reconhece essa íntima relação entre a Etiópia e o sul da Arábia [2 Cr 21: 16: “Despertou, pois, o Senhor contra Jeorão (rei de Judá – 848-841 AC) o ânimo dos filisteus e dos arábios que estão do lado dos etíopes”]. O reino de Cuxe com a sua capital em Meroé persistiu até o século IV DC, quando enfraqueceu e se desintegrou devido à rebelião interna. Meroé foi finalmente capturada e totalmente queimada pelo Reino de Axum, atual Eritreia. Sendo uma nação inicialmente cristã, a Etiópia foi dominada depois pelos turcos mamelucos, de religião Islâmica, por volta de 1315 DC. O termo ‘mameluco’ é mais comumente usado para se referir aos soldados escravos muçulmanos e governantes muçulmanos de origem escrava.

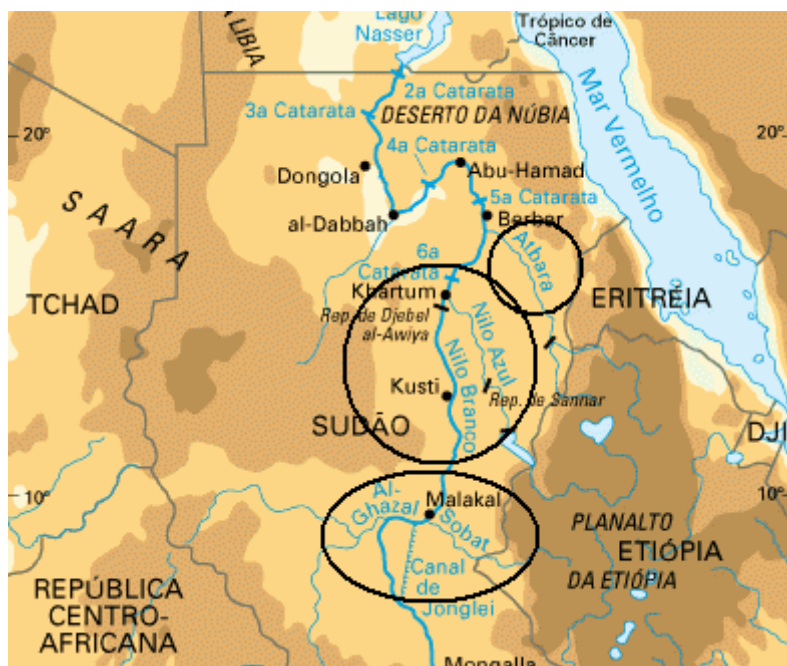
- Is 18: 1-2 (ARA): “Ai da terra onde há o roçar de muitas asas de insetos, que está além dos rios da Etiópia; que envia embaixadores por mar em navios de papiro sobre as águas, dizendo [*não se vê este verbo nos papiros originais*]: Ide, mensageiros velozes, a uma nação de homens altos e de pele brunida (*quer dizer: brilhante, lustrosa*), a um povo terrível, de perto e de longe; a uma nação poderosa e esmagadora, cuja terra os rios se dividem”.

- Is 18: 1-2 (NVI): “Ai da terra do zumbido de insetos (*no original: ‘gafanhotos’*) ao longo dos rios da Etiópia (*Hebraico: de Cuxe*), que manda emissários pelo mar em barcos de papiro sobre as águas. Vão, ágeis mensageiros, a um povo alto e de pele macia, a um povo temido pelos que estão perto e pelos que estão longe, nação agressiva e de fala estranha, cuja terra é dividida por rios”.

‘Ai da terra onde há o roçar de muitas asas de insetos’ ou ‘Ai da terra do zumbido de insetos’, como foi visto nas duas versões bíblicas acima, se refere à Etiópia, onde os insetos são gafanhotos presentes naquela região.

A próxima definição é: ‘que está além dos rios da Etiópia’ (ARA) ou ‘ao longo dos rios da Etiópia’ (NVI). Nós vimos acima que a expressão ‘Além dos rios da Etiópia’ (Is 18: 1; Sf 3: 10) talvez seja expressão referente à região norte do Império Etíope no Alto Nilo, conhecido como Abissínia, e que hoje é ocupado pela Etiópia e Eritreia. A Etiópia fazia parte da Núbia e se estendia desde Sevene para o sul até a junção do Nilo Branco,

do Nilo Azul e do rio Astabora, perto da moderna cidade de Cartum (capital do Sudão). Sevene (s^eweneh, em Massorético) ou 'Aswân (Aswân, em árabe) estava localizada na fronteira norte, entre Egito e Etiópia. Os maiores rios da Etiópia eram o Astapo e o Astabora, atualmente conhecidos como Sobat e Atbara, respectivamente, além do Nilo, mais precisamente o Nilo Azul, que depois se junta com o Nilo Branco, e corre para o Egito. Mas naquela época, os dois ramos do Nilo não se juntavam fora do império Etíope, e sim, dentro dele. Chama-se Nilo Azul porque durante os períodos de cheia, sua corrente fica tão alta que muda de cor para algo quase preto. Na língua sudanesa local a palavra para 'preto' é também usada para 'azul'.



Rios principais da Etiópia na Antiguidade:

O Nilo, o Astabora (Atbara) e o Astapo (atual Sobat), bem ao sul. Este é o mais meridional dos grandes afluentes orientais do Nilo Branco, antes da confluência com o Nilo Azul.

O rio Astapo, atualmente conhecido como Sobat, é um rio da região do Alto Nilo (Egito Superior) no Sudeste do Sudão, e um dos grandes tributários orientais do Nilo Branco, antes da confluência com o Nilo Azul. O rio Sobat é formado pela confluência do Rio Baro que flui a oeste, e do Rio Pibor, que flui ao norte, na fronteira com a Etiópia. O rio entra no Nilo Branco no Monte Doleib, perto da cidade de Malakal, no Estado do Alto Nilo.

O rio Astabora, atualmente conhecido como Atbara (em árabe transliterado, Nahr 'Atbarah) sobe pela região noroeste da Etiópia e flui cerca de oitocentos e cinco quilômetros para o Nilo no centro-norte do Sudão, juntando-se a ele na cidade de Atbarah. O Atbarah é o último afluente do Nilo antes de atingir o Mediterrâneo. Strabo (em grego, Strabōn, Στράβων; 64 AC-24 DC), um geógrafo, filósofo e historiador grego que viveu na Ásia Menor durante a transição da República Romana para o Império Romano, foi o primeiro a mencionar o Atbarah (ou Astaboras, em grego, Ασταβόρας).

‘Que envia embaixadores por mar em navios de papiro sobre as águas’ ou ‘que manda emissários pelo mar em barcos de papiro sobre as águas’ – provavelmente a Etiópia enviava embaixadores por mar para outras nações com o propósito de fazer

alianças e se proteger de invasões de inimigos. Não tem porque pensar que a bíblia está se referindo ao Egito aqui, porque tanto este país quanto a Etiópia tinham navios feitos de papiro, pois, no passado, a Etiópia fora domínio egípcio por muitos séculos. Os navios assim construídos eram leves e se moviam rapidamente, além de ser mais seguros, pois não se quebravam em pedaços como os outros navios, nas rochas ou nas cachoeiras. Como foi comentado acima, o verbo no gerúndio ('dizendo') não consta do texto original. Portanto, as palavras escritas a seguir não são as palavras da Etiópia aos seus embaixadores para outras nações, mas são as palavras de Deus para os Seus mensageiros, anjos ou homens, prontos a fazer Sua vontade e a quem Ele estava enviando como instrumento de juízo sobre essa nação (Ez 30: 9), uma nação de homens altos e de pele brilhante e lisa (sem pêlos), um povo temido pelos que estão perto e pelos que estão longe; uma nação poderosa e esmagadora (agressiva – NVI), cuja terra é dividida por rios (Nilo, Astapo e o Astabora). Os etíopes eram poderosos pelos os vastos exércitos que traziam ao campo de batalha, como nenhum outro povo (cf. 2 Cr 14: 9 – Zera, o etíope contra Asa: um milhão de homens e trezentos carros; no v. 11, Asa diz a Deus que ninguém mais socorrer numa batalha entre o poderoso e o fraco).

No versículo 3, todos os homens do mundo são chamados pelo profeta a serem testemunhas do juízo sobre a nação etíope. Este evento deve ser tão manifesto como um estandarte colocado sobre uma montanha e divulgado pela terra como se ouve o som de uma trombeta.

- Is 18: 4-6: “Porque assim me disse o Senhor: Olhando da minha morada, estarei calmo como o ardor quieto do sol resplandecente, como a nuvem do orvalho no calor da sega [NVI: ‘do tempo da colheita’]. Porque antes da vindima, caída já a flor [NVI: ‘quando a floração der lugar ao fruto’], e quando as uvas amadurecem, então, podará os sarmentos com a foice [NVI: ‘os brotos com a podadeira’] e cortará os ramos que se estendem [NVI: ‘e tirará os ramos longos’]. Serão deixados juntos às aves dos montes [NVI: ‘aos abutres das montanhas’] e aos animais da terra [NVI: ‘animais selvagens’]; sobre eles veranearão [NVI: ‘se alimentarão deles’] as aves de rapina, e todos os animais da terra passarão o inverno sobre eles”.

O profeta escreve o que o Senhor lhe disse: Ele (Deus) ficaria calmamente observando o desenrolar da situação até o momento de tomar a decisão apropriada. Mas depois, Ele agiria. Em metáfora: ‘antes da colheita, quando a floração der lugar ao fruto e as uvas amadurecerem’, isto é, antes que os projetos e esquemas dos homens estivessem maduros para execução, Ele, como um vinhateiro, podaria a vinha sem muito cuidado, não para torná-la melhor, mas pior. Ele cortaria até os ramos mais longos, com flores e botões, e os jogaria fora e os deixaria aos abutres das montanhas e aos animais selvagens. Isso quer dizer, sua destruição pelo inimigo (Assíria) seria um tamanho morticínio que eles nem seriam sepultados. Os abutres e os animais selvagens comeriam suas carnes durante todo o ano, no verão e no inverno.

Um presente ao Senhor no Monte Sião – v. 7.

- Is 18: 7: “Naquele tempo, será levado um presente [NVI: ‘dádivas’] ao Senhor dos Exércitos por um povo de homens altos e de pele brunida [brilhante, lustrosa; NVI: pele macia], povo terrível, de perto e de longe; por uma nação poderosa e esmagadora [NVI: nação agressiva e de fala estranha], cuja terra os rios dividem [NVI: cuja terra é dividida por rios], ao lugar do nome do Senhor dos Exércitos, ao monte Sião”.

Neste versículo, o profeta diz que esse mesmo povo que foi punido pelos seus pecados viria ao Monte Sião, a Jerusalém, trazer seus presentes, suas dádivas ao Senhor. Isso pode significar os tempos do Evangelho, quando um povo convertido ao Senhor viria de muitas nações para adorá-lo no Templo, como aconteceu com o oficial da

rainha Candace que foi batizado por Filipe na estrada de Gaza ao voltar de Jerusalém para sua terra (Atos 8: 27-28; 34-38). Ou pode significar que os pecadores convertidos, entre eles, etíopes e egípcios, estenderão suas mãos para Deus, se submeterão a Ele e se apresentarão de corpo e alma como um sacrifício aceitável, realizando o cumprimento, não só da profecia de Isaías, mas também do Sl 68: 31 e Sf 3: 9-10. Isso significa também que Deus vai receber esse pequeno remanescente como uma oferta santa e aceitável para Ele.

Para nós, o significado completo deste capítulo de Isaías é que primeiro o Senhor avisa os que andam no erro para que se arrependam e busquem o caminho correto através dEle. Se eles continuam no caminho da violência ou da rebeldia, Ele os pune e os deixa à mercê do inimigo para poderem sentir o quanto é doloroso o afastamento do verdadeiro Deus. Independentemente do tempo que vai levar para eles se converterem, mais cedo ou mais tarde isso acontecerá e aí, sim, o Senhor vai se agradar deles e de suas ofertas, porque agora eles têm a consciência correta do que estão fazendo. Como todas as profecias até aqui, essa também acaba apontando para a vinda do Messias e para a compaixão e a misericórdia de Deus para com todos os povos, judeus e gentios, igualmente.

Capítulo 19

Profecia contra o Egito –

Provavelmente, essa profecia foi feita na época de Acáz (732-716 AC) ou Ezequias (716-687 AC). Assim, pode-se pensar que os personagens opressores do Egito usados como uma punição de Deus seriam os assírios [Sargom II (722-705 AC), Assaradão (Esar-Hadom, 681-669 AC), ou ainda, Assurbanipal (669-627 AC)], quando se deu a queda de Tebas. Quanto aos governantes babilônicos, provavelmente, são mencionados na profecia de Jr. 46: 2-26 (fala sobre Faraó Neco II; em egípcio, Ni'-k'w; em grego, Nechao; nome escolhido pelo faraó para reinar: Wehemib-re – 610-595 AC); Jr 44: 30 (sobre Faraó Hofra; em grego: Ουαφρη[ς], ou seja, Apries (em grego: Ἀπρίης; nome escolhido pelo faraó para reinar: Haaib-re ou Uahibré – 589-570 AC – 26ª dinastia) e Ez 29 ao 32, que fala do ataque da Babilônia contra o Egito. Neco II (610-595 AC) reinou durante o período dos reis Babilônicos Nabopolassar (632-605 AC) e Nabucodonosor (605-562 AC). Hofra (Apries) reinou durante o período de Nabucodonosor (605-562 AC).

- Sargom II (722-705 AC) – durante o seu reinado, o Egito caiu nas mãos dos assírios (716 AC). Em 711 AC Asdode (na Filístia) foi saqueada (Is 20: 1; Is 14: 29).

- Senaqueribe (705-681 AC) marchou contra a Síria (701 AC), cercou Sidom e atacou Asquelom (na Filístia). Invadiu o Reino de Judá, tendo tomado quarenta e seis cidades fortificadas, mas não conseguiu vitória contra Jerusalém. Não parece ter havido maiores incidentes envolvendo o Egito durante o seu reinado.

- Esar-Hadom (681-669 AC) fez uma grande expedição contra o delta egípcio em 672 AC, instalando governadores assírios em Tebas e Mênfis, provavelmente para arrecadar os impostos. Ele dividiu o Egito em cerca de vinte províncias dominadas por vinte príncipes, o chefe dos quais era o meio-líbio Neco de Saís. Alguns príncipes do Baixo Egito tiraram proveito dessa situação para se revoltar, mas outros apoiaram Tiraca (2 Rs 19: 9; Is 37: 9; Taharqa ou Taharka, ou Khureneferem – 690-664 AC), que conseguiu reconquistar o Egito por um breve tempo em 669 AC. Esar-Hadom enviou uma força contra ele, mas morreu no caminho. Tiraca foi derrotado em Mênfis por Assurbanipal em 664 AC. Esar-Hadom empregou suas forças contra o Egito, Etiópia e Seba (Sebá – Strong #5434, em hebraico, Cba').

- Assurbanipal (669-627 AC), no início do seu reinado, guerreou contra o Egito em três árduas campanhas e capturou Tebas (Na 3: 8, 'Nô') em 661 AC; seus habitantes foram levados à Assíria, depois de três anos de cerco (Na 3: 8-10). No seu reinado, Assíria adquiriu a maior extensão territorial. A destruição de Tebas (Na 3: 8-10) causou um reflexo na Etiópia, que também veio a cair, cumprindo a profecia de Is 20: 2-6 e, provavelmente, Is 18: 1-6. Por volta de 652 AC Samas-sum-ukin (irmão de Assurbanipal, e que reinava na Babilônia) se revoltou com o apoio de Elão. Por isso Assurbanipal marchou para saquear Susã em 639 AC, e daí por diante, se tornou uma província Assíria. Com o desvio da atenção de Assurbanipal para o leste e livres das incursões do exército Assírio para apoiar seus oficiais e coletores de impostos locais, as cidades-estados do ocidente gradualmente foram se libertando da Assíria. O Egito, agora livre, voltou novamente sua atenção para a Palestina, mas não invadiu Judá até a época de Josias (640-609 AC), quando Neco II do Egito (610-595 AC) tentou impedir o avanço de Nabucodonosor aliando-se à Assíria. Tentou passar pela terra de Judá, mais foi detido pelo rei Josias, que morreu na batalha de Megido (2 Rs 23: 29). Neco não invadiu Judá; seu objetivo era só passar por ali. A batalha decisiva ocorreu em Carquemis, no norte da Síria, em 605 AC entre Neco II e Nabucodonosor II. Neco foi

derrotado e a Babilônia pôde consolidar seu domínio sobre a região; conquistou tudo que pertencia ao Rei do Egito, entre o Rio Nilo e o rio Eufrates. Em 568-567 AC Nabucodonosor invadiu o Egito (Jr 43: 8-13), dezoito anos após a queda de Judá.

A confusão do Egito, seus ídolos os enganam, senhores cruéis sobre eles, as águas falham, seus príncipes e conselheiros feitos tolos, seu terror perante o Senhor – v. 1-17.

- Is 19: 1: “Sentença contra o Egito. Eis que o Senhor, cavalcando uma nuvem ligeira (NVI: nuvem veloz), vem ao Egito; os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá dentro deles”.

O julgamento deve vir rapidamente, inesperadamente e inevitavelmente (‘nuvem ligeira’ ou ‘nuvem veloz’), o que nos faz pensar que em poucos anos, a partir do momento em que foi feita a profecia; provavelmente no reinado de Acaz, pois o Egito caiu sob domínio assírio em 716 AC, no reinado de Sargom II (722-705 AC).

- Is 19: 2: “Porque farei com que egípcios se levantem contra egípcios, e cada um pelejará contra o seu irmão e cada um contra seu próximo; cidade contra cidade, reino contra reino”. Isto quer dizer que o Senhor fará com que uns lutem contra os outros.

Desde os tempos mais remotos, como os de Abraão, por exemplo, o Egito foi um reino governado por um só governante. Ao longo dos séculos, o país sofreu divisões, mas voltou a se unificar durante as 18ª – 20ª dinastias.

Na 21ª dinastia (1070-945 AC), no Terceiro Período Intermediário (1070-664 AC, compreendendo as dinastias: 21ª, 22ª, 23ª, 24ª e 25ª), o Egito passou por uma fragmentação do poder político, com a emergência de vários centros de poder controlados em alguns casos por povos de origem estrangeira (Líbios e Núbios). Isso aconteceu no tempo de Davi e Salomão. Em especial, na 21ª dinastia o Egito foi separado entre dois governantes: um para o Inferior (Baixo Egito) e um para o Egito Superior (Alto Egito), este último sendo governado por um principado sacerdotal com a capital em Tebas. O Baixo Egito, próximo ao delta do Nilo teve sua capital em Tânis (ou Zoã neste texto de Isaías). Apesar das grandes mudanças políticas, o Terceiro Período Intermediário foi, de maneira geral, caracterizado por um clima de paz.

Na 22ª dinastia (945-712 AC), principalmente após a morte do rei de Tânis em 945 AC, um chefe tribal da Líbia (Shoshenk I ou Sheshonk I ou Sesonki I, o Sisaque da bíblia – 943-922 AC) se assentou no trono do Egito e tomou toda a nação debaixo do seu poder, pondo um fim à independência parcial do principado sacerdotal de Tebas no Egito Superior. A capital da 22ª dinastia foi em Bubástis, no delta do Nilo. Isso aconteceu no reino de Salomão. No 5º ano de Roboão, Sisaque invadiu a Palestina (925 AC – 1 Rs 14: 25-26; 2 Cr 12: 2-12). Os sucessores de Sisaque I (ou Sesonque I) foram: Osorkon I (o filho de Sisaque. Zera, o etíope, foi enviado por ele contra Judá, mas acabou sendo derrotado por Asa); Takelot I; Osorkon II (filho de Takelot I); Takelot II (filho de Osorkon II); Pami (ou Pimai, ‘O gato’; foi contemporâneo do rei Osorkon III de Leontópolis, uma vez que o Egito já não era um território unificado sob um único poder), foi sucedido por Sesonki IV e por Sesonki V (filho de Pimai). Osorkon IV foi o último rei desta dinastia e era filho de Sesonki V, reinando em Tânis, no delta do Nilo. Esses reis eram Líbios. A Líbia ficava a Oeste do Egito. Outro governante tinha a capital em Tebas, e neste período já havia guerras civis nesta cidade.

A 23ª dinastia (828-725 AC) contém várias linhagens de faraós reinando em Tebas, Hermópolis, Leontópolis, paralelamente à principal dinastia originária (22ª) em Tânis (Zoã).

Na 24ª dinastia, o faraó foi Tefnacte ou Tefnakht (732-725 AC), e que reinou em Saís (Sa el-Hagar, no oeste do Delta). Sua autoridade também foi reconhecida em

Memphis. Assim, o Egito também caiu em poder dos assírios em 716 AC, o ano que Ezequias subiu ao poder em Judá.

De 744–656 AC, na Núbia (Cuxe ou Etiópia) também se ergueu um reino governado por príncipes que eram inteiramente egípcios quanto à sua cultura e reivindicavam protetorado sobre o Egito Superior, sendo adoradores de Amun ou Amun', de Tebas (25ª dinastia, também conhecida como dinastia Núbia ou Império Cuxita, cuja capital era Napata). Seus reis foram: Pi-anki (ou Piye ou Pié; nome de reinado: Usimare, 744-714 AC); Shebitku (traduzido em Português como Xabatata, nome de reinado: Djedkare ou Djedkau-re, 714-705 AC); Xabaca (Nefer-ka-re, 705-690 AC); Tiraca (Taharqa ou Taharka, ou Khureneferem, 690-664 AC) e Tantamani ou Tanutamun (Bakare, 664–656 AC). A cidade-estado de Napata era a capital espiritual e foi a partir daí que Piye ou Pié (escrito Pi-anki em obras mais antigas) invadiu e assumiu o controle do Egito (wikipedia.org).

Esar-Hadom (681-669 AC) dividiu o Egito em cerca de vinte províncias dominadas por vinte príncipes, o chefe dos quais era o meio-líbio Neco de Saís (Neco I). Alguns príncipes do Baixo Egito tiraram proveito dessa situação para se revoltar, mas outros apoiaram Tiraca (2 Rs 19: 9; Is 37: 9; Taharqa ou Taharka, ou Khureneferem – 690-664 AC, da 25ª dinastia), que conseguiu reconquistar o Egito por um breve tempo em 669 AC. Esar-Hadom enviou uma força contra ele, mas morreu no caminho. Tiraca foi derrotado em Mênfis por Assurbanipal em 664 AC.

Em outras palavras: enquanto Sargom II e Senaqueribe frustraram as expectativas dos faraós Núbios em relação ao domínio governamental no Egito, seus sucessores Esar-Hadom e Assurbanipal invadiram a Núbia e expulsaram completamente os núbios, pondo um fim ao poder cuxita, declarando a conquista da nação pelo império Neo-Assírio.

Na seqüência, veio a 26ª dinastia, iniciando-se com Neco I (672-664 AC), sendo sucedido por Psamético I (664-610 AC), que se rebelou contra Assurbanipal (669-627 AC) e reergueu o Egito. Seu filho Neco II (ou Wehemib-re) começou a reinar (610-595 AC), mas foi derrotado por Nabucodonosor, e seu filho Psamético II (Neferib-re, 595-589 AC) reinou em seu lugar. Os demais faraós da 26ª dinastia egípcia foram: Apries (Haaib-re, 589-570 AC), Amósis II (Khnemib-re, 570-526 AC) e Psamético III (Ankhkaen-re, 526-525 AC), no tempo de Cambises II (530-522 AC), filho de Ciro II.

Na bíblia, o Egito é chamado de ‘a cana esmagada’ ou ‘bordão de cana esmagada’ (Is 36: 6), justamente por causa de todas essas brigas internas dentro de seu território. Por isso, a profecia de Is 19: 2 diz: “Porque farei com que egípcios se levantem contra egípcios, e cada um pelejará contra o seu irmão e cada um contra seu próximo; cidade contra cidade, reino contra reino”.

O Senhor estava no controle de tudo e permitindo essas guerras civis para enfraquecimento do império egípcio e, portanto, sua punição. Dessa forma, foi no reinado de Assurbanipal (669-627 AC) que Tebas (‘Nô’) foi saqueada em 661 AC, após três anos de cerco. Isso completa a destruição iniciada por Esar-Hadom.

• Is 19: 3-4: “O espírito dos egípcios se esvaecerá dentro deles, e anularei o seu conselho (NVI: ‘farei que os seus planos resultem em nada’); eles consultarão os seus ídolos, e encantadores, e necromantes, e feiticeiros. Entregarei os egípcios nas mãos de um senhor duro, e um rei feroz os dominará, diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos”.

Isso significa: O Senhor frustrará seus planos e eles perderão a coragem (‘o espírito dos egípcios se esvaecerá’), pois sua política e sabedoria, baseada em magia e idolatria virão abaixo pelas mãos do Senhor. Senhores cruéis seriam colocados sobre eles para os governarem, ou seja, Ele também usará um estrangeiro para executar a Sua vontade,

‘um governante tirano, um rei feroz’. Pode ter sido Assurbanipal (669-627 AC) que, por volta de 661 AC, finalmente, saqueou Tebas (‘Nô’ ou ‘Nô-Amom’ – Na 3: 8); seus habitantes foram levados à Assíria, depois de três anos de cerco (Na 3: 8-10). Ou ‘um senhor duro, e um rei feroz’ pode dizer respeito a Cambises II (530-522 AC) que foi bastante cruel na sua invasão e no seu controle sobre o Egito, destronando Psamético III (Ankhkaen-re – 526-525 AC, o último rei da 26ª dinastia). Com a invasão de Cambises II em Pelúcio o coração dos Egípcios se esmoreceu, e eles perderam a coragem. O rei persa usou uma estratégia inusitada, despojando-os de toda força de guerra: na frente do seu exército ele colocou gatos, cães, ovelhas e o pássaro íbis, considerados deuses pelos egípcios. Para não ferir os animais, os egípcios não atiraram nos persas, facilitando assim a captura da cidade. Outras versões dizem que, durante o cerco, sabendo de como os gatos eram sagrados lá, Cambises ordenou aos seus soldados que os capturassem e os lançassem com as catapultas. Quando os egípcios viram que os animais corriam perigo de vida, seus habitantes se renderam. Capturando Pelúcio, Cambises II invadiu o Egito. Destronou Psamético III e humilhou a filha de Faraó e outras jovens da nobreza, fazendo-as trazer água do rio. Depois matou o jovem filho de Faraó e mais 2.000 jovens de forma vergonhosa por vingança aos homens de Mênfis que haviam assassinado os embaixadores que Cambises havia enviado. Psamético III era filho de Amósis II e reinou apenas 6 meses (526-525 AC). Não se sabe com certeza como ele morreu.

• Is 19: 5-7: “As águas do rio vão secar-se; o leito do rio ficará completamente seco. Os canais terão mau cheiro; os riachos do Egito vão diminuir até secar-se; os juncos e as canas murcharão. A relva que está junto ao Nilo, junto às suas ribanceiras, e tudo o que foi semeado junto dele se secarão, serão levados pelo vento e não subsistirão [NVI: ‘Haverá lugares secos ao longo do Nilo e na própria foz do rio. Tudo o que for semeado ao longo do Nilo se ressecará, será levado pelo vento e desaparecerá’]”.

Isso pode ser entendido metaforicamente como a remoção do seu domínio e do seu comércio. Concretamente falando, Deus poderia se referir aqui a um grande período de seca. O rio Nilo não era apenas muito útil para o seu comércio e navegação, mas a fertilidade do país dependia dele, pois a falta de chuva na terra do Egito era suprida pelo transbordamento deste rio em certos momentos, o que deixava lama sobre a terra e a fazia extremamente fértil. Agora, Deus estava enviando uma grande seca como Seu juízo contra o Egito. Os canais e os riachos, ou seja, as afluentes menores do Nilo também sofreriam com a seca; ou, então, ‘os canais... e os riachos do Egito’ pode se referir à forma pela qual este rio desembocava no mar Mediterrâneo, na região do Delta: na Antiguidade era por sete canais como se fossem rios. Hoje, devido ao controle de inundações (com a construção da barragem de Aswan), o Nilo desemboca no mar por apenas dois canais: o canal de Roseta a oeste, e o de Damietta a leste. O Delta do Nilo é uma região plana, em forma triangular (por isso, o nome de delta), com cento e sessenta quilômetros de comprimento e duzentos e cinquenta quilômetros de largura. O Nilo é considerado o mais longo rio do mundo, com 6.853 quilômetros (4.258 milhas) de comprimento.

O grande Nilo, no qual os egípcios se sentiam seguros, não mais poderia defendê-los. Isso também significa que o grande volume de água contido nele era uma forma de defesa, diminuindo o acesso de qualquer inimigo, além do que, seus navios de guerra que navegavam por ele também protegiam o país de invasões. Com juncos e papiro que brotavam às suas margens se fazia muitas coisas, entre elas, papel para a escrita, redes para pesca e os próprios navios que patrulhavam a nação e auxiliavam no comércio (Is 18: 2). A relva e a cultura de grãos e outras sementes que serviam de alimento para eles se secariam, e isso contribuiria para a fome dos habitantes.

• Is 19: 8-9: “Os pescadores gemerão, suspirarão todos os que lançam anzol ao rio, e os que estendem rede sobre as águas desfalecerão. Consternar-se-ão os que trabalham em linho fino e os que tecem pano de algodão”.

É óbvio que com a seca não haveria peixes no rio, o que seria um motivo de lamento para os pescadores, pois não só estavam sofrendo com a escassez de vegetais, mas também com a escassez de animais como o peixe. Não apenas teriam escassez do que comer, como também nada para vender, portanto, não teriam como sustentar suas famílias. Podemos nos lembrar das murmurações dos Israelitas contra Moisés por causa da comida do Egito. Em Nm 11: 5 está escrito: “Lembramo-nos dos peixes que, no Egito, comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos”. E também havia o trigo, mencionado na época de José e que abastecia toda a nação (Gn 41: 5-7; 34-36; 56-57; Gn 42: 2-3; 9 – cf. Gn 37: 5-7). Não apenas no tempo de José o trigo do Egito abastecia as pessoas; também na época da República e do Império Romano o Egito era um grande exportador de trigo para Roma e outras cidades.

‘Consternar-se-ão os que trabalham em linho fino e os que tecem pano de algodão’ significa que as pessoas que trabalhavam no ofício de tecelagem também sofreriam e ficariam desesperados. O linho fino do Egito era uma de suas melhores mercadorias. O Tabernáculo de Moisés que foi construído no deserto tinha suas cortinas feitas com o linho do Egito. Muitas nações negociavam essa mercadoria com os egípcios, como Tiro, por exemplo; conseqüentemente, Israel (Ez 27: 7). No versículo 7 nós lemos: ‘tudo o que foi semeado junto dele se secarão’, ou seja, o linho crescia nas margens do rio. Com a seca, a planta também secaria. O linho é fabricado com a fibra cujo nome científico é *Linum usitatissimum*. Depois de convenientemente tratado, ou seja, depois da separação da fibra da parte lenhosa do caule, o fio produz o linho, e a semente, o óleo de linhaça. Depois que a fibra era tratada, passava a ser tecida pelas mulheres para transformar-se em pano (Pv 31: 24).

O Senhor falou no versículo 1 deste capítulo 19 de Isaías que os ídolos do Egito se estremeceriam com o que iria acontecer. É interessante que dentre os inúmeros deuses egípcios existia uma deusa chamada Neith ou Nit, adorada em Saís, e que era a deusa da guerra e da caça, mas também tinha atributos da tecelagem (num sincretismo com a deusa grega Atena pelas classes governantes, como uma deusa que teceu o mundo e trouxe tudo à existência); por isso, era a patrona dos tecedores. Esse juízo de Deus sobre eles, diminuindo sua provisão alimentar e afetando seu trabalho, com certeza abalaria a fé deles nos seus deuses.

• Is 19: 10: “Os seus grandes serão esmagados, e todos os jornaleiros andarão de alma entristecida (NVI: ‘Os nobres ficarão deprimidos, e todos os assalariados ficarão abatidos’)”.

Como conseqüência de todos os eventos descritos até aqui, os nobres, os ricos, ficariam deprimidos, pois sua fonte de lucro diminuiria, assim como todas as futilidades às quais eles estavam acostumados desapareceriam; o alimento que muitas vezes desperdiçavam seria escasso, teriam que economizar água e até suas vestes por causa da punição divina que se abateria sobre a nação. Eles se sentiriam como os pobres, seriam iguais a todos os súditos e isso os envergonharia diante dos seus próprios olhos e dos olhos dos governantes das outras nações. Mesmo com sua riqueza e poder não poderiam melhorar a situação nem evitar que ela seguisse seu curso. Se os mais privilegiados ficariam abatidos, quanto mais os assalariados, os que trabalhavam para viver!

• Is 19: 11-14: “Na verdade, são néscios [*insensatos*] os príncipes de Zoã; os sábios conselheiros de Faraó dão conselhos estúpidos [NVI: ‘dão conselhos tolos’]; como,

pois, direis a Faraó: Sou filho de sábios, filho de antigos reis? Onde estão agora os teus sábios? Anunciem-te agora ou informem-te do que o Senhor dos Exércitos determinou contra o Egito. Loucos [NVI: tolos] se tornaram os príncipes de Zoã, enganados estão os príncipes de Mênfis; fazem errar o Egito os que são a pedra de esquina das suas tribos [NVI: ‘os chefes dos seus clãs induziram o Egito ao erro’]. O Senhor derramou no coração deles um espírito estonteante; eles fizeram estontear o Egito em toda a sua obra, como o bêbado quando cambaleia no seu vômito [NVI: ‘O Senhor derramou dentro deles um espírito que os deixou desorientados; eles levam o Egito a cambalear em tudo quanto faz, como cambaleia o bêbado em volta do seu vômito’]”.

Zoã é mesma Tânis dos gregos, a moderna localidade de San El-Hagar, perto da praia sul do lago Manzalé, no Nordeste do delta egípcio, e que por volta de 1100-660 AC foi capital do Egito das dinastias 21^a-23^a. O Lago Manzala ou Manzalé (em árabe: bahīrat manzala) é um lago salgado no nordeste do Delta do Nilo, no Egito, perto de Porto Said, a poucos quilômetros das antigas ruínas de Tânis. É o maior dos lagos do delta do norte do Egito. Até 2008, seu comprimento era de quarenta e sete quilômetros, e sua largura, de trinta quilômetros.

Em Zoã estavam os maiores conselheiros e príncipes de Faraó (Is 19: 11; 13; Is 30: 4), bem como entre as grandes cidades egípcias nos escritos de Ezequiel (Ez 30: 14: Zoã, Tebas e Patros – como era conhecido o Alto Egito e Cuxe ou Etiópia) quando esses dois profetas falam sobre julgamento. No Sl 78: 12; 43-44, o salmista diz que o Senhor fez proezas no Egito no campo de Zoã, onde seus rios foram convertidos em sangue. Foi daquela região (de Gósen – Gn 47: 1) que os hebreus saíram, onde se encontra a cidade de Ramessés (antiga Aváris) e Pitom (Êx 1: 11), durante a 18^a dinastia egípcia (1550–1292 AC). Ramessés II (1279-1212 AC) fez parte da 19^a dinastia egípcia (1293-1185 AC).



O Êxodo se deu em 1446 AC (cf. 1 Rs 6: 1, pois o reinado de Salomão ocorreu no período de 970-931 AC), durante o reinado de Tutmósis III (o 6^o faraó da 18^a dinastia).

Oficialmente, Tutmóis III (Tutmés III) governou o Egito por quase 54 anos e seu reinado é usualmente datado de 24/04/1479 AC a 11/03/1425 AC, desde a idade de 2 anos e até sua morte, com 56 anos; porém, durante os primeiros 22 anos do seu reinado ele foi co-regente com sua madrasta e tia, Hatshepsut, que foi Faraó do Egito depois da morte de seu marido, Tutmés ou Tutmóis II. Nos dois anos finais do seu reinado, Tutmóis III nomeou Amenófis ou Amenhotep II (1425-1400 AC), seu filho, como co-regente. O fato de estar escrito em Gn 47: 11 que José estabeleceu a seu pai e a seus irmãos na terra de Ramessés, e em Êx 1: 11 estar escrito que os judeus escravos edificaram cidades-celeiros como Pitom e Ramessés, antes mesmo de Pi-Ramessés (ou Per-Ramessés) existir, pois foi reconstruída por Ramessés II (1279-1212 AC) na 19ª dinastia sobre a antiga cidade de Aváris, pode significar apenas que os posteriores escritores bíblicos e tradutores do texto original de Moisés resolveram usar o nome que era mais conhecido na época para essa região onde se deu o Êxodo.

Aváris (Egípcio: Hut-waret; Grego: Auaris, αὐαρὶς) era uma cidade fortificada, e foi construída pelos Hicsos para servir-lhes de capital. ‘Hicsos’, em Grego (Υκσώς ou Υξώς), deriva do Egípcio, ‘heqa khasewet’ ou ‘hik-khoswet’ ou ainda ‘Heqa-kasut’, e significa ‘soberanos estrangeiros’ ou ‘príncipes estrangeiros’ ou ‘governantes de países estrangeiros’. Em árabe significa (erroneamente): ‘reis pastores’ ou ‘reis cativos’. Eram povos pastores de origem semita que se estabeleceram na região do Delta do Nilo, que começaram a migrar para o Egito desde o reinado de Senusret II (1890 AC), da 12ª dinastia. As pinturas em tumbas do oficial Khnumhotep II dessa dinastia mostram grupos de estrangeiros asiáticos ocidentais visitando o Faraó com presentes, possivelmente cananeus ou nômades, que se estabeleceram no Delta do Nilo. Os hicsos praticavam muitos costumes levantinos ou cananeus, mas também muitos costumes egípcios. Eles se separaram do controle egípcio central por volta de 1720 AC, perto do fim da 13ª dinastia (1803–1649 AC), estabelecendo a 15ª dinastia (1650–1550 AC), em Aváris, e coexistiram com a 16ª e a 17ª dinastias com sede em Tebas. Perduraram até 1540 AC, no reinado de Amósis I. Eles tinham como aliados, arqueiros e cavaleiros mercenários de Canaã, Harã, Cades, Sidom e Tiro, todos originários da Mesopotâmia.



Ruínas de Tânis (Zoã)

Aváris foi destruída quando os Hicsos foram derrotados por Kamósis (o último faraó da 17ª dinastia e que reinou no período de 1555-1550 AC; seu irmão e sucessor Amósis I expulsou os Hicsos do Egito em 1540 AC e fundou a 18ª dinastia), e

reconstruída mais tarde por Ramessés II, que a rebatizou de Pi-Ramessés ou Per-Ramessés (Casa de Ramessés), e fez da cidade a nova capital de seu reinado. Estima-se que a localização da cidade de Aváris ou Pi-Ramessés esteja na atual Tell el-Daba, localizado no delta do Nilo. Uma das razões que explicam esta mudança de capital, além das raízes familiares do pai de Ramessés II, Seti I, é a sua localização estratégica, mais próxima do principal inimigo do Egito na época, o reino Hitita (atual Turquia), facilitando assim a vigilância das fronteiras e uma intervenção militar.

Mênfis (em egípcio, Mn-nrf; em hebraico, Nõph ou Mõph; Os 9: 6; Jr 2: 16; Jr 46: 14; 19; Ez 30: 13; 16) era outra cidade importante do Egito, que havia sido a capital para muitos reis do império antigo (2400 AC), uma das primeiras províncias do Egito. Foi construída por seu primeiro rei, Menes (ele lhe deu o nome de ‘muro branco’). Menes foi o faraó que uniu o Alto e o Baixo Egito sob um só governante. Mênfis ficava à beira do Nilo, a vinte e quatro quilômetros do delta egípcio. Sempre foi uma cidade de muita idolatria. Os deuses principais da cidade eram Ptá, Sekmet, Sokar e Nefertem. O nome de seu grande templo, Hwt-k’-Pth ou Hut-ka-Ptah, ‘mansão do Ka de Ptá’ (Ka = alma), é a origem do nome ‘Egito’, em grego, Αί-γυ-πτος (Ai-gy-ptos). Ptá (Ptah) é o deus dos artesãos e arquitetos.

No local da antiga cidade egípcia de Mênfis (próxima à atual Heluã), cerca de 25 km a sudoeste do centro da cidade do Cairo, está a província de Guizé com seu planalto onde foram construídas na sua necrópole as pirâmides de muitos faraós como, por exemplo, as mais famosas pirâmides de Khufu (Quéops, para os gregos; é chamada de ‘a Grande Pirâmide de Guizé’), Khafre (ou Quéfrem, para os gregos, o filho de Quéops) e Menkaure (Miquerinos, Μυκερίνοϋς, para os gregos), os faraós da 4ª Dinastia egípcia, do século XXVI AC. Ramessés II, Mernefta e Psamético efetuaram extensas edificações nessa região. Próxima à pirâmide de Khafre (ou Quéfrem) pode-se ver a esfinge com a imagem do seu rosto, cuja construção data de 2500 AC, chamada ‘a Grande Esfinge’. Ao sul de Guizé (30 km ao sul do Cairo) existe outra necrópole chamada de Sacará ou Sacara (em árabe: Saqqara), com 6 km de comprimento e 1,5 Km de largura, contendo estruturas funerárias de faraós desde 3000 AC até 950 DC. O nome ‘Sacará’ deriva de Socáris ou Sokar, um dos deuses da tríade adorada em Mênfis (Ptá, Sokar e Nefertem ou Nefertum), ou então, do nome de uma tribo que ali viveu no passado, os ‘Beni Socar’ (‘os filhos de Sokar’). Aquele sítio também foi o centro de adoração da deusa Bastet. Milhares de múmias de gatos foram encontradas ali pelos arqueólogos. Ao norte de Sacará há outra extensa necrópole chamada Abusir, o cemitério da elite da população de Mênfis, onde se vê 14 pirâmides dos faraós da 5ª dinastia.

Os escritores antigos descrevem o templo de Mênfis, onde era conservado vivo o boi Ápis (o touro de Mênfis). Durante o novo império (1070-657 AC; pois de 657 AC a 332 AC é chamado de época Baixa; e depois, o período Grego-Romano: 332-305 AC – Alexandre o Grande; 305-30 AC – de Ptolomeu Sóter à derrota de Cleópatra VII), por causa da imigração de asiáticos, outros deuses estrangeiros passaram a ser adorados como Cades (ou Qetesh, deusa Cananéia e Egípcia da fertilidade), Astarte e Baal na cidade de Mênfis.

Em Is 30: 4 há menção a outra cidade do Egito. O texto diz: “Porque os príncipes de Judá já estão em Zoã, e os seus embaixadores já chegaram a Hanes”. Existe certa controvérsia sobre a real localização de Hanes. Os judeus, segundo os escritos do Targum, identificam Hanes com **Tafnes** (Jr 2: 16; Jr 43: 7-9), onde faraó tinha um palácio, e essa era uma razão para enviarem embaixadores até lá. Tafnes ficava também no baixo Nilo, a nordeste do Delta, próximo ao deserto de Sur; mais precisamente no Lago Manzala, sobre o ramo Tanitic do Nilo (um dos antigos sete canais de desembocadura do Nilo no Delta), aproximadamente 26 quilômetros de Pelúsio. A

Septuaginta grega traduz Tafnes por Táfnas (Ταφνας), e acredita-se que esse nome seja o mesmo que o de uma importante cidade fortificada na fronteira oriental do Egito, chamada Daphnae Pelusiae pelos escritores gregos do período clássico, atual Tell Defenneh. A Grécia clássica (Período Clássico da Grécia) foi um período de cerca de 200 anos (séculos V e IV AC) na cultura grega. Outra explicação (do arqueólogo Kitchen) encontra um paralelismo ainda mais estreito em Is 30: 4: Hanes pode ser meramente uma descrição hebraica do nome egípcio h(wt)-nsw, ‘mansão do rei’, como nome do palácio de faraó em Zoã (Tânís). Qualquer uma dessas interpretações é plausível, mas nenhuma delas tem sido comprovada. O que se pode deduzir com certeza é que Hanes era uma cidade eminente do Egito.

Outras cidades importantes do Egito, eram:

- Tebas ou Nô-Amom – Na 3: 8 (a cidade do deus Amom – em egípcio, n’iw(t)-’Imn) era uma cidade do Alto Egito, ao oriente do Nilo, mencionada junto com outras cidades importantes do Egito (Tânís ou Zoã, Aváris ou Pi-Ramessés, Mênfis, Om ou Heliópolis e Pi-Besete ou Bubástis), como nos escritos de Ezequiel (Ez 30: 14: Zoã, Tebas e Patros – como era conhecido o Alto Egito e Cuxe ou Etiópia). Nô corresponde ao termo egípcio n’iw(t), ‘a cidade’. Amom (em egípcio, Amun) significa ‘o oculto’, muitas vezes associado ao vento, mas na maioria das vezes, sua natureza é desconhecida. Muitas vezes é chamado de Amom-Re’ por sua união com o deus cósmico Rá (Re’ ou Atom, o deus-sol). Durante as dinastias XVIII-XX (1570-1085 AC), Amom foi o deus oficial, o ‘rei dos deuses’. Neste período os tesouros da Ásia e da África se derramaram nos cofres de Tebas. Ela caiu em poder dos assírios em 661 AC, sob Assurbanipal, após três anos de cerco, em meio ao incêndio e à matança; portanto, ao predizer a queda de Nínive, a comparação com a queda de Tebas não poderia ser melhor. No século VII DC, Tebas foi reconstruída pelos árabes e recebeu o nome de Luxor (também conhecida como Carnaque).

- Om (ou ‘Heliópolis’, em grego, a ‘Cidade do Sol’) – Jeremias (Jr 43: 13) se refere a ela com o nome de Bete-Semes; e Ezequiel (Ez 30: 17) faz um jogo de palavras entre Om e Áven. Om (em egípcio, Twnw; em grego, Heliópolis) foi o grande centro da adoração ao sol no Egito, onde o deus-sol Rá (ou Re’ ou Atom) recebia honra especial.

- Pi-Besete (em hebraico; Ez 30: 17) ou Bubástis ou Per-Bast (em egípcio, Pr-B’sst), significa ‘habitação da Deusa Bastet’. Bastet ou Ailurus (palavra grega para ‘gato’) era a deusa da fertilidade, protetora das mulheres, e que também representava o sol (Rá). Também ficava no Baixo Egito, próxima ao delta.

Todas elas eram cidades de muita idolatria.

Voltando a **Is 19: 11-14**: Deus zomba dos adutores de Faraó, que persuadiam o rei de que eles eram sábios, sensatos e nobres, e que sua casa era antiga como os reis do passado. Eles davam muito valor às inúmeras gerações de reis e sacerdotes que já haviam liderado seu império por milhares de anos. Numa situação como essa eles não tinham como aconselhar Faraó. Os mais conceituados conselheiros só davam conselhos tolos, sem nenhum proveito. É como se Deus os tivesse desafiando e perguntando se eles conheciam exatamente Seus desígnios já determinados contra o Egito. Seus astrólogos, suas artes mágicas e sua adivinhação jamais poderiam prever os acontecimentos futuros com exatidão; nunca revelariam a verdade porque não conheciam os pensamentos de Deus. Os príncipes de Zoã estavam parecendo loucos. Os príncipes de Mênfis se enganavam da mesma forma que os chefes dos clãs, os líderes das casas mais importantes, que induziam o Egito ao erro e faziam o povo cambalear como bêbados por causa dos seus conselhos.

Eles eram conhecidos pela sabedoria e pela ciência; contudo o Senhor os entregaria aos seus próprios esquemas perversos (seus príncipes e conselheiros estariam como tolos), e eles brigariam entre si, até que sua terra fosse abalada por suas competições para se tornar um objeto de desprezo e piedade. Os príncipes dos lugares acima, sendo enganados pelos adivinhos e pelos astrólogos, enganaram o povo que habitava nas províncias onde moravam. O Senhor derramou no coração deles um espírito estonteante, ou seja, colocou em seus corações algo que os deixou desorientados, o espírito de erro. Em outras palavras, por causa do orgulho e da idolatria, Deus os entregou à cegueira, estupidez e insensatez, fazendo o Egito errar em todos os assuntos: religiosos e civis, e levando a nação ao prejuízo. Na verdade, isso se parece com o chamado do profeta: “Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendeis; vede, vede, mas não percevais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo” (Is 6: 9-10; Mt 13: 14-15; Mc 4: 12; Lc 8: 10; Jo 12: 40; At 28: 26-27).

- Is 19: 15: “Não aproveitará ao Egito obra alguma que possa ser feita pela cabeça ou cauda, pela palma ou junco”.

Isso quer dizer: não há nada que o Egito possa fazer; nada que as pessoas possam fazer; nem as mais nem as menos importantes; nem o forte nem o fraco. Não haverá trabalho para sustentá-los, pois seu comércio e seu suprimento foram afetados. Seus rios estão secos, não há linho nem algodão para tecer; nem peixe para apanhar, nem papiro para fazer papel. Não haveria coisa alguma que eles pudessem fazer para evitar os acontecimentos. Não estaria em suas mãos o poder de livrar-se dos assírios que viriam contra eles, pois foram privados de sabedoria e conselho; tanto os que estavam na cabeça da nação, quanto os cidadãos menos importantes (‘cauda’); nem os nobres e fortes (‘palma’, ‘palmeira’) nem a plebe fraca e impotente (‘junco’) – cf. Is 9: 14-15.

- Is 19: 16-17: “Naquele dia, os egípcios serão como mulheres; tremerão e temerão ao levantar-se da mão do Senhor dos Exércitos, que ele agitará contra eles. A terra de Judá será espanto para o Egito; todo aquele que dela se lembrar encher-se-á de pavor por causa do propósito do Senhor dos Exércitos, do que determinou contra eles”.

Esses dois versículos espelham o medo que iria se apossar dos egípcios ao verem a mão do Senhor, do Deus de Israel, levantada contra eles. Sentiriam medo de Judá, porque saberiam que o Deus deles é que estaria agindo, usando os assírios contra o Egito em punição pelo que os egípcios haviam feito com o Seu povo escolhido. Eles se sentiriam fracos e impotentes como mulheres diante de um inimigo mais forte como os assírios. Além disso, eles perceberiam que não estavam lutando apenas contra homens, mas contra o Senhor dos Exércitos, que agora estava levantando a mão contra eles como havia feito com seus antepassados. Isso significa também que o que Senaqueribe havia feito na Judéia infundia medo nos egípcios, sabendo que por Esar-Hadom ou Assurbanipal poderia acontecer com eles a mesma coisa, e até pior. Entre o Egito e a Judéia a distância era pequena. Só havia entre eles a terra dos filisteus. Tudo o que foi falado acima nos mostra que o Senhor faz com que os pecadores tenham medo daqueles a quem desprezaram e oprimiram.

Vamos recordar o que lemos:

O Nilo é considerado o mais longo rio do mundo, com 6.853 quilômetros (4.258 milhas) de comprimento. É a principal fonte de água do Egito e do Sudão. Como foi dito anteriormente, o Delta do Nilo é uma região com cento e sessenta quilômetros de comprimento e duzentos e cinquenta quilômetros de largura. Ao nordeste do Delta do Nilo, perto de Porto Said, está o Lago Manzala ou Manzalé (em árabe: bahīrat manzala),

que é o maior dos lagos salgados daquela região, com o comprimento de quarenta e sete quilômetros, e trinta quilômetros de largura. Por extensões tão grandes de água, em rios e lagos, aliadas à fertilidade do país na área da agricultura, nós podemos entender grande parte do orgulho dos egípcios, pois eram poucas as nações com essas bênçãos naturais. Além disso, sua origem remota, seus conhecimentos, suas dinastias fortes e tão grandes exércitos, com tantas vitórias ao longo dos séculos, lhes davam a sensação de poder. Mas eles creditavam tudo isso aos seus ídolos e à sua própria força. Por isso, o Senhor não se agradava deles.



Rio Nilo, ao entardecer, em Uganda (foto de Rod Waddington)

Uma promessa de salvação para o Egito – v. 18-22.

• Is 19: 18-22: “Naquele dia, haverá cinco cidades na terra do Egito que falarão a língua de Canaã e farão juramento [NVI: ‘jurarão lealdade’] ao Senhor dos Exércitos; uma delas se chamará Cidade do Sol. Naquele dia, o Senhor terá um altar no meio da terra do Egito, e uma coluna se erigirá ao Senhor na sua fronteira. Servirá de sinal e de testemunho ao Senhor dos Exércitos na terra do Egito; ao Senhor clamarão por causa dos opressores [NVI: ‘quando eles clamarem por causa dos seus opressores’], e ele lhes enviará um salvador e defensor que os há de livrar [NVI: ‘que os libertará’]. O Senhor se dará a conhecer ao Egito, e os egípcios conhecerão o Senhor naquele dia; sim, eles o adorarão com sacrifícios e ofertas de manjares [NVI: ‘ofertas de cereal’], e farão votos ao Senhor, e os cumprirão. Ferirá o Senhor os egípcios, ferirá, mas os curará; converter-se-ão ao Senhor, e ele lhes atenderá as orações e os curará”.

As palavras ‘naquele dia’, nem sempre se referem à passagem anterior. Elas podem significar que, numa época que estava por vir, os egípcios falariam a língua sagrada, a linguagem das Escrituras, e não só a compreenderiam, mas a colocariam em prática. ‘Naquele dia cinco cidades falarão a língua de Canaã’, isto é, o Hebraico ou Judaico. ‘Uma delas se chamará Cidade do Sol’, que pode ser ‘Heliópolis’, em grego; Ôn (ἦν), em hebraico. Alguns manuscritos e versões bíblicas escrevem como: ‘Cidade da destruição’ (KJV), uma vez que esta referência bíblica de Isaías pode ser comparada

com a mesma profecia de Jeremias e Ezequiel em relação ao julgamento de Deus contra as cidades do Egito: Ez 30: 17; Jr 43: 13. Ezequiel faz um jogo de palavras entre Om (’ôn ou Ôn, און) e Áven (’awen, און) – Ez. 30: 17. A antiga cidade está localizada 15-20 metros abaixo das ruas dos subúrbios de classe média e baixa de Al-Matariyyah ou El Matareya, Ain Shams (Ain, Ayn, ou Ein Shams; Ain Shams significa ‘Olho do sol’) e Tel Al-Hisn ao norte do Cairo. Há um monumento remanescente de Heliópolis que é o obelisco do Templo de Ra-Atum, ainda em seu local original, no atual subúrbio do Cairo, Al-Matariyyah. Talvez, por isso, pelo número de obeliscos na cidade, é que os egípcios chamavam a cidade de Heliópolis de Iwnw, cuja transcrição é Iunu, e que significa ‘os pilares’.

Desde a Antiguidade, Heliópolis foi o grande centro da adoração ao sol no Egito, onde o deus-sol Rá ou Atom recebia honra especial. Om (’ôn ou Ôn, און) era a sede de uma das linhas teológicas do Egito. Os faraós embelezaram o templo de Rá (ou Re’) com muitos obeliscos. Obelisco é uma rocha alta, cônica, com um só bloco de pedra colocado em posição vertical, base quadrada ou retangular, terminando com uma ponta em forma piramidal. É um monumento comemorativo, típico do antigo Egito. ‘Obelisco’, em latim ‘obeliscus’; no grego, ‘obeliskos’, οβελίσκος, que significa ‘pilar’ ou ‘apontar’, é o diminutivo de οβελός, ‘espeto’. As corporações sacerdotais de Om só podiam ser igualadas em riqueza às do deus Ptá de Mênfis, e só eram ultrapassadas pelas corporações do deus Amon ou Amum de Tebas, durante os anos 1600-1100 AC.

Como um exemplo da proeminência de Om nós podemos ver na bíblia a história de José (Gn 41: 45; 50; Gn 46: 20) como novo chanceler de faraó e que se casou com Asenate, filha de Potífera, ‘sacerdote de Om’. Pode ser que o título seja uma designação de Potífera como sumo sacerdote em Om. Na história hebraica ‘Om’ reaparece com o nome de ‘Bete-Semes’, ‘Casa do Sol’, quando Jeremias (Jr 43: 13) ameaça que Nabucodonosor ‘esmagará as colunas de Bete-Semes’, isto é, os obeliscos de Om (Heliópolis). Pode ser a ‘Cidade do Sol’ de Isaías (Is 19: 18), Om, mas que Jeremias usou o nome de uma cidade hebraica com o mesmo significado, e onde se praticava a mesma idolatria de Om: a adoração ao deus sol. Bete-Semes (em hebraico transliterado: Beit Shemesh) significa ‘Casa do Sol’, pois tanto ali como nos seus arredores prestava-se amplamente culto ao Sol, o que pode ser provado pelas ruínas que ainda existem. Ainda na Idade Média essa povoação se chamava Ain-Semes. Bete-Semes era uma cidade da fronteira, em terreno acidentado ao nordeste das montanhas de Judá, embora tivesse sido possessão da tribo de Dã (Js 15: 10). Ela estava situada em local baixo (1 Sm 6: 13); por isso, o pedido feito aos habitantes de Quiriate-Jearim para que descessem a Bete Semes e levassem a arca para a sua terra (1 Sm 6: 21). A cidade também é mencionada em 2 Rs 14: 11-13 (batalha entre Jeoás, rei de Israel, e Amazias, rei de Judá) e 2 Cr 28: 18 (quando foi também tomada pelos filisteus no reinado de Acaz). No tempo de Salomão ela era uma das cidades que forneciam suprimento para a corte (1 Rs 4: 9).

Outra cidade importante do Egito era Bubástis ou Bubaste.

Em Ez 30: 17, quando o profeta fala sobre a conquista do Egito pela Babilônia, está escrito: “Os jovens de Bete-Áven e de Pi-Besete cairão à espada, e estas cidades cairão em cativeiro”. Pi-Besete (em hebraico) ou Bubástis (ou Bubaste em egípcio, Pr-B’sstt), significa ‘habitação da Deusa Bastet’. As ruínas são conhecidas como Tell Basta, às margens do Nilo, na região do delta, perto da moderna Zagazig. Bastet ou Ailurus (palavra grega para ‘gato’) era a deusa da fertilidade, protetora das mulheres, e que também representava o sol (Rá).

Em Ezequiel, a palavra Bete-Áven (em hebraico, ’awen ou ’âven) é uma pontuação diferente de ’ôn (Om); talvez um jogo de palavras com ’awen, ‘tribulação,

perversidade', no julgamento de Ezequiel contra as cidades do Egito. A Concordância Lexicon Strong diz que Aven (Strong #206, o mesmo que #205) significa idolatria; e que Aven era o nome de três lugares: um na Celessíria, um no Egito (Om) e um na Palestina (Bete-Áven). Strong #205 – 'âven significa: nada, problemas, vaidade, maldade; mais especificamente, um ídolo; falso ídolo, aflição, mal, iniquidade, lamentos, lamentadores, tristeza, injusto, pecador, vão. Strong #204 – 'own, é uma palavra de derivação egípcia: 'ôn, uma cidade do Egito: Om. Strong #1007 – Beyth 'Aven (Bete-Áven) significa: 'Casa da vaidade' ou 'Casa da iniquidade' ou 'Casa da perversidade'.

• Is 19: 18: “Naquele dia, haverá cinco cidades na terra do Egito que falarão a língua de Canaã e farão juramento [NVI: 'jurarão lealdade'] ao Senhor dos Exércitos; uma delas se chamará Cidade do Sol”.

'Naquele dia' se refere aos tempos do evangelho, tempos mais distantes do que os que foram mencionados até aqui.

Se pensarmos do ponto de vista espiritual, podemos entender que esta parte da profecia se encaixa perfeitamente em nossos dias para todos os que ainda estão no mundo (Egito), nas mãos de Satanás (Faraó) e sendo enganados por falsos ensinos, pela idolatria e outras coisas do mundo que os levam ao erro e ao afastamento de Deus. O Senhor, então, permite que eles passem por duras provas e até assolações para que venham a sentir Sua falta e comecem a clamar por si mesmos por uma libertação. Quando a pessoa já está pronta a deixar o que antes era conhecido e se dispõe a derrubar os falsos deuses, os ídolos de sua vida, aí o Senhor se mostra a ela e o processo de conversão se opera de verdade, com a mudança de sua maneira de ser, sua linguagem e sua visão de si mesma e das coisas espirituais. O altar que agora se ergue dentro do seu coração é ao Deus vivo que veio viver em sua alma e em seu espírito. Esta fidelidade, esta aliança, é um monumento, um memorial da presença de Deus e do Seu poder de transformação na alma de alguém. Onde o 'sol' foi adorado, ou seja, a treva com aparência de luz e verdade, a falsa luz que guiava aquela pessoa, agora é um lugar de adoração ao 'Sol da justiça', Jesus, o Messias que ela estava esperando e necessitando. O altar será o próprio trono de Deus, onde ela se entrega todos os dias como um sacrifício santo e agradável a Ele, onde o louvor e a oração sincera passam a ser oferecidos, junto com a gratidão pela Sua ajuda e pela Sua libertação; uma oferta de 'manjares' que era feita com cereais, ou seja, com o fruto de um coração limpo e agradecido. O Senhor fez a ferida e Ele mesmo curou. Uma coluna representa a fortaleza da palavra de Deus sendo erguida no coração de um convertido como símbolo de uma fé inabalável, pois o que essa pessoa fizer dali para frente será pela fé em Deus e isso é agradável a Ele, pois mostra que ela o honra como seu único Deus, seu único objeto de adoração. Da mesma forma, na Antiguidade as colunas, pilares ou postes-ídolos eram erguidos aos falsos deuses (Aserá, por exemplo); ou então, como um pacto entre duas pessoas (Jacó e Labão – Gn 31: 44-47) ou como Jacó e outros Israelitas ergueram uma coluna, um monumento ao Senhor, e verteram óleo sobre ele como um pacto entre eles e Deus (Gn 28: 18-22; Js 4: 9). O texto bíblico (Is 19: 20b) também diz: “Ao Senhor clamarão por causa dos opressores [NVI: 'quando eles clamarem por causa dos seus opressores'], e ele lhes enviará um salvador e defensor que os há de livrar [NVI: 'que os libertará']”. A bíblia faz questão de dizer que todos os que têm o selo do Cordeiro na sua testa são filhos de Deus; e se somos filhos, já não somos mais escravos; temos um Pai que nos ouve quando clamamos e que vem em nosso socorro para nos livrar dos nossos opressores (Rm 8: 14-17). Jesus é nosso salvador e defensor. Só Ele nos liberta verdadeiramente.

Se analisarmos o texto do ponto de vista histórico, ou seja, como se referindo aos tempos do evangelho na primeira vinda de Cristo, podemos pensar que os apóstolos de Jesus pregaram em vários lugares do mundo antigo, inclusive o Egito, e a profecia poderia ter sido cumprida neste momento. A comunidade judaica se instalou no Egito depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 AC. Alguns judeus já tinham fugido para o Egito quando a Judéia foi invadida e Jerusalém cercada por Senaqueribe bem antes do domínio Babilônico.

João Marcos (autor do segundo evangelho) morreu arrastado por cavalos em Alexandria (Egito) em 70-80 DC, nos tempos do Império Romano. Bartolomeu (também conhecido por Natanael) pregou até na Índia com Tomé, voltando à Armênia, Etiópia e ao sul da Arábia. Segundo relatos, morreu por esfolamento em Albanópolis (moderna Derbent, ao norte do Azerbaijão), nas montanhas do Cáucaso (entre o Mar Negro e o Mar Cáspio), a mando do governador. A Etiópia é vizinha do Egito. Mateus ministrou na Pérsia (atual Irã) e na Etiópia. Não se sabe se foi martirizado na Etiópia (apunhalado até morrer). Através desses homens, o evangelho chegou ao Egito e a outras nações gentias. O evangelho provavelmente foi pregado aos gentios em grego, não em hebraico ou aramaico, mas certamente os apóstolos que foram para lá converteram pessoas, e a conversão deles pode ser a interpretação para ‘falar a língua de Canaã’; ou, então, entraram em contato com judeus da comunidade judaica vivendo lá, e até ensinado o hebraico aos nativos. Mesmo com as rejeições que eles sofreram, pois foram todos martirizados por pessoas ímpias, alguma semente ficou. Mesmo com a divulgação do evangelho em grego, o altar ao verdadeiro Deus encontrou um lugar na terra do Egito, haja visto o primeiro século do Cristianismo, onde a Igreja Primitiva se estabeleceu em algumas cidades como Alexandria, por exemplo, e fez seguidores. O primeiro cristão convertido em Alexandria foi Aniano, um sapateiro, através de João Marcos. Desde então, os cristãos de Alexandria e do resto do Egito mantiveram uma grande tradição evangélica. Da morte de João Marcos até o governo do imperador Trajano (começo do século II), os cristãos tiveram que ocultar suas crenças, ameaçados pelas perseguições. A partir deste momento o Cristianismo foi permitido de se estender por toda a cidade de Alexandria e pouco a pouco, ao longo de todo o vale do Nilo.

O livro de Atos dos Apóstolos, no dia de Pentecostes, nos mostra que já haviam judeus em todos os lugares (At 2: 9-11) e que tinham vindo a Jerusalém para a festa. Embora estivessem falando outra língua que não o hebraico, falavam a mesma língua espiritual, ou seja, acreditavam no Deus de Israel. Naquele momento, quando Pedro lhes dirigiu a palavra em sua própria língua materna, eles foram batizados no Espírito Santo, que poderia, muito bem, capacitá-los para falar o hebraico há muito tempo esquecido por eles para que pudessem entender melhor as Escrituras, mesmo que já conhecessem as escrituras bíblicas aramaicas depois do cativeiro babilônico.

Se na época de Senaqueribe houve um diálogo em hebraico (judaico), entre os servos de Ezequias e os enviados do rei Assírio (2 Rs 18: 26; 2 Cr 32: 18; Is 36: 11), por que em outras terras seria tão espantoso que alguém falasse o hebraico?

Quanto ao fato de a bíblia mencionar que ‘naquele dia, haverá cinco cidades na terra do Egito que falarão a língua de Canaã e farão juramento ao Senhor dos Exércitos’, podemos pensar que nas cidades onde houve mais idolatria no Egito, seria lá mesmo aonde a graça do evangelho chegaria para a conversão de muitos. Não se sabe ao certo quais eram, mas podemos cogitar que deveria ser as cinco mais importantes do Egito: Heliópolis (Om), onde era adorado o deus-sol Rá ou Atom; Bubástis ou Bubaste, onde era adorada a deusa Bastet; Mênfis, onde eram adorados os deuses Ptá, Sekmet, Sokar, Nefertem e Ápis (o touro de Mênfis); Tebas, onde era adorado o deus Amon; e Tânis

(Zoã), que foi capital egípcia da 21ª dinastia, e onde eram adorados os deuses Amon, Rá e Ptah.

A aliança do Egito, Assíria e Israel no evangelho e no conhecimento pleno de Deus – v. 23-25

• Is 19: 23-25: “Naquele dia, haverá estrada do Egito até à Assíria, os assírios irão ao Egito, e os egípcios, à Assíria; e os egípcios adorarão com os assírios. Naquele dia, Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios [NVI: ‘Naquele dia Israel será um mediador entre o Egito e a Assíria’], uma bênção no meio da terra; porque o Senhor dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança”.

As três nações que naquele momento eram inimigas seriam reconciliadas pela presença de Cristo e Seu evangelho. Ele as apascentaria como o Bom Pastor, e elas estariam unidas numa só fé. “Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus”. Quantas vezes os profetas usaram esta frase? É a promessa divina para todos os que recebem a Jesus, cujos corações já estão quebrantados. Quando Ele veio a terra como homem e pregou o evangelho, deixou de existir judeus, gregos, romanos etc., mas os que o aceitaram passaram a ser chamados cristãos. Ele foi o cumprimento de toda a Escritura; e cumprindo a lei, Ele fez uma nova aliança entre Deus e os homens, trazendo à humanidade uma nova dispensação: a dispensação da graça. O que é uma dispensação? É um período de tempo (histórico / espiritual), no qual Deus trata com a humanidade, ou com um povo, de uma determinada maneira. Jesus veio trazendo uma nova dispensação, a da graça (favor imerecido, isto é, não é pelas nossas obras que somos salvos), pois pela fé nEle alcançamos a Salvação e não precisamos mais cumprir os preceitos infundáveis da Lei, senão dois: “Amarás o teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

No próximo capítulo vamos falar um pouco sobre os deuses do Antigo Egito.

Os deuses do Antigo Egito

Uma coisa que chama muito a atenção nas profecias do livro de Isaías é a repetição das advertências de Deus em relação à idolatria e à Sua ira por causa dela, levando-o a punir nações pagãs poderosas para que Seu povo não se contaminasse com seus ídolos. Em Isaías 19 (que me inspirou este texto) nós vimos as cidades do Antigo Egito: Zoã (ou Tânis), Aváris (ou Ramessés ou Pi-Ramessés), Mênfis, Om (ou Heliópolis), Bubástis ou Bubaste (em hebraico, Pi-Besete), Tebas (Nô-Amom – Na 3: 8) e outras. Quantos deuses eram adorados ali!

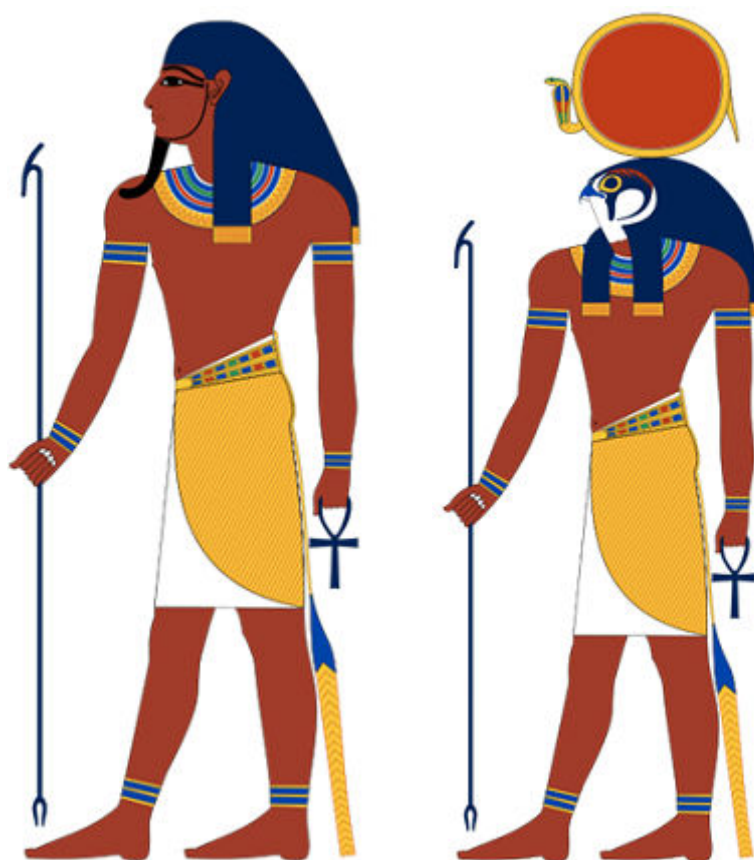
E em Is 44: 6-7 está escrito: “Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há Deus. Quem há, como eu, feito predições desde que estabeleci o mais antigo povo? Que o declare e o exponha perante mim! Que esse anuncie as coisas futuras, as coisas que hão de vir!” Apesar da infidelidade do Seu próprio povo ou da idolatria e da arrogância dos gentios, acreditando em seus deuses para livrá-los da ira do Deus de Israel, Ele continuava a dizer que além dEle não há outro Deus. Era a Ele que eles deveriam recorrer.

O mesmo acontece ainda hoje, quando a incredulidade, a rebeldia, o orgulho e a cegueira do ser humano o faz acreditar nas mentiras das trevas, em coisas vãs, e usar amuletos para conseguir segurança e bem-estar. Quem ainda hoje consegue acreditar

nisso? Falsos conhecimentos estimulam a fantasia, e a fantasia da mente humana dá brecha para o diabo, distorce a realidade, traz ansiedade, medo e ameaças. Nenhuma doutrina, seita, filosofia, mito ou amuleto podem trazer a salvação, a proteção e a liberdade que o ser humano tanto almeja. Tudo isso já foi conquistado por Jesus através do Seu sacrifício. Seu sangue e o Seu perdão removem todo peso trazido por esse “lixo espiritual” acumulado por tantos milênios. O Egito prefigura o mundo, onde vidas estão debaixo do cativo do inimigo, adorando falsos deuses e perdendo seu precioso tempo com algo fútil.

Não precisamos de símbolos nem amuletos. A palavra de Deus é o suficiente para nós; é a única coisa que nos mostra a verdade e nos conduz pelos caminhos retos da Sua justiça.

Deuses Egípcios:

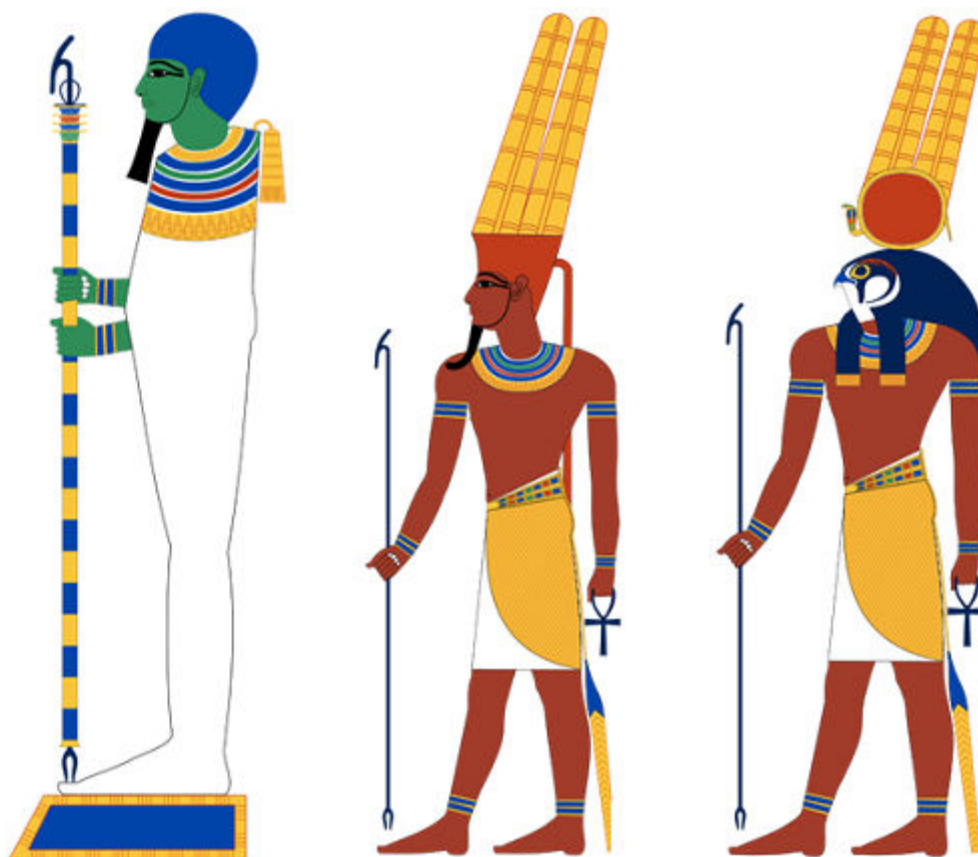


Aton e Rá (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

- Áton ou Aton ou Atum (também Atem ou Tem) – deus primordial e criador do céu e da terra. Uniu-se a Rá, e se transformou num único ser, chamado de Atum-Rá. Era adorado em Heliópolis (Om) e representado como um disco solar, fonte de energia da vida terrena e suas mãos seguravam a chave do Ankh. Seu nome parece ser derivado do verbo tm, que significa ‘completar’, ‘terminar’. Por isso, ele é tido como ‘o Completo’ e também o finalizador do mundo. O Faraó Amenófis IV ou Amenhotep IV (em egípcio antigo) reinou no período de 1352-1336 AC e foi faraó da XVIII dinastia. A partir do 5º ano do seu reinado, introduziu a adoração centrada em Aton e mudou seu próprio nome

para Aquenáton (Akhenaton), que significa ‘agradável a Aton’ para mostrar a sua estreita relação com esta divindade.

- Rá – o deus-sol, adorado em Heliópolis (Om) e Tânis (Zoã). Uniu-se a Aton ou Atum, e se transformou em único ser, Atum-Rá. Sua filha Ma’ete (Maat) personificava a verdade, a justiça, a equidade e a ordem cósmica. Rá ou Aton (rei-sol) era chamado também de Amon-Rá, talvez uma confusão com Amon de Tebas, o deus ‘oculto’, o deus guerreiro, substituto de Montu, a quem Amon venceu. Outro deus ligado a Rá era Osíris, que governava o reino dos mortos e cujo filho era Hórus (representado por um gavião) e sua esposa, Ísis.



Ptá, Amon, Montu (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

- Ptá ou Ptah (egípcio: pth; provavelmente vocalizado como Pitah em egípcio) é o deus dos artesãos e arquitetos; está associado às obras em pedra. Na tríade de Mênfis é o marido de Sekmet. Está ligado a Sokar. Os gregos conheciam-no como o deus Hefesto. Nas artes, é representado como um homem mumificado com as mãos segurando um cetro enfeitado com Ankh, Was e Djed (símbolos da vida, força e estabilidade, respectivamente). Também era adorado em Tânis (Zoã).

- Ámon (Amon ou Amun; em grego: Ἄμμων Ámmōn ou Ἀμμων Hámmōn; em egípcio: Yamānu), adorado em Tebas e Tânis (Zoã). Seu nome significa ‘o oculto’, uma vez que originalmente era a personificação dos ventos. A partir da XVIII dinastia (com o Faraó Tutancâmon – 1336-1327 AC) ele se tornou o deus do Império, passando a ser chamado de Amon-Rá e reverenciado sob aspectos criadores e solares. Derrotou Montu, deus solar considerado como a manifestação destrutiva do calor do sol. O culto a Amon acabou com a destruição de Tebas em 661 AC pelos assírios.

- Montu (Menthú, Montju, Ment, Month, Montu, Monto, Mentu, Mont ou Minu'thi) é um deus da antiga religião egípcia adorado na província de Tebas (nas cidades de Tebas e Hermôntis, atual Armant, 9 km ao sul de Tebas); por isso, conhecido como conhecido como o 'senhor de Tebas'. Inicialmente foi um deus solar considerado como a manifestação destrutiva do calor do sol e, portanto, associado a Ré ou Rá (Montu-Ré). Foi derrotado por Amon. Era representado como um homem com uma cabeça de falcão, tendo na cabeça duas plumas altas e um disco solar com duplo ureu (uma cobra estilizada colocada na coroa dos faraós), segurando um machado, ou setas e arcos. Na Época Baixa (664–332 AC) foi representado com a cabeça de um boi. Passou a ser associado à vitória e à guerra no tempo da XI dinastia.



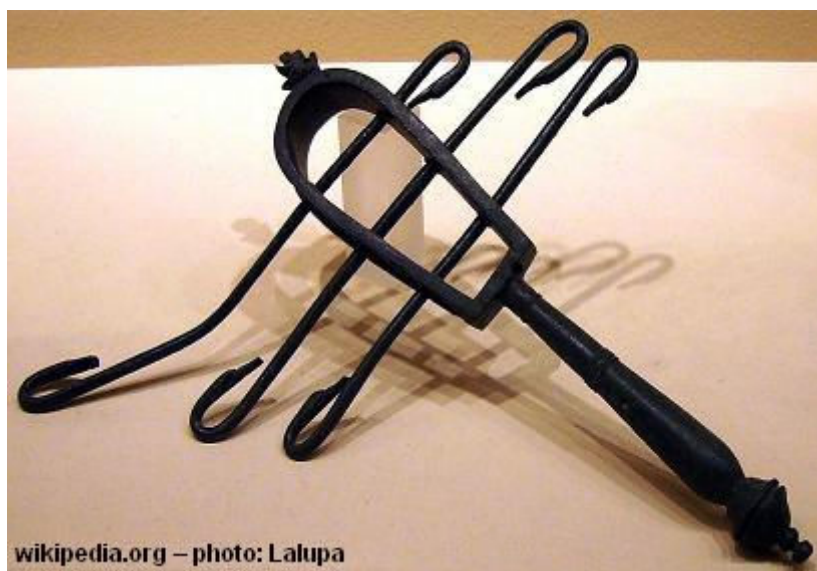
Bastet, Sokár, Sekmet (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

- Bastet [Bast, Ubasti, Ba-en-Aset ou Ailuros (palavra grega para 'gato')] é uma divindade solar, adorada desde a 2ª dinastia; deusa da fertilidade, protetora das mulheres grávidas. Também tinha o poder sobre os eclipses solares. Era representada como uma mulher com cabeça de gato, que tinha na mão um instrumento musical de percussão (o sistro), considerado sagrado. Podia também ser representada como um simples gato. Adorada em Bubástis (ou Bubaste em egípcio, Pr-B'stt), que significa 'habitação da Deusa Bastet' ou 'Casa de Bast'. A palavra 'sistro' vem do grego σεῖστρον seistron, literalmente: 'aquilo que é agitado', derivado do verbo: σεῖεν seiein, 'agitar, sacudir'.

- Socáris (em grego clássico: Σωκαρης Sokaris), Socar (Sokar) ou Sequer (Seker) era o deus-falcão da necrópole de Mênfis. Como homem com cabeça de falcão, era geralmente representado como em forma de múmia, coroa cônica com o disco solar, chifres e cobras. Era outro deus construtor (era fabricante dos ossos e de mistura de

substâncias aromáticas para os ungüentos importantes no ritual funerário egípcio). Depois se associou às necrópoles da região e passou a ser considerado como deidade da condição pós-morte, do submundo. Está associado com Osíris e a Ptá, do qual tomou sua esposa Sacmis (Sekhmet) para si.

- Sekmet, Sacmis ou Sequemete (Sekhmet) é a deusa da vingança, da guerra e medicina do Antigo Egito, e adorada em Mênfis. A deusa egípcia é representada com a cabeça de uma leoa e tem o calor do sol como o seu principal poder.



Sistro

- Nefertem ou Nefertum era deus do sol e dos perfumes, cujo símbolo era a flor de lótus. Segundo alguns autores, seu nome significa: 'Lótus', 'aquele que é belo' ou 'Aton, o belo'; ou, possivelmente: 'o belo que fecha' ou 'aquele que não fecha', e é conhecido desde o século XXIV AC. Era adorado em Mênfis e Heliópolis (associado a Aton). A triade é composta por Ptá, Sekmet e Nefertem, que também se uniu a Hórus, filho do Sol, para formar uma entidade única. É representado por vezes com uma cabeça de leão ou como um jovem sentado sobre uma flor que desabrocha.

- Ápis (Hapi-anku), o touro de Mênfis, personificação da terra e reencarnação de Osíris. Estava associado com o deus Ptah, o deus construtor da referida cidade; simbolizava a força do rei (Faraó).

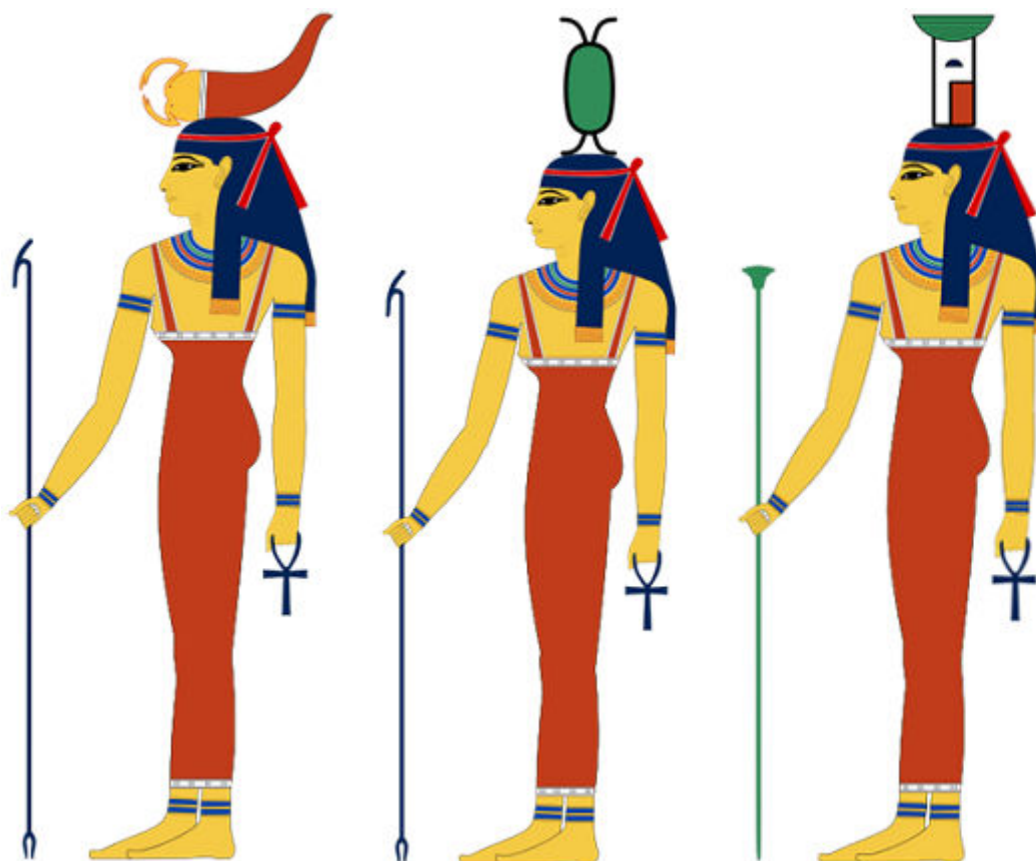
- A deusa Hator (ou Hathor), deusa das mulheres, dos céus, do amor, da alegria, do vinho, da dança, da fertilidade e da necrópole de Tebas, pois acolhia os mortos e velava os túmulos. Como deusa do céu, ela era a mãe ou consorte do deus do céu Hórus e do deus do sol Rá, ambos os quais eram conectados com a realeza, assim ela era a mãe simbólica de seus representantes terrenos, os faraós. Era representada como uma vaca com o disco solar entre os chifres ou como uma mulher com cabeça ou com orelhas de vaca, ou ainda como uma mulher de pele amarela e que carrega na cabeça um par de chifres de vaca, entre os quais se encontra um disco vermelho rodeado por uma cobra. Ela segura um bastão bifurcado (o Was – cetro) em uma mão e o Ankh na outra.



Nefertem, Hator e Ápis (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

- Sélquis (em grego: Σέλκις, Sélcis; Serquete (Serket) ou Selquete (Selket) era a deusa adorada desde 3100 AC. No Reino Antigo (2686–2160 AC) ela era guardiã do rei falecido. Ao lado de Neith (Nit), Ísis e Néftis, tornou-se uma das quatro divindades que guardaram os sarcófagos. Sélquis também tinha a função de proteger o faraó reinante. Ela é frequentemente descrita como uma mulher com um escorpião enfeitando sua coroa. Ela segura o ankh, o símbolo da vida, em uma mão e um cetro 'Was', representando o poder, na outra. Também era a deusa da fertilidade, natureza, animais, medicina, magia e cura de picadas e mordidas venenosas. Picadas de escorpião levam à paralisia, por isso, o significado do seu nome: '(aquela que) aperta a garganta', ou '(aquela que) faz a garganta respirar'; assim, tinha o poder de curar picadas de escorpião e os efeitos de outros venenos, como a picada de cobra. Não tinha templos para sua adoração.

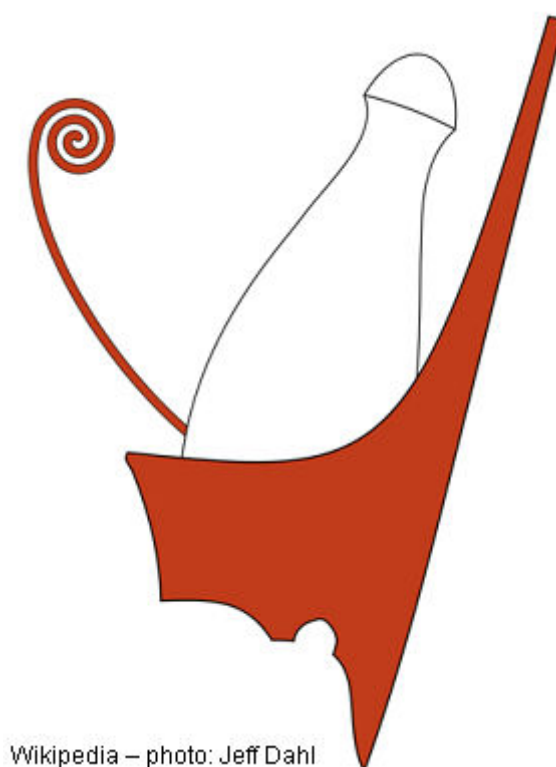
- Neith, em grego koinē: Νηϊθ, é um empréstimo da forma de escrita Egípcia antiga 'nt', provavelmente originalmente 'nrt' e significa 'ela é a mais aterrorizante', por ser uma deusa guerreira. O nome também é escrito como: Nit, Net ou Neit. Dizia-se que ela era a criadora do universo e tudo o que ele contém, sendo ela que governava seu funcionamento. Ela era a deusa da sabedoria, do cosmos, das mães e do parto, dos rios, da água, da caça, da guerra e do destino, mas também tinha atributos da tecelagem (num sincretismo com a deusa grega Atena pelas classes governantes, como uma deusa que teceu o mundo e trouxe tudo à existência); por isso, era a patrona dos tecedores. A deusa egípcia Neith trazia seus símbolos da deusa da guerra, as flechas cruzadas e o escudo em sua cabeça, o ankh e o cetro (Was). Ela às vezes usa a Coroa Vermelha do Baixo Egito. Neith era adorada em Saís.



Sélquis, Neith e Néftis (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

- Néftis (em grego: Νέφθυς, Nephthys) ou Nebthet (em árabe: Nyftys) é mencionada como esposa de Seti. Seu nome significa: ‘senhora da casa’, entendida como a casa para onde o Sol retorna no fim do seu curso, ou seja, os céus noturnos. Enquanto Seti era o deus da morte, Néftis e sua irmã Ísis são chamadas de ‘Deusa Mãe’ e ‘deusa dos céus’, e ambas são as que distribuem vida plena e felicidade. Néftis era normalmente retratada como uma jovem mulher, usando um toucado em forma de casa e cesto. É também denominada guardiã dos mortos, levando-os à vitória; e uma deusa da natureza, da extremidade do céu, o leste e o oeste ou o norte e o sul (não se sabe qual delas é uma ou outra, Néftis ou Ísis).

- Mut – deusa bastante poderosa, inicialmente apenas uma deusa-falcão da cidade de Tebas (atual Luxor). A partir da XVIII dinastia, Mut passou a ser vista como esposa de Amon. Era representada como uma simples mulher com um vestido vermelho ou azul usando um toucado de abutre e a coroa dupla (‘pschent’, Grego: ψχέντ) do Alto e Baixo Egito (a coroa branca do Alto Egito e a vermelha do Baixo Egito). Essa coroa carregava o emblema de dois animais: a cobra egípcia (ureu, uma cobra estilizada colocada na coroa dos faraós) pronta a atacar, representando a deusa Wadjet do Baixo Egito, e o abutre egípcio, representando a deusa Nekhbet do Alto Egito. Por vezes, essa deusa era também representada com uma cabeça de leoa. Possui uma sala no Templo de Carnaque (ou Karnak – templo dedicado a Amon-Rá). Mut é a mãe de Quespisiqus (Consu, Khonsu, Quensu, Khensu; em grego: Chespisichis), o deus-lua adorado em Tebas.



Wikipedia – photo: Jeff Dahl

Pschent – a coroa dupla do Alto Egito (branca) e do Baixo Egito (vermelha)

- Tot ou Thot (em grego clássico: Θώθ – Thóth; também conhecido como Djeuti em egípcio: Dhwtj) era o deus egípcio da palavra e da erudição (Mercúrio, para os romanos, e Hermes, para os gregos); do conhecimento, da sabedoria, da escrita, da música, da lua e da magia, geralmente retratado com a cabeça de íbis ou babuíno, animais consagrados a ele. Era chamado pelos gregos de Hermes Trismegisto (‘Hermes Três-Vezes-Grande’). Adorado em Hermópolis Magna. Juntamente com Khonsu (o deus-lua descrito acima), representa a passagem no tempo. Sua esposa era Ma’ete (Maat), filha de Atom-Rá. No século I no Egito surgiu uma doutrina atribuída ao deus Thot, e chamada de Hermetismo. É um ensinamento secreto em que se misturam filosofia e alquimia (uma química buscada através de uma fórmula secreta para transformar metais em ouro). Ela está ligada ao Gnosticismo. Gnosticismo é uma doutrina filosófico-religiosa que surgiu no início da nossa era e se diversificou em muitas seitas, visando a conciliar todas as religiões e a explicar-lhes seu sentido mais profundo por meio da gnose (em grego: ‘conhecimento’). O gnosticismo relaciona-se com a Cabala, com o Neoplatonismo e as religiões orientais. A gnose prega o conhecimento esotérico e perfeito da divindade, e que se transmite por tradição e mediante ritos de iniciação. Neoplatonismo é o conjunto de doutrinas e escolas de inspiração platônica (Platão foi um filósofo grego do século V AC – 429-347 AC) que se desenvolveram do século III ao século VI (232-529). Ele é direcionado para os aspectos espirituais e cosmológicos do pensamento platônico, sintetizando o platonismo com a teologia egípcia e judaica, inclusive influenciando alguns cristãos, como Agostinho de Hipona, e judeus na época medieval, como o rabino Moshe ben Maimon, também conhecido como Maimônides ou Rambam, o erudito judeu mais influente da Idade Média (século XII) que organizou as 613 ordenanças judaicas (Mitzvot).

- Ma’ete (Ma’at ou Maat) personificava a verdade, a justiça, a equidade e a ordem cósmica e social. Era esposa de Thot. Ela é representada como uma jovem mulher

ostentando uma pena de avestruz na cabeça, sendo a pena a medida que determinava se a alma do morto (que residia em seu coração) alcançaria o paraíso da vida após a morte com sucesso no julgamento de Osíris.



Mut, Thot, Ma'at (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

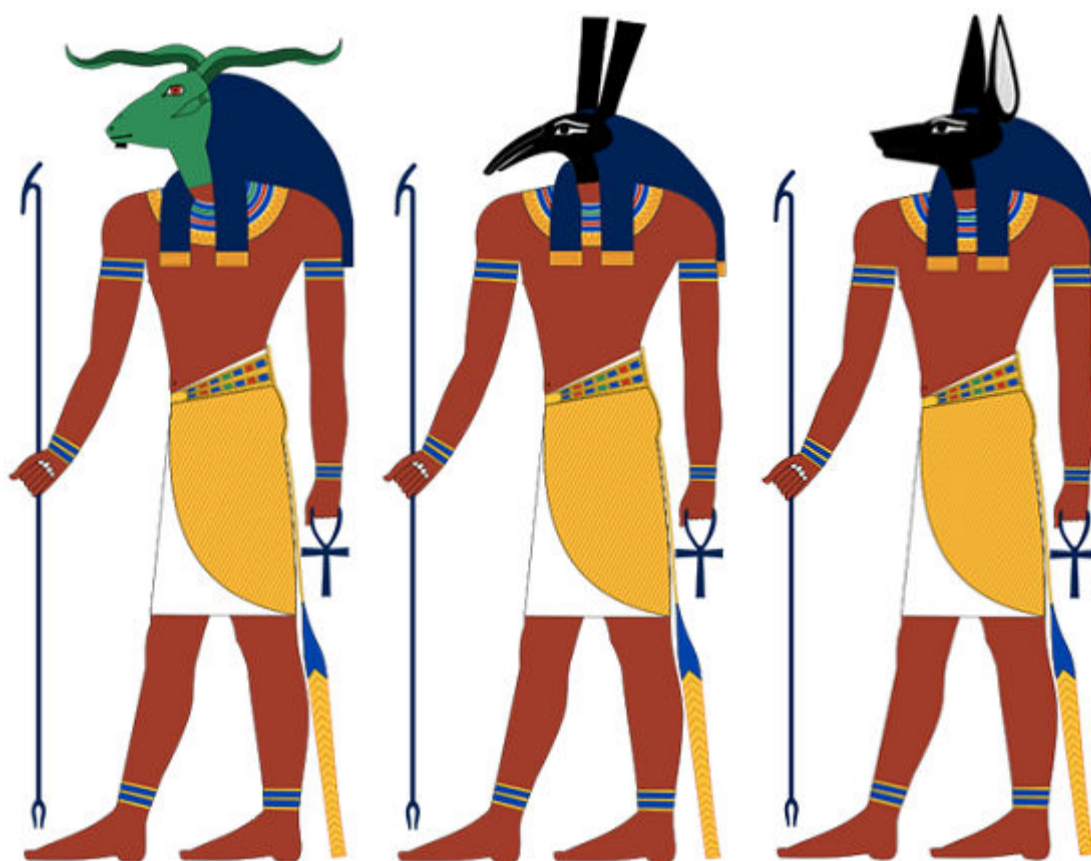


Íbis (o pássaro ligado a Thot)

• Banebdjedet (lit. Ba do senhor de Djedet), o deus de Mendes (nome grego para a cidade egípcia de Djedet), era retratado com a cabeça e o velo de um bode. ‘Ba’ significa a personalidade, enquanto ‘ka’ significa a essência vital, ou seja, o que fazia a diferença entre um ser vivo e um morto. Por isso, o nome mais antigo ainda para essa cidade era Per-Banebdjedet (‘O domínio do senhor carneiro de Djedet’), pois ali o deus-carneiro Banebdjedet era adorado. Hoje ela é conhecida como Tell El-Ruba. Djedet era o deus da mitologia egípcia que representava a natureza. Khnum era o deus equivalente no Alto Egito. Khnum (ou Khnemu; em grego: Χνοῦβις, Hnoubis, ‘o modelador’) era o deus da nascente do Nilo. Da mesma forma que a enchente anual do Nilo trazia lodo e argila, e sua água, vida, Khnum era considerado o criador dos corpos das crianças, que ele fazia com o barro na sua roda de oleiro, e depois colocava no ventre de suas mães. Logo, Banebdjedet passou a ser considerado como o deus que moldava as outras divindades. As imagens de Khnum também incluem a cabeça de crocodilo, denotando seu domínio sobre o Nilo. O símbolo hieroglífico ‘hnm’ que frequentemente aparece no nome de Khnum é derivado da palavra hnmṯ, que significa ‘poço’ ou ‘fonte’. Seu nome também pode ser conectado a uma raiz semítica que significa ‘ovelha’. Khnum também é frequentemente descrito com o termo ‘iw m hapy’, que significa ‘a vinda do Nilo’. Khnum tem vários títulos, como ‘o deus criador’, ‘o deus oleiro’ ou ‘o oleiro divino’, ‘o senhor da vida’, ‘o senhor do campo’, ‘senhor de Esna’ (uma cidade na margem oeste do Nilo, 55 km ao sul de Luxor, ou seja, Tebas), ‘o bom protetor’, ‘o senhor dos crocodilos’ e ‘o senhor das coisas criadas por ele mesmo’.

• Seti ou Seth (Set, Setesh, Sutekh, Setekh ou Suty; em egípcio antigo: sth; em grego clássico: Σήθ: Séth; tem outros nomes: Tem, Temu, Tum e Atem) era o deus egípcio da confusão, da desordem e da perturbação, do caos, da seca e da guerra, o senhor da terra vermelha (deserto), em contraparte com Hórus, o senhor da terra negra (solo). O animal de Seth serve como determinante para conceitos negativos (autoritarismo, fúria, crueldade, crise, tumulto, desastre, sofrimento, doença, tempestade). Mestre de trovões e relâmpagos, ele exercia seu poder nas terras do deserto, áreas áridas e países fora da planície do Nilo. Seu poder desordenado, no entanto, contribuía para o equilíbrio cósmico. Nesse sentido, Seti se opõe a seu irmão Osíris, símbolo de terra fértil e nutritiva. O antagonismo dos dois deuses ilustra a natureza dupla do faraó que une essas duas forças opostas, mas complementares. Sua esposa era Néftis, sua irmã. Seti era adorado em Nacada, a oeste do Nilo. Era o pai de Anúbis.

• Anúbis (em grego antigo: Ἄνουβις) ou Anupo era conhecido pelos gregos como o deus egípcio dos mortos e moribundos, guiava a alma dos mortos no submundo. Estava associado com a mumificação e a vida após a morte. Também era o protetor das pirâmides. Era sempre representado com cabeça de chacal. Na língua egípcia, Anúbis era conhecido como Inpu (também grafado Anup, Anpu e Ienpw). No Império Médio (2055–1650 AC), Osíris passou a ter a função de deus primordial dos mortos, enquanto que Anúbis tinha como função o preparo do corpo e embalsamento dos mortos; era o protetor do processo de mumificação. Ele era adorado em Assiut, a moderna Assiute (em árabe; Zawty, em egípcio primitivo; Səyáwt em egípcio tardio), capital da província do mesmo nome no vale do rio Nilo, a meio caminho entre o Cairo e Luxor. No Egito greco-romano, chamava-se Licópolis (em grego: ἡ Λύκων πόλις – transliterado: i lýkon pólis: ‘a cidade dos lobos’, ou πόλη των λύκων transliterado: póli ton lýkon, ‘cidade dos lobos’).



Khnum, Seti (Seth) e Anúbis (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

- Osíris (em egípcio: wsjr) era adorado em Busiris e Abidos, no Baixo Egito (próxima ao Delta). Governava o reino dos mortos e estava ligado a Rá. Era ele quem governava o reino dos mortos e os julgava na ‘Sala das Duas Verdades’, onde ocorria a pesagem do coração. Segundo a lenda, Osíris foi assassinado pelo seu irmão Seti e triunfou na pessoa de seu filho Hórus, seu vingador. Osíris também era identificado como deus da vegetação, que fazia a vegetação crescer, relacionado também com a elevação anual do Nilo e o conseqüente renascimento da vida; portanto, era exaltado como o inventor da agricultura e patrono da civilização. Vencendo a morte, Osíris renasce no além, tornando-se o Senhor da vida pós-morte e juiz dos espíritos que lá chegam. Sua esposa era Ísis e seu filho era Hórus (representado por um gavião). Ísis a mesma entidade espiritual chamada ‘Rainha dos Céus’ (Jr 7: 18; Jr 44: 17; 19; 25) ou ‘deusa mãe’ para os egípcios; ‘Maria’, para os Católicos (foi usado o nome da mãe carnal de Jesus para trazer egípcios para o Cristianismo).

- Ísis (em egípcio: Aset) foi uma das principais divindades na religião do Antigo Egito cuja veneração espalhou-se também para o mundo greco-romano. Ela ressuscita seu marido, o rei Osíris, e produz e protege seu herdeiro, Hórus (representado por um gavião). Acreditava-se que era a mãe divina do faraó, que por sua vez estava ligado a Hórus. Seu auxílio materno era invocado em feitiços de cura para beneficiarem o povo comum. Ela era mais proeminente em práticas funerárias e textos mágicos. Ísis era retratada artisticamente como uma mulher usando um hieróglifo no formato de trono em sua cabeça ou, então, de um pássaro (papagaio). Ela assumiu no Império Novo (18^a–20^a dinastia – séc. XVI-XI AC) os traços que originalmente pertenciam a Hator, a deusa mais importante durante o Período Antigo, passando assim a ser retratada usando o

toucado de Hator: um disco solar entre os chifres de uma vaca. Esta imagem é parcialmente baseada em imagens de Ísis do túmulo de Nefertari (1290-1254 AC), uma grande rainha egípcia, esposa de Ramessés II faraó do Egito, cujo nome significa ‘a mais bela’, ‘a mais perfeita’ e é muitas vezes seguida pelo epíteto de ‘amada de Mut’. O símbolo de Ísis era o Tyet, que se assemelha a um Ankh, exceto que os seus braços são curvados para baixo. Ankh (pronuncia-se ‘Anak’, a vértebra torácica de um touro, visto em corte transversal) era para os egípcios o símbolo da vida e bem-estar, também como símbolo da vida eterna, a vida após a morte. É muito difícil diferenciar Néftis de sua irmã Ísis: ambas são chamadas de ‘deusa mãe’ e ‘deusa dos céus’. Ísis também era a mesma entidade espiritual chamada ‘Rainha dos Céus’ no livro do profeta Jeremias (Jr 7: 18; Jr 44: 17; 19; 25) em relação a Aserá, deusa dos cananeus. Aserá, esposa de Baal, deusa da fertilidade para os cananeus, deusa do amor e da guerra, era também conhecida pelos cananeus e fenícios como Astarte ou Astarote. Era geralmente feita sua imagem e adorada como ‘Poste-ídolo’, tendo também uma forma de cunha, como a cabeça de uma serpente. Ela assumiu outros nomes em outras nações: Ísis ou Rainha dos Céus (egípcios), Diana (romanos), Ártemis (gregos), Ishtar (assírios e babilônios) e Nina. O termo hebraico para Nínive (nīnēweh), em grego, nineue, é uma tradução do assírio ninua, em babilônico antigo ninuwa, que por sua vez é transliteração do nome sumério mais antigo ainda, Nina, nome da deusa Ishtar, a deidade protetora daquela cidade e cujo nome era escrito com um sinal representando um peixe dentro de um ventre. Eostre, deusa germânica da Antiguidade, está relacionada com a primavera; Ostera, nome mais antigo de Eostre era simbolizada por uma mulher que segurava um ovo em sua mão e observava um coelho, representante da fertilidade, pulando alegremente ao redor de seus pés. Eostre e Ostera são a mesma entidade: a Rainha dos Céus. O culto a Ísis, deusa-mãe do Egito, foram absorvidas no Cristianismo, substituindo-se Ísis por Maria (foi usado o nome da mãe carnal de Jesus para trazer egípcios para o Cristianismo).

- Hórus (Heru-sa-Aset, Her’ur, Hrw, Hr, Hor-Hekenu ou Ra-Hoor-Khuit; em grego antigo: Hōros) é o deus dos céus e dos vivos. Hórus era filho de Osíris e de Ísis. Tinha cabeça de falcão e os olhos representavam o Sol e a Lua. Perdeu um olho lutando com Seth, que foi substituído por um amuleto, o olho de Hórus. Como o amuleto não lhe dava plena visão, foi-lhe posta também uma serpente sobre sua cabeça; por isso, os faraós passaram a usá-la na frente das coroas. Na língua egípcia, a palavra para este símbolo era ‘wedjat’, estando ligado à deusa solar Wadjet, e esse símbolo começou com seu olho que tudo vê. O amuleto, então, passou a representar a união do olho humano com a vista do falcão, animal simbólico de Hórus. O olho de Hórus simbolizava proteção, poder real e boa saúde e foi um dos amuletos mais usados no Egito em todas as épocas. Depois da recuperação, Hórus pôde organizar novos combates que o levaram à vitória decisiva sobre Seth. Ele o matou, tanto por vingança pela morte do pai, Osíris, quanto pela disputa do comando do Egito. Era adorado em Hieracômpolis (também conhecida como Nekhen), 80 km ao sul de Luxor (fundada no antigo local da cidade de Tebas). Ali está o templo de Carnaque, dedicado a Amom-Rá, iniciado por Ramessés II, e também o templo de Luxor, iniciado por Amenófis III e terminado pelos muçulmanos. Tebas foi capital do reino durante o Império Novo (1550 AC–1070 AC). Em 661 AC, a cidade foi saqueada pelos assírios. Recolonizada pelos gregos sob Alexandre o Grande, foi novamente destruída pelos romanos em 29 AC. Somente no século VII, com a ocupação árabe, é que a região voltou a ter algum destaque, com a construção da moderna Luxor.



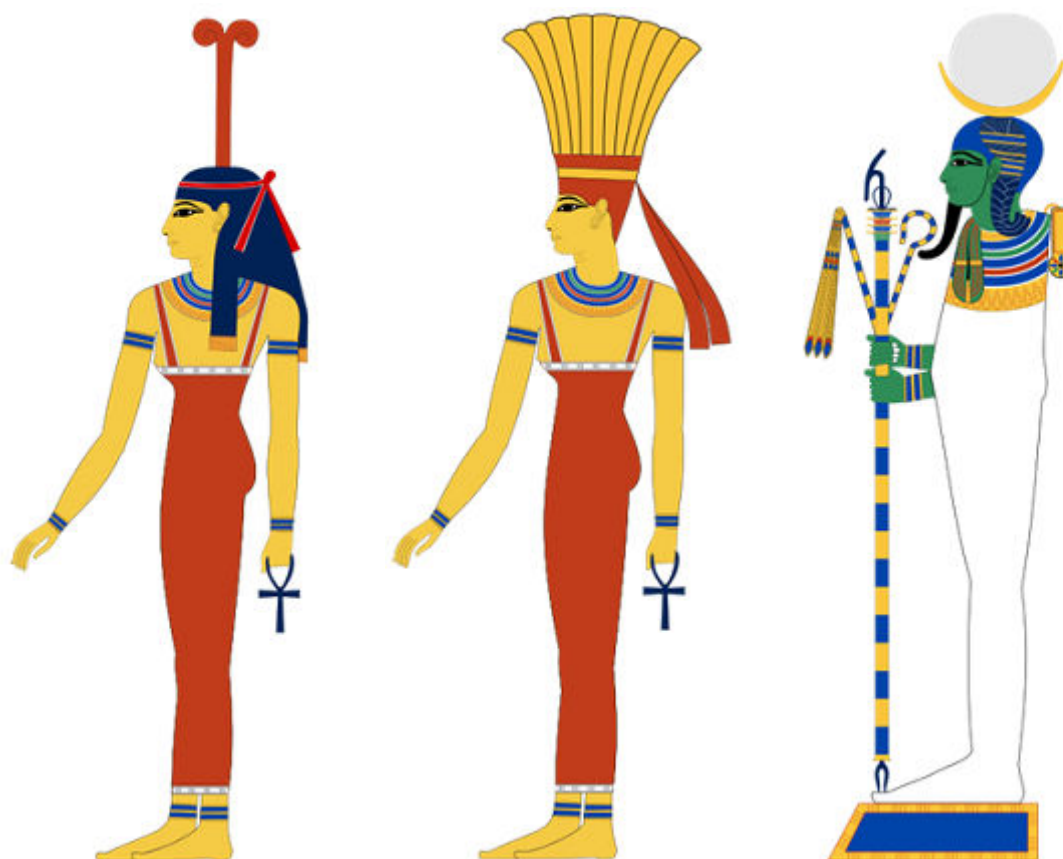
Osiris, Ísis e Hórus (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

- Mesquenete (Meshkenet, Mesenet, Meskhent e Meshkent) era uma deusa egípcia muito antiga (das primeiras dinastias) associada ao parto. O seu nome significa ‘o lugar onde a pessoa se agacha’, pois as mulheres egípcias davam à luz em posição agachada com os pés posicionados sobre tijolos. Era representada como um tijolo de nascimento (o tijolo onde se dava o nascimento) com cabeça de mulher ou como uma mulher com um útero simbólico em sua cabeça (o útero de uma vaca). Também podia se mostrar com o ureu na testa (ureu ou serpente sagrada é um adorno em forma de serpente colocado na coroa dos faraós). Ela era responsável pela criação do ka (alma) dos seres, assegurava o nascimento da criança (colocava seu sopro de vida neles) e decidia o destino de cada um deles, bem como estava presente no seu julgamento pós-morte, na chamada ‘a sala das duas verdades’, onde o coração era pesado e simbolicamente assistia ao novo nascimento da pessoa, caso a esta lhe fosse atribuída uma existência no paraíso. Mesquenete era adorada em Mênfis e em Heracleópolis Magna; nesta última cidade, ela tomava a forma de Ísis.

- Anúquis (em grego clássico: Anoukis – Ἀνουκίς) ou Anuquete (Anuket; Anaka ou Anket) significa: ‘abraçar’, ‘apertar’. Era uma deusa inicialmente ligada à água que com o tempo tornar-se-ia uma deusa associada à sexualidade. Os gregos associaram-na à deusa Héstia; os romanos, à deusa Vesta. Era adorada na região da primeira catarata do Nilo, mais especificamente em Elefantina, onde estava a cidade de Assuan (Aswan). Era representada como uma mulher que tinha sobre a cabeça um toucado de junco ou de penas de avestruz. Em alguns casos surge como uma gazela, animal sagrado associado à deusa. Ela também segurava um cetro encimado com um ankh.

- Quensu (Quespisiqius, Consu, Khonsu, Quensu, Khensu; em grego: Chespsichis) era o deus-lua adorado em Tebas. Seu nome significa ‘viajante’, o que pode referir-se a

viagens noturnas da lua no céu. Khonsu é retratado como uma criança em forma de múmia com um disco lunar na cabeça, distinguindo-se de Ptah pela presença de um colar e pelo formato de seu pendente em forma de buraco de fechadura, pela barba falsa curvada em vez de quadrada, pela presença do disco da lua em sua cabeça, pela trança lateral da juventude, e pelo cajado e o mangual que ele segura. Khonsu também pode ser descrito como um homem de cabeça de falcão usando o mesmo disco da lua. Sua mãe era Mut.



Mesquenete, Anúquis e Quensu ou Khonsu (foto: Jeff Dahl – Wikipédia)

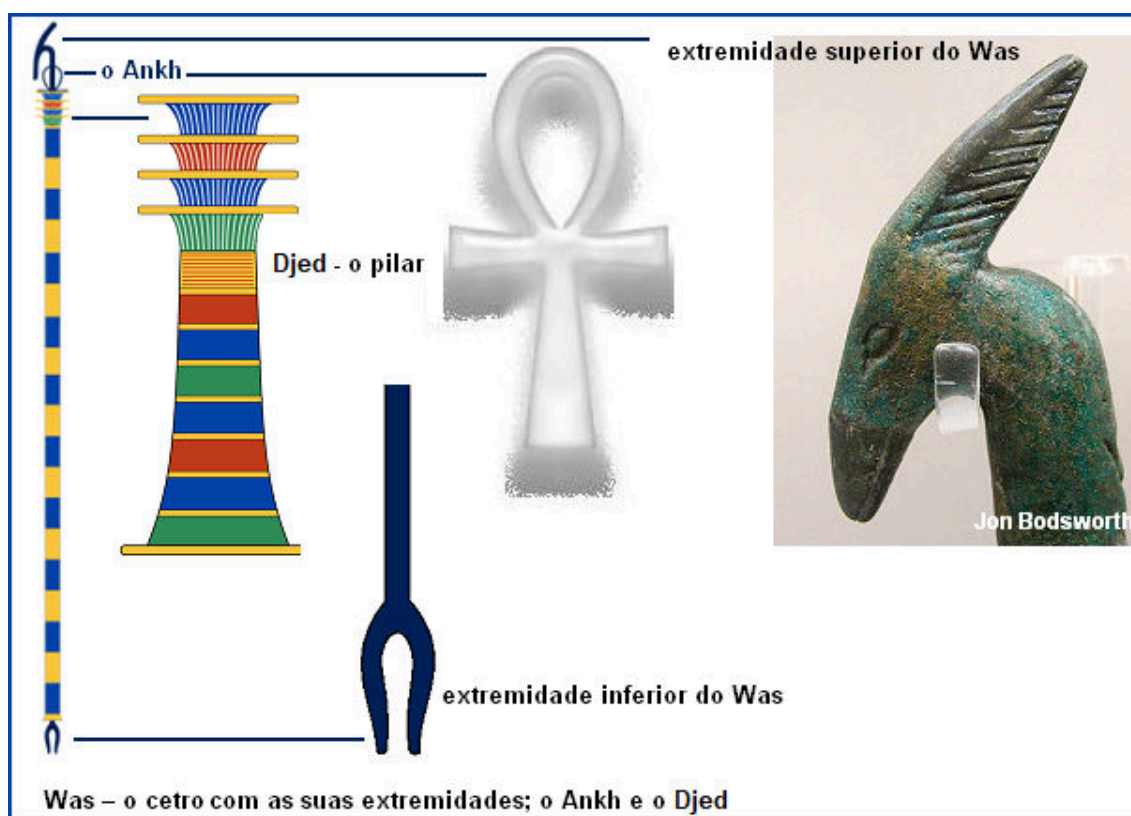
O cajado e o mangual usado pelos faraós

Tanto alguns deuses como os faraós costumavam carregar dois objetos: o cajado (heka) e o mangual (nekhakha), símbolos que no Antigo Egito eram atributos de Osíris, mas que vieram a se tornar símbolos da autoridade faraônica. Foram achados no túmulo de Tutancâmon. O cajado de pastor (o heka) significa a realeza, representando o governante como um pastor do seu povo. Segundo alguns pesquisadores, o outro objeto, o mangual, simboliza a fertilidade da terra. Toby Wilkinson (Egiptólogo), entretanto, acha que o mangal (usado para incitar o gado) simboliza o poder coercivo do governante, ou seja, como pastor de seu rebanho ele tanto encorajava como restringia seus súditos. Os cajados são feitos de bronze e cobertos com listras alternadas de vidro azul, obsidiana (um tipo de vidro vulcânico) e ouro, enquanto as contas do mangual são feitas de madeira folheadas em ouro. O cajado e o mangual eram segurados pelo faraó sobre o peito, dessa forma representando o governante como um pastor cujo poder e autoridade são temperados com a benevolência.



Cajado e manguel encontrados na tumba de Tutancâmon

Símbolos:



Montagem feita com imagens da wikipedia.org

Três símbolos aparecem em conjunto na imagem de quase todos os deuses egípcios: o Ankh, o Djed e o Was.

Andrew Hunt Gordon (Egiptólogo) e Calvin W. Schwabe (veterinário) acham que os três símbolos têm uma base biológica derivados da cultura de criação de gado do antigo Egito, por isso a comparação com vértebra ou coluna vertebral de touro. Os egípcios achavam que o sêmen tinha origem na coluna vertebral. Assim, o pênis seco de um touro aparecia sempre ao lado do Was (o cetro), representando poder ou domínio, e o Djed (o pilar), representando estabilidade.

- Ankh (pronuncia-se ‘Anak’ em egípcio, e ‘anrr’ nas línguas semitas como hebraico e árabe) era um símbolo hieroglífico egípcio antigo usado na escrita para a palavra ‘vida’, e conseqüentemente, o símbolo da vida propriamente dita e da vida eterna. Representa a vértebra torácica de um touro (vista em corte transversal). Provavelmente surgiu na 5ª dinastia (o Reino Antigo – 2686-2181 AC). Os egípcios usavam o Ankh para indicar a vida após a morte. Apesar de sua origem egípcia, ao longo da história o Ankh foi adotado por diversas culturas. Por exemplo, foi mantido mesmo após a cristianização do povo egípcio a partir do século III, quando os cristãos convertidos passaram a ser chamados cópticos. Copta significa ‘egípcio’ e se refere aos egípcios cujos ancestrais abraçaram o cristianismo já no século I. Por sua semelhança com a cruz dos cristãos, o Ankh manteve-se como um dos principais símbolos cópticos, sendo chamado de Cruz Cóptica ou ‘cruz ansata’, onde a parte superior foi adaptada para uma forma circular ao invés da forma oval original do antigo Egito (um sincretismo pagão com a cruz de Cristo). No final do século XIX, o Ankh foi adotado pelos movimentos ocultistas que começaram a se propagar. E no século XX foi adotado por alguns grupos esotéricos e tribos hippies do final da década de 60. É utilizado por bruxos contemporâneos em rituais que envolvem saúde, fertilidade e divinação; ou como um amuleto protetor de quem o carrega. O Ankh também foi incluído na simbologia da Ordem Rosa-Cruz (sétimo e último grau da maçonaria francesa e que tem por símbolos principais o pelicano, a cruz e a rosa), representando a união entre o reino do céu e a terra. Em outras situações, está associado aos vampiros, em mais uma atribuição à longevidade e imortalidade. Ele foi associado pela primeira vez ao vampirismo e ao ocultismo gótico (a subcultura gótica ou ‘dark’). Desse modo, lhe foi atribuído um caráter negativista, associando este símbolo a grupos e seitas satânicas ou de magia negra, bem como as crenças neopagãs (influenciadas pelas crenças pagãs pré-cristãs da Europa) e o kemetismo, que significa o reavivamento contemporâneo da religião do antigo Egito, que surgiu na década de 1970 (fonte: Wikipédia).

- Djed (também ded, dad ou tet) é um símbolo em forma de pilar, comumente interpretado como sendo a representação da coluna vertebral de um touro, ou a da espinha dorsal simbólica de Osíris, e que representa estabilidade. O pilar de Djed foi também utilizado como amuleto para os vivos e os mortos (os corpos mumificados), o que asseguraria a ressurreição do falecido, permitindo-o viver eternamente.

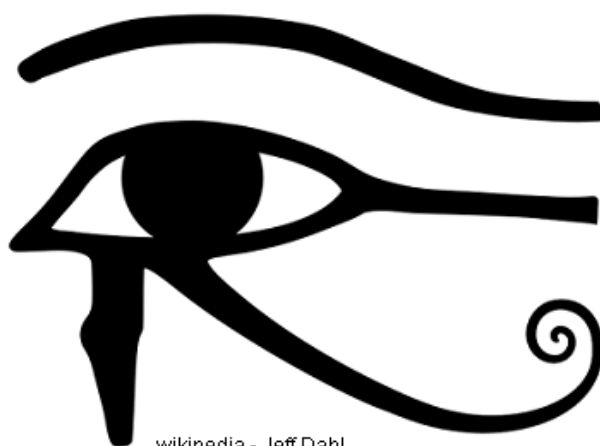
- O Was era um cetro, símbolo da força, do poder e domínio. Seu uso pode ser atribuído ao período pré-dinástico do Egito, como uma vara para conduzir gado e que, por algum motivo, passou a simbolizar um elemento ligado ao poder e força. Tinha a forma de uma haste longa e reta com a cabeça de um animal estilizado no topo, sendo a extremidade inferior bifurcada. Também representa o animal de Seti. Mais tarde, passou a simbolizar o controle sobre as forças do caos que Seti representava. O cetro pode vir acompanhado de outros símbolos, como o Ankh e o Djed. Embora seja um atributo típico de deuses masculinos, algumas vezes era levado por deusas. Andrew Hunt Gordon e Calvin W. Schwabe acham que se tratava do pênis seco de um touro.



Máscara de Tutancâmon (1336-1327; faraó da 18ª dinastia) com um ureu

- O olho de Hórus ou Udyat (na língua egípcia, ‘wedjat’) estava ligado à deusa solar Wadjet e começou com seu olho que tudo vê. Ele tem relação com Hórus, o deus dos faraós e sua história mitológica ligada a Seti e Osíris. Na luta com Seti, para vingar seu pai Osíris, Hórus perdeu seu olho esquerdo, correspondente à lua (o olho direito correspondia ao sol) e recebeu esse amuleto para substituí-lo. Mas como ele não lhe dava plena visão, foi colocada uma serpente em sua cabeça, como se vê nas coroas dos faraós (o Ureu – em latim: Uraeus, pl. Uraei ou Uraeuses; em grego: οὐράϊος; transl.: Oûraios; em língua egípcia jrt). O ureu é símbolo de soberania.

Dessa forma, o amuleto passou a representar a união do olho humano com a vista do falcão, animal simbólico de Hórus. O olho de Hórus simbolizava proteção (era usado para espantar mal olhado), o poder real e boa saúde e foi um dos amuletos mais usados no Egito em todas as épocas. O olho de Hórus é usado pela maçonaria, pelos Illuminati e até visto nas notas de um dólar americano (‘o olho onividente’ ou ‘o olho da providência’, como a representação do olho de Deus observando a humanidade; a onisciência e onipresença da Divindade conforme concebida por cada iniciado). Os espíritas relacionam o ‘olho de Hórus’ à glândula pineal do cérebro que, segundo eles, ligam a alma ao corpo. Eles vêem nele uma semelhança com várias estruturas do cérebro humano num corte transversal. O olho de Hórus continua sendo um amuleto de proteção contra os males para várias religiões e seitas de conteúdo gnóstico, mágico e esotérico. Gnosticismo é uma doutrina filosófico-religiosa que surgiu no início da nossa era e se diversificou em muitas seitas, visando a conciliar todas as religiões e a explicá-lhes seu sentido mais profundo por meio da gnose (em grego, ‘conhecimento’).



wikipedia - Jeff Dahl



wikipedia.org

O olho de Hórus e o Hamsa

• Hamsa – embora não se tenha certeza de sua presença no Antigo Egito, hoje ele é muito popular no Oriente Médio, especialmente no Egito e pode ser encontrada em forma de jóias, azulejos e chaveiros. O hamsa ou hamsá (em hebraico: חמסה, que significa ‘cinco’, se referindo aos cinco dedos da mão) é um amuleto contra mau olhado, para afastar as energias negativas e trazer felicidade, sorte e fortuna. Trata-se de um símbolo da fé judaica e islâmica. O Alcorão veta o uso de amuletos, mas o chamsá ou chamsa (em árabe) é facilmente encontrado entre os muçulmanos, que também o chamam de mão de Deus, mão de Fátima, olho de Fátima ou mão de Hamesh. Fátima (Fātimah: 605–632) era a filha preferida de Maomé (Fātimah bint Muhammad). O hamsá também é popular entre os judeus, em especial os sefarditas (da Península Ibérica) e está ligado à Cabala (Doutrina mística e esotérica judaica). Eles escrevem textos como o Shemá Israel (Dt 6: 4-9; Dt 11: 13-21; Nm 15: 37-41) nos hamsás e também os chamam de mão de Miriam (a irmã de Moisés e Aarão). Entre os cristãos do Levante (Síria, Líbano, Israel, Jordânia, Palestina e parte da Turquia), também é conhecido como mão da Virgem Maria. Hamesh (חמש – significa ‘cinco’) se refere ao termo hebraico ‘Hamesh Megillot ou Chomeish Megillos’ (os cinco rolos da Torá ou Pentateuco).

Uma palavrinha sobre os Illuminati

Illuminati (plural da palavra latina, ‘illuminatus’, ‘iluminados’) é o nome dado aos membros de uma sociedade secreta fundada em 1776 na Baviera pelo alemão Adam Weishaupt (1748-1830), um professor de Direito Canônico e filosofia. Sob seu ponto de vista a ‘iluminação racional’ estava acima da fé, e sendo acessível a qualquer pessoa, levava a uma maior perfeição. Era também conhecida como a ‘Ordem dos Perfeitos’ por visar a promover o perfeccionismo, através de escolas de mistério. Esses conceitos eram baseados no Iluminismo, um movimento intelectual e filosófico que dominou na Europa durante o século XVIII, ‘O Século da Filosofia’ ou ‘Século das Luzes e Ilustração’. A tal sociedade se opunha à superstição (crendices), ao obscurantismo (impedir que fatos

ou detalhes de algum assunto se tornem conhecidos, inclusive o conhecimento, literatura e arte), à influência religiosa sobre a vida pública e aos abusos de poder do estado. Ela contava com o apoio de pessoas intelectuais influentes e políticos progressistas. Tanto a sociedade dos Illuminati quanto a maçonaria foram proibidas pelo Príncipe da Baviera Carlos Teodoro (1777-1799) e pela Igreja Católica em 1784, 1785, 1787 e 1790. Muitos acham que o movimento não conseguiu sobreviver até o século XIX, mas ainda hoje os Illuminati existem. No Brasil, sua atuação conquistou seguidores, que assumiram o nome de ‘os Aquisitores’, em referência à prosperidade financeira e a atuação de seus membros na economia do país em algumas regiões como São Bernardo do Campo (região do ABC), no movimento metalúrgico de 1970. Os Illuminati se uniram aos maçons algumas vezes. Da mesma forma que a maçonaria, a seita também possui três graus de iniciação.

Alguns grupos se opuseram à filosofia dos Illuminati (com as ‘teorias da conspiração’), atribuindo aos Illuminati o plano secreto para dominar o mundo. Segundo essas teorias a seita foi criada com o propósito de derrotar os governos e reinos do mundo e erradicar todas as religiões e crenças para governar as nações sob uma Nova Ordem Mundial, baseada em um sistema internacionalista, com uma moeda única e uma religião universal, onde cada pessoa poderia atingir a perfeição. Uma historiadora inglesa chamada Nesta Helen Webster (1876–1960) argumentava que os membros dessa sociedade secreta eram ocultistas, planejando um domínio mundial comunista, utilizando a idéia da cabala judaica. Não só mencionava a tendência comunista como também a prosperidade capitalista dos Illuminati. Ela descreve os seis objetivos de longo prazo dos Illuminati:

- Abolição da monarquia e todos os governos organizados sob o Antigo Regime (a sociedade francesa, o despotismo monárquico antes da Revolução Francesa).
- Abolição da propriedade privada dos meios de produção para os indivíduos e sociedades, com a conseqüente abolição das classes sociais.
- Abolição dos direitos de herança em qualquer caso.
- Destruição do conceito de patriotismo e nacionalismo e sua substituição por um governo mundial e de controle internacional.
- Abolição do conceito da família tradicional e clássica.
- Proibição de qualquer religião (especialmente a destruição da Igreja Católica Romana), estabelecendo um ateísmo oficial.

Mas os propósitos reais desta sociedade eram conhecidos apenas por Weishaupt e seus seguidores mais próximos.

O Grande Selo dos Estados Unidos da América visível na nota de um dólar representa uma pirâmide cujo topo é iluminado pelo Olho da Providência e é considerado como um símbolo dos Illuminati, sendo que o olho simboliza a elite onisciente controlando o povo. No alto do símbolo está escrito ‘Annuit Coeptis’ (‘Ele tem ajudado o que começamos’), e embaixo, a expressão ‘Novus Ordo Seclorum’ (‘Nova Ordem Secular’), indicando que o novo regime é independente da igreja. Na base, está escrito o ano da fundação dos Illuminati, 1776, em algarismos romanos. Os Illuminati se infiltraram na Maçonaria, cuja primeira loja foi aberta em Londres em 1717; por isso alguns símbolos deles se confundem, como é o caso do olho que tudo vê.

Conclusão

Como eu disse no início, o Egito prefigura o mundo, onde vidas estão debaixo do cativeiro do inimigo, adorando falsos deuses e perdendo seu preciso tempo com algo fútil. Não precisamos de símbolos nem amuletos para nos proteger do mal. Não é pela nossa força nem por racionalidade humana desenvolvida por doutrinas esotéricas que alcançamos a perfeição, mas pela entrega incondicional a Jesus Cristo. Seu Espírito é quem nos aperfeiçoa e nos santifica. A palavra de Deus é o suficiente para nós; é a única coisa que nos mostra a verdade e nos conduz pelos caminhos retos da Sua justiça.

Capítulo 20

Profecia do cativo dos egípcios e dos etíopes. Foi um aviso a Israel para não buscar ajuda na Etiópia ou no Egito – v. 1-6

• Is 20: 1-6: “No ano em que Tartã [NVI: ‘general’], enviado por Sargão [*Sargom III*], rei da Assíria, veio a Asdode, e a guerreou, e a tomou, nesse mesmo tempo, falou o Senhor por intermédio de Isaías, filho de Amoz, dizendo: Vai, solta de teus lombos o pano grosseiro de profeta [NVI: ‘o pano de saco’] e tira dos pés o calçado [NVI: ‘as sandálias dos pés’]. Assim ele o fez, indo despido e descalço. Então, disse o Senhor: Assim como Isaías, meu servo, andou três anos despido e descalço, por sinal e prodígio contra o Egito e contra a Etiópia, assim o rei da Assíria levará os presos do Egito e os exilados da Etiópia, tanto moços como velhos, despidos e descalços e com as nádegas descobertas, para vergonha do Egito. Então, se assombrarão os israelitas e se envergonharão por causa dos etíopes, sua esperança, e dos egípcios, sua glória. Os moradores desta região dirão naquele dia: Vede, foi isto que aconteceu àqueles em quem esperávamos e a quem fugimos por socorro, para livrar-nos do rei da Assíria! Como, pois, escaparemos nós?”

Em 711 AC, os Assírios sob Sargom II vieram suprimir uma revolta na cidade filistéia de Asdode (Is 20: 1). Foi aí que a profecia contra o Egito e a Etiópia foi entregue. Por isso, no reinado de Sargom II (722-705 AC), rei da Assíria, Isaías (Is 20: 2-3) passou três anos despido (descalço e com as nádegas descobertas) como uma encenação, um sinal contra o Egito e a Etiópia a respeito da assolação da Assíria, que os levaria presos e exilados; isso traria vergonha a Israel, pois tinha buscado nessas nações o seu socorro contra a Assíria também. Esar-Hadom (681-669 AC) fez uma grande expedição contra o delta egípcio em 672 AC, instalando governadores assírios em Tebas e Mênfis para arrecadar os impostos. Empregou suas forças contra o Egito, Etiópia e Seba. Ele dividiu o Egito em cerca de vinte províncias dominadas por vinte príncipes. Enviou uma força contra Tiraca em 669 AC, mas morreu no caminho. Tiraca foi derrotado em Mênfis por Assurbanipal em 664 AC. Assurbanipal (669-627 AC), no início do seu reinado, guerreou contra o Egito em três árduas campanhas e capturou Tebas (Na 3: 8, ‘Nô-Amom’) em 661 AC; seus habitantes foram levados à Assíria, depois de três anos de cerco (Na 3: 8-10). No seu reinado, Assíria adquiriu a maior extensão territorial. A destruição de Tebas (Na 3: 8-10) causou um reflexo na Etiópia, que também veio a cair, cumprindo a profecia de Is 20: 2-6 e provavelmente, Is 18: 1-6.

Capítulo 21

Profecia contra a Babilônia – v. 1-10.

• Is 21: 1-10: “Sentença contra o deserto do mar. Como os tufões vêm do Sul, ele virá do deserto, da horrível terra [NVI: ‘Como um vendaval em redemoinhos que varre todo o Neguebe, um invasor vem do deserto, de uma terra pavorosa’]. Dura visão me foi anunciada: o pérfido procede perfidamente, e o destruidor anda destruindo [NVI: ‘traidor fora traído, o saqueador, saqueado’]. Sobe, ó Elão, sitia, ó Média [NVI: ‘Elão, vá à luta! Média, feche o cerco!’]; já fiz cessar todo gemer. Pelo que os meus lombos estão cheios de angústias; dores se apoderaram de mim como as de parturiente; contorço-me de dores e não posso ouvir, desfaleço-me e não posso ver. O meu coração cambaleia, o horror me apavora; a noite que eu desejava se me tornou em tremores. Põe-se a mesa, estendem-se tapetes, come-se e bebe-se [NVI: ‘Eles põem as mesas, estendem a toalha, comem, bebem’]. Levantai-vos, príncipes, untai o escudo. Pois assim me disse o Senhor: Vai, põe o atalaia, e ele que diga o que vir. Quando vir uma tropa de cavaleiros de dois a dois, uma tropa de jumentos e uma tropa de camelos, ele que escute diligentemente com grande atenção. Então, o atalaia gritou como um leão: Senhor, sobre a torre de vigia estou em pé continuamente durante o dia e de guarda me ponho noites inteiras. Eis agora vem uma tropa de homens, cavaleiros de dois a dois. Então, ergueu ele a voz e disse: Caiu, caiu Babilônia; e todas as imagens de escultura dos seus deuses jazem despedaçadas por terra. Oh! Povo meu, debilhado e batido como o trigo da minha eira! O que ouvi do Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, isso vos anunciei”.

A Babilônia estava situada em uma planície (Gn 11: 2) e era uma terra muito frutífera. O vocábulo ‘mar’ se refere às águas de Babilônia, por causa da grande abundância de água dos seus rios e lagos. A cidade de Babilônia estava situada junto ao rio Eufrates, que corria através dela e, portanto, era dito que ela habitava sobre muitas águas (Jr 51: 13). O termo ‘o deserto do mar’ pode se referir ao destino que a Babilônia teria, pois, mesmo sendo um lugar fértil e regado por águas, ela se tornaria um deserto pela desolação da guerra que viria contra ela.

‘Como os tufões vêm do Sul’ é escrito na NVI como: ‘Como um vendaval em redemoinhos que varre todo o Neguebe’. O sul aqui se refere à parte sul da Judéia, onde havia muitos e grandes desertos, como o Neguebe, por exemplo. Neguebe (significa: ‘seco’) é um deserto bem ao sul de Israel, próximo à península do Sinai e do Mar Mediterrâneo e que só experimenta vida quando as chuvas enchem os leitos dos seus ribeiros secos. Os rios se enchem com as águas, as plantas são regadas e os animais são dessedentados.

Os tufões ou turbilhões do sul vêm de repente, sopram fortemente, carregam tudo diante deles e não há nada que resista a eles. A bíblia diz que, dessa maneira, isto é, com força e poder irresistíveis como os turbilhões do sul, ‘ele’ (se referindo a Ciro e ao seu exército) viria do deserto da Média e da Pérsia até a Babilônia. Havia um grande deserto entre eles e a Caldéia.

‘Da horrível terra’ ou ‘de uma terra pavorosa’ se refere ao reino da Média e da Pérsia, uma terra longínqua, cujo poder e usos e costumes não eram conhecidos de muitos povos; os medos e persas eram muito temidos por todos.

Elão é convocado, juntamente com a Média, a esmagar a Babilônia (Is 21: 2), entretanto, Elão, por sua vez, seria esmagado (Jr 25: 25; Jr 49: 34-39; Ez 32: 24). Elão é o nome antigo da planície de Cuzistão, na baixa Mesopotâmia, no atual Irã, banhada pelos rios Karkheh (ou Karkhen) e Karun (Kārūn), que deságuam no Tigre justamente ao norte do Golfo Pérsico. O Karkheh ou Karkhen é talvez o rio conhecido na bíblia

como o Giom, um dos quatro rios do Éden. Outros cientistas acham que o Giom é o próprio rio Karun. Cuzistão ou Khuzistão ou Khuzestão (árabe transliterado, Khūzestān) é hoje uma das províncias ao sudoeste do Irã, fazendo fronteira com o sul do Iraque. A sua capital é Ahvaz. Khuzestan significa ‘a terra dos Khuz’ ou ‘Kuzi’, se referindo aos habitantes originais desta província, o povo ‘Susian’ (em persa antigo, ‘Huza’ ou ‘Huja’; Shushan, em Hebraico). Senaqueribe e Assurbanipal sujeitaram os elamitas e deportaram alguns deles para Samaria, transferindo alguns israelitas para o Elão (Is 11: 11; Ed 4: 9). O Elão foi anexado por um ancestral de Ciro, e Susã acabou por se tornar uma das três principais cidades do império Medo-Persa.

O profeta sente medo e fica perturbado por causa da visão da ruína de Babilônia pelos Medos e Persas. Nem consegue dormir. Então, ele incita os príncipes e soldados a ungirem seu escudo, ou seja, se prepararem para a guerra. Diz também para ser colocada uma sentinela que possa dar a notícia do que está acontecendo. Então, ele ouve a sentinela gritar que Babilônia caiu e todas as imagens de escultura dos seus deuses foram despedaçadas. O profeta fala consigo mesmo, sofrendo pelo seu povo para que o escute: “Povo meu, debulhado e batido como o trigo da minha eira! O que ouvi do Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, isso vos anunciei”.



Profecia contra Edom (ARA – título: ‘Profecia contra Dumá’) – v. 11-12.

• Is 21: 11-12: “Sentença contra Dumá. Gritam-me de Seir: Guarda, a que hora estamos da noite? Guarda, a que horas? [NVI: ‘quanto ainda falta para acabar a noite’] Respondeu o guarda: Vem a manhã, e também a noite [NVI: ‘Logo chega o dia, mas a noite também vem’]; se quereis perguntar, perguntai; voltai, vinde”.

O profeta entrega a sua profecia na forma de um diálogo entre o povo e o vigia (atalaia). As pessoas vinham até ele muito cedo pela manhã para saber o que aconteceu na noite; e antes do final do dia viriam outra vez para saber se tinha algo de novo, o que mostra um estado de grande perplexidade e medo, inquietação por causa de seus

inimigos; eles se preocupavam e corriam de um lado para outro para ter notícias. Seir é uma montanha habitada pelos edomitas (Gn 36: 8- 9; Gn 36: 20 – Seir, o horeu, habitava naquela terra antes da chegada de Esaú ou Edom); por isso, Edom é freqüentemente chamado de Seir.

Dumá (hebraico transliterado: ‘Duwmah’) é o nome usado de maneira figurada para uma terra semi-árida mais próxima (Edom ou Seir). Dumá fica ao norte da Arábia, entre a Palestina e o sul da Babilônia. Dumá é descendente de Ismael (Gn 25: 14; 1 Cr 1: 30), enquanto Esaú (ou Edom) é descendente de Isaque, filho de Abraão e Sara. Nota da NVI – Dumá significa ‘silêncio’, ‘quietude’; é um trocadilho (em hebraico) com a palavra Edom.

Se a profecia se trata realmente de Edom, precisamos pensar em que ano ela foi entregue e a que opressor o profeta se referia, pois Edom foi conquistado em 736 AC por Tiglate-Pileser III (745-727 AC), conforme as inscrições assírias deste rei, encontradas pelos arqueólogos. Se levarmos em conta a profecia de Malaquias (Ml 1: 2), Edom foi destruído cinco anos depois do cativeiro de Judá pela Babilônia, ou seja, em 581 AC. Fica um pouco difícil localizar temporalmente a profecia neste trecho bíblico.

Profecia contra a Arábia – v. 13-17

• Is 21: 13-15: “Sentença contra a Arábia. Nos bosques da Arábia, passareis a noite, ó caravanas de dedanitas. Traga-se água ao encontro dos sedentos; ó moradores da terra de Tema [NVI: ‘Temá’], levai pão aos fugitivos. Porque fogem de diante das espadas, de diante da espada nua [NVI: ‘desembainhada’], de diante do arco armado e de diante do furor da guerra [NVI: ‘do arco preparado e da crueldade da batalha’]”.



Dedanitas (hebraico transliterado: dedhâniym) se refere a Dedã, neto de Abraão e Quetura (Gn 25: 1-3: “Desposou Abraão outra mulher; chamava-se Quetura. Ela lhe deu à luz a Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Suá. Jocsã gerou a Seba e a Dedã; os filhos de Dedã foram: Assurim, Letusim e Leumim”). Os dedanitas habitavam no deserto; eram mercadores que se moviam em caravanas com suas mercadorias de um país para

outro (Ez 27: 15; 20), mas por causa dos inimigos que se aproximavam, seria melhor que se abrigassem nos bosques para passar a noite. Eles seriam fugitivos.

Assim, o profeta chama os habitantes de Tema (ou Temá), seus compatriotas, que os ajudem, que tragam água e pão para eles na sua aflição. Tema ou Temá (hebraico transliterado: tēmā' ou tēymā') é o nome do nono filho de Ismael (Gn 25: 15; 1 Cr 1: 30) bem como do distrito onde seus descendentes habitavam (Jó 6: 19). É mencionado, juntamente com Dedã e Buz, um povo de costumes diferentes daqueles dos judeus (Jr 25: 23 – eles cortavam o cabelo nas tēmporas), e como um oásis no deserto que ficava dentro da rota comercial que atravessava a Arábia (Is 21: 14).

• Is 21: 16-17: “Porque assim me disse o Senhor: Dentro de um ano, tal como o de jornaleiro [NVI: ‘Dentro de um ano, e nem um dia mais’], toda a glória de Quedar desaparecerá. E o restante do número dos flecheiros, os valentes dos filhos de Quedar, será diminuto, porque assim o disse o Senhor, Deus de Israel”.

‘Dentro de um ano, tal como o de jornaleiro’ ou ‘Dentro de um ano, e nem um dia mais’ ou ‘Como os anos de um mercenário – KJV’ (cf. Is 16: 14) quer dizer um tempo determinado, como tempo de um contrato feito com um trabalhador, mais especificamente com um mercenário, que fica atento ao tempo pelo qual ele está sendo pago por aquele serviço. Quando seu tempo termina, ele exige seu salário ou sua demissão, ou ambos. O tempo deve ser contado a partir da entrega desta profecia. O que sabemos pelos dados históricos nas inscrições assírias é que durante o reinado de Assurbanipal (669-627 AC) houve muitos conflitos com os árabes, inclusive os de Quedar. Jeremias (Jr 49: 28-33) profetizou que Nabucodonosor investiria contra os árabes (ele fala de Quedar), o que ocorreu por volta de 599-598 AC. Quando Isaías fala de um tempo preciso de 1 ano, ele não poderia estar falando de Nabucodonosor, que ainda não havia nascido (645 AC) quando Isaías morreu (681 AC). Também não poderia estar falando de Assurbanipal, pois no seu reinado Isaías já havia morrido, portanto, o período de 1 ano pode ser descartado. Caso, por alguma hipótese, Quedar (na Arábia) tenha caído nas mãos de Tiglate-Pileser III (745-727 AC) como foi Edom (736 AC), a profecia poderia ter sido entregue ainda no início do período profético de Isaías (que começou em 740 AC), no final do reinado de Uzias ou, então, entregue para Jotão (740-732 AC), mas não Acaz (732-716 AC). A última possibilidade que sobra é pensar em Senaqueribe, quando ele invadiu as cidades de Judá (701 AC), e pôde tomar a Arábia em seu caminho. Pensando assim, a profecia teria sido entregue no reinado de Ezequias.

A profecia também diz que toda a glória de Quedar desaparecerá. Quedar, em hebraico, significa ‘obscuro’, ‘negro’ (da pele ou da tenda). Quedar era um dos filhos de Ismael (Gn 25: 13; 1 Cr 1: 29). Esta tribo era composta por outro tipo de árabes, ou seja, eram beduínos que viviam em tendas e apascentavam seus rebanhos; por causa dos animais eles se moviam de lugar em lugar para o pasto e acampavam onde lhes era mais conveniente. Sua ‘glória’ era seus rebanhos de ovelhas (Is 60: 7), cabras e bodes. Em Ct 1: 5 há uma referência às tendas de Quedar, cujas tendas eram, em geral, feitas de peles de bodes negros. O Sl 120: 5 também faz menção a esta tribo. Além dos seus rebanhos, essa tribo nômade era dotada de habilidosos arqueiros, por isso o versículo 17 diz: “E o restante do número dos flecheiros, os valentes dos filhos de Quedar, será diminuto, porque assim o disse o Senhor, Deus de Israel”. Um exército destruidor seria trazido sobre eles, e os tornaria uma presa fácil. Nem a habilidade dos arqueiros, nem a coragem dos seus guerreiros poderiam protegê-los do julgamento de Deus.

Capítulo 22

Esta profecia fala sobre a invasão de Judá pelos assírios sob Senaqueribe nos tempos de Ezequias, e Jerusalém foi ameaçada de ser sitiada. Como foi escrito em Is 10: 28-32, Senaqueribe marchou contra Judá e tomou quarenta e seis cidades fortificadas ao todo (Is 10: 28-32; Is 36: 1; 2 Rs 18: 13-14; 17; Mq 1: 10-15). O profeta diz o que eles irão fazer para se defender e o que Deus propõe para sua libertação. Depois, a profecia se dirige a Sebna, o escrivão do rei Ezequias, e que é deposto pelo próprio Deus e substituído por alguém mais digno que ele.

Profecia contra Jerusalém – v. 1-14.

- Is 22: 1: “Sentença contra o vale da Visão. Que tens agora [NVI: ‘O que está perturbando vocês agora’], que todo o teu povo sobe aos telhados?”

‘O vale da Visão’ se refere à Judéia, cercada de montanhas, assim como Jerusalém, que está situada no meio das colinas circunvizinhas. É chamada de ‘vale da Visão’ por causa das muitas e claras visões ou revelações de Deus naquele lugar. Ele fala a Jerusalém, cujos habitantes fugiram para os telhados por medo de seus inimigos. Como costumavam fazer em tempos de grande consternação, eles fugiram para os telhados das casas para que pudessem clamar ao céu e pedir ajuda do Senhor ou para observar os inimigos e seus movimentos, e lançar de lá suas flechas e dardos sobre eles. Pouco se via das ruas ou das partes mais baixas de suas casas, mas todos subiram até o topo delas, que eram construídas com telhados planos e um terraço (Dt 22: 8). Todas as pessoas correndo para o telhado de suas casas dá uma idéia de um súbito alarme geral.



O deserto da Judéia com suas colinas

As casas eram geralmente feitas de pedra. O telhado era comumente feito de uma camada grossa de barro espalhado por cima de uma coberta de juncos apoiada sobre traves pesadas de madeira. As famílias mais ricas colocavam ladrilhos sobre a camada de barro para torná-lo mais resistente. As pessoas colocavam um parapeito ao redor do telhado para que ninguém caísse de lá de cima, como foi orientado por Deus em Dt 22: 8 (“Quando edificares uma casa nova, far-lhe-ás, no terraço, um parapeito, para que nela

não ponhas culpa de sangue, se alguém de algum modo cair dela”). Alguns chegavam a plantar grama sobre os telhados para amenizar a temperatura durante o verão, ou ela mesma crescia espontaneamente sobre o barro molhado, alisado e pressionado, mas por estar no alto e exposta ao sol escaldante, ela logo secava. Por isso, podemos ver escrito no Salmo 129:5-7: “Sejam envergonhados e repelidos todos os que aborrecem a Sião! Sejam como a erva dos telhados, que seca antes de florescer, com a qual não enche a mão o ceifeiro, nem os braços, o que ata os feixes!”



Como eu disse no início, pouco se via das ruas ou das partes mais baixas de suas casas porque as casas tinham um muro alto e poucas janelas davam para a rua; a maioria se abria para o pátio interno da casa. Dentro do muro, onde estava a porta de entrada, havia um pátio interno, onde estava a cozinha, a cisterna onde se armazenava a água da chuva e onde ficavam os animais (ovelhas e jumentos). Para dentro, ficava o ambiente (sala ou quarto) onde a família residia, e que geralmente era composto de um único cômodo de chão batido, com janelas pequenas próximas ao teto. Na parede havia uma

pequena escavação onde era colocada a lamparina para iluminar o ambiente, por isso Jesus falou sobre não esconder a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o velador para iluminar todos os que habitavam na casa. As pessoas secavam roupas sobre os telhados, fiavam e faziam suas refeições ali. O telhado era praticamente a sala de estar onde se recebiam os convidados, como Jesus fez com Nicodemos. Algumas poucas casas tinham um cômodo extra no andar superior que era chamado “o quarto de profeta”, em referência à casa da sunamita, que construiu um quarto para o profeta Eliseu, e que nos tempos de Jesus era chamado de ‘hospedaria’ (em grego: κατάλυμα katalymati ou kataluma, Strong #g2646, que significa estalagem, quarto de hóspedes), pois ali os judeus recebiam e abrigavam um hóspede. Assim, a hospedaria era um cômodo para hóspedes numa casa de família ou um abrigo público, e não uma grande construção com vários quartos individuais como é hoje, por isso, se diz que Jesus nasceu num estábulo, pois não havia lugar para eles na hospedaria; nenhum conhecido deles ou nenhuma família em Belém naquele momento acolheu José, Maria e Jesus. Naquela época, a estrebaria ou estábulo era, em geral, uma peça anexa à casa.



• Is 22: 2: “Tu, cidade que estavas cheia de aclamações, cidade estrepitosa, cidade alegre! [NVI: ‘cidade cheia de agitação, cidade de tumulto e alvoroço’] Os teus mortos não foram mortos à espada, nem morreram na guerra [NVI: ‘nem morreram em combate’]”.

‘Cidade que estavas cheia de aclamações, cidade estrepitosa, cidade alegre’ significa gritos e aclamações nos momentos alegres (Zc 4: 7) e pode ser aqui um reflexo de como foram outrora as suas festas religiosas. Se lermos a NVI, a palavra acima pode ser entendida como tristeza, agitação, tumulto e alvoroço por causa da provável invasão e do cerco; uma multidão de pessoas correndo agitadas de um lugar para outro.

‘Os teus mortos não foram mortos à espada, nem morreram na guerra’ porque Senaqueribe nunca entrou nela, nem pôs à espada nenhum de seus habitantes; nem houve batalha entre eles, nem atiraram flechas nem de um lado nem de outro (Is 37: 33). Por isso, aqueles que morreram nela morreram de outras causas, talvez da fome que o exército assírio tinha causado, ao colocar as cidades agrícolas ao redor deles em

desolação, como aconteceu com o cerco de Laquis, uma cidade fortificada de Judá (2 Rs 18: 13-14; 17; Mq 1: 13).

- Is 22: 3: “Todos os teus príncipes fogem à uma [NVI: ‘Todos os seus líderes fugiram juntos’] e são presos sem que se use o arco [NVI: ‘foram capturados sem resistência’]; todos os teus que foram encontrados foram presos, sem embargo de já estarem longe na fuga [NVI: ‘embora tendo fugido para bem longe’]”.

‘Todos os teus príncipes fogem à uma’ ou ‘Todos os seus líderes fugiram juntos’ significa: os governantes civis e eclesiásticos de Jerusalém, que deveriam estar à frente do povo encorajando-os, fugiram juntos para os telhados, para o templo e para as fortalezas; os generais e oficiais do seu exército fugiram como se tivessem pensado nessa solução de comum acordo. Estavam em tal consternação e sob tal pânico que eles não tinham força nem coragem para entesar o arco. Por medo de usar o arco ou por medo dos arqueiros do exército assírio, eles fugiram ou se entregaram sem resistência e foram presos.

- Is 22: 4: “Portanto, digo: desviai de mim a vista e chorarei amargamente; não insistais por causa da ruína da filha do meu povo” ou “Afastem-se de mim; deixem-me chorar amargamente. Não tentem consolar-me pela destruição do meu povo” [NVI].

O profeta disse aos que estavam ao redor dele, seus parentes, amigos e conhecidos: afastem-se de mim, olhem para o outro lado; deixem-me em paz; deixem-me entregue a mim mesmo para que eu possa chorar em segredo e dar plena vazão à minha tristeza. Vou chorar amargamente. Isso denota quão grande era a sua tristeza e a força do seu amor pelo seu povo. Ele não aceitava consolo nem argumentos que pudessem convencê-lo a deixar de lado o seu luto. ‘A filha do meu povo’ significa a Jerusalém dos seus concidadãos, dos habitantes dela e que eram tão queridos dele; agora seriam saqueados e despojados pela devastação do inimigo em muitas cidades da Judéia.

- Is 22: 5: “Porque dia de alvoroço, de atropelamento e confusão [NVI: ‘dia de tumulto, pisoteio e pavor’] é este da parte do Senhor, o Senhor dos Exércitos, no vale da Visão: um derribar de muros e clamor [NVI: ‘gritar por socorro’] que vai até aos montes”.

A vinda de Senaqueribe colocou o povo em estado de confusão, correndo e atropelando-se uns aos outros por causa do desespero e do medo da invasão; clamor por todos os lados, perplexidade e angústia, tanto os nobres quanto o próprio rei Ezequias, ao saber da notícia sobre a destruição das outras cidades do reino de Judá, como Laquis e todas as outras (2 Rs 18: 13-14; 2 Rs 19: 8; Is 10: 28-32), e pensando que poderia acontecer o mesmo com Jerusalém se o inimigo tivesse sucesso. E tudo isto não foi meramente por vontade dos homens, nem foi por acaso, mas pela permissão e desígnio de Deus para humilhar o Seu povo pelos seus pecados, e levá-los ao conhecimento dEle. Ao serem derrubados os muros das cidades fortificadas, os seus habitantes clamaram tão alto que seu choro alcançou as montanhas distantes e fez ecoar por elas o som de sua voz.

- Is 22: 6-7: “Porque Elão tomou a aljava e vem com carros e cavaleiros; e Quir descobre os escudos. Os teus mais formosos vales [NVI: ‘Os vales mais férteis de Judá’] se enchem de carros, e os cavaleiros se põem em ordem às portas”.

Em Is 21: 2 o Elão é convocado pelo profeta para esmagar a Babilônia, entretanto, Elão, por sua vez, seria esmagado (Jr 25: 25; 49: 34-39; Ez 32: 24). Em 596 AC Nabucodonosor marchou contra Elão. A multidão de elamitas no dia de Pentecostes (At

2: 9) contava com indivíduos vindos de tão longe como o Elão, presumivelmente membros de comunidades judaicas de fala aramaica, que haviam permanecido no exílio.

Elão neste momento (Is 22: 6) estava submetido aos assírios, assim como Quir. Elão tinha arqueiros (Jr 49: 35) e cavaleiros experientes, além de muitos carros de guerra (Is 22: 7), que encheriam os vales da Judéia e se colocariam nas portas das cidades. Quir significa ‘cidade’, e é citada como a cidade para os onde os sírios foram deportados (2 Rs 16: 9). Seu nome é mencionado em Am 1: 5; 9: 7; além deste texto de Isaías. Os arqueólogos não conhecem nenhum lugar antigo com este nome.

‘Quir descobre os escudos’ significa que seus guerreiros estavam preparados para a batalha. Provavelmente, Senaqueribe estava trazendo os Medos e os Persas com ele, pois eles serviam no seu exército.

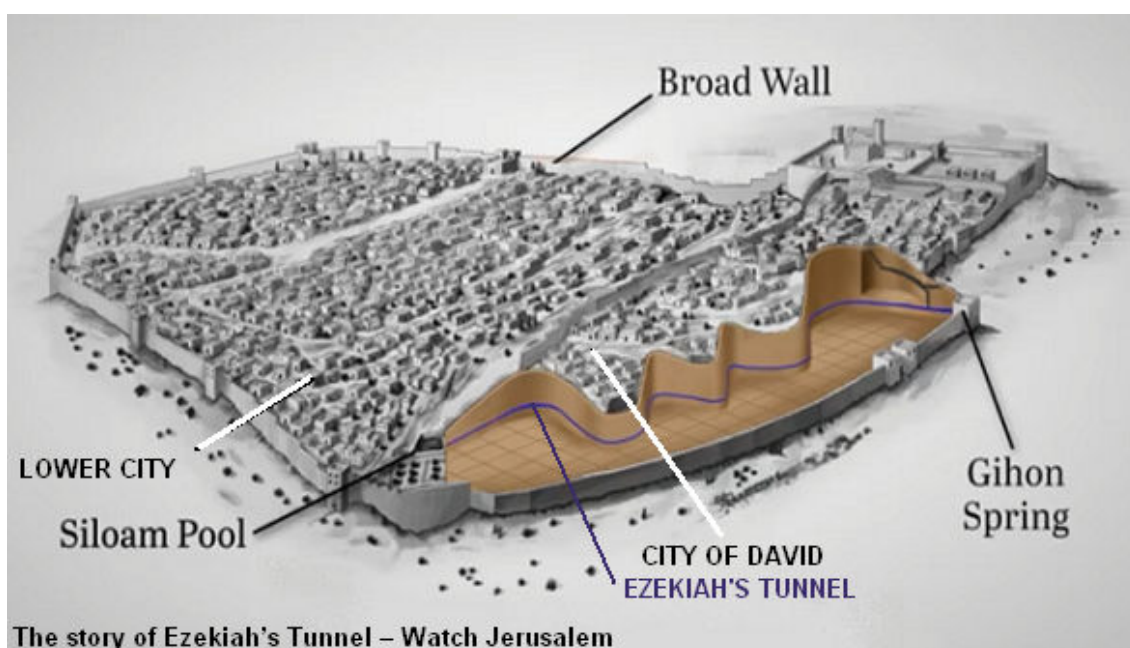
- Is 22: 8-11: “Tira-se a proteção de Judá. Naquele dia, olharás para as armas da Casa do Bosque [NVI: ‘palácio da Floresta’]. Notareis as brechas da Cidade de Davi, por serem muitas, e ajuntareis as águas do açude inferior. Também contareis as casas de Jerusalém e delas derribareis, para fortalecer os muros [NVI: ‘derrubaram algumas para fortalecer os muros’]. Fareis também um reservatório entre os dois muros [*entre o muro exterior da cidade de Jerusalém e o muro interior que a separava a cidade de Davi da cidade baixa de Jerusalém, é o que quer dizer*] para as águas do açude velho, mas não cogitais de olhar para cima, para aquele que suscitou essas calamidades, nem considerais naquele que há muito as formou”.

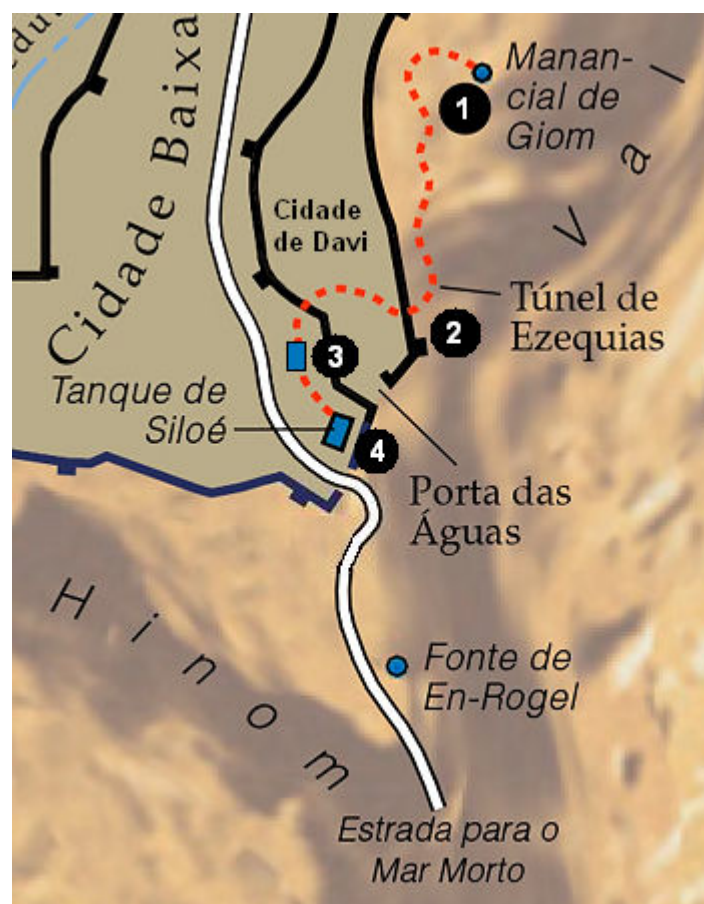
As cidades fortificadas de Judá (que eram a força e a proteção do país) se sentiriam desprotegidas e veriam sua fraqueza diante das forças inimigas, e quando isso acontecesse, já era tempo de os judeus de Jerusalém olhar ao redor deles e verificar a sua defesa e segurança, ou seja, as armas da Casa do Bosque do Líbano (1 Rs 10: 17; 2 Cr 9: 16; 20), a casa real que Salomão havia construído para si com a madeira do Líbano (1 Rs 7: 2) e onde se guardavam os escudos de guerra e outros armamentos. Ali havia um arsenal (1 Rs 10: 16-17; 2 Cr 9: 15-16; 25; 2 Cr 1:14-17). Em tempos de paz eles negligenciaram os lugares arruinados da cidade de Davi (chamada a fortaleza de Sião) e não restauraram os muros. Agora teriam que fazê-lo. Derrubariam algumas casas para ter o material necessário para reparar a muralha da cidade. O profeta descreve o que Deus colocaria na mente de Ezequias para se defender de Senaqueribe (2 Cr 32: 1-5; 30), o que ele fez através das reformas nos aquedutos que conduziavam água à cidade, colocando um canal subterrâneo para que o inimigo não tivesse acesso à água. Dessa forma ele construiu o túnel de Siloé (2 Rs 20: 20; Is 22: 9). Siloé (Shilôah, em hebraico: enviado) era uma das principais fontes de suprimento de água de Jerusalém, ligada à fonte de Giom (גִּיחֹן ‘Gichon’ – Strong #1521, derivada de ‘giyach’, Strong #1518, que significa ‘corrente’ [de água], ‘córrego’, ‘esguicho’, ‘irromper’, ‘jorrar’), a sudeste de Jerusalém e que, por sua vez, despejava água na cidade por meio de um canal aberto. Da fonte de Siloé, o canal desaguava no poço antigo ou de baixo (Birket el-Hamra). Quando Ezequias se viu diante da ameaça de Senaqueribe, tapou todas as fontes, todos os riachos e canais subsidiários que conduziavam ao ribeiro que corria pelo meio da terra (2 Cr 32: 3-4). O rei em seguida enviou as águas do Giom superior por meio de um conduto ou túnel de dois metros de altura até uma cisterna ou poço superior (Birket Silwân) no lado oeste da cidade de Davi (2 Cr 32: 30). Defendeu a nova fonte de suprimento com uma rampa (2 Cr 32: 30).

O Senhor não estava contente com uma coisa: Seu povo estava tão preocupado em fazer todas essas construções para se defender, mas tinha se esquecido de olhar para Ele, para o céu, e pensar por que Ele havia permitido essa calamidade chegar até eles; precisariam olhar para dentro de si mesmos e pensar sobre seus pecados. Embora

Ezequias tenha feito isso, muitos de seu povo não o fizeram, como provavelmente alguns de seus principais cortesãos e oficiais, preocupados com os preparativos acima (2 Cr 32: 6-8; 2 Rs 19: 4; 19; Is 22: 13).

Mapa de Siloé: **1.** Giom; **2.** Túnel de Ezequias; **3.** Poço Superior (Birket Silwan) **4.** Poço Inferior ou Antigo (Birk el-Hamra); **5.** Túmulo de Sebna, no local onde os reis da Casa de Davi eram enterrados.





Tanque de Siloé (Reconstruído na Era Bizantina)

A construção do túnel de Ezequias foi surpreendente em matéria de engenharia, pois era algo bastante avançado para aquela época, e podemos dizer que a mão de Deus em todo o projeto é inegável. Embora o profeta não tenha deixado os detalhes dados pelo Senhor a Ezequias, nós podemos ver pelas evidências arqueológicas encontradas hoje que os trabalhadores cavaram um túnel estreito (só dá para um homem passar) de dois metros de altura em rocha sólida por uma distância de 540 metros (1.200 côvados), que é seu comprimento, e ainda deixando uma parede de rocha de aproximadamente 45 metros (100 côvados) acima deles. Duas equipes cavaram em direção uma à outra, tendo por base o som das picaretas até se encontrarem no centro. ‘Quando faltavam apenas 3 côvados (1,35 metro) a voz de um homem foi ouvida chamando sua contraparte’, como consta dos registros do tunelamento encontrados em uma pedra com uma inscrição onde se pode ler o nome de Ezequias, e que hoje está de posse de muçulmanos.



• Is 22: 12-13: “O Senhor, o Senhor dos Exércitos, vos convida naquele dia para chorar, prantear, rapar a cabeça e cingir o cilício [NVI: ‘vestes de lamento’, ou seja,

panos de saco]. Porém é só gozo e alegria que se vêem; matam-se bois, degolam-se ovelhas, come-se carne, bebe-se vinho [NVI: ‘muita carne e muito vinho’] e se diz: Comamos e bebamos, que amanhã morreremos”.

O Senhor faz um convite ao arrependimento. Eles deveriam manifestar sua tristeza interior e seu luto: com oração e súplica, com lágrimas, vestir pano de saco, derramar cinzas sobre si e rapar a cabeça (em um luto público) como era o costume (Mq 1: 16; Jr 16: 6). Mas ao invés de luto, eles continuaram a demonstrar uma alegria profana como se fosse um tempo de regozijo, como se nada estivesse acontecendo. Eles continuavam matando bois e ovelhas, não para fazer expiação pelo pecado, mas para comer como em festas, não acreditando que seu caso era desesperador. Zombando do profeta e da palavra do Senhor através dele, eles diziam: “Comamos e bebamos porque amanhã morreremos”. Em Is 15: 2 está escrito: “... todas as cabeças se tornam calvas, e toda barba é rapada”. O ato de raspar o cabelo e a barba era habitual em grandes lutos. No oriente, de modo geral, e também entre os Judeus, a barba tinha uma grande importância, pois era um sinal de civilidade, varonilidade e respeitabilidade (Sl 133: 2). Não havia maior ofensa para o homem do que deixar alguém tratá-la com indignidade. Se a mão de alguém a tocava mostrando desprezo, isso era um grande insulto (1 Cr 19: 4; 2 Sm 10: 4-5; 2 Sm 20: 9). Por outro lado, beijar a barba de alguém era uma forma de saudação e simpatia pela outra pessoa. Raspá-la ou arrancá-la era manifestação de luto e dor (2 Sm 19: 24; Ed 9: 3; Is 15: 2; Jr 41: 5; Jr 48: 37). A lei mosaica proibia cortar a barba à maneira dos Egípcios (Lv 19: 27; Lv 21: 5). Diferentemente das nações circunvizinhas, os egípcios se barbeavam, exceto o queixo, onde se permitia haver um molho de cabelos, que se conservava bem cuidado (cavanhaque). Algumas vezes, em lugar do seu próprio cabelo, usavam barba postiça, trançada, com formas diferentes, segundo a categoria do indivíduo; da mesma forma que usavam suas perucas. Os leprosos, pela lei judaica, deveriam rapar a barba, o cabelo e as sobrancelhas no sétimo dia de sua purificação (Lv 14: 9).

No AT, o cabelo, tanto para homens quanto para mulheres, costumava ser comprido até certo comprimento (Absalão tinha cabelo comprido: 2 Sm 14: 25-26; 2 Sm 18: 9). Geralmente o cabelo não era cortado, apenas aparado, e devia ser bem tratado, pois deixá-lo sem cuidado era sinal de lamentação. O cabelo comprido era uma honra e um sinal de beleza para a mulher (Ct 4: 1b). No NT parece que o costume se inverte em relação aos homens (1 Co 11: 14), entretanto, continuou sendo uma honra para a mulher (1 Co 11: 15). Os leprosos, pela lei judaica, deveriam rapar a barba, o cabelo e as sobrancelhas no sétimo dia de sua purificação (Lv 14: 9). Quando alguém fazia voto de Nazireado, o cabelo era rapado e queimado no final do voto (Nm 6: 5; 9; 19), exceto Sansão, que por ser Nazireu vitalício não poderia cortá-lo (Jz 13: 5). A lei proibia que se cortasse o cabelo nas têmporas (Lv 19: 27; Jr 25: 23; Jr 49: 31-32), pois esta parte da cabeça era considerada como a fonte da vida para os judeus, e só os pagãos rapavam as costeletas. Em Jr 49: 32, onde está escrito ‘os que cortam os cabelos nas têmporas’ pode-se ler, em hebraico, ‘ter o cabelo barbeado (ou cortado) em ângulos’, ou seja, ter a barba na bochecha estreitada ou cortada, que era um costume cananeu, proibido aos israelitas. Jr 25: 23-24 diz respeito aos árabes, pois está escrito: “a Dedã, a Tema, a Buz e a todos os que cortam os cabelos nas têmporas; a todos os reis da Arábia e todos os reis do misto de gente que habita no deserto”, bem como em Jr 49: 31-32, pois o título da passagem bíblica é “Profecia a respeito da Arábia” (significando sua invasão por Nabucodonosor): “Levantai-vos, ó babilônios, subi contra uma nação que habita em paz e confiada, diz o Senhor; que não tem portas, nem ferrolhos (*o que significa a vida nômade, ao ar livre, em tendas*); eles habitam a sós. Os seus camelos serão para presa, e

a multidão dos seus gados, para despojo; espalharei a todo vento aqueles que cortam os cabelos nas têmporas e de todos os lados lhes trarei a ruína, diz o Senhor”.

Também não se podia cortar o cabelo na testa, pois era característica de certos cultos idólatras (Lv 19: 27; Lv 21: 5; Dt 14: 1). Em relação aos sacerdotes, Deus fala com Ezequiel (Ez 44: 20): “Não raparão a cabeça, nem deixarão crescer o cabelo; antes, como convém, tosquiarão a cabeça”.

Era costume ungir os cabelos de um hóspede em sinal de hospitalidade (Lc 7: 46); ou eram ungidos em ocasião de festas (Sl 45: 7).

O pano de saco era um tecido grosseiro [em hebraico: saq – Strong #8242: Uma malha (como permitindo que um líquido traspasse), isto é, um pano grosso (usado em luto e para ensacamento); portanto, um saco (para grãos, etc.): saco (roupa de cama, roupas); em grego, sakkos (Strong #g4526), de onde se deriva nosso vocábulo em português – Mt 11: 21; Lc 10: 13], usualmente feito de pêlo de cabras ou de pêlo do camelo e de cor negra (Ap 6: 12). A mesma palavra hebraica algumas vezes significa ‘saco’ (de se guardar dinheiro ou mantimento – Gn 42: 27), que evidentemente era feito do mesmo material. O pano de saco era um sinal de lamentação pelos mortos (Gn 37: 34; 2 Sm 3: 31; Jl 1: 8), ou de lamentação por desastre nacional ou pessoal (Jó 16: 15; Lm 2: 10 – palavra que, na nossa versão em Português, é traduzida como ‘cilício’, embora não seja exatamente a mesma coisa; Et 4: 1), ou de penitência pelos pecados (1 Rs 21: 27; Ne 9: 1; Jn 3: 5; Mt 11: 21), ou de oração especial pedindo livramento (2 Rs 19: 1; 2; Dn 9: 3). A forma do pano de saco, como símbolo da humilhação diante de Deus, era freqüentemente uma faixa ou saiotte preso ao redor da cintura (1 Rs 20: 31; 32; Is 3: 24 – traduzido como cilício; Is 20: 2; Ez 27: 31). Era usualmente usado pegado à pele (2 Rs 6: 30; Jó 16: 15), e às vezes era usado durante uma noite inteira (1 Rs 21: 27; Jl 1: 13). Em certo caso substituía um manto presumivelmente por cima de outras roupas (Jn 3: 6). Algumas vezes o pano de saco era estendido no chão para deitar-se em cima (2 Sm 21: 10; Is 58: 5). Os pastores da Palestina usavam pano de saco por ser barato e durável. Algumas vezes os profetas usavam-no como símbolo do arrependimento que pregavam (Is 20: 2; Ap 11: 3). Conforme Jn 3: 8, até mesmo os animais eram vestidos em pano de saco como sinal de súplica nacional. O uso de pano de saco como lamentação e penitência era praticado não somente em Israel, mas também em Damasco (1 Rs 20: 31), em Moabe (Is 15: 3), em Amom (Jr 49: 3 – traduzido como cilício), em Tiro (Ez 27: 31) e em Nínive (Jn 3: 5). A NVI costuma traduzir ‘pano de saco’ por ‘vestes de lamento’. O ‘cilício’ se trata de uma peça de penitência medieval.

Quanto à palavra ‘cinza’ ou ‘cinzas’ (esparramadas sobre a cabeça, como parte do pranto), em hebraico é: ’epher (Strong #665) = ‘produto da queima’; de uma raiz não utilizada que significa ‘espalhar’; cinzas, pó, poeira. A cinza é uma metáfora do que não tem valor (Is 44: 20) e nojento (Jó 30: 19); miséria (Sl 102: 9; Jr 6: 26); vergonha (2 Sm 13: 19); aviltamento perante Deus (Gn 18: 27; Jó 42: 6); contrição (Dn 9: 3; Mt 11: 21); purificação (Nm 19: 9; 10; 17; Hb 9: 13). Quando a bíblia fala sobre jogar ‘cinzas’ sobre a cabeça ou as vestes como sinal de luto ou arrependimento, ela não está falando necessariamente sobre as cinzas decorrentes da queima de animais (como era nos sacrifícios do templo), mas está se referindo a poeira, o pó da terra, que muitas vezes era esparramado sobre a cabeça dos arrependidos ou enlutados (cf. Ne 9: 1).

Há outra palavra hebraica usada para ‘cinza’, que é: deshen, e significa ‘gordura’ ou ‘cinza’ – resíduo de animais sacrificados.

• Is 22: 14: “Mas o Senhor dos Exércitos se declara aos meus ouvidos, dizendo: Certamente, esta maldade não será perdoada, até que morrais, [NVI: ‘Até o dia de sua

morte não haverá propiciação em favor desse pecado’] diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos”.

O Senhor conforta o profeta dizendo que a atitude pecaminosa do Seu povo não vai passar em branco. No devido tempo, Sua vingança virá.

O profeta repreende Sebna – v. 15-19.

• Is 22: 15-19: “Assim diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos: Anda, vai ter com esse administrador, com Sebna, o mordomo, e pergunta-lhe: Que é que tens aqui? Ou a quem tens tu aqui, para que abrisses aqui uma sepultura, lavrando em lugar alto a tua sepultura, cinzelando na rocha a tua própria morada? [NVI: ‘Que faz você aqui, e quem deu a você permissão para abrir aqui um túmulo, você que o está lavrando no alto do monte e talhando na rocha o seu lugar de descanso?’]. Eis que como homem forte [NVI: ‘ó homem poderoso’] o Senhor te arrojará violentamente; agarrar-te-á com firmeza, enrolar-te-á num invólucro [NVI: ‘Ele o embrulhará’] e te fará rolar como uma bola para terra espaçosa; ali morrerás, e ali acabarão os carros da tua glória [NVI: ‘os seus poderosos carros’], ó tu, vergonha da casa do teu senhor [NVI: ‘se tornarão a vergonha da casa do seu senhor’]. Eu te lançarei fora do teu posto, e serás derribado da tua posição [NVI: ‘Eu o demitirei das suas funções, e do seu cargo você será deposto’]”.

Sebna era um alto oficial sob as ordens de Ezequias. É às vezes chamado de ministro (‘administrador’, Is 22: 15), secretário (‘escriba’, 2 Rs 18: 18; 19: 2; Is 36: 3) e oficial do estado ou ‘tesoureiro’ (Is 22: 15). Quando o rei Assírio enviou mensageiros a Ezequias com uma carta ameaçadora, Eliaquim (o mordomo), Sebna (o escrivão) e Joá (o cronista) foram os intermediários na negociação (2 Rs 18: 37; 2 Rs 19: 2; Is 36: 3).



Foto acima: O Túmulo de Absalão no vale de Cedrom (à esquerda). No canto superior direito da foto pode-se ver a estrada de Ofel subindo pelo muro da Cidade Velha, para

quem vai para a aldeia de Siloé (Silwan ou Sulwan, em Árabe), ao sul de Jerusalém. Ao fundo, o bairro de Abu Tor, acima do qual está a floresta da Paz.

Sendo homem de posição, Sebna foi repreendido por Isaías por ter construído um túmulo monumental, e sua queda foi predita pelo profeta (Is 22: 15-19). Ele o repreendeu por seu orgulho e vaidade. Os escritos judaicos dizem que ele era estrangeiro e não era da linhagem de Israel, pois sua genealogia não foi citada junto com a dos outros dois (2 Rs 18: 18; Is 36: 3). Ao que parece, o túmulo que ele construiu estava entre os sepulcros dos reis da casa de Davi.

A sentença do Senhor foi dada: ele seria demitido do seu posto, e levado para o cativeiro e lá morreria (Is 22: 17-19: “Eis que como homem forte o Senhor te arrojará violentamente; agarrar-te-á com firmeza, enrolar-te-á num invólucro e te fará rolar como uma bola para terra espaçosa; ali morrerás, e ali acabarão os carros da tua glória, ó tu, vergonha da casa do teu senhor. Eu te lançarei fora do teu posto, e serás derribado da tua posição”). Na NVI está escrito: “Veja que o Senhor vai agarrar você e atirá-lo para bem longe, ó homem poderoso! Ele o embrulhará como uma bola e o atirá-lo num vasto campo. Lá você morrerá e lá os seus poderosos carros se tornarão a vergonha da casa do seu senhor! Eu o demitirei das suas funções, e do seu cargo você será deposto”.

‘Enrolar-te-á num invólucro’ (ARA) ou ‘Ele o embrulhará como uma bola’ (NVI) sugere uma condenação, pois a palavra ‘invólucro’ pode ser uma alusão ao antigo costume de cobrir os rostos de condenados.

O Senhor colocará Eliaquim, o mordomo, no lugar de Sebna – v. 20-25.

- Is 22: 20-24: “Naquele dia, chamarei a meu servo Eliaquim, filho de Hilquias, vesti-lo-ei da tua túnica [NVI: ‘manto que pertencia a você’], cingi-lo-ei com a tua faixa e lhe entregarei nas mãos o teu poder [NVI: ‘com o seu cinto (*o de Sebna*) o revestirei de força e a ele entregarei a autoridade que você exercia’], e ele será como pai para os moradores de Jerusalém e para a casa de Judá. Porei sobre o seu ombro a chave da casa [NVI: ‘do reino’] de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará, e ninguém abrirá. Fincá-lo-ei como estaca em lugar firme, e ele será como um trono de honra [NVI: ‘trono de glória’] para a casa de seu pai. Nele, pendurarão toda a responsabilidade da casa de seu pai [NVI: ‘a glória de sua família dependerá dele’], a prole e os descendentes, todos os utensílios menores, desde as taças até as garrafas [NVI: ‘das bacias aos jarros’]”.

O profeta fala que o Senhor colocará Eliaquim, o mordomo, no lugar de Sebna (2 Rs 18: 18; Is 36: 3).

‘Naquele dia, chamarei meu servo Eliaquim, filho de Hilquias, vesti-lo-ei da tua túnica (*a de Sebna*), cingi-lo-ei com a tua faixa e lhe entregarei nas mãos o teu poder, e ele será como pai para os moradores de Jerusalém e para a casa de Judá’.

Isso quer dizer que, por ser um homem leal e submisso à vontade de Deus (‘chamarei meu servo Eliaquim’), Ele o colocaria em posição de honra no governo de Judá ao lado do rei. Ezequias o colocaria no posto de oficial do estado ou tesoureiro, como algumas versões sugerem. Eliaquim significa: ‘Deus estabeleceu, Deus estabelece’ (em grego, Eliakeim) e prefigura Jesus, quando analisamos as intenções de Deus quando o colocou no lugar de Sebna: ele seria vestido com a túnica (NVI, manto) e a faixa (NVI, cinto) de Sebna e receberia a autoridade que o tesoureiro teve no passado. O manto, o cinto e anel eram o emblema do seu ofício, um sinal da autoridade governamental que ele tinha ao lado do rei, como vemos em Mordecai, também uma figura de Jesus: “Tirou o rei [*o rei Assuero*] o seu anel, que tinha tomado a Hamã, e o deu a Mordecai. E Ester pôs a Mordecai por superintendente da casa de Hamã... Então, Mordecai saiu da presença do rei com veste real azul-celeste e branco, como também

com grande coroa de ouro e manto de linho fino e púrpura; e a cidade de Susã exultou e se alegrou... Porque Mordecai era grande na casa do rei, e a sua fama crescia por todas as províncias; pois ele se ia tornando mais e mais poderoso... Pois o judeu Mordecai foi o segundo depois do rei Assuero, e grande para com os judeus, e estimado pela multidão de seus irmãos, tendo procurado o bem-estar do seu povo e trabalhado pela prosperidade de todo o povo da sua raça” (Et 8: 2; 15; Et 9: 4; Et 10: 3).

‘E ele será como pai para os moradores de Jerusalém e para a casa de Judá’ (Is 22: 21 b) significa ser um líder, um patrono, governando-os com cuidado paternal e carinho.

A bíblia diz que o Senhor porá sobre os ombros de Eliaquim a chave da casa de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará e ninguém abrirá (cf. Ap 3: 7: “Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá”).

A chave simboliza a autoridade do seu governo, o poder de abrir e fechar, de deixar entrar ou sair. O que ele dissesse seria feito: ‘sim ou não, dentro ou fora, aberto ou fechado’. Esse é o poder de Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores, diante de quem todo joelho se dobrará e toda a língua confessará que Ele é o Senhor, e que recebeu do Pai toda autoridade no céu e na terra (Mt 28: 18) e todo o poder de julgamento (Jo 5: 22-23: “E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento, a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou”).

Como oficial de estado ele carregava a chave no ombro (nos antigos cerimoniais da nobreza), simbolizando a responsabilidade do seu cargo e o seu dever para cumprir. Jesus carregou a cruz sobre os ombros, não com as mãos, simbolizando que Ele tinha essa responsabilidade sobre si, este fardo, este encargo de carregar sobre seus ombros o pecado do mundo e, assim, morrer pela humanidade para poder libertá-la espiritualmente da morte eterna. Ao ressuscitar dos mortos, Ele trouxe consigo as chaves da morte e do inferno: “Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno” (Ap 1: 17b-18); “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2: 14-15); “O último inimigo a ser destruído é a morte” (1 Co 15: 26).

Em Is 22: 23-24 está escrito: “Fincá-lo-ei como estaca em lugar firme, e ele será como um trono de honra para a casa de seu pai [NVI: um trono de glória; No original em hebraico, um assento de honra]. Nele pendurarão toda a responsabilidade da casa de seu pai, a prole e os descendentes, todos os utensílios menores, desde as taças até as garrafas [NVI: Toda a glória de sua família dependerá dele: sua prole e seus descendentes – todos os utensílios menores, das bacias aos jarros]”.

Na NVI em Inglês, a palavra estaca é escrita como ‘peg’, que significa ‘estaca’, ‘pregador’, ‘gancho’ (onde se penduram roupas, por exemplo). Nas casas orientais antigas, pregos ou ganchos eram fixados nas paredes, e neles se penduravam os utensílios domésticos, tanto grandes como pequenos.

Isso quer dizer que o Senhor fincaria Eliaquim como uma estaca firme ou um prego ou gancho na parede de uma casa bem construída (a estabilidade e a continuação do governo de Judá), significando sua autoridade e poder, não apenas sobre a Casa de Davi como também sobre sua família e seus descendentes, dos maiores aos menores. A estabilidade deles dependeria de Eliaquim. Governando prudentemente e de maneira justa, ele obteria grande glória. Em outras palavras, ele se assentaria no lugar de destaque aos olhos de Deus e dos homens; seria honrado e respeitado. Uma vez que ele

também era de sangue real (segundo alguns historiadores judeus), a Casa de Davi também dizia respeito à sua própria linhagem. Todos se sentiriam seguros perto dele e, como utensílios de uma casa, eles se ‘pendurariam’ nele, ou seja, ele seria seu apoio e sustentação, como Jesus é o nosso sustento e o nosso apoio. Estarmos ‘pendurados’ nEle através da nossa fé nos faz seguros de que temos alguém que nos defende, apóia e sustenta em todas as nossas necessidades. Toda a descendência santa do Senhor Jesus na terra, através da conversão sincera a Ele, pode se sentir segura da sua salvação e da sua própria autoridade sobre as coisas do mal e das trevas, pois foi Jesus mesmo que a deixou para nós, Seus filhos.

• Is 22: 25: “Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, a estaca que fora fincada em lugar firme será tirada [NVI: ‘cederá’], será arrancada e cairá, e a carga que nela estava se desprenderá [NVI: ‘o peso sobre ela cairá’], porque o Senhor o disse”.

‘Naquele dia’ se refere ao dia que Sebna foi deposto, e Eliaquim colocado em seu lugar. Sebna, que se julgava uma estaca em lugar firme, pois fora colocado naquele posto pelo próprio rei Ezequias e cortejado por seus amigos e aduladores, seria degradado diante de todos, removido do seu posto de honra, e cairia levando junto com ele todos os que ele tinha levantado a postos consideráveis por sua autoridade e influência política. Os que se apoiaram nele perderiam tudo o que conquistaram. Eles eram um fardo, uma carga, um peso, para ele e, provavelmente, para a nação, pois quando líderes governamentais são desonestos, os que estão ao seu lado para assessorá-los seguem seu exemplo e acabam por ser um jugo desagradável para os que são governados por eles. Isso não deixa de ser uma maldição. E o que a bíblia talvez esteja querendo dizer com isso é que a maldição que estava sobre Judá por causa do seu pecado e do pecado dos reis e príncipes ficaria menor com a remoção de um membro desonesto como Sebna; conseqüentemente, a sentença profética pesada vinda da boca de Deus. Uma nação menos pecaminosa poderia desfrutar mais de Suas bênçãos. Um governante abençoado e ungido pelo Senhor poderia trazer mais bênção e menos peso para o povo. Se extrapolarmos isso para Cristo e Sua missão redentora, naquele dia que foi crucificado por causa do pecado dos homens e carregando o peso da ira de Deus Pai sobre Seus ombros, Ele fez a propiciação pelos nossos pecados, e o peso da ira de Deus sobre nós foi removido, pois Seu sangue nos justificou. A reconciliação foi feita e as nossas transgressões aos olhos de Deus foram removidas. ‘A estaca firme’, que era o domínio de Satanás por causa do pecado da humanidade e que trazia a maldição da lei, foi arrancada; e o peso que estava nela se desprende, ou seja, nós que estávamos pendurados nela ficamos livres pelo sangue de Jesus.

Capítulo 23

Tiro é uma antiga cidade fenícia no Líbano na costa do mar Mediterrâneo. Era o principal porto marítimo da costa da Fenícia, distando quase quarenta quilômetros do sul de Sidom e cinquenta quilômetros do norte do monte Carmelo. Tiro, em hebraico, ‘çôr’; em grego, ‘tyros’, significa ‘rocha’, ‘fortaleza’. Nos tempos do AT, a Fenícia era chamada de Canaã, e seus habitantes, cananeus, que significa ‘comerciantes’. Em grego, a Fenícia é chamada Phoinikē, Φοινίκη, ‘terra das palmeiras’. Alguns historiadores lhe dão o significado de ‘terra da púrpura’, pois produzia tinta púrpura extraída da concha de um molusco chamado Murex, para tingir as vestes de reis e nobres. Tiro foi fundada em torno de 2750 AC de acordo com Heródoto e foi originalmente construída como uma cidade murada no continente. Na Antiguidade, Tiro estava dividida em duas partes: uma chamada ‘Antiga Tiro’, que ficava no continente (onde estava o porto ‘velho’), e a cidade construída numa pequena e rochosa ilha cerca de setecentos metros da costa (‘Nova Tiro’). A cidade era banhada pelo rio Litani e dominava a planície circunvizinha, ao norte da qual ficava Sarepta (atual Sarafande). Hoje permanecem antigas ruínas da cidade antiga de Tiro, ao lado da cidade nova, chamada Sur (significa ‘rocha’). Por volta de 1485 AC, Tiro comercializava artigos de luxo com o Egito, além do trigo; por isso, sofreu várias tentativas de ataque por parte dos egípcios.



Por volta de 1200 AC, os filisteus cercaram Sidom, e os seus habitantes fugiram para Tiro, que passou a ser conhecida como ‘filha de Sidom’ (Is 23: 12). Com o declínio do Egito, a cidade passou a ser independente, e os seus governantes começaram a dominar a maior parte das cidades costeiras da Fenícia, incluindo o interior do Líbano. O comércio de todo o mundo estava reunido nos armazéns de Tiro. Seus mercadores foram os primeiros a navegar através do Mediterrâneo, fundando colônias na costa e ilhas vizinhas do mar Egeu (Grécia), na costa do norte da África (em Cartago), na Sicília, na Córsega e na península Ibérica. No tempo de Davi e Salomão, Israel manteve boas relações comerciais com Tiro (2 Sm 5: 11; 1 Rs 5: 1; 1 Cr 14: 1) cujo povo era há muito tempo governado pelos seus reis nativos.

Foi Hirão I (979-945 AC) que construiu um molhe (um istmo artificial) ligando a ilha ao continente, onde havia o porto principal. Os assírios destruíram esse molhe, provavelmente, em 719 AC, quando a Nova Tiro da ilha foi saqueada. Na ilha, Hirão I construiu um templo a Astarte e Baal-Mercarte. Ajudou a Salomão na construção do porto de Ezion-Geber, no mar Vermelho (Golfo de Aqaba) para facilitar o comércio para o sul. Desta época para frente os tírios se tornaram os grandes comerciantes do Mediterrâneo oriental (Is 23: 8), com grandes habilidades marítimas (Ez 26: 17; Ez 27: 32). Os tírios fabricavam vidro e corante púrpura, como foi dito acima. Um dos sucessores de Hirão I, quase um século mais tarde, foi Etbaal (ou Itobal I – 915-856 AC), cuja filha Jezabel se casou com Acabe (874-853 AC), rei de Israel (1 Rs 16: 31). Na época, era comum os habitantes de Tiro serem chamados sidônios; os sidônios, porém, é que nunca são chamados tírios. Por isso está escrito na bíblia que Etbaal era rei dos sidônios, mas na verdade, ele era rei de Tiro e tinha usurpado o trono do seu antecessor.

Durante dois séculos os assírios subjugaram Tiro. Em 841 AC rei assírio Salmaneser III (859-824 AC) cercou o porto de Tiro, que passou a pagar tributo para os assírios. Foi sitiada por Salmaneser V (727-722 AC), iniciando em 724 AC, mais ou menos na época da queda de Samaria; e em 720 AC a cidade caiu nas mãos de Sargom II (722-705 AC). Passou a pagar impostos para Nínive através de oficiais assírios colocados lá para este fim. Sidom e a Velha Tiro, no continente, logo foram saqueadas em 720 AC; mas a Nova Tiro, na ilha, só caiu em 719 AC. Apesar de tudo, Tiro se voltava para o Egito em busca de ajuda. Os profetas hebreus repreendiam Tiro. Amós os repreendia por terem entregado prisioneiros hebreus aos edomitas (Am 1: 9-10), e Joel (Jl 3: 4-8), por terem vendido prisioneiros hebreus como escravos aos gregos. Isaías, assim como Ezequiel, profetizou sua queda. Tiro caiu sob domínio de Sidom, e quando Senaqueribe (705-681 AC) chegou em 701 AC, seu governante fugiu e morreu no exílio. A fuga livrou a cidade de ser assolada, e um governante assírio foi colocado lá. Os anos que se seguiram com Esar-Hadom (681-669 AC) foram de muita competição pelo domínio da cidade, que veio a cair em 664 AC por mão de Assurbanipal (669-627 AC), levando muitos para o cativeiro. Com a queda da Assíria, Tiro recuperou sua autonomia por um tempo, mas Jeremias profetizou sua queda diante dos babilônios, assim como Ezequiel.

Os babilônios destruíram muitas cidades da costa da Fenícia, e Tiro começou a enfraquecer. Nabucodonosor pôs sítio em Tiro por treze anos (582-569 AC) e, quando ela se rendeu ele colocou juízes para governá-la; mas não conseguiu capturar a cidade insular. Por quase uma década, Tiro lhe pagou tributo.

Em 539 AC Ciro conquistou a cidade para o império persa e ela se manteve sob seu domínio. Os habitantes de Tiro supriram Israel com madeira de cedro para a reconstrução do templo de Jerusalém (Ed 3: 7). Neste momento da História, Tiro era uma cidade arrogante e orgulhosa que confiava em si mesma, achando-se inexpugnável

por causa de suas fortalezas; também se vangloriava em suas riquezas e no poder do seu comércio (Zc 9: 3).

Ela fechou os portões para os gregos sob o comando de Alexandre o Grande, mas depois do cerco de sete meses (333-332 AC) e da construção de um novo molhe (um istmo artificial sobre uma ponte de terra natural) até a fortaleza da ilha, Alexandre a conquistou em 332 AC. Esse molhe existe até hoje e liga o continente à ilha onde estava situada a cidade de Tiro. Ele tem 1 km de comprimento e 2 metros de profundidade. Assim a profecia de Ezequiel (Ez 26-28) foi cumprida plenamente. A grande e arrogante Tiro finalmente tornou-se um lugar para os pescadores secarem as suas redes.



Esquema do cerco de Tiro por Alexandre, o Grande

Antígono I Monoftalmo, um dos diádocos de Alexandre voltou a cercá-la em 315-314 AC. Os diádocos (Grego: Διάδοχοι, transliterado: Diadokhoi, ‘sucessores’) ou epígonos (grego: Επίγονοι, transliterado: Epígonoi, ‘filhos’) foram os sucessores de Alexandre, o Grande.

Os selêucidas recuperaram a cidade e depois a área se tornou uma província romana (64 AC). Herodes o Grande reconstruiu seu templo principal. At 21: 3-6 mostra que havia cristãos ali no século I DC, pois em Tiro foi fundada uma igreja cristã após a morte de Estevão (isso consta em livros apócrifos); e o apóstolo Paulo ficou ali por sete dias, quando voltava de sua 3ª viagem missionária para passar o Pentecostes em Jerusalém (At 21: 3-6).

Depois, no século X, Tiro foi sitiada pelo Califado Fatímida – sitiou Tiro em 996-998 DC. O Califado Fatímida era uma dinastia Xiita Ismaelita, composta por catorze califas, e que reinou na África do Norte (909-1048 DC) e no Egito (969-1171 DC).

As ruínas que vemos hoje datam do tempo das Cruzadas. As Cruzadas na Terra Santa – 1095-1272, tradicionalmente são contadas como nove; a 1ª de 1095-1099 e a 9ª

de 1271-1272. Junto às ruínas de Tiro, há uma pequena colônia de quase quatorze mil pessoas, e essas velhas ruínas são usadas pelos pescadores para secarem as redes.

Os Cruzados sob Balduíno I de Jerusalém sitiaram Tiro em 1111-1112 DC. Balduíno I de Jerusalém (ou Balduíno de Bolonha; 1058-1118 DC) foi um dos líderes da 1ª Cruzada, o 1º Conde de Edessa (1098-1100. Edessa é a atual Şanlıurfa, Xanleurfá ou Urfa, uma província do sudeste da Turquia, junto à fronteira com a Síria) e o 2º governante de Jerusalém (1100-1118); na verdade, o 1º rei da Cidade Santa.

Depois, os Cruzados Venezianos sitiaram Tiro em 1124 DC. Assim, Tiro foi uma cidade importante para o Cristianismo até a invasão de Jerusalém pelos turcos muçulmanos, os Aiúbidas, sob Saladino, que sitiaram a cidade em 1187 DC. Os Aiúbidas são uma dinastia muçulmana dos séculos XII-XIII na Síria e no Egito. Criaram o exército mameluco, um exército egípcio formado por escravos curdos (Turcos), comprados entre 14 e 18 anos de idade e treinados para o serviço militar. Saladino (1138-1193) foi um chefe militar curdo muçulmano (religião islâmica sunita, i.e., islamismo tradicional), sultão do Egito e da Síria, que se opôs aos Cruzados europeus no Levante (um termo geográfico que se resume à Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre). Reconquistou Jerusalém das mãos do Reino de Jerusalém, fundado por Godofredo de Bulhão, o antecessor e irmão de Balduíno I de Jerusalém.

Resumo dos sítios de Tiro [Governantes / período de reinado / período de sítio]:

- Salmaneser III (859-824 AC) – 841 AC
- Salmaneser V (727-722 AC) + Sargom II (722-705 AC) – cerco: 724-720 AC
- Senaqueribe (705-681 AC) – 701 AC
- Esar-Hadom (681-669 AC) – 671 AC,
- Assurbanipal (669-627 AC) – mas a cidade caiu em 664 AC
- Nabucodonosor (605-562 AC) – 582-569 AC, mas não conseguiu capturar a Tiro da ilha (Nova Tiro)
- Alexandre o Grande destruiu a Nova Tiro – 332 AC
- Antígono I Monoftalmo, sucessor de Alexandre – 315-314 AC
- Califado Fatímida – 996-998 DC
- Os Cruzados (Balduíno I de Jerusalém) – 1111-1112 DC
- Cruzados Venezianos – 1124 DC
- Aiúbidas (1171-1246 DC), sob Saladino – 1187 DC

Sidom: na bíblia, a palavra ‘sidônios’ é usada como sendo um nome genérico, significando tanto os fenícios quanto os cananeus (Js 13: 6; Jz 18: 7). Sidom ficava na tribo de Aser (Js 19: 28); mas seus habitantes não foram expulsos, e sua idolatria foi um laço para os israelitas (Js 13: 6; Js 19: 28; Jz 1: 31; Jz 10: 6; 2 Sm 24: 6; 1 Rs 16: 31-32). A cidade de Sidom foi denunciada pelos profetas juntamente com Tiro (Is 23: 1-18; Jr 25: 22; Jr 27: 3; Jr 47: 4; Ez 28: 21-22; Jl 3: 4; Zc 9: 2-4). Jesus visitou os locais próximos de Sidom, ao norte de Nazaré (Mt 15: 21; Mc 7: 24-30); seus habitantes recorreram a Ele (Mc 3: 8; Lc 6: 17). Sidom era abastecida por Israel (At 12: 20) e foi residência de cristãos (At 27: 3).

Foram feitas algumas escavações arqueológicas na parte sul da ilha no local chamado al-Mina (ou Al Mina, em Árabe, que significa ‘o porto’), e na parte onde o istmo a une ao continente, e que é chamado al-Bass (ou Al-Bass, a necrópole de Tiro). As imagens do local de escavação al-Mina colocadas abaixo mostram: Hipódromo romano em Tiro (1), Teatro retangular (2), Restos de antigas colunas da suposta ‘palaestra’, em grego: *παλαίστρα*, a antiga escola grega de luta livre, onde se praticava boxe e luta livre, e servia também como ginásio público (3); detalhes das colunas (4) – fonte: Wikipédia.





A destruição de Tiro por seu orgulho – v. 1-14.

- Is 23: 1: “Sentença contra Tiro. Uivai, navios de Társis, porque está assolada, a ponto de não haver nela casa nenhuma, nem ancoradouro. Da terra de Chipre [em hebraico: Quitim] lhes foi isto revelado”.

A cidade de Tiro seria destruída por Nabucodonosor (569 AC) e depois por Alexandre o Grande (332 AC). Essa profecia parece se referir à destruição pelos babilônios, pois insinua que, depois de setenta anos (Is 23: 12), Tiro deveria recuperar algum poder e glória anteriores, antes de sua destruição por Alexandre.

Chipre (Quitim) – este era um lugar eminente para o transporte e comércio, e teve grandes relações com Tiro. Pode ser aqui colocado para todos os outros países que negociaram com ela.

Társis, onde havia uma colônia de Tiro, não tem ainda uma localização certa, podendo se referir a um porto desde o Oceano Índico até Cartago (na África) ou um porto fenício na Espanha.

Segundo o Easton's Bible Dictionary, a palavra, anglicizada como 'tarshish', é de origem sânscrita (língua ancestral da Índia) ou ariana (relativo aos antigos povos Iranianos), e significa 'a costa do mar'. Segundo a Concordância Lexicon Strong (tarshiysh – Strong #8659; #8658) pode se referir à região da pedra topázio ou berilo; ou Társis, um lugar no Mediterrâneo, daí o epíteto de uma embarcação mercante (como se 'para' ou 'daquele' porto). A localização de Társis poderia ser: uma cidade do Leste, na costa do Oceano Índico, com base em que 'navios de Társis' saíram de Ezion-Geber, no Mar Vermelho, ou poderia se referir a um porto fenício na Espanha, localizado entre as duas bocas do rio Guadalquivir. A expressão 'navios de Társis', possivelmente, se referia a uma classe de navios: 1) Navios destinados a longas viagens. 2) Navios de grande tamanho, preparados para navegar no mar, transportando minério; assim foram denominados os navios do rei Salomão. Em grego, Társis é chamada de Tartesso ou Tartessos. Tartessos (em grego: Τάρτησος) era o nome pelo qual os gregos conheciam a primeira civilização do Ocidente. Era herdeira da cultura de Andaluzia, e se desenvolveu no triângulo formado pelas atuais cidades de Huelva, Sevilha e São Fernando (Cádiz), na costa sudoeste da Península Ibérica. Tartesso teve o rio Tartesso como um rio central que dividia o país ao meio; os romanos o chamaram de Bétis, e os

árabes, Guadalquivir. Os tartessos desenvolveram uma língua e escrita distinta da dos povos vizinhos, com influências culturais de egípcios e fenícios.

Em 1 Rs 9: 26 a bíblia diz: “Fez o rei Salomão também naus em Ezion-Geber, que está junto a Elate, na praia do mar Vermelho, na terra de Edom”. Também fala sobre a aliança entre Salomão e o reino de Tiro, usando esses navios pra comércio: “Porque o rei tinha navios que iam a Társis, com os servos de Hirão; de três em três anos, voltavam os navios de Társis, trazendo ouro e prata, marfim, bugios e pavões” (2 Cr 9: 21). Esses mesmos navios foram usados por Josafá, mas se quebraram: “Fez Josafá navios de Társis, para irem a Ofir em busca de ouro; porém não foram, porque os navios se quebraram em Ezion-Geber” (1 Rs 22: 49 na ARA e na Bíblia de Jerusalém. Na NVI e na ACF (Almeida Corrigida e Revisada, Fiel) corresponde ao v. 48) e “Porém Eliézer, filho de Dodavá, de Maressa, profetizou contra Josafá, dizendo: Porquanto te aliaste com Acázias, o Senhor destruiu as tuas obras. E os navios se quebraram e não puderam ir a Társis” (2 Cr 20: 37). Ezion-Geber (1 Rs 9: 26) se refere, muito provavelmente, à atual Aqaba ou Ácaba (também chamada Aila), uma cidade costeira do extremo sul da Jordânia, capital da província com o mesmo nome. Este é o único porto marítimo do país, por isso a cidade é de importância estratégica para a Jordânia. A cidade limita com Eilat (Elate, na bíblia, 1 Rs 9: 26), localizada em Israel. Tanto Aqaba quanto Eilat encontram-se no extremo norte do golfo de Aqaba. A cidade de Aqaba foi chamada Aila nos tempos antigos (era uma cidade islâmica medieval, na proximidade de minas de cobre), e que é um nome semítico escrito em fontes históricas de várias maneiras diferentes: Aila, Ailana, Elana, Haila, Ailath, Elath e Wayla.

• Is 23: 2-3: “Calai-vos, moradores do litoral, vós a quem os mercadores de Sidom enriqueceram, navegando pelo mar. Através das vastas águas, vinha o cereal dos canais do Egito e a ceifa do Nilo, como a tua renda, Tiro, que vieste a ser a feira das nações” [NVI: “Fiquem calados, habitantes das regiões litorâneas, e vocês, mercadores de Sidom, enriquecidos pelos que atravessam o mar e as grandes águas. O trigo de Sior e a colheita do Nilo eram a sua renda, e vocês se tornaram o suprimento das nações”] – Sior (Strong #7883 significa ‘escuro, turvo’; Shichor era uma corrente, um riacho do Egito; Shihor, Sihor).

‘Calai-vos, moradores do litoral’ – fiquem em silêncio, não se gabem mais de sua riqueza e poder, é o que ele quer dizer. Na bíblia, a palavra ‘sidônios’ é usada como sendo um nome genérico, significando tanto os fenícios quanto os cananeus (Js 13: 6; Jz 18: 7).

Por volta de 1485 AC, Tiro comercializava artigos de luxo com o Egito, além do trigo; por isso, sofreu várias tentativas de ataque por parte dos egípcios. Por volta de 1200 AC, os filisteus cercaram Sidom, e os seus habitantes fugiram para Tiro, que passou a ser conhecida como ‘filha de Sidom’ (Is 13: 12). Com o declínio do Egito, a cidade passou a ser independente, e os seus governantes começaram a dominar a maior parte das cidades costeiras da Fenícia, incluindo o interior do Líbano. Era chamada aqui de ‘feira das nações’ ou ‘o suprimento das nações’ por causa do seu grande comércio com inúmeras nações (Is 23: 2-3). O comércio de todo o mundo estava reunido nos armazéns de Tiro.

• Is 23: 4: “Envergonha-te, ó Sidom, porque o mar, a fortaleza do mar, fala, dizendo: Não tive dores de parto, não dei à luz, não criei rapazes, nem eduquei donzelas [NVI: ‘filhas’]”.

Sidom era uma grande cidade perto de Tiro, fortemente unida a ela por comércio e chamada por alguns a mãe de Tiro, pois se supõe que esta foi construída e habitada pela

primeira vez por uma colônia dos sidônios. ‘O mar’ era aquela parte do mar onde Tiro estava, e de que os navios e os homens foram enviados a todos os países. Tiro era conhecida como ‘a fortaleza do mar’ por causa não apenas da sua força e poder comercial, mas porque defendia essa parte do mar dos piratas e dos invasores que tentassem dominar o continente. Como foi escrito acima, o comércio de todo o mundo estava reunido nos armazéns de Tiro. Seus mercadores foram os primeiros a navegar através do Mediterrâneo, fundando colônias na costa e ilhas vizinhas do mar Egeu (Grécia), na costa do norte de África (em Cartago), na Sicília, na Córsega e na península Ibérica.

‘Não tive dores de parto, não dei à luz, não criei rapazes, nem eduquei donzelas’ quer dizer que Tiro já não era tão fecunda como antes, já não podia fundar colônias e sentia estéril e desolada.

- Is 23: 5-7: “Quando a notícia a respeito de Tiro chegar ao Egito, com ela se angustiarão os homens. Passai a Társis, uivai, moradores do litoral [NVI: ‘das regiões litorâneas’]. É esta, acaso, a vossa cidade que andava exultante, cuja origem data de remotos dias, cujos pés a levaram até longe para estabelecer-se? [NVI: ‘a cidade jubilosa que existe desde tempos muito antigos, cujos pés a levaram a conquistar terras distantes’]”.

O milho e o trigo do Egito que eram abundantes nesta nação supriam outras através do comércio de Tiro; portanto, ficariam sem ser comercializados. E o Egito também sofreria com a queda de Tiro. Por isso, sentiriam angústia.

- Is 23: 8-12: “Quem formou este desígnio contra Tiro, a cidade distribuidora de coroas [NVI: ‘dava coroas’], cujos mercadores são príncipes e cujos negociantes são os mais nobres da terra? [NVI: ‘famosos em toda a terra’] O Senhor dos Exércitos formou este desígnio para denegrir a soberba de toda beleza e envilecer os mais nobres da terra [NVI: ‘orgulho e vaidade e humilhar todos os que têm fama na terra’]. Percorre livremente como o Nilo a tua terra, ó filha de Társis; já não há quem te restrinja [NVI: ‘você não tem mais porto’]. O Senhor estendeu a mão sobre o mar e turbou [NVI: ‘fez tremer’] os reinos; deu ordens contra Canaã [*como os hebreus chamavam a Fenícia*], para que se destruíssem as suas fortalezas. E disse: Nunca mais exultarás, ó oprimida virgem filha de Sidom; levanta-te, passa a Chipre, mas ainda ali não terás descanso”.

Diz-se que Tiro era distribuidora de coroas porque sempre houve uma grande sucessão de reis nesta cidade; ou, então, porque, servindo a muitas nações, a cidade dava honra a muitos reis de várias nações. Seus mercadores (comerciantes) eram tão conceituados como se fossem príncipes e nobres. Mas o Senhor planejou sua queda para destruir a soberba e a beleza de Tiro, e humilhar seus ‘príncipes’, seus mercadores.

Depois, a bíblia fala: “Percorre livremente como o Nilo a tua terra, ó filha de Társis; já não há quem te restrinja [NVI: ‘você não tem mais porto’]”.

Como foi dito no versículo 1, Társis ou Tartessos se desenvolveu na costa sudoeste da Península Ibérica e teve o rio Tartesso como um rio central que dividia o país ao meio. Aqui no versículo 10, o profeta estava se dirigindo a Társis, falando a eles para navegarem pelo seu rio como os egípcios navegavam pelo Nilo, e cultivavam seu cereal, pois os habitantes de Társis não tinham mais o porto de Tiro onde se apoiar. Outras nações poderiam ajudá-los no comércio marítimo. O Senhor fez estremecer os reinos vizinhos e eles poderiam tremer com a queda de Tiro pelo espanto e imprevisto da situação, e porque esta cidade era um baluarte, e um refúgio para eles. Ele já tinha levantado inimigos para destruir suas fortalezas.

‘Nunca mais exultarás, ó oprimida virgem filha de Sidom’ ou ‘Você não se alegrará mais, ó cidade de Sidom, virgem derrotada!’ quer dizer que ela não se alegraria por muito tempo. Quando a calamidade viesse sobre ela, seu tempo de alegria acabaria por um tempo.

Uma das palavras para ‘virgem’, em Hebraico, é bethülâ, mas geralmente vem acompanhada da palavra ‘desposada’, ou da frase: ‘prometida em casamento’ ou ‘a quem nenhum homem havia possuído’ (como em Jl 1: 8 ou Gn 24: 16, a respeito de Rebeca). Aqui neste texto de Isaías (Is 23: 12), a palavra hebraica usada é bethülâ ou bthuwlah – Strong #1330, que significa: separar; uma virgem (de sua privacidade); uma noiva; figurativamente: uma cidade ou estado: jovem senhora, virgem. Segundo a Lei, a virgem era propriedade de seu pai, e quando ela se casava, ele recebia um dote (Êx 22: 16; cinquenta siclos de prata – Dt 22: 28-29; Gn 29: 15-18). A honra da virgem era protegida contra a maledicência, mas o seu desvio da virtude era severamente castigado (Dt 22: 13-21). A palavra ‘filha’, usada nas Escrituras, pode se referir a uma neta ou descendente; ou é usada quando se refere a cidades.

Tiro é chamada de ‘virgem’ não porque ela não havia sido ainda saqueada ou destruída, ou seja, no sentido de ser violentada ou perder a virgindade; pelo contrário, foi sitiada e saqueada desde o tempo de Sargom II até Nabucodonosor (Ez 26: 7-14), que sitiou a cidade do continente por treze anos (582-569 AC) e, quando ela se rendeu ele colocou juízes para governá-la; mas não conseguiu capturar a cidade insular. Mas Tiro foi chamada de ‘virgem’ porque perdeu sua força como uma cidade comercial independente, e foi colocada sob ‘tutela’ de ‘pais’, como os assírios e babilônios, como se a vigiassem o tempo todo, com a desculpa de mantê-la ‘pura’, ‘santa’, i.e., protegê-la de ataques de outros povos, ou para evitar que ela, por si mesma, se rebelasse e voltasse a procurar sua independência e sua força.

‘Levanta-te, passa a Chipre, mas ainda ali não terás descanso’ significa que até mesmo suas colônias seriam afetadas, ou seja, seriam tratadas duramente, pois as calamidades as atingiriam: Sicília, Córsega, Cartago e Espanha.

- Is 23: 13-14: “Eis a terra dos caldeus [NVI: ‘babilônios’], povo que até há pouco não era povo e que a Assíria destinara para os sátiros [NVI: ‘as criaturas’] do deserto; povo que levantou suas torres [NVI: ‘torres de vigia’], e arrasou os palácios de Tiro, e os converteu em ruínas. Uivai, navios de Társis, porque é destruída a que era a vossa fortaleza!”

O profeta fala para os moradores de Tiro para olharem os caldeus, por exemplo. Eles nunca tinham sido uma grande nação; antigamente moravam em tendas, foram subjugados pelos assírios por muitos séculos, reunidos em cidades, e até desprezados por eles como se fossem bodes selvagens no deserto, mas assimilaram sua cultura e cresceram; de repente, se tornaram maiores do que a Assíria, estavam conquistando o mundo e, agora, sitiavam Tiro e levantavam suas torres de cerco contra esta cidade tão afamada e, talvez, até mais antiga do que a Babilônia. Se os babilônios derrubaram os fortes assírios, não poderiam derrubar Tiro?

Tiro ficará também em esquecimento por setenta anos – v. 15-17.

- Is 23: 15-17: “Naquele dia Tiro será posta em esquecimento por setenta anos, segundo os dias de um rei [NVI: ‘o tempo da vida de um rei’]; mas no fim dos setenta anos dar-se-á com Tiro o que consta na canção da meretriz: Toma a harpa, rodeia a cidade, ó meretriz, entregue ao esquecimento [NVI: ‘ó prostituta esquecida’]; canta bem, toca, multiplica as tuas canções, para que se recordem de ti. Findos os setenta anos, o Senhor atentarà [NVI: ‘se lembrará’] para Tiro, e ela tornará ao salário da sua

impureza e se prostituirá com todos os reinos da terra [NVI: ‘Esta voltará ao seu ofício de prostituta e servirá a todos os reinos que há na face da terra’]”.

O Senhor vai arruinar Tiro, infalivelmente. ‘Naquele dia Tiro será posta em esquecimento por setenta anos’ ou ‘Naquele tempo Tiro será esquecida por setenta anos’, ou seja, durante o tempo do cativeiro dos judeus na Babilônia. Nabucodonosor pôs sítio em Tiro (no continente) por treze anos (582-569 AC) e, quando ela se rendeu ele colocou juizes para governá-la. Por quase uma década, Tiro lhe pagou tributo. Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom (Jr 27: 3; 8; Ez 26: 7-14) seriam súditos de Nabucodonosor. Assim, sem muitas nações para realizar independentemente o seu comércio, ou seja, como muitas nações passaram a ser súditos da Babilônia, Tiro seria posta em esquecimento.

‘Segundo os dias de um rei’ ou ‘o tempo da vida de um rei’ pode dizer respeito a Davi, por exemplo, que sempre foi um exemplo para Israel, e que viveu setenta anos. Por isso, Isaías usou esta expressão. Mesmo porque a bíblia fala ‘segundo os dias de um rei’ ou ‘o tempo da vida de um rei’, não ‘de uma dinastia’.

Depois dos setenta anos, Tiro voltará a se prostituir com seus ídolos e retomará o seu comércio. Ela retornará gradualmente ao seu antigo ofício, pelo qual ela facilmente atrairá os comerciantes do mundo para negociar com ela, como as meretrizes fazem para seduzir os homens com cânticos lascivos. Tiro foi restaurada pelo favor dos monarcas persas após o retorno dos judeus, e voltou a se prostituir com seus ídolos e retomou o seu comércio.

Tiro conhecerá a palavra de Deus – v. 18.

• Is 23: 18: “O ganho e o salário de sua impureza [NVI: ‘o seu lucro e a sua renda’] serão dedicados [NVI: ‘separados’] ao Senhor; não serão entesourados, nem guardados, mas o seu ganho será para os que habitam perante o Senhor [NVI: ‘irão para os que vivem na presença do Senhor’], para que tenham comida em abundância e vestes finas (cf. Mq 4: 13b)”.

Essa profecia diz que Tiro conhecerá a palavra de Deus. Isso se refere aos tempos do evangelho, nas primeiras eras do Cristianismo (o Sl 45: 12 pode se referir a isso: “A ti virá a filha de Tiro trazendo donativos; os mais ricos do povo te pedirão favores”), quando Tiro ouviu a palavra de Deus não só por Jesus (como foi o caso da mulher Siro-Fenícia), mas também por Seus discípulos e seguidores. É o caso de Estevão, pois uma igreja cristã foi fundada em Tiro após sua morte (segundo livros apócrifos), e de Paulo (At 21: 3-6; At 27: 3), que ficou ali por sete dias, quando voltava de sua 3ª viagem missionária para passar o Pentecostes em Jerusalém. Jesus visitou os locais próximos de Sidom, ao norte de Nazaré (Mt 15: 21; Mc 7: 24-30); seus habitantes recorreram a Ele (Mc 3: 8; Lc 6: 17). Deus, por meio da pregação do evangelho, ainda chamaria Tiro ao arrependimento e seus ganhos malignos e imundos seriam para ajudar liberalmente Seus enviados, seus pregadores, os ministros do Evangelho. O que eles ganhavam através do comércio seria dedicado ao Senhor. A evangelização completa dos tírios, assim como dos etíopes (Is 18: 7), dos egípcios e assírios (Is 19: 21-25) ainda está por vir (Is 60: 5).

Capítulo 24

Na seqüência das profecias anteriores de Isaías, não se sabe muito bem se a ‘terra’ da qual ele fala aqui é a terra de Judá ou as outras nações que também foram punidas pelos seus pecados. Segundo o comentário de Wesley (Is 24: 1-12), trata-se da terra de Judá que foi punida pelo seu pecado (o título deste trecho é dado por ele como: ‘Julgamentos sobre Judá por suas impurezas e transgressões’). O que se entende é que haverá um remanescente que será liberto por Deus e cantará à Sua glória. Os transgressores encontrarão sua ruína, e o poder do Messias se estabelecerá no monte Sião, ou seja, o juízo de Deus dado anteriormente sobre nações específicas se apresenta agora num contexto maior e termina com o triunfo do Senhor sobre toda a terra por meio de Sua nação eleita. Isaías não é classificado como um profeta apocalíptico, e sim Messiânico, mas neste trecho, em especial, talvez o ensinamento principal possa ser extrapolado para o final dos tempos: o mundo, em geral; Judá e a Igreja de Cristo. Em outras palavras: depois de ter profetizado sobre várias nações (Babilônia, Filístia, Moabe, Síria, Israel, Egito, Edom e Tiro), Isaías passa a falar sobre os últimos tempos para o mundo, para Judá e a Igreja. Podemos dizer que do capítulo 24 a 27 trata-se de uma só profecia.

As calamidades sucessivas dos judeus (‘Julgamentos sobre Judá por suas impurezas e transgressões’ – Wesley) – v. 1-12.

• Is 24: 1-12: “Eis que o Senhor vai devastar e desolar a terra, vai transtornar a sua superfície e lhe dispersar os moradores. O que suceder ao povo sucederá ao sacerdote; ao servo, como ao seu senhor; à serva, como à sua dona; ao comprador, como ao vendedor; ao que empresta, como ao que toma emprestado; ao credor, como ao devedor. A terra será de todo devastada e totalmente saqueada, porque o Senhor é quem proferiu esta palavra. A terra pranteia e se murcha; o mundo enfraquece e se murcha; enlanguescem os mais altos do povo da terra [NVI: ‘definham os nobres da terra’]. Na verdade, a terra está contaminada por causa dos seus moradores, porquanto transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna. Por isso, a maldição consome a terra, e os que habitam nela se tornam culpados; por isso, serão queimados os moradores da terra [NVI: ‘são consumidos pelo fogo’], e poucos homens restarão. Pranteia o vinho, enlanguesce a vide [NVI: ‘O vinho novo vai-se, e a videira murcha’], e gemem todos os que estavam de coração alegre. Cessou o folgado dos tamboris, acabou o ruído dos que exultam, e descansou a alegria da harpa. Já não se bebe vinho entre canções [NVI: ‘entoando canções’]; a bebida forte [NVI: ‘a bebida fermentada’] é amarga para os que a bebem. Demolida está a cidade caótica [NVI: ‘A cidade vã está em ruínas’], todas as casas estão fechadas, ninguém já pode entrar. Gritam por vinho nas ruas, fez-se noite para toda alegria, foi banido da terra o prazer [NVI: ‘toda celebração foi eliminada da terra’]. Na cidade, reina a desolação, e a porta está reduzida a ruínas”.

Aqui o profeta descreve os julgamentos sobre Judá e Israel por causa de suas impurezas e transgressões. Os habitantes estão mortos ou foram para o cativeiro ou foram dispersos. O pecado traz estas calamidades sobre a terra; elas são o julgamento e a punição de Deus. Não haverá distinção entre eles; grandes e pequenos, homens e mulheres, cidadãos e sacerdotes, escravos e livres. Isaías descreve algo muito parecido com Jeremias no livro de lamentações: já não há mais risos, música, alegria, sensação de bênção, sinceridade, justiça, santidade, abundância, prosperidade ou esperança. O povo se acha deprimido, desesperançado e ‘morto’ espiritual e emocionalmente.

Haverá um remanescente; a alegria dos justos – v. 13-16a.

- Is 24: 13-16a: “Porque será na terra, no meio destes povos [NVI: ‘entre as nações’], como o varejar da oliveira [NVI: ‘como quando se usa a vara na oliveira’] e como o rebuscar, quando está acabada a vindima [NVI: ‘buscam os restos das uvas após a colheita’]. Eles levantam a voz e cantam com alegria; por causa da glória do Senhor, exultam desde o mar. Por isso, glorificai ao Senhor no Oriente e, nas terras do mar [NVI: ‘nas ilhas do mar’], ao nome do Senhor, Deus de Israel. Dos confins da terra ouvimos cantar: Glória ao Justo!”

Haverá um remanescente preservado da ruína geral, e será um remanescente devoto e piedoso, que louvará a Deus. Estes poucos estão dispersos, mas se regozijam no Senhor pela sua vitória e triunfo sobre o mal. O remanescente cantará para o Senhor, pela Sua bondade e poder manifestado em sua libertação, trazendo-os dos lugares onde foram levados cativos. A expressão ‘ilhas do mar’ se refere aos países distantes da Judéia, habitados por gentios idólatras; as partes mais remotas do mundo, bem como na Arábia, que estava perto deles; ou todas as regiões além do mar (Jr. 25: 22), regiões marítimas ou regiões costeiras, não meramente ilhas no sentido estrito. Ao lermos estes versículos, nós temos a sensação de que a justiça de Deus foi feita.

A ruína dos transgressores – v. 16b-23.

- Is 24: 16b-23: “Mas eu digo: definho, definho, ai de mim! Os pérfidos tratam perfidamente; sim, os pérfidos tratam mui perfidamente [NVI: ‘Os traidores traem! Os traidores agem traiçoeiramente’]. Terror, cova e laço vêm sobre ti, ó morador da terra [NVI: ‘ó habitantes da terra’]. E será que aquele que fugir da voz do terror cairá na cova, e, se sair da cova, o laço o prenderá; porque as represas do alto se abrem [NVI: ‘Abertas estão as comportas dos céus’], e tremem os fundamentos da terra. A terra será de todo quebrantada, ela totalmente se romperá, a terra violentamente se moverá [NVI: ‘A terra foi despedaçada, está destruída, totalmente abalada’]. A terra cambaleará como um bêbado e balanceará como rede de dormir; a sua transgressão pesa sobre ela [NVI: ‘tão pesada sobre ela é a culpa de sua rebelião’], ela cairá e jamais se levantará. Naquele dia, o Senhor castigará, no céu, as hostes celestes [NVI: ‘os poderes em cima nos céus’], e os reis da terra, na terra. Serão ajuntados como presos em masmorra, e encerrados num cárcere, e castigados depois de muitos dias. A lua se envergonhará, e o sol se confundirá [NVI: ‘A lua ficará humilhada, e o sol, envergonhado’] quando o Senhor dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; perante os seus anciãos haverá glória [NVI: ‘glorioso na presença dos seus líderes’]”.

O profeta lamenta as misérias que viu. Há terror para os pecadores. Ele prevê que o pecado abundará. Os poderes do céu e da terra serão abalados. O mal será removido e haverá novos céus e uma nova terra, em que habitará a justiça. Deus será glorificado em tudo isso. Isaías usa metáforas, quando fala dos últimos dias, mas que podem se encaixar perfeitamente na primeira vinda do Messias, não apenas nos tempos apocalípticos que virão para nós, pois, como veremos mais adiante em suas profecias, a nova dispensação trazida por Jesus pode ser comparada à criação de um novo céu e de uma nova terra. Os poderes espirituais envolvidos naquela época e no Período Intertestamentário que se seguiu ao retorno dos exilados até o nascimento de Jesus tiveram que ser grandemente vencidos pelo próprio Deus para que a humanidade continuasse a existir, pois a dispensação da Lei não mais conseguia salvar o homem.

Capítulo 25

Uma canção de louvor pelo livramento da Babilônia – v. 1-5.

• Is 25: 1-5: “Ó Senhor, tu és o meu Deus; exaltar-te-ei a ti e louvarei o teu nome, porque tens feito maravilhas e tens executado os teus conselhos antigos, fiéis e verdadeiros [NVI: ‘coisas há muito planejadas’]. Porque da cidade fizeste um montão de pedras e da cidade forte, uma ruína; a fortaleza dos estranhos já não é cidade e jamais será reedificada [NVI: ‘Da cidadela dos estrangeiros uma cidade inexistente que jamais será reconstruída’]. Pelo que povos fortes te glorificarão, e a cidade das nações opressoras te temerá. Porque foste a fortaleza do pobre e a fortaleza do necessitado na sua angústia; refúgio contra a tempestade e sombra contra destruição em que ficou a cidade de Babilônia depois que o Senhor enviou o calor; porque dos tiranos o bufo [NVI: ‘o sopro dos cruéis’] é como a tempestade contra o muro, como o calor em lugar seco [NVI: ‘do deserto’]. Tu abaterás o ímpeto dos estranhos [NVI: ‘Tu silencias o bramido dos estrangeiros’]; como se abrandam o calor pela sombra da espessa nuvem, assim o hino triunfal dos tiranos será aniquilado”.

Estes versículos expressam a libertação dos judeus do cativo e mostram a destruição em que ficou a cidade de Babilônia depois que o Senhor enviou invasores contra ela. Ela, que era uma fortaleza, se tornou uma cidade sem muros e cheia de ruínas e que jamais seria reconstruída. Vendo isso, os outros povos temeram o Deus de Israel. O Senhor é sempre um refúgio para os pobres e para os necessitados em sua aflição, pois o sopro da boca dos cruéis é tão impotente quanto como o calor do deserto que bate num muro, sem poder derrubá-lo. Deus silencia o grito de triunfo dos tiranos como quem diminui o calor com a sombra de uma nuvem. Assim, o ruído que eles fazem é abafado; a raiva e as tentativas furiosas das nações pagãs que lutam contra o povo de Deus deixam de existir. Da mesma forma, estes versículos são o louvor que oferecemos a Deus pelas vitórias que Ele nos dá sobre os nossos inimigos espirituais.

A salvação dos povos se compara a um grande banquete – v. 6-12.

• Is 25: 6-12: “O Senhor dos Exércitos dará neste monte a todos os povos um banquete de coisas gordurosas [NVI: ‘um farto banquete’], uma festa com vinhos velhos, pratos gordurosos com tutanos e vinhos velhos bem-clarificados [NVI: ‘um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho’]. Destruirá neste monte a cobertura que envolve todos os povos e o véu que está posto sobre todas as nações. Tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo [NVI: ‘a zombaria do seu povo’], porque o Senhor falou. Naquele dia, se dirá: Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação exultaremos e nos alegraremos. Porque a mão do Senhor descansará neste monte; mas Moabe será trilhado no seu lugar, como se pisa a palha na água da cova da esterqueira [NVI: ‘como a palha é pisoteada na esterqueira’]; no meio disto estenderá ele [NVI: ‘Moabe’] as mãos, como as estende o nadador para nadar; mas o Senhor lhe abaterá a altivez [NVI: ‘o seu orgulho’], não obstante a perícia das suas mãos; e abaixará as altas fortalezas dos seus muros [NVI: ‘Abaterá as torres altas dos seus altos muros’]; abatê-las-á e derribá-las-á por terra, até ao pó”.

A recepção dos pecadores arrependidos é muitas vezes na bíblia comparada a uma festa com vinhos envelhecidos e carnes suculentas e o melhor vinho. A versão ARA escreve: “uma festa com vinhos velhos, pratos gordurosos com tutanos e vinhos velhos bem clarificados”, isto é, os vinhos sem a borra, por isso tinham sabor melhor. Durante

o envelhecimento do vinho ele era conservado em jarras ou odres, que possuíam uma espécie de respiradouro para eliminar o dióxido de carbono (decorrente do desdobramento dos açúcares em álcool através da fermentação) e evitar a entrada de oxigênio, a fim de que não se tornassem vinagre. Quanto mais tempo os vinhos descansavam, mais as borras se precipitavam no fundo do recipiente e eles se clarificavam, melhorando seu buquê (perfume agradável de um bom vinho de mesa) e seu sabor. Depois os vinhos eram transportados para outros receptáculos, e o processo era feito novamente até ficarem com o sabor ideal. A bíblia se refere a isso de muitas formas: Jó 32: 19 ('respiradouro'); Is 25: 6 ('vinhos velhos bem clarificados'); Jr 13: 12 ('jarro'); Jr 48: 11 ('fezes do seu vinho' = borras do seu vinho); Sf 1: 12 ('borra do vinho'); Lc 5: 39 ('E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente').

O profeta diz que 'neste monte Ele destruirá o véu que envolve todos os povos, a cortina que está posta sobre todas as nações', ou seja, todas as trevas da ignorância e da religiosidade que os impedem de ver a luz de Deus e Sua verdade. Ele destruirá a morte para sempre e enxugará as lágrimas de todos os rostos e retirará da terra a zombaria e a vergonha do Seu povo. Naquele dia, eles reconhecerão o seu Deus e afirmarão a sua confiança nele. Eles exultarão porque Ele os salvou. Com alegria e louvor, eles se divertem com as boas novas do Redentor que procuravam. A mão do Senhor repousará sobre Jerusalém e o sobre o Monte Sião, onde está o templo (para nós, o símbolo da igreja de Deus), ao passo que Moabe (que zombou dos judeus no seu infortúnio) será como palha para ser pisada junto com esterco. Mesmo que eles estendam a mão pedindo socorro, Deus abaterá o seu orgulho e destruirá sua terra. Moabe está aqui colocado como símbolo de todos os adversários do povo de Deus.

Os convidados são todos: gentios e judeus. Isso se refere aos tempos do evangelho e à primeira vinda de Cristo, quando Sua luz e Sua pregação atrairiam muitas pessoas à Judéia e à Galiléia, até estrangeiros, para ouvirem Seus ensinamentos. Ele lhes abriria os olhos para que as trevas que estavam em suas mentes e corações fossem removidas pelo verdadeiro conhecimento; as trevas da idolatria e da mentira em que eles andaram outrora. Jesus abriria a vida espiritual diante deles, ensinar-lhes-ia os segredos e os mistérios do reino dos céus, removendo deles a morte espiritual em que eles estavam por causa dos seus delitos e pecados, da mesma forma que isso também era um consolo para os judeus do AT que haviam sofrido tanta morte e assolação nas mãos de assírios e babilônios, e que, agora, poderiam desfrutar um tempo de paz, quando Ciro II, o persa, os permitiria voltar para sua terra e reconstruir. Eles poderiam voltar a sonhar com a vinda do tão esperado Messias de Israel. Na cruz e na Sua ressurreição dos mortos, Jesus venceu o poder da morte. Ele destruiu o aguilhão da primeira morte e impediu a segunda (o lago de fogo e enxofre – Ap 20: 14).

Isso se refere também à segunda vinda de Cristo, quando tudo será resolvido de uma vez por todas. O mal deixará de existir e Ele destruirá a morte para sempre e enxugará as lágrimas de todos os rostos (Ap 7: 17; Ap 21: 4). Hoje, aqueles que sofrem por Cristo terão um consolo. A esperança nesta promessa deve acabar com a tristeza e com todo o choro que dificulta a sementeira no Seu reino. Neste mundo, Deus tirou, por várias vezes, o opróbrio do Seu povo dentre os homens. No entanto, isso será feito plenamente no 'Grande Dia'. A misericórdia de Deus finalmente virá, com a recompensa abundante pelo aparente atraso da Sua justiça. Moabe está aqui colocado como símbolo de todos os adversários do povo de Deus. Todos serão pisados ou trilhados. Deus derrubará a soberba dos inimigos com um juízo humilhante após outro. Esta destruição de Moabe é típica da vitória de Cristo, e da derrubada das fortalezas de

Satanás. “Portanto, amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1 Co 15: 58).

Capítulo 26

Cântico de confiança na proteção divina – v. 1-21.

• Is 26: 1-6: “Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte; Deus lhe põe a salvação por muros e baluartes [NVI: como muros e trincheiras]. Abri vós as portas, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade. Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti. Confiai no Senhor perpetuamente, porque o Senhor Deus é uma rocha eterna; porque ele abate os que habitam no alto, na cidade elevada; abate-a, humilha-a até à terra e até ao pó. O pé a pisará; os pés dos aflitos, e os passos dos pobres”.

Aqui, o profeta faz um cântico de louvor e confiança em Deus, pelas bênçãos da justiça, pelos julgamentos sobre os seus inimigos e favor para com o Seu povo; também mostra o castigo dos perversos, o arrependimento e a esperança.

• Is 26: 1: ‘Naquele dia’, parece significar o tempo do evangelho, e Jerusalém será uma cidade forte, pois Deus põe a Sua salvação por muros e baluartes (NVI: ‘trincheiras’). Baluarte significa: fortaleza inexpugnável, lugar seguro, suporte, apoio, sustentáculo. O Messias é uma figura de Salvação para Israel. A palavra ‘salvação’ (em hebraico, ישועה, yeshu`âh) aparece 146 vezes na bíblia – 103 vezes no AT e 43 vezes no NT. No AT ela é transliterada como yeshu`âh – assim como Jesus (Yeshua – ישוע) é comumente chamado (yshuw`ah ou yeshu`âh – Strong #3444, e significa: algo salvo, libertação; ajuda, vitória, prosperidade: saúde, ajuda, salvação, salvo, salvar, bem-estar). No NT a palavra ‘salvação’ (Σωτηρία) é escrita em grego como: sôtêrias (σωτηρίας – Lc 1: 69; 77), sôtêria (σωτηρία – At 4: 12), sôtêrion ou sôtêrian (σωτηριον – Lc 3: 6; At 28: 28), por exemplo. A palavra ‘Salvador’ é escrita como Sôtêr (Σωτήρ = um libertador, i.e., Deus ou Cristo), e que pode corresponder às palavras hebraicas: mattan e mattnay, significando ‘dar’ ou ‘recompensa’. As palavras gregas sôtêrias, sôtêria ou sôtêrion significam: ‘resgate, segurança, libertar, saúde, salvação, salvo, salvar, defesa, e defensor’. A palavra hebraica yeshu`âh (salvação) é claramente vista em 3 versículos de Isaías:

• Is 26: 1: “Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte; Deus lhe põe a salvação (yeshu`âh) por muros e baluartes”.

• Is 49: 8: “Diz ainda o Senhor: no tempo aceitável, eu te ouvi e te socorri no dia da salvação (yeshu`âh); guardar-te-ei e te farei mediador da aliança do povo, para restaurares a terra e lhe repartires as herdades assoladas”.

• Is 60: 18: “Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas, nos teus limites; mas aos teus muros chamarás Salvação (yeshu`âh), e às tuas portas, Louvor”. Aqui, a palavra ‘Salvação’ está escrita com letra maiúscula.

Yshuw`ah (ou yeshu`âh) é palavra derivada de Yhowshuwa` (Jehoshua; Joshua; Josué; Yehôshua, יהושע, Strong #3091, significa: YHWH salvou), transliterada para o grego como Iēsoûs (Ἰησοῦς), Jesus (Strong # g2424) – Mt 1: 21.

Portanto, esse versículo pode ser não apenas um cântico de gratidão a Deus pelo livramento do Seu povo do jugo babilônico, como também uma profecia a respeito de Jesus, colocado em Jerusalém como um forte muro contra todo inimigo da igreja de Cristo, toda religiosidade e hipocrisia, toda idolatria e falsos ensinos, toda falsa profecia e treva com aparência de luz. Sua presença torna a cidade inexpugnável como uma fortaleza. Assim, a palavra de Salvação de Deus já era um escudo a proteger Seu povo. O templo de Salomão durou 380 anos. O segundo templo, que terminou sua construção em 516 AC (iniciou em 536 AC, mas ficou parada até 520 AC) e foi construído por Zorobabel e dirigido pelo sacerdote Esdras (480 AC) após o retorno dos exilados da

Babilônia para Jerusalém, perdurou por 517 anos (536-19 AC com a reforma Herodiana). Embora menor e menos opulento que o primeiro, o segundo templo durou mais tempo e, ainda que tenha sido invadido pelo rei selêucida Antíoco IV Epifânio por volta de 168-166 AC (período do domínio selêucida sobre Israel), sob a liderança de Judas Macabeu o templo foi purificado e, já nos fins de 164 AC, seus móveis foram substituídos. Os judeus transformaram o recinto numa fortaleza tão poderosa que resistiu ao cerco de Pompeu durante 3 meses (63 AC). Pompeu invadiu o templo construído por Zorobabel, mas não o destruiu.

Resumindo: A imutável promessa e aliança do Senhor são os muros da igreja de Deus.

- Is 26: 2-3: “Abri vós as portas, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade. Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti”.

O profeta diz que as portas da cidade se manterão abertas para receber uma nação justa e fiel. Que os pecadores sejam então encorajados a unir-se ao Senhor. E no versículo 3 ele diz que o Senhor manterá em paz todo aquele cujo propósito for firme e confiante nEle; isto é: em perfeita paz, paz interior, paz exterior, paz com Deus, paz de consciência, paz em todos os momentos, em todos os eventos. Aqueles que confiam em Deus não só encontrarão paz nEle, mas receberão a força que os levará a transpor todos os obstáculos na vida.

- Is 26: 4-6: “Confiai no Senhor perpetuamente, porque o Senhor Deus é uma rocha eterna; porque ele abate os que habitam no alto, na cidade elevada [NVI: a cidade altiva]; abate-a, humilha-a até à terra e até ao pó. O pé a pisará; os pés dos aflitos, e os passos dos pobres”.

O profeta exorta novamente a confiar no Senhor, porque Ele é uma rocha eterna e abate os orgulhosos e altivos como fez com a suntuosa cidade de Babilônia, com seus edifícios altos como montanhas querendo alcançar o céu, e com largos muros que a faziam se sentir inexpugnável. Ele a humilhou e a destinou à ruína. Assim, até os pobres e humildes puderam pisar sobre o que restou dela.

- Is 26: 7-11: “A vereda do justo é plana; tu, que és justo, aplanas a vereda do justo [NVI: tornas suave o caminho do justo]. Também através dos teus juízos [NVI: tuas ordenanças], Senhor, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma. Com minha alma suspiro de noite por ti e, com o meu espírito dentro de mim, eu te procuro diligentemente [NVI: ‘meu espírito por ti anseia’]; porque, quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça. Ainda que se mostre favor ao perverso, nem por isso aprende a justiça; até na terra da retidão ele comete a iniquidade [NVI: ‘ele age perversamente’] e não atenta para a majestade do Senhor. Senhor, a tua mão está levantada, mas nem por isso a vêem; porém verão o teu zelo pelo povo e se envergonharão; e o teu furor, por causa dos teus adversários, que os consuma”.

O profeta afirma a justiça de Deus que torna planos os caminhos dos justos, sem pedras de tropeço neles. Andar em conformidade com o projeto do Senhor nos livra de colocar os pés em caminhos tortuosos que possam nos levar ao mal. Andando nos caminhos dos Seus juízos, o povo espera no Senhor para que Ele o defenda nas horas de tribulação. O desejo do profeta era o desejo do povo: poder se lembrar do nome do seu Deus e tê-lo sempre em sua memória. Ele também fala que sua alma suspirava de dia e de noite pelo Senhor, pois quando os juízos e os mandamentos dEle eram vistos na

terra, aí sim, os homens justos compreenderiam o que significava a justiça divina. Mas os perversos, mesmo vendo a mão de Deus erguida em julgamento contra eles, não aprendiam a fazer o bem; pelo contrário, continuavam a fazer o mal. Apesar de não atentar para a mão poderosa de Deus, eles seriam forçados a ver Seu cuidado pelos judeus, e o livramento que Ele lhes traria. Com isso, os perversos seriam envergonhados e consumidos pelo furor da ira de Deus. Está escrito em Hb 10: 31: “Horível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”.

• Is 26: 12-15: “Senhor, concede-nos a paz, porque todas as nossas obras tu as fazes por nós [NVI: tudo o que alcançamos, fizeste-o para nós]. Ó Senhor, Deus nosso, outros senhores têm tido domínio sobre nós; mas graças a ti somente é que louvamos o teu nome. Mortos não tornarão a viver, sombras não ressuscitam [NVI: Agora eles estão mortos, não viverão; são sombras, não ressuscitarão]; por isso, os castigaste, e destruístes, e lhes fizeste perecer toda a memória. Tu, Senhor, aumentaste o povo, aumentaste o povo e tens sido glorificado; a todos os confins da terra dilataste”.

O profeta pede a paz para o Senhor, e reconhece que tudo o que eles tinham conquistado até aquele momento fora feito por Deus; todas as obras que lhes trouxeram vitória foi pela força de Deus neles; tudo foi feito pelo Senhor e veio de Suas mãos por causa de Sua bondade, graça e poder. Nenhuma glória poderia ser atribuída a eles. O Senhor faz com que tudo coopere para o nosso bem, mesmo que não compreendamos Seus caminhos. Dessa forma, o profeta tinha razões ainda para acreditar que a paz e a prosperidade que haviam sido prometidas a eles viriam às suas mãos. A obra de Deus sobre Seu povo é justamente a operação da Sua graça no coração do homem, concedendo-lhes os dons do Seu Espírito para que tudo que o ser humano deseja fazer, ele possa fazer com sucesso e em conformidade com a vontade divina. Eles haviam sido escravos do pecado, e Satanás fez com eles o que quis. Mas pela graça divina eles conseguiram ser libertos quando se lembraram do seu Deus. Os antigos senhores não tinham mais poder sobre eles, significando tanto homens poderosos (reis de grandes nações) quanto os falsos deuses a quem eles prestaram culto.

Em seguida, o profeta fala que os inimigos agora estavam mortos e não voltariam a viver; eram sombras, não ressuscitariam. Deus fez perecer a memória deles. Ninguém mais se lembraria deles.

Na Versão de King James (já traduzida para o Português) está escrito: “Eles morreram, não viverão; eles morreram, não ressuscitarão; portanto, tu os visitaste e os destruístes, e fez toda a sua memória perecer”.

‘Eles **morreram**, não viverão’, em hebraico transliterado é: muwth (תים – mortos – Strong #4191), uma raiz primitiva que significa: morrer (literalmente ou figurativamente); matar, chorar, estar morto, corpo morto de homem, de alguém; levar à morte, digno de morte, destruir, destruidor, fazer morrer, que deve morrer.

‘**sombras** não ressuscitam’ (ARA) ou ‘são sombras, não ressuscitarão’ (NVI), em hebraico transliterado é: rapha’ (רפאים – fantasma – Strong #7496), no plural, repha’im, e tem o sentido de ‘almas dos mortos’. rapha’ (Strong #7496) significa: frouxo; (figuradamente): um fantasma (como morto, somente no plural); mortos, falecidos.

Resumindo: ele fala que os inimigos agora estavam mortos (no corpo) e não poderiam mais viver. Suas almas também não ressuscitariam. Mas o povo havia sido liberto e multiplicado, e o Senhor era glorificado por isso; as fronteiras da terra dos judeus tinha sido alargada. Isso queria dizer que eles foram para o cativo e se multiplicaram lá; mas mesmo retornando para sua terra, um remanescente havia ficado no lugar para onde eles haviam sido deportados e ali se estabeleceram. A presença de judeus em terra estrangeira era como se Israel estivesse lá como nação, como se eles

tivessem tomado aquela terra e alargado suas fronteiras, possuindo a terra dos seus inimigos.

- Is 26: 16-18: “Senhor, na angústia te buscaram; vindo sobre eles a tua correção, derramaram as suas orações. Como a mulher grávida, quando se lhe aproxima a hora de dar à luz, se contorce e dá gritos nas suas dores, assim fomos nós na tua presença, ó Senhor! Concebemos nós e nos contorcemos em dores de parto, mas o que demos à luz foi vento; não trouxemos à terra livramento algum, e não nasceram moradores do mundo [NVI: Não trouxemos salvação à terra; não demos à luz os habitantes do mundo]”.

No versículo 16, ele diz que o povo buscou o Senhor do lugar do seu cativeiro. O profeta relata o seu arrependimento em nome de todos eles. Depois da correção que sofreram, suas orações eram como água de uma fonte, e rapidamente ouvidas pelo Senhor. Ele compara a dor dos judeus à de uma mulher grávida prestes a dar à luz. Eles haviam feito o desejo do seu coração, se contorciam em dores lutando contra a vontade do Senhor, mas tudo o que produziram foi nada, foi como vento; não desfrutaram da consolação que procuravam nem trouxeram livramento algum para as suas aflições passadas debaixo da opressão dos outros povos. Os ímpios e os incrédulos não foram destruídos pela força dos gemidos dos judeus.

- Is 26: 19-21: “Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos. Vai, pois, povo meu, entra nos teus quartos e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira. Pois eis que o Senhor sai do seu lugar, para castigar a iniquidade dos moradores da terra; a terra descobrirá o sangue que embebeu [NVI: ‘mostrará o sangue derramado sobre ela’] e já não encobrirá aqueles que foram mortos”.

O profeta dirige agora o seu discurso ao povo de Deus e lhes dá uma esperança. Os mortos dentre eles eram diferentes dos mortos dos ímpios (v.14). Estes não viveriam. Porém, os mortos do povo do Senhor, assim como o cadáver do próprio profeta, seriam ressuscitados. Eles têm a promessa de libertação de todos os seus medos e perigos. Até os que já estavam mortos, dormindo no pó, teriam a esperança da ressurreição. O orvalho significava o favor e a bênção de Deus sobre eles, a resposta às suas orações clamando pelos seus mortos. Assim como ervas mortas florescem de novo pela chuva de primavera, o favor e a graça de Deus os fariam reviver, e os mortos ressuscitariam para alegria eterna.

- Is 26: 19: “Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos”.

‘Os vossos **mortos** e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão’ – A palavra ‘mortos’ aqui em hebraico transliterado é: muwth (מים – mortos – Strong #4191), uma raiz primitiva que significa: morrer (literalmente ou figurativamente); matar, chorar, estar morto, corpo morto de homem, de alguém; levar à morte, digno de morte, destruir, destruidor, fazer morrer, que deve morrer.

‘E a terra dará à luz os seus **mortos**’. A palavra ‘mortos’ aqui em hebraico transliterado é: rapha’ (רפאים – fantasma – Strong #7496), no plural, repha’im, e tem o sentido de ‘almas dos mortos’. Rapha’ (Strong #7496) significa: frouxo; (figuradamente): um fantasma (como morto, somente no plural); mortos, falecidos.

Neste versículo de Isaías (Is 26: 19) é que os judeus fariseus e escribas baseavam sua crença na ressurreição dos mortos, ao passo que os saduceus negavam a ressurreição, anjos e espíritos (At 23: 8; Lc 20: 27; Mc 12: 18; Mt 22: 23).

Em seguida a este consolo e confiança na ressurreição em Cristo, que é a ressurreição e a vida, o profeta continua dizendo para seu povo entrar nos seus quartos, fechar as portas e se esconder por um momento até que a ira de Deus passe, ou seja, para se retirar do mundo e orar a Deus em secreto até que sua indignação termine sobre os infiéis e ímpios, cujos pecados são tantos que provocaram o furor dEle. Em outras palavras, ele exorta os fiéis a serem pacientes na tribulação e a esperar no trabalho de Deus. O Senhor sai do Seu lugar para punir todos os inimigos do Seu povo. Todo sangue inocente que foi derramado sobre a terra será vingado.

Capítulo 27

Deus ama Seu povo e o salva das nações inimigas; o cuidado de Deus com a Sua vinha – v. 1-6.

• Is 27: 1: “Naquele dia, o Senhor castigará com a sua espada, grande e forte, o **dragão**, a **serpente veloz** [NVI: ‘o Leviatã, serpente veloz’], e o dragão, **serpente sinuosa** [NVI: ‘o Leviatã, serpente tortuosa’], e matará o **monstro** que está no mar [NVI: ‘a serpente aquática’]”.

Preste atenção nas palavras **em negrito** e o seu significado em hebraico: “Naquele dia, o Senhor castigará com a sua espada, grande e forte, o **dragão** [Strong #3882 – Livyathan, Liwyâtân], a **serpente** [Strong #5175 – nachash] **veloz** [Strong #1281 – bariyach ou bâriach], e [conjunção aditiva colocada nesta versão em Português] o **dragão** [Strong #3882 – Livyathan, Liwyâtân], **serpente sinuosa** [Strong #6129 – ‘aqallathown: tortuosa, torto], e matará o **monstro** [Strong #8577 – tanniyn ou tanniyim] **que está no mar** [Strong #3220 – Yam]”.

KJV (tradução em PT): “Naquele dia o Senhor com sua espada dolorida e grande e forte castigará o leviatã, a serpente penetrante, **até o** [*isso significa que são dois significados diferentes: a serpente penetrante, ou veloz, e a serpente tortuosa*] leviatã, serpente tortuosa; E ele matará o dragão que está no mar”.

A palavra ‘**dragão**’ é Livyathan (Liwyâtân) e vem da palavra ‘lavah’, que significa: ‘monstro, animal enrolado, i.e., uma serpente (especialmente o crocodilo ou algum outro grande monstro marinho)’; ‘um símbolo de Babilônia: leviatã, luto’. Leviatã (em hebraico) é uma palavra que tem a mesma raiz comum do termo ugarítico ‘lotan’, o monstro de sete cabeças, cuja descrição é de uma ‘serpente fugidia... a serpente tortuosa’. Ugarítico era o idioma falado na antiga cidade portuária de Ugarite (Árabe: Ūgārīt) ao norte da Síria, cujas ruínas são chamadas Ras Shamra. Leviatã também é uma palavra de origem babilônica que pode corresponder a ‘qualquer animal aquático grande, às vezes representado como um crocodilo (pelos fenícios), serpente, polvo ou um enorme peixe ou baleia’. O Leviatã talvez esteja associado ao Tiamate, o ‘dragão-caos’ babilônico, uma deusa primitiva do oceano nas mitologias Sumérica e Babilônica associada ao oceano, tendo sua contraparte masculina em Apsu, associado à água doce. Os animais, na bíblia, muitas vezes são usados para descrever reinos ou impérios; e a bíblia frequentemente se refere ao Eufrates como ‘serpente sinuosa’. No caso da serpente, ela é um animal que se enrola em torno de si mesmo, rasteja pela terra em movimentos ondulantes, ao invés de caminhar de maneira retilínea. Da mesma forma é um rio sinuoso, que tem muitas curvas até desaguar no mar. Os rios Tigre e Eufrates são assim: com muitos meandros por toda a planície da Mesopotâmia até desaguar no golfo Pérsico. Portanto, esse tipo de animal pode se referir à região da Caldéia e da Mesopotâmia.

Continuando no versículo acima, a palavra ‘**serpente**’ em Hebraico é nachash, ou seja, ‘cobra, serpente (sibilo)’ – Strong #5172. E a palavra ‘**monstro**’ em Hebraico é tanniyn ou tanniyim (como em Ez 29: 3), que significa: ‘um monstro marinho ou terrestre, isto é, serpente marinha ou chacal; dragão, monstro marinho, serpente, baleia’.

Nós podemos ver a palavra ‘Livyathan ou Liwyâtân’ em outros lugares da bíblia como:

- Sl 104: 26, traduzida como ‘monstro marinho’, se referindo a um animal marinho.
- Sl 74: 14, traduzida como ‘crocodilo’, se referindo a faraó e ao Êxodo.
- Jó 3: 8, traduzida como ‘monstro marinho’.
- Jó 41: 1, traduzida como ‘crocodilo’. O crocodilo de Jó 41: 1-34 é o que se encontra no Nilo do Alto Egito. O crocodilo ataca principalmente o peixe, perseguindo-o com a

grande velocidade, mas também se alimenta de qualquer animal que pode apanhar. Era um animal sagrado entre os egípcios.

- Ez 29: 3-5: aqui é usada a palavra ‘tanniyn’ ou ‘tanniyim’ (‘monstro’), se referindo a faraó e aos egípcios, onde a nossa bíblia traduz como ‘crocodilo’.

Como vimos acima, a bíblia freqüentemente se refere ao Eufrates como ‘serpente sinuosa’, ou seja, à Assíria ou a região da Mesopotâmia. Quando estudamos Is 14: 29 (profecia contra os filisteus), nós vimos que ‘a cobra’ era o símbolo de Tiglate-Pileser III; seu neto Sargom II era a ‘áspide’; e seu bisneto Senaqueribe, a ‘serpente voadora’ [NVI, em Português: ‘**serpente veloz**’; Em inglês, KJV: ‘a fiery flying serpent’, i.e., ‘uma **ardente serpente voadora**’; em hebraico: sârâph me`ophêph [serpente ardente = sârâph – Strong #8314], voadora [mouphph ou me`ophêph, de `uwph, Strong #5774]. ‘A serpente voadora’ ou ‘serpente veloz’ referia-se a Senaqueribe pela velocidade do seu exército e pela astúcia e estratégias de guerra, além da sua fúria e violência que trazia destruição por onde passava, assim como uma terra é destruída pelo fogo [‘ardente’, ‘sârâph’].

Na versão em Português (ARA), neste versículo de Isaías (Is 27: 1), é acrescentada a conjunção ‘e’ entre ‘serpente veloz’ e ‘serpente sinuosa’. E na KJV é escrito o advérbio ‘até o’. Isso significa que Deus castigaria não apenas a ‘serpente veloz’ (Assíria), como até a ‘serpente sinuosa’, que era o Império Babilônico, também situado entre o Tigre e o Eufrates.

E o monstro (‘tanniyn’ ou ‘tanniyim’) que está no mar diz respeito ao Egito, a quem os reis de Israel e Judá pediram ajuda por várias vezes para se livrarem do jugo Babilônico ou Assírio. A palavra ‘mar’ (em hebraico, ‘yam’) pode significar: uma grande quantidade de água; especificamente (com o artigo ‘o’): o Mar Mediterrâneo; às vezes um rio grande como o Nilo, ou uma bacia artificial.

Para nós, cristãos, tudo isso é o símbolo de Satanás, que será destruído no Último Dia juntamente com todo o seu reino. No AT ele era representado, materialmente falando, na forma de grandes forças ou impérios, sempre tentando oprimir o povo de Deus. Egito, Assíria, Babilônia, Tiro, Pérsia, Grécia e Roma foram exemplos disso. Como uma interpretação espiritual para este versículo, podemos dizer que o Senhor sempre vai desembainhar Sua grande forte espada para livrar Seu povo da força das trevas (do dragão e da serpente).

- Is 27: 2-6: “Naquele dia, dirá o Senhor: Cantai a vinha deliciosa! [NVI: ‘Cantem sobre a vinha frutífera’] Eu, o Senhor, a vigio e a cada momento a regarei; para que ninguém lhe faça dano, de noite e de dia eu cuidarei dela. Não há indignação em mim. Quem me dera espinheiros e abrolhos diante de mim! Em guerra, eu iria contra eles e juntamente os queimaria [NVI: ‘Se espinheiros e roseiras bravas me enfrentarem, eu marcharei contra eles e os destruirei a fogo’]. Ou que homens se apoderem da minha força e façam paz comigo; sim, que façam paz comigo [NVI: ‘A menos que venham buscar refúgio em mim; que façam as pazes comigo. Sim, que façam as pazes comigo’]. Dias virão em que Jacó lançará raízes, florescerá e brotará Israel, e encherão de fruto o mundo”.

O profeta fala do cuidado de Deus com Israel, que é Sua vinha. Quando Ele destruir os que os levaram em cativeiro e os maltrataram, Sua vinha poderá cantar de alegria novamente. O Senhor providenciará para que ninguém lhe faça dano algum. Nele já não há mais indignação, mas o desejo de que os homens façam a paz com Ele. Vai chegar o dia em que o Seu povo lançará raízes, florescerá e brotará; eles encherão o mundo com bons frutos, como os de uma boa vinha. Seus inimigos ímpios são representados por espinheiros e abrolhos (NVI: roseiras bravas). Lançar raízes quer dizer: ser estabelecido

de uma maneira firme em suas possessões. Frutos: significa seus descendentes se espalhando pelo mundo, e levando Sua palavra e Seus ensinamentos verdadeiros. Isso pode ser entendido melhor como a semente espiritual de Jacó, ou seja, o Israel espiritual de Deus, nos tempos do evangelho.



Os castigos que Ele trouxe sobre eles – v. 7-9.

- Is 27: 7-9: “Porventura, feriu o Senhor a Israel como àqueles que o feriram? Ou o matou, assim como àqueles que o mataram? Com xô!, xô! e exílio o trataste [NVI: ‘Pelo desterro e pelo exílio o julga’]; com forte sopro o expulsaste no dia do vento oriental. Portanto, com isto será expiada a culpa de Jacó, e este é todo o fruto do perdão do seu pecado: quando o Senhor fizer a todas as pedras do altar como pedras de cal feitas em pedaços [NVI: ‘sejam esmigalhadas e fiquem como pó de giz’], não ficarão em pé os postes-ídolos e os altares do incenso”.

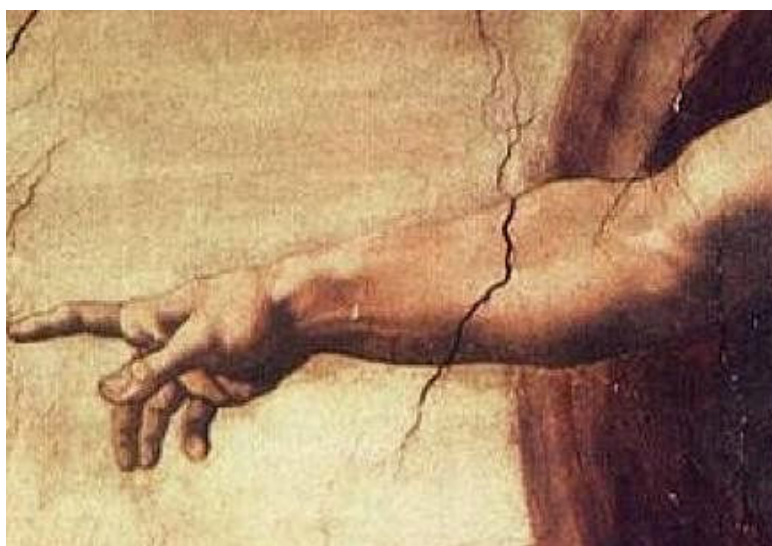
Ele profetiza aqui o que há de vir, mas fala como se já fosse passado. Isaías diz que o Senhor não tratou tão severamente com Seu povo como tratou com seus inimigos, a quem Ele totalmente destruiu. Deus o tratou pelo desterro e pelo exílio, sem se esquecer da Sua misericórdia. A bíblia fala sobre o vento oriental. O vento oriental vindo do deserto é muito seco e faz enrugar e murchar as ervas. Jó 1: 19 e Jr 4: 11-12 descrevem a violência do vento oriental. Isso significa que Ele lidou asperamente com Seu povo no dia da sua punição. O pecado de Jacó deve ser purgado, quando ele verdadeiramente se arrepender de todos os seus pecados, e especialmente de sua idolatria. O Senhor destruirá os altares idólatras, e isso será um sinal de que Seu povo foi perdoado. Ele fará as pedras dos altares em pedaços como se fossem pó de giz. Os altares de incenso e os postes-ídolos não ficariam mais de pé. A palavra poste-ídolo em Português se refere à idolatria a Aserá (Astarte ou Astarote, dos cananeus ou fenícios). Aserá, consorte de Baal, era a deusa da fertilidade, do amor e da guerra. Era geralmente feita sua imagem e adorada como ‘Poste-ídolo’, tendo também uma forma de cunha, como a cabeça de uma serpente. Ali, lhe queimavam incenso. Ele mostra que não haverá arrependimento verdadeiro nem plena reconciliação com Deus até que o coração seja purificado de toda idolatria e os monumentos aos falsos deuses sejam destruídos.

Seus julgamentos severos contra eles; o abandono de Jerusalém – v. 10-11.

- Is 27: 10-11: “Porque a cidade fortificada está solitária, habitação desamparada e abandonada como um deserto; ali pastam os bezerros, deitam-se e devoram os seus

ramos. Quando os seus ramos se secam, são quebrados. Então, vêm as mulheres e lhes deitam fogo [NVI: ‘Quando os seus ramos estão secos e se quebram, as mulheres fazem fogo com eles’], porque este povo não é povo de entendimento; por isso, aquele que o fez não se compadecerá dele, e aquele que o formou não lhe perdoará [NVI: ‘não lhe mostra misericórdia’]”.

Contudo, antes que esta promessa gloriosa seja cumprida, um julgamento terrível e desolador virá. A cidade de Jerusalém e o resto das cidades fortificadas de Judá ficarão destruídos e abandonados. Isso porque Seu povo não tem entendimento do que é paz em Deus, pois voluntariamente se entregou ao pecado. Pouquíssimos homens ficarão na terra; por isso, os animais, como o bezerro, pastarão livres ali, e crescerá grama para alimentá-los. O Senhor deixará em estado de humilhação as mulheres e os poucos habitantes que ficaram. A descrição de ramos de erva que se quebram pela seca e são queimados pelas mulheres como a única fonte de combustível para se cozinhar algum alimento refletem o estado de desolação daquela terra.



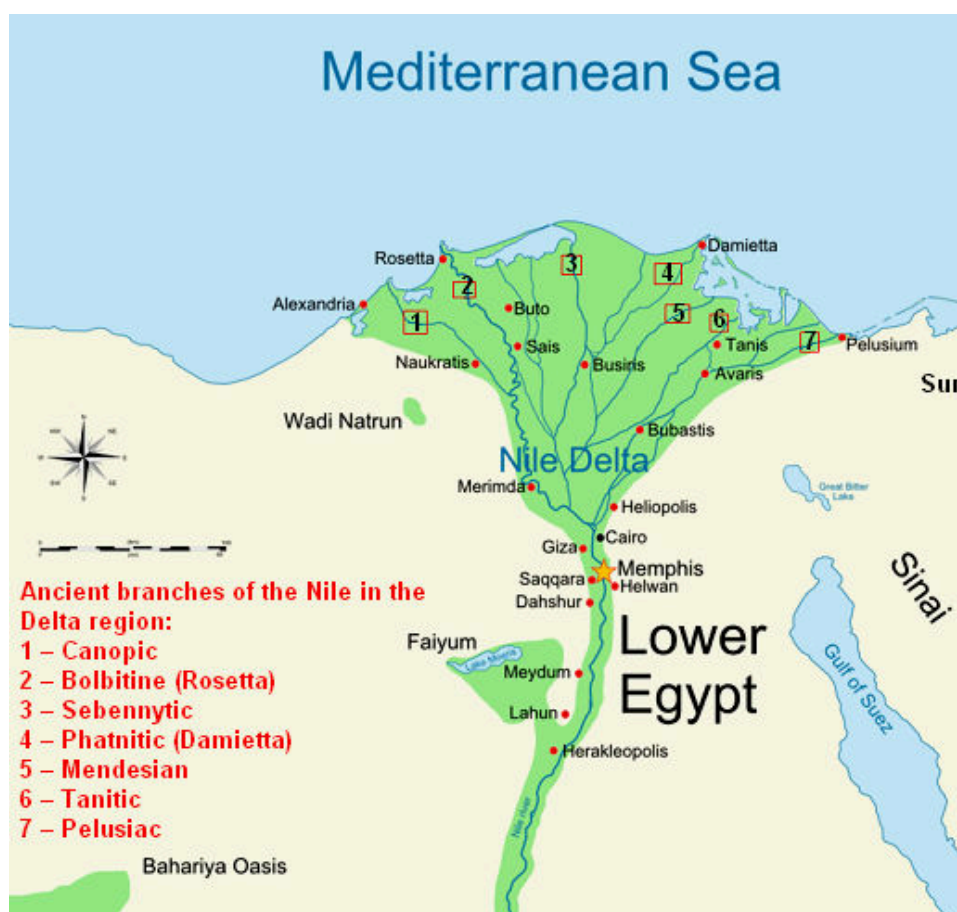
Deus providenciará o retorno do Seu povo – v. 12-13.

• Is 27: 12-13: “Naquele dia, em que o Senhor debulhará o seu cereal [NVI: ‘suas espigas’] desde o Eufrates até ao ribeiro do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um [NVI: ‘serão ajuntados um a um’]. Naquele dia, se tocará uma grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que forem desterrados para a terra do Egito tornarão a vir e adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém”.

No dia em que o Senhor determinar o fim do cativeiro do Seu povo, eles serão ajuntados como se ceifa um feixe de cereais, todos juntos. Isso vai acontecer desde o Eufrates até o ribeiro do Egito, ou seja, de todas as terras para onde eles foram espalhados. A comunidade judaica se instalou no Egito depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 AC. Alguns judeus já tinham fugido para o Egito quando a Judéia foi invadida e Jerusalém cercada por Senaqueribe bem antes do domínio Babilônico (Jr 24: 8b: ‘Como aos que habitam na terra do Egito’ – a visão do cesto de figos). Embora o povo judeu não tenha sido deportado para o Egito por Nabucodonosor ou pelos assírios, muitos fugiram e se mudaram para lá, como é o caso dos judeus no tempo de Jeremias, que forçaram o profeta a ir com eles para Tafnes (Jr 42: 10-12; 17; Jr 43: 6-7), onde já havia uma colônia judaica. É um pouco difícil dizer com precisão a localização de Tafnes. Provavelmente estava situada a nordeste do delta do Nilo,

próximo ao deserto de Sur. A Septuaginta grega traduz Tafnes por Táf·nas (Ταφνας), e acredita-se que esse nome seja o mesmo que o de uma importante cidade fortificada na fronteira oriental do Egito, chamada Dafnae pelos escritores gregos do período clássico, atual Tell Defenneh. Ela está localizada no Lago Manzala sobre o ramo Tanítico do Nilo (um dos antigos sete canais de desembocadura do Nilo no Delta), aproximadamente 26 quilômetros de Pelúcio.

Na Antiguidade o Nilo desembocava no Mar Mediterrâneo na região do Delta por sete canais: Canópico; Bolbitino (atual Rosetta); Sebenítico; Fatnítico (atual Damietta); Mendesiano; Tanítico; Pelúsico. Agora existem apenas dois ramos principais, devido ao controle de cheias, assoreamento e troca de relevo: o Damietta (correspondendo ao Fatnítico) ao leste, e o Rosetta (correspondente ao Bolbitino) na parte ocidental do Delta (fonte: Wikipedia.org).



As trombetas são símbolo de convocação. Deus os convocará, como se tocassem uma trombeta, e os trará de volta para a terra de Israel. ‘Naquele dia’ não se refere apenas ao tempo de Ciro, mas também ao tempo de Cristo.

Capítulo 28

A embriaguez de Efraim trará destruição sobre eles – v. 1-4.

• Is 28: 1: “Ai da soberba coroa dos bêbados de Efraim e da flor caduca da sua gloriosa formosura que está sobre a parte alta do fertilíssimo vale dos vencidos do vinho!” (ARA).

“Ai daquela coroa situada nos altos de um vale fértil, orgulho dos bêbados de Efraim! Ai de sua magnífica beleza, que agora é como uma flor murcha. Ai dos que são dominados pelo vinho!” (NVI).

Este versículo fala da cidade de Samaria, que foi construída por Onri, o sétimo rei de Israel após a divisão do país em dois reinos, que aconteceu depois da morte de Salomão. Foi construída sobre uma colina no meio de uma planície fértil do território de Samaria a onze quilômetros a noroeste de Siquém e dominava as principais rotas comerciais que atravessavam a planície de Esdrelom. A colina tinha cem metros de altura e dominava uma larga paisagem sobre a planície. Era inexpugnável, exceto pelo cerco. Seu nome hebraico, Shōmerôn, pode ser ligado com o vocábulo que significa: ‘posto de vigia’. Ali se plantava muitas e excelentes vinhas, além de cereais e outras culturas; portanto, seus habitantes eram expostos à tentação da bebedeira. Alguns estudiosos dão duas explicações para este estado de bebedeira: os habitantes estavam bêbados com o vinho ou bêbados com a idolatria do lugar, pois Jeroboão I fez dois bezerros no território de Samaria; colocou um em Dã e outro em Betel. Eles se orgulhavam dos seus bezerros de ouro como se orgulhavam da fecundidade e da riqueza da sua terra. Samaria era a metrópole das dez tribos e a cidade real. A beleza da cidade acabaria no momento em que ela fosse destruída pelos inimigos, enviados por Deus. Foi dominada pelos sírios e depois pelos assírios, caindo em seu poder em 722 AC. Seus habitantes foram deportados, enquanto outros exilados de outras partes do império assírio foram transferidos para lá (mais tarde, caiu nas mãos dos babilônios). Depois do exílio, foi recolonizada pelos gregos em 331 AC; e depois os romanos a tomaram.

• Is 28: 2-4: “Eis que o Senhor tem certo homem valente e poderoso; este, como uma queda de saraiva, como uma tormenta de destruição e como uma tempestade de impetuosas águas que transbordam, com poder as derribará por terra [NVI: ‘Como chuva de granizo e vento destruidor, como violento aguaceiro e tromba d’água inundante, ele a lançará com força ao chão’]. A soberba coroa dos bêbados de Efraim será pisada aos pés. A flor caduca da sua gloriosa formosura, que está sobre a parte alta do fertilíssimo vale, será como o figo prematuro, que amadurece antes do verão [NVI: ‘Ela será como figo maduro antes da colheita’], o qual, em pondo nele alguém os olhos, mal o apanha, já o devora”.

A bíblia segue dizendo que o Senhor vai enviar um homem valente e poderoso e que a destruição que ele vai trazer se parece como um grande vendaval, como uma grande tempestade de granizo, que derruba ervas e plantas, e ramos de árvores, e homens e animais e sopra sobre as casas, pois ele a destruirá com violência e nada poderá detê-lo.

O personagem em questão é o rei da Assíria, muito provavelmente Salmaneser V (727-722 AC), que sitiou a cidade por três anos (2 Rs 17: 5; 2 Rs 18: 9-11), ou seu filho Sargom II (722-705 AC), que a capturou no ano em que subiu ao trono (722 AC). O rei da Assíria transportou Israel para a Assíria e o fez habitar em Hala, junto a Habor e ao rio Gozã, e nas cidades dos medos (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5: 26). No lugar da

população israelita, foram trazidos (2 Rs 17: 24; 30-31) os habitantes da Babilônia, de Cuta, Ava, Hamate e Sefarvaim (2 Rs 17: 24).

A cidade perderá sua beleza e sua fortaleza, e ficará tão desprotegida como um figo maduro antes da colheita; quem o vê, logo o apanha e o come; ou, por ser atraente aos olhos do invasor, ela se parecerá como um fruto irresistível e que cresce antes do tempo; quando alguém o vê, apressa-se em comê-lo, antes que alguém mais o apanhe.

Resumindo: os seus inimigos a devorarão avidamente.

Um remanescente será honrado – v. 5-6.

• Is 28: 5-6: “Naquele dia, o Senhor dos Exércitos será a coroa de glória e o formoso diadema para os restantes de seu povo [NVI: ‘o remanescente do seu povo’]; será o espírito de justiça para o que se assenta a julgar e fortaleza para os que fazem recuar o assalto contra as portas [NVI: ‘o ataque na porta’]”.

Esse remanescente se refere a Judá que ainda continuava fiel a Deus, pelo menos durante o reinado de Ezequias. ‘Naquele dia’ pode ser referir no dia que Samaria fosse destruída, pois o Senhor seria uma coroa de glória e um formoso diadema para Judá. Ele seria um espírito de justiça para aqueles que julgavam o povo (como o rei, o governador, os juízes e magistrados) e força para os que guardavam a porta da cidade dos ataques (o capitão e o seu exército).

Sua inacessibilidade – v. 7-9.

• Is 28: 7-9: “Mas também estes (*os remanescentes*) cambaleiam por causa do vinho (*yayin* – indica vários tipos de vinho fermentado; é o vinho normalmente bebido) e não podem ter-se em pé por causa da bebida forte (*hebraico: shekhâr; NVI ‘bebida fermentada’*); o sacerdote e o profeta cambaleiam por causa da bebida forte (*shekhâr*), são vencidos pelo vinho (*yayin*), não podem ter-se em pé por causa da bebida forte (*shekhâr*); erram na visão, tropeçam no juízo [NVI: ‘confundem-se quando têm visões, tropeçam quando devem dar um veredicto’]. Porque todas as mesas estão cheias de vômitos, e não há lugar sem imundícia. A quem, pois, se ensinaria o conhecimento? E a quem se daria a entender o que se ouviu? Acaso, aos desmamados e aos que foram afastados dos seios maternos? [NVI: ‘Quem é que está tentando ensinar?’, eles perguntam. ‘A quem está explicando a sua mensagem? A crianças desmamadas e a bebês recém-tirados do seio materno?’]”.

Judá caiu nos mesmos pecados de Israel (2 Rs 17: 19; 2 Cr 36: 14-16; Am 2: 11-12), portanto, estavam sujeitos à mesma punição por mão do Senhor. O sacerdote e o profeta também bebiam. A bíblia fala ‘shekhâr’, ou seja, bebida forte, a bebida de alto teor alcoólico proibida aos sacerdotes no AT (Lv 10: 9 – o vinho e a bebida forte) e Nazireus, e usada muitas vezes pelos ímpios para se embriagarem, se referindo, mais comumente, a outras bebidas fermentadas, talvez feitas de suco de fruta de palmeira, de romã, maçã, ou de tâmara, ou ainda bebida fermentada de cevada. Entretanto, não se exclui o vinho de alto teor alcoólico.

Também estavam embriagados pelo orgulho, pelo poder, pelo dinheiro de suborno e pela idolatria, que os tirava do centro da vontade de Deus. Em outras palavras, eram completamente corruptos na sua vida particular e na doutrina religiosa. ‘Embriaguez e vômito’ pode ser entendido nos dois sentidos: em atos de bêbados e na vida desregrada dos rebeldes.

‘A quem, pois, se ensinaria o conhecimento? E a quem se daria a entender o que se ouviu? Acaso, aos desmamados e aos que foram afastados dos seios maternos?’ – essa fala pode ser entendida como Deus perguntando ao profeta se havia alguém disposto a

ser ensinado, pois parecia ser mais fácil ensinar Seus preceitos a um bebê recém-desmamado.

Mas na NVI está escrito: “‘Quem é que está tentando ensinar?’, eles perguntam. ‘A quem está explicando a sua mensagem? A crianças desmamadas e a bebês recém-tirados do seio materno?’” Isso parece ser dirigido ao profeta pelos que estão zombando dele e não querem ouvir as palavras do Senhor.

Esse versículo também pode significar que os únicos seres humanos apropriados para aprender o que é certo eram os verdadeiros profetas e sacerdotes de Deus; só eles poderiam deter o verdadeiro conhecimento e impedir que a situação do povo piorasse. Mas onde eles estavam? Isso insinua que as mentes dos judeus estavam tão prejudicadas pelo excesso de bebida que eles não eram capazes de tomar o conhecimento das coisas espirituais.

Sua zombaria da ameaça de Deus – v. 10-15.

- Is 28: 10-15: “Porque é preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali. Pelo que por lábios gaguejantes e por língua estranha falará o Senhor a este povo, ao qual ele disse: Este é o descanso, dai descanso ao cansado; e este é o refrigério; mas não quiseram ouvir. Assim, pois, a palavra do Senhor lhes será preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali; para que vão, e caiam para trás, e se quebrem, se enlacem, e sejam presos. Ouvi, pois, a palavra do Senhor, homens escarnecedores, que dominais este povo que está em Jerusalém. Porquanto dizeis: Fizemos aliança com a morte [*hebraico: ‘sheol’*] e com o além fizemos acordo; quando passar o dilúvio do açoite, não chegará a nós, porque, por nosso refúgio, temos a mentira e debaixo da falsidade [*no original: ‘nos deuses falsos’*] nos temos escondido”.



- Is 28: 10: “Porque é preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali”.

Significa que eles deviam ser tratados como crianças, instruídas nos rudimentos de uma linguagem; primeiro, tinham uma regra dada, e depois outra, e assim uma após a outra até que eles tivessem percorrido o todo. Um pouco num dia, e um pouco no dia seguinte, e assim por diante, pois suas memórias não podiam ser sobrecarregadas.

Outra explicação para isso é: “preceito (*Hebraico: tsav ou sav*) sobre preceito, preceito e mais preceito; regra (*Hebraico: qav ou kav*) sobre regra, regra e mais regra”, em hebraico é: sav lasav sav lasav kav lakav kav lakav, o que seria, possivelmente, sons sem sentido; talvez uma imitação zombadora das palavras do profeta (nota de rodapé da NVI). É como se fosse apenas um blá, blá, blá cansativo, que ninguém gostaria de ouvir.

- tsav ou sav (Strong #6673) = uma ordem: mandamento, preceito.
- qav ou kav (Strong #6957) = uma corda (como conectando), especialmente para medição; figurativamente, uma regra; também uma corda musical ou acorde: linha.

Por isso, o Senhor disse que Ele falaria a esse povo por povos de outras línguas, por estrangeiros de língua estranha. Ele continuaria a lhes dar ordem sobre ordem, ordem sobre ordem, regra e mais regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali, para que caíssem de costas e se ferissem, e ficassem presos no laço e fossem capturados. Esse seria o efeito do pecado. Ou seja, eles continuariam a ouvir o ‘blá, blá, blá cansativo’, só que pela boca de estrangeiros; e não entenderiam, pois seus profetas não falariam mais ou não entenderiam as palavras estranhas para poder traduzi-las.

O Senhor tentou lhes dizer que a Sua doutrina é que lhes traria o descanso, o refrigério que eles precisavam, mas eles não quiseram ouvir.

Os zombadores, os próprios líderes do povo, se vangloriavam dizendo: ‘Fizemos um pacto com a morte [*hebraico: ‘sheol’*], com a sepultura fizemos um acordo. Quando vier a calamidade destruidora, não nos atingirá, pois da mentira fizemos o nosso refúgio e na falsidade [*no original: ‘nos deuses falsos’*] temos o nosso esconderijo’. Isso significa que eles se enganavam achando que os deuses a quem estavam servindo os livrariam, porque já haviam se conformado com a morte; era esperado que todo homem morresse de um jeito ou de outro. Era melhor ter um falso consolo do que olhar para a triste verdade de Deus.

A justiça e o juízo de Deus; os escarnecedores são exortados a corrigir – v. 16-22.

• Is 28: 16-22: “¹⁶ Portanto, assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge [NVI: aquele que confia, jamais será abalado; ‘Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido’ – Rm 9: 33; Sl 118: 22-23; Mt 21: 42; At 4: 11; 1 Pe 2: 6]. ¹⁷ Farei do juízo a régua e da justiça, o prumo; a saraiva varrerá o refúgio da mentira [NVI: ‘o granizo varrerá o seu falso refúgio’], e as águas arrastarão o esconderijo. A vossa aliança com a morte será anulada, e o vosso acordo com o além não subsistirá; e, quando o dilúvio do açoite passar, sereis esmagados por ele [NVI: ‘Quando vier a calamidade destruidora, vocês serão arrastados por ela’]. Todas as vezes que passar, vos arrebatará, porque passará manhã após manhã, e todos os dias, e todas as noites; e será puro terror o só ouvir tal notícia [NVI: ‘A compreensão desta mensagem trará pavor total’]. Porque a cama será tão curta, que ninguém se poderá estender nela; e o cobertor, tão estreito, que ninguém se poderá cobrir com ele. Porque o Senhor se levantará, como no monte Perazim, e se irará, como no vale de Gibeão, para realizar a sua obra, a sua obra estranha, e para executar o seu ato, o seu ato inaudito [NVI: ‘e cumprir sua tarefa, tarefa misteriosa’]. Agora, pois, não mais escarneçais [NVI: ‘parem com a zombaria’], para que os vossos grilhões não se façam mais fortes; porque já do Senhor, o Senhor dos Exércitos, ouvi falar de uma destruição, e essa já está determinada sobre toda a terra”.

No versículo 16, temos uma profecia messiânica onde a ‘pedra’ é Jesus.

Eles achavam que a mentira e os falsos deuses eram um grande refúgio, mas Deus lhes mostrava um refúgio mais seguro, verdadeiro e imutável, que Ele tinha colocado

em Sião. Se eles O desprezassem, então Ele colocaria um fio de prumo e uma régua no meio deles, ou seja, Ele endireitaria os seus caminhos através do Seu julgamento. A nossa pedra angular, o nosso refúgio será sempre o Senhor, em todas as circunstâncias, mesmo em lutas. Quem crê nele não foge da luta nem se confunde sobre qual deve ser o caminho certo para se percorrer.



Prumo = juízo de Deus

Geralmente, o prumo é símbolo do juízo de Deus, e a régua, a Sua justiça. Mas neste versículo 17 (“Farei do juízo a régua e da justiça, o prumo; a saraiva varrerá o refúgio da mentira, e as águas arrastarão o esconderijo”) parece que Ele troca a posição das duas palavras, o que quer dizer que com exatidão e cuidado (de uma régua) Ele faria o Seu juízo, o Seu julgamento; e com o prumo do seu juízo, ou seja, através do seu julgamento severo para com aquele povo, Ele traria a verdadeira justiça, que era a reconciliação do Seu povo com Ele. Estariam limpos do seu pecado. A mentira e o falso refúgio seriam destruídos e eles teriam seus olhos abertos para a verdade. Ele traria uma grande provação e escassez material, emocional e espiritual para eles, mas com o intuito de lhes dar a vida. Deus é Deus de vivos, não de mortos, como diz Sua palavra. Ele não faz pacto com a morte, pois Ele é a ressurreição e a vida.

‘Porque o Senhor se levantará, como no monte Perazim, e se irará, como no vale de Gibeão, para realizar a sua obra, a sua obra estranha, e para executar o seu ato, o seu ato inaudito [NVI: ‘e cumprir sua tarefa, tarefa misteriosa’]’ – no monte Perazim foi onde Davi destruiu os filisteus (2 Sm 5: 20; 1 Cr 14: 11). Perazim significa ‘rompimento’, por isso Davi deu o nome de Baal-Perazim àquele lugar, i.e., ‘O senhor do rompimento’ ou ‘o senhor que destrói’, porque o Senhor rompeu as fileiras do inimigo com quem rompe águas. Em hebraico, a palavra ‘Baalperazim’ (Strong #1188 – Ba’al P’ratsiyim) significa ‘Possuidor de brechas’. E foi no vale de Gibeão onde Josué travou uma grande batalha contra os cinco reis amorreus e parou o sol e a lua até que a batalha fosse ganha. Depois, matou os cinco reis que estavam presos na caverna de Maquedá (Josué 10: 12-13). O Senhor faria algo que ninguém nunca tinha visto e poderia até parecer estranho, mas era melhor não zombar de Suas palavras, porque isso só tornaria o jugo mais pesado para eles. Ninguém em Israel ficaria livre do Seu julgamento.

Deus é grande em sabedoria – v. 23-29

• Is 28: 23-29: “Inclinai os ouvidos e ouvi a minha voz; atendei bem e ouvi o meu discurso. Porventura, lavra todo dia o lavrador, para semear? Ou todo dia sulca a sua terra e a esterroa [NVI: ‘gradeando o solo’]? Porventura, quando já tem nivelado a superfície, não lhe espalha o endro, não semeia o cominho, não lança nela o trigo em leiras [NVI: ‘no lugar certo’. *Leira* é um sulco aberto na terra para receber a semente],

ou cevada, no devido lugar, ou a espelta [*uma qualidade inferior de trigo*], na margem? Pois o seu Deus assim o instrui devidamente e o ensina. Porque o endro não se trilha com instrumento de trilhar [NVI: ‘Não se debulha o endro com trilhadeira’], nem sobre o cominho se passa roda de carro; mas com vara se sacode o endro, e o cominho, com pau. Acaso, é esmiuçado o cereal? [NVI: ‘É preciso moer o cereal para fazer pão’] Não; o lavrador nem sempre o está debulhando, nem sempre está fazendo passar por cima dele a roda do seu carro e os seus cavalos. Também isso procede do Senhor dos Exércitos; ele é maravilhoso em conselho e grande em sabedoria”.

O lavrador não passa todo o seu tempo arando a terra. Ele faz outros trabalhos além de arar. Ele semeia quando os sulcos já estão abertos, nivela a terra, espalha as sementes em lugares certos e depois, na época da colheita, ele procede diferentemente com cada semente, pois uma é sacudida; outra é moída com pedra; outra é debulhada de outra forma. E ele faz isso porque o Senhor o ensina como fazer tudo. E assim Deus tem Seus tempos e estações para várias obras, e Sua providência é diferente para várias pessoas. Portanto, aqueles zombadores israelitas eram culpados de sua grande loucura, lisonjeando-se por causa da longa paciência de Deus para com eles. Ele traria o tempo de prová-los e angustiá-los e, assim, torná-los preparados para Ele. A semente é batida e provada, mas não quebrada como são os ímpios. Deus é maravilhoso em conselho e grande em sabedoria.

Capítulo 29

O templo e a cidade de Jerusalém foram destruídos – v. 1-4.

• Is 29: 1-4: “Ai da Lareira de Deus, cidade-lareira de Deus, em que Davi assentou o seu arraial! Acrescentai ano a ano, deixai as festas que completem o seu ciclo [NVI: ‘Ai de Ariel! Ariel, a cidade onde acampou Davi. Acrescentem um ano a outro e deixem seguir o seu ciclo de festas’]; então, porei a Lareira de Deus em aperto, e haverá pranto e lamentação; e ela será para mim verdadeira Lareira de Deus [NVI: ‘uma fornalha de altar’]. Acamparei ao redor de ti, cercar-te-ei com baluartes e levantarei tranqueiras contra ti. Então, lançada por terra, do chão falarás, e do pó sairá afogada a tua fala; subirá da terra a tua voz como a de um fantasma; como um cochicho, a tua fala, desde o pó”.

Aqui o profeta lamenta sobre Jerusalém, pois a destruição também virá sobre ela. Ele a chama de Lareira de Deus, pois era ali onde os sacrifícios ao Senhor eram feitos de maneira santa no templo como uma devoção genuína a Ele, a começar por Davi, que trouxe a arca e, conseqüentemente, a presença de Deus para a cidade e o honrou com a sua obediência e fé. Que as festas anuais prosseguissem até o tempo decretado pelo Senhor para elas cessarem. Depois Deus fala que vai chegar o dia que Ele a porá em aperto e ela será uma verdadeira Lareira de Deus [NVI: ‘uma fornalha de altar’; a palavra hebraica para ‘fornalha de altar’ se assemelha à palavra Ariel, no Hebraico], pois será queimada, e os que morrerem nela serão um verdadeiro sacrifício vivo para Ele.

Embora alguns estudiosos cogitem sobre a Assíria como agente da ira de Deus, nenhum dos seus reis destruiu Jerusalém. Pelo contrário, aqui podemos ver claramente o cerco e a invasão de Jerusalém por Nabucodonosor que, na terceira campanha contra ela no tempo de Zedequias, pôs seus muros abaixo, invadiu o templo e o queimou; queimou também a cidade e levou consigo seus prisioneiros para Ribla (na Síria, ao sul de Hamate). Seus moradores mal tinham força para clamar a Deus por socorro após os dois anos de cerco (do 9º ao 11º ano do reinado de Zedequias – 2 Rs 25: 1-2). Infelizmente, muito sangue inocente já havia sido derramado naquela cidade por causa de reis não tementes a Deus. Por isso Jesus fez o Seu lamento sobre ela: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Mt 23: 37-39). Como foi no AT, a situação se repetiu no NT quando Tito fez a mesma coisa e quando Jerusalém só verá o Messias novamente quando clamar por Ele na hora da aflição. Também já estava predito que as festas do Senhor e os sacrifícios cessariam. Isso se cumpriu com a vinda de Jesus, que se deu como sacrifício único e definitivo para fazer a nova aliança com Deus; mais especificamente, em 70 DC, com a destruição do templo por Tito, para os judeus tradicionais que não aceitaram o sacrifício de Jesus e continuaram a praticar os rituais, mesmo após Sua ressurreição.

O Senhor continua a falar da destruição de Jerusalém e do templo; seus inimigos são insaciáveis – v. 5-8.

• Is 29: 5-8: “Mas a multidão dos teus inimigos será como o pó miúdo, e a multidão dos tiranos, como a palha que voa; dar-se-á isto, de repente, num instante. Do Senhor dos Exércitos vem o castigo com trovões, com terremotos, grande estrondo, tufão de vento, tempestade e chamas devoradoras. Como sonho e visão noturna será a multidão

de todas as nações que hão de pelejar contra a Lareira de Deus, como também todos os que pelejarem contra ela e contra os seus baluartes e a puserem em aperto. Será também como o faminto que sonha que está a comer, mas, acordando, sente-se vazio; ou como o sequioso [NVI: ‘um homem sedento’] que sonha que está a beber, mas, acordando, sente-se desfalecido e sedento; assim será toda a multidão das nações que pelejarem contra o monte Sião”.

O Senhor continua a falar da destruição de Jerusalém e do templo, e de como seus inimigos são insaciáveis. Os soldados caldeus virão em grande multidão como pó fino, e de repente, como num sonho de noite, e tão rápido como palha que voa ao vento. As metáforas terríveis expressam os julgamentos de Deus.

Cegueira espiritual – v. 9-10.

- Is 29: 9-10: “Estatelai-vos e ficai estatelados, cegai-vos e permanecei cegos; bêbados estão, mas não de vinho; andam cambaleando, mas não de bebida forte. Porque o Senhor derramou sobre vós o espírito de profundo sono, e fechou os vossos olhos, que são os profetas, e vendou a vossa cabeça, que são os videntes”.

Aqui o Senhor descreve a falta de sensibilidade e percepção daquele povo para as coisas espirituais, como bêbados; mesmo porque, pela dureza do seu coração, Deus cegou os próprios profetas e videntes para que não entendessem os Seus projetos.

Não se consegue entender a palavra – v. 11-12.

- Is 29: 11-12: “Toda visão já se vos tornou como as palavras de um livro selado, que se dá ao que sabe ler, dizendo: Lê isto, peço-te; e ele responde: Não posso, porque está selado; e dá-se o livro ao que não sabe ler, dizendo: Lê isto, peço-te; e ele responde: Não sei ler”.

Essa é uma triste descrição da falta de revelação e entendimento da palavra de Deus, até mesmo por aqueles que antes a entendiam. Muito mais desesperador ainda era para os que nunca a entenderam e agora não tinham quem os ajudasse a entender e lhes dar a resposta que precisavam. Só Deus poderia abrir seu coração para que eles entendessem. A falta de entendimento era tamanha que as palavras escritas naquele rolo da Lei pareciam estar dentro de um rolo selado e sem poder se desenrolar e ser aberto e lido publicamente.

A hipocrisia profunda – v. 13-16.

- Is 29: 13-16: “O Senhor disse: Visto que este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, que maquinalmente aprendeu [NVI: ‘A adoração que me prestam é feita só de regras ensinadas por homens’], continuarei a fazer obra maravilhosa no meio deste povo; sim, obra maravilhosa e um portentoso [*uma coisa prodigiosa*]; de maneira que a sabedoria dos seus sábios perecerá, e a prudência dos seus prudentes se esconderá [NVI: ‘a inteligência dos inteligentes se desvanecerá’]. Ai dos que escondem profundamente o seu propósito do Senhor, e as suas próprias obras fazem às escuras, e dizem: Quem nos vê? Quem nos conhece? Que perversidade a vossa! Como se o oleiro fosse igual ao barro, e a obra dissesse do seu artífice: Ele não me fez; e a coisa feita dissesse do seu oleiro: Ele nada sabe”.

A adoração desse povo era vã diante do Senhor porque se transformara num ritual monótono, pois o coração já não participava mais do culto. Eles haviam perdido o temor a Deus e a vontade de obedecer-Lhe. Eles O adoravam segundo as tradições criadas por homens, por falsos profetas, por sacerdotes corrompidos pelo pecado, mas não segundo

o que haviam aprendido através da sua experiência pessoal com Deus. Faltava o espírito da letra porque não havia mais o amor. O que o povo fazia exteriormente, em especial os reis e príncipes, eram para mostrar uns aos outros, porém com hipocrisia. O que eles faziam em oculto era visto por Deus, apesar de eles fingirem ou pensarem que ninguém estava vendo. Eles eram o barro nas mãos do oleiro, entretanto, não se deixavam ser moldados pelo Criador. Por causa de sua altivez e orgulho, o Senhor os havia cegado para as coisas espirituais; e continuaria a fazer grandes coisas, espantosas mesmo, para eles soubessem que Ele ainda estava no controle. A inteligência e a sabedoria dos seus sábios, conselheiros, magistrados, profetas e videntes não eram nada, não serviam mais para nada. Eram apenas frutos da própria carne, não dos dons divinos.

Esses escarnecedores e opressores serão eliminados, o resto será convertido. Haverá redenção – v. 17-24.

• Is 29: 17-24: “Porventura, dentro em pouco não se converterá o Líbano em pomar [NVI: ‘campo fértil’], e o pomar não será tido por bosque? Naquele dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres já da escuridão e das trevas, as verão. Os mansos terão regozijo sobre regozijo no Senhor [NVI: ‘Mais uma vez os humildes se alegrarão no Senhor’], e os pobres entre os homens se alegrarão no Santo de Israel. Pois o tirano é reduzido a nada, o escarnecedor já não existe, e já se acham eliminados todos os que cogitam da iniquidade, os quais por causa de uma palavra condenam um homem, os que põem armadilhas ao que repreende na porta [NVI: ‘trapaceiam contra o defensor’], e os que sem motivo negam ao justo o seu direito [NVI: ‘com testemunho falso impedem que se faça justiça ao inocente’]. Portanto, acerca da casa de Jacó, assim diz o Senhor, que remiu a Abraão: Jacó já não será envergonhado, nem mais se empalidecerá o seu rosto. Mas, quando ele e seus filhos virem a obra das minhas mãos no meio deles, santificarão o meu nome; sim, santificarão o Santo de Jacó e temerão o Deus de Israel. E os que erram de espírito virão a ter entendimento, e os murmuradores hão de aceitar instrução”.

Os escarnecedores e opressores que antes andaram no erro serão eliminados, morrerão no cativeiro; e essa tendência ruim no coração do povo desaparecerá quando seus descendentes, já limpos e purificados, voltarem do exílio e receberem de Deus a capacidade de ver de novo, de entender as coisas espirituais para poder discernir o caminho correto; a capacidade de ouvir de bom grado a Sua palavra. O que era estéril e devastado, como o Líbano ficou após as destruições dos invasores estrangeiros, voltaria a ser como um campo fértil e preparado para o plantio. Os corações daquele povo não mais recusariam as exortações proféticas, e eles se converteriam sinceramente ao seu Deus. Eles deixariam de se envergonhar pelo seu comportamento reprovável diante das outras nações para onde foram espalhados no dia da ira do Senhor. Os humildes de espírito teriam alegria no Senhor, pois conseguiriam perceber a Sua justiça. Os que não entendiam Sua palavra entenderiam agora, e os que antes murmuravam receberiam a verdadeira instrução e passariam a glorificar a Deus. Muito mais do que ocorreria após o retorno do cativeiro, essa profecia seria cumprida com a vinda do Messias, pois em Jesus, Deus se manifestou ao Seu povo. Ele é a luz do mundo e Ele mesmo disse que veio para juízo, a fim de que os que não viam pudessem ver, e os que viam, se tornassem cegos (Jo 9: 39). Jesus quis dizer que Ele veio para aqueles que têm consciência do seu pecado e se arrependem; então, debaixo do Seu sangue, perdoados e justificados, já não sofrem mais acusação. Entretanto, para os que se encontram cegos pelo orgulho, pela arrogância e pela rebeldia, o Senhor faz resplandecer a Sua luz e os pecados deles se tornam evidentes diante dos seus olhos. Também podemos dar outra interpretação: aos que se acham cegos para a verdade, mas a buscam de coração puro, o

Senhor abre seus olhos para que possam vê-la; os que tudo sabem, tudo enxergam e tudo podem, tentando, arrogantemente, conhecer os Seus mistérios, o Senhor os cega, pois a bíblia mesmo fala que o Pai revela Seus segredos aos humildes de espírito e os encobre dos sábios e entendidos. Ela também diz: “A vós outros é dado conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles... porque o coração deste povo está endurecido” (Mc 4: 11-12; Mt 13: 15a).

Há outra promessa neste texto de Isaías e que foi cumprida através de Jesus: “Mas, quando ele e seus filhos virem a obra das minhas mãos no meio deles, santificarão o meu nome; sim, santificarão o Santo de Jacó e temerão o Deus de Israel” (Is 29: 23). Quantos milagres Jesus realizou no meio do Seu povo para que eles pudessem ver o que o Pai era capaz de fazer (Jo 20: 30; Jo 21: 25)! Jesus foi a maior prova da existência e das boas intenções de Deus para com os homens. Por isso, Ele respondeu a Filipe na Última Ceia: “Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as a suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras” (Jo 14: 9-11).

Capítulo 30

O profeta ameaça o povo pela sua confiança no Egito – v. 1-7.

• Is 30: 1-7: “Ai dos filhos rebeldes, diz o Senhor, que executam planos que não procedem de mim e fazem aliança sem a minha aprovação, para acrescentarem pecado sobre pecado! Que descem ao Egito sem me consultar, buscando refúgio em Faraó e abrigo, à sombra do Egito! Mas o refúgio de Faraó se vos tornará em vergonha, e o abrigo na sombra do Egito, em confusão. Porque os príncipes de Judá já estão em Zoã, e os seus embaixadores já chegaram a Hanes. Todos se envergonharão de um povo que de nada lhes valerá, não servirá nem de ajuda nem de proveito, porém de vergonha e de opróbrio [NVI: ‘zombaria’]. Sentença contra a Besta do Sul [NVI: animais do Neguebe]. Através da terra da aflição e angústia [NVI: ‘Atravessando uma terra hostil e severa’] de onde vêm a leoa, o leão, a víbora e a serpente volante [NVI: ‘serpentes velozes’], levam a lombos de jumento as suas riquezas e sobre as corcovas de camelos, os seus tesouros, a um povo que de nada lhes aproveitará [NVI: ‘para aquela nação inútil’]. Pois, quanto ao Egito, vão e inútil é o seu auxílio; por isso, lhe chamei Gabarola (*que se gaba a si mesmo, jactancioso, fanfarrão*) que nada faz [‘Por isso eu o chamo Monstro inofensivo’]”.

Provavelmente, esta profecia foi feita durante o reinado de Ezequias, se referindo à invasão de Judá em 701 AC por Senaqueribe, quando muitos judeus buscaram refúgio no Egito. O próprio Ezequias parecia ser muito propenso a confiar no povo do Egito, embora a bíblia não deixe muito clara nenhuma situação como a de enviar emissários para o Egito com o propósito de uma aliança. Ou, então, a profecia está se referindo a um tempo posterior, por exemplo, ao pedido de Zedequias ao Egito para livrá-lo do rei da Babilônia. Desde Uzias, passando por Jotão e Acaz, antepassados de Ezequias, não se pedia ajuda ao Egito. Aqui, Deus chama os judeus de rebeldes porque eles foram buscar ajuda no Egito e fazer alianças políticas sem a Sua aprovação. Isso só seria acrescentado como um pecado a mais sobre os que eles já tinham. E no fim de tudo, o Egito só lhes traria vergonha e confusão. Os príncipes de Judá já estavam em Zoã, que é mesma Tânis dos gregos, a moderna localidade de San El-Hagar, perto da praia sul do lago Manzalé, no Nordeste do delta egípcio, e que foi capital do Egito da 21ª à 24ª dinastia (1070-725 AC). Em Zoã estavam os maiores conselheiros e príncipes de Faraó (Is 19: 11; 13; Is 30: 4), bem como entre as grandes cidades egípcias nos escritos de Ezequiel (Ez 30: 14: Zoã, Tebas e Patros – como era conhecido o Alto Egito e Cuxe ou Etiópia) ao falarem sobre julgamento. Na 24ª dinastia, o faraó foi Tefnacte ou Tefnakht (732-725 AC), que reinou em Saís. Assim, o Egito também caiu em poder dos assírios em 716 AC, o ano que Ezequias subiu ao poder em Judá.

Continuando o texto bíblico: ‘Porque os príncipes de Judá já estão em Zoã, e os seus embaixadores já chegaram a Hanes’. Quanto a Hanes existe certa controvérsia sobre a sua real localização. Os judeus, segundo os escritos do Targum, identificam Hanes com Tafnes (Jr 2: 16; Jr 43: 7-9), onde faraó tinha um palácio, e essa era uma razão para enviarem embaixadores até lá. Tafnes ficava também no baixo Nilo, a nordeste do delta, próximo ao deserto de Sur. A Septuaginta grega traduz Tafnes por Táfnas (Taphnas – Ταφνας), e acredita-se que esse nome seja o mesmo que o de uma importante cidade fortificada na fronteira oriental do Egito, chamada Daphnae Pelusiae pelos escritores gregos do período clássico, atualmente Tell Defenneh. A Grécia clássica (Período Clássico da Grécia) foi um período de cerca de 200 anos (séculos V e IV AC) na cultura grega. Outra explicação (do arqueólogo Kitchen) encontra um paralelismo ainda mais estreito em Is 30: 4: Hanes pode ser meramente uma descrição

hebraica do nome egípcio h(wt)-nsw, ‘mansão do rei’, como nome do palácio de faraó em Zoã (Tânís). Qualquer uma dessas interpretações é plausível, mas nenhuma delas tem sido comprovada. O que se pode deduzir com certeza é que Hanes era uma cidade eminente do Egito.

Nos versículos seguintes, a bíblia profere uma sentença contra ‘a Besta do Sul’ [NVI: ‘animais do Neguebe’]. A expressão ‘Besta do Sul’ é claramente uma alusão ao próprio Egito, pois a palavra ‘besta’, na bíblia, muitas vezes é usada para se referir a impérios. ‘Do sul’, no original em hebraico, é o mesmo termo empregado em Is 21: 1 (ARA: ‘tufões que vêm do sul’; NVI: ‘Como um vendaval em redemoinhos que varre todo o Neguebe’). O sul aqui se refere à parte sul da Judéia, onde havia muitos e grandes desertos, como o Neguebe, por exemplo. O ‘sul’ [Hebraico: ‘Negeb’ ou ‘Negev’ – Strong #5045] significa: Neguebe ou distrito do sul de Judá, ocasionalmente, o Egito (como ao sul da Palestina): lado sul, país ao sul ou em direção ao sul. Neguebe (‘seco’) é um deserto bem ao sul de Israel, próximo à península do Sinai e do Mar Mediterrâneo e que só experimenta vida quando as chuvas enchem os leitos dos seus rios secos. Os rios se enchem com as águas e as plantas são regadas e os animais são dessedentados.

Depois, a bíblia diz: ‘Através da terra da aflição e angústia [NVI: ‘Atravessando uma terra hostil e severa’] de onde vêm a leoa, o leão, a víbora e a serpente volante [NVI: ‘serpentes velozes’], levam a lombos de jumento as suas riquezas e sobre as corcovas de camelos, os seus tesouros, a um povo que de nada lhes aproveitará [NVI: ‘para aquela nação inútil’]’.

Quanto à expressão ‘terra da aflição e angústia’, podemos dizer que ela pode ser o próprio significado do nome Egito em hebraico: ‘Mizraim’ (Mitsrayim), isto é, ‘terra de escravidão, dilema, conflito, confusão, aflição, problema, perturbação’. Como ela havia sido uma terra de angústia e aflição para os ancestrais dos judeus, ela seria de novo para os que buscassem abrigo nela. Depois o profeta descreve os animais mais freqüentemente encontrados no Egito: a leoa, o leão, a víbora e a serpente volante [NVI: ‘serpentes velozes’], ou seja, a serpente venenosa, o jumento e o camelo, além do crocodilo, como vemos em outras passagens dos profetas, e dos gatos e de certas aves. Muitos deles eram adorados pelos Egípcios. No tempo de Salomão, Israel importava cavalos do Egito. ‘Levam a lombos de jumento as suas riquezas e sobre as corcovas de camelos, os seus tesouros, a um povo que de nada lhes aproveitará’ pode expressar quanta riqueza da terra de Israel já tinha sido carregada sobre esses animais como um tributo ao Egito ou como presentes para obter sua amizade e ajuda política. Durante a invasão de Senaqueribe, rei da Assíria, muitos habitantes da Judéia e Jerusalém fugiram para o Egito com tudo o que tinham, com suas riquezas sobre jumentos e camelos jovens, em busca de abrigo; para um povo também impotente, que em nada os ajudaria, pois eles mesmos eram súditos da Assíria naquela época.

O versículo 7 também diz: “Pois, quanto ao Egito, vão e inútil é o seu auxílio; por isso, lhe chamei Gabarola (*que se gaba a si mesmo, jactancioso, fanfarrão*) que nada faz [NVI: ‘Por isso eu o chamo Monstro inofensivo’]”. No lugar de ‘monstro inofensivo’ ou ‘gabarola que nada faz’, no original em Hebraico está escrito: ‘Raabe, que fica quieta’. Isso quer dizer que mesmo que os egípcios quisessem fazer alguma coisa, eles não podiam. Sua força era apenas ficarem quietos, assim como seus embaixadores ganhariam mais ficando quietos e tranquilos em sua terra. Raabe (Hebr.: rāhābh, ‘insolência, altivez, largo, ferocidade’; Strong #7294: ‘ostentador, bufão, fanfarrão’) é um dos nomes do Egito (Sl 87: 4; Is 51: 9). Alguns traduzem como ‘força’.

Para nós, fica sempre o ensinamento de não colocarmos nossa confiança no mundo e nos seus recursos para nos suprir em tempos de necessidade. O Senhor é quem pode

nos prover de uma maneira adequada naquilo que nos faz falta. Quando estamos em guerra por algum objetivo que tentamos conquistar, e sabemos que temos que lutar primeiro contra barreiras espirituais, como buscar ajuda no mundo? Como as pessoas carnis poderão nos ajudar? O que o mundo entende de guerra espiritual? Davi recusou a oferta de ajuda de Ornã ou Araúna quando ergueu o altar ao Senhor naquele lugar pelo perdão recebido por causa do censo que tinha conduzido de uma maneira errada (1 Cr 21: 23-25; 2 Sm 24: 22-24); ele pagou pelo pedaço de terra, pois foi na eira de Ornã, o jebuseu, que o templo foi posteriormente construído (2 Cr 3: 1). Jesus enviou Seus doze discípulos e ordenou-lhes que nada levassem consigo, exceto um bordão, pois eles não precisariam se preocupar com os recursos materiais para realizar sua missão; Deus se preocuparia por eles (Mc 6: 7-13; Mt 10: 5-15; Lc 9: 1-6). Jeremias exortou o povo a não ir para o Egito quando Nabucodonosor deixou Jerusalém, após invadi-la (Jr 42: 9-12; 19), mas não adiantou nada. Eles se rebelaram e foram para lá, levando o profeta junto com eles.

O desprezo pela palavra de Deus – v. 8-11.

- Is 30: 8-11: “Vai, pois, escreve isso numa tabuinha perante eles, escreve-o num livro, para que fique registrado para os dias vindouros, para sempre, perpetuamente. Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do Senhor. Eles dizem aos videntes: Não tendes visões; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dissei-nos coisas apazíveis, profetizai-nos ilusões; desviai-vos do caminho, apartai-vos da vereda; não nos faleis mais do Santo de Israel”.

Deus falou para o Seu profeta para escrever isso numa tábuia, num livro ou rolo, como um testemunho da rebeldia e do desprezo do povo em relação às advertências proféticas. A tábuia possivelmente era pendurada num lugar público, onde todos pudessem ler. E o rolo seria guardado para as gerações futuras. Isso é mais ou menos o que Deus disse a Ezequiel: “Hão de saber que houve no meio deles um profeta” (Ez 2: 5; Ez 33: 33). Que coisa triste! Jeremias também foi ameaçado de morte por profetizar a verdade (Jr 11: 21). Em todas as eras, a humanidade sempre quis ouvir coisas boas e agradáveis da boca de seus profetas, mas se recusou a ouvir a verdade doída de Deus para sua correção. Um dia tudo isso será cobrado, pois a missão do profeta como atalaia do Senhor foi cumprida (Ez 2: 7; Ez 3: 4; 17; 27; Ez 33: 33).

Pela desobediência e pelo desprezo a Deus eles serão destruídos – v. 12-17.

- Is 30: 12-17: “Pelo que assim diz o Santo de Israel: Visto que rejeitais esta palavra, confiais na opressão e na perversidade [NVI: ‘apelaram para a opressão e confiaram nos perversos’] e sobre isso vos estribais, portanto, esta maldade vos será como a brecha de um muro alto, que, formando uma barriga, está prestes a cair, e cuja queda vem de repente, num momento. O Senhor o quebrará como se quebra o vaso do oleiro, despedaçando-o sem nada lhe poupar; não se achará entre os seus cacos um que sirva para tomar fogo da lareira ou tirar água da poça [NVI: ‘tirar água da cisterna’]. Porque assim diz o Senhor Deus, o Santo de Israel: Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranquilidade e na confiança, a vossa força, mas não o quisestes (cf. Is 28: 12). Antes, dizeis: Não, sobre cavalos fugiremos; portanto, fugireis; e: Sobre cavalos ligeiros cavalgaremos; sim, ligeiros serão os vossos perseguidores. Mil homens fugirão pela ameaça de apenas um; pela ameaça de cinco, todos vós fugireis, até que sejais deixados como o mastro no cimo do monte e como o estandarte no outeiro [NVI: ‘uma bandeira numa colina’]”.

Os egípcios sempre tiveram uma índole opressora e se estribavam na sua perversidade; e os judeus estavam se inclinando justamente para este lado. O Senhor os

repreendeu por isso, mas lhes disse o que aconteceria se colocassem em prática o seu desejo. Ele já havia falado antes pelo mesmo profeta que a vitória do Seu povo consistia em descansar e confiar nEle, mas eles não aceitavam isso (Is 28: 12). Queriam agir de qualquer maneira; e isso traria um castigo pior.

‘O Senhor o quebrará como se quebra o vaso do oleiro, despedaçando-o sem nada lhe poupar; não se achará entre os seus cacos um que sirva para tomar fogo da lareira ou tirar água da poça [NVI: ‘tirar água da cisterna’]’ – significa que a destruição dos ímpios seria irreversível.

Eles diziam: ‘Cavalgaremos cavalos velozes’, ou seja, nada de mal vai nos alcançar. Mas o Senhor diz que o inimigo é ainda mais rápido do que eles, e que os alcançaria e os derrotaria. Os remanescentes são comparados com árvores não muito úteis para grandes projetos, mas que servem apenas para se fazer mastros, pois provavelmente são finas e mais frágeis do que as outras. Eles seriam colocados em uma posição de vergonha visível, como se o mastro estivesse no cume de um monte e como uma bandeira numa colina. Todos seriam capazes de ver.

As misericórdias de Deus – v. 18-26.

• Is 30: 18-26: “Por isso, o Senhor espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós, porque o Senhor é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que nele esperam. Porque o povo habitará em Sião, em Jerusalém; tu não chorarás mais; [NVI: ‘O povo de Sião, que mora em Jerusalém, você não vai chorar mais’] certamente, se compadecerá de ti, à voz do teu clamor, e, ouvindo-a, te responderá. Embora o Senhor vos dê pão de angústia e água de aflição, contudo, não se esconderão mais os teus mestres; os teus olhos verão os teus mestres [NVI: ‘o seu mestre não se esconderá mais; com seus próprios olhos você o verá’]. Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele. E terás por contaminados a prata que recobre as imagens esculpidas e o ouro que reveste as tuas imagens de fundição; lançá-las-ás fora como coisa imunda e a cada uma dirás: Fora daqui! Então, o Senhor te dará chuva sobre a tua semente, com que semeares a terra, como também pão como produto da terra, o qual será farto e nutritivo; naquele dia, o teu gado pastará em lugares espaçosos. Os bois e os jumentos que lavram a terra comerão forragem com sal, alimpada com pá e forquilha [NVI: ‘espalhados com forcado e pá’]. Em todo monte alto e em todo outeiro elevado haverá ribeiros e correntes de águas, no dia da grande matança quando caírem as torres [NVI: ‘No dia do grande massacre, quando caírem as torres, regatos de água fluirão sobre todo monte elevado e sobre toda colina altaneira’]. A luz da lua será como a do sol, e a do sol, sete vezes maior, como a luz de sete dias, no dia em que o Senhor atar a ferida do seu povo e curar a chaga do golpe que ele deu”.

Deus dizia a este povo que, apesar dos seus pecados, Ele esperaria pelo arrependimento deles. Ele é um Deus de justiça e os que esperam nEle são felizes. Eles se arrependeriam e Ele teria compaixão deles. Mas teriam que jogar fora os ídolos, os falsos deuses, e ter um arrependimento sincero; assim, Ele se voltaria para eles com misericórdia e bênçãos. Inclusive seus animais seriam beneficiados por elas, pois até seu alimento seria puro e farto. Seus ídolos seriam de todo desprezados, mesmo que fossem feitos de prata e ouro, pois não tinham vida. A sua punição estava sendo feita com moderação, apesar de parecer para eles como um pão de angústia e água de aflição. Pão tem um amplo significado aqui, entre eles, o sustento resultante de um trabalho. Em pecado e sem a bênção de Deus até o pão e a água pareciam ser amargos. Eles voltariam a Jerusalém depois de um tempo e morariam seguramente; e ninguém os expulsaria de novo. Isso se cumpriu para os que voltaram da Babilônia, e muito mais nos tempos do

Evangelho, quando a palavra de Jesus percorreu o mundo arrebanhando os judeus dispersos. Ele era a morada segura, onde eles poderiam se abrigar para sempre.



“Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele”. Isso significa a sensibilidade à voz do Espírito de Deus, que nos ensina todas as coisas e nos faz lembrar-se de tudo o que Jesus falou (Jo 14: 26). Até que isso acontecesse, ou seja, até a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, eles ouviriam Sua voz, não apenas por um sentimento bom colocado no seu coração pelo próprio Deus, mas também através de verdadeiros profetas e sacerdotes, como Esdras, por exemplo, que os ensinaria novamente Sua palavra. Estes seriam como pastores conduzindo seus rebanhos e colocando cada ovelha na trilha correta. Seriam os seus mestres, que eles veriam e reconheceriam prontamente. Muito mais o Messias, o verdadeiro mestre e guia (Mt 23: 8-10), uma vez que na NVI, a palavra está escrita no singular: ‘o seu mestre não se esconderá mais; com seus próprios olhos você o verá’. Deus se mostrou ao Seu povo através de Jesus.

“Em todo monte alto e em todo outeiro elevado haverá ribeiros e correntes de águas, no dia da grande matança quando caírem as torres” ou “No dia do grande massacre, quando caírem as torres, regatos de água fluirão sobre todo monte elevado e sobre toda colina altaneira” – significa o dia que Deus destruir os inimigos do Seu povo. Em referência ao AT, dizia respeito aos inimigos físicos imediatos: Assíria e Babilônia, entre outros. Em relação ao NT, diz respeito ao final dos tempos, quando o Senhor destruir todo principado das trevas. A frase seguinte pode ser uma metáfora de alegria pela libertação conquistada, uma alegria difícil de expressar da maneira correta e completa: “A luz da lua será como a do sol, e a do sol, sete vezes maior, como a luz de sete dias, no dia em que o Senhor atar a ferida do seu povo e curar a chaga do golpe que ele deu”. Sete é o número perfeito de Deus, algo completo, algo em que se pode descansar por estar totalmente cumprido. O brilho do sol e da lua reflete o resplendor da

glória do Senhor, e será um brilho muito maior do que os astros naturais podem emanar, ou muito maior do que possamos imaginar.

A ira de Deus e a alegria dos povos na destruição da Assíria – v. 27-33.

• Is 30: 27-33: “Eis o nome do Senhor vem de longe, ardendo na sua ira, no meio de espessas nuvens [NVI: ‘com sua ira em chamas, e densas nuvens de fumaça’]; os seus lábios estão cheios de indignação, e a sua língua é como fogo devorador. A sua respiração é como a torrente que transborda e chega até ao pescoço, para peneirar as nações com peneira de destruição; um freio de fazer errar estará nos queixos dos povos [NVI: ‘Ele coloca na boca dos povos um freio que os desencaminha’]. Um cântico haverá entre vós, como na noite em que se celebra festa santa; e alegria de coração, como a daquele que sai ao som da flauta para ir ao monte do Senhor, à Rocha de Israel. O Senhor fará ouvir a sua voz majestosa e fará ver o golpe do seu braço, que desce com indignação de ira, no meio de chamas devoradoras, de chuvas torrenciais, de tempestades e de pedra de saraiva. Porque com a voz do Senhor será apavorada a Assíria, quando ele a fere com a vara [NVI: ‘com seu cetro a ferirá’]. Cada pancada castigadora, com a vara, que o Senhor lhe der, será ao som de tamboris e harpas; e combaterá vibrando golpes contra eles. Porque há muito está preparada a fogueira [NVI: ‘tofete’], preparada para o rei; a pira é profunda e larga, com fogo e lenha em abundância; o assopro do Senhor, como torrente de enxofre, a acenderá”.

O Senhor dá um aviso bem claro sobre a destruição da Assíria, e Sua presença se manifestará de maneira espantosa. Ele está irado contra os assírios e manifesta essa ira em metáforas sobre os desastres da natureza e nas reações humanas que qualquer um teria se fosse provocado ou se estivesse muito irado (respiração rápida, por exemplo, como um sinal de ira).

‘Um freio de fazer errar estará nos queixos dos povos’ [NVI: ‘Ele coloca na boca dos povos um freio que os desencaminha’] pode significar que Ele traria desentendimento e desacordo entre o próprio império assírio, para que fizessem guerra uns contra os outros, e se destruíssem por conselhos errados (‘freio que desencaminha’). Assim como o freio é usado para controlar animais, o paralelo aqui seria que Deus estava no controle dos povos, e poderia dirigi-los para o caminho correto ou para a perdição. Neste versículo, o foco parece ser maior do que apenas o exército assírio de Senaqueribe, que afrontou Judá. Realmente parece se estender a todo o império assírio, principalmente após Senaqueribe, até a queda de Nínive em 612 AC.

Quando a bíblia fala: ‘Um freio de fazer errar estará nos queixos dos povos’, a palavra ‘povos’ em hebraico, usada neste versículo, é gowy (Strong #1471), abreviadamente, goy (gentios, גוֹיִם; ou gentio, גוי, respectivamente), que significa uma nação estrangeira; portanto, uma nação gentia; figuradamente: uma tropa de animais ou bando de gafanhotos. A palavra se refere a gentios, pagãos, nações, países, povo, e geralmente utilizado pela comunidade judaica referindo-se às pessoas não-israelitas. Pelo fato de a palavra estar escrita no plural (‘povos’, ‘gowy’), isso nos leva a pensar que ela se refere não apenas ao exército de Senaqueribe, como a todo o império assírio e às nações gentias envolvidas com eles.

Assim, eles deixariam de se preocupar com os judeus, e essa era também uma maneira de Deus executar o Seu juízo contra os pecados deles. Mas para o povo do Senhor, este dia de destruição dos inimigos seria um dia de alegria e cânticos como se fosse um dia de festa no templo em Sião. O Senhor estenderá Seu braço em vingança, e Sua voz poderosa se fará ouvir, como um forte trovão e uma grande tempestade (vs. 30-31). Sua voz, ou Seu trovão, é uma metáfora de algum julgamento terrível. Ao som da Sua voz, a terra e o céu estremecem. Quando a Assíria ouvir certos boatos (2 Rs 19: 7;

Is 37: 7, por exemplo, que o Deus de Israel estava lutando pelo Seu povo; ou a ascensão dos babilônios) ficará assustada, pois saberá que sua destruição está próxima. A vara ou o cetro de Deus diz respeito ao uso de Sua autoridade para punir, disciplinar e governar como rei único. A destruição do inimigo será celebrada pelo povo de Deus com alegria, música e cânticos de louvor.

O versículo 32 (‘Cada pancada castigadora, com a vara, que o Senhor lhe der, será ao som de tambores e harpas; e combaterá vibrando golpes contra eles’) nos faz pensar não só na derrota passageira do exército de Senaqueribe, mas também na queda da Assíria ao longo dos anos (‘Cada pancada castigadora’) através das revoltas que seus reis tiveram que sufocar em outras nações e até dentro do próprio império. Depois da campanha contra Ezequias em 701 AC, Senaqueribe passou o resto de seu reinado em campanhas militares contra rebeldes no seu reino, como, por exemplo, controlando a ação de Merodaque-Baladã (Marduk-apla-iddina II – Is 39: 1; 2 Rs 20: 12), que, depois de tomar o trono da Babilônia, lutou para tomar o poder do trono assírio no tempo de Sargom II (pai de Senaqueribe), e do próprio Senaqueribe, lutando com este até 689 AC. Seu filho, Esar-Hadom, sofreu com as tentativas de independência egípcia por parte de Tiraca; e o filho de Esar-Hadom, Assurbanipal, apesar da vitória contra Tebas (661 AC), também sofreu com a revolta por parte de seu irmão que reinava na Babilônia. Seu filho, reinando num império já decadente, enfrentou ataques dos Medos e dos Babilônios sob Nabopolassar (pai de Nabucodonosor), até que Nínive caiu alguns anos mais tarde (612 AC).

• Is 30: 33 diz que, da mesma forma como o Senhor já tem o lago de fogo e enxofre preparado para Satanás e seus anjos, Ele também já tinha uma fogueira acesa para o rei da Assíria.



Vale de Hinom

‘Porque há muito está preparada a fogueira [NVI: ‘tofete’], preparada para o rei’ – refere-se a Tofete, um lugar no vale de Hinom. O Vale de Hinom ficava ao sul de Jerusalém, onde se queimavam cadáveres de criminosos. Josias, por exemplo, queimou os ossos dos sacerdotes idólatras do tempo de Jeroboão I (2 Rs 23: 15-20; 1 Rs 12: 28-32; 1 Rs 13: 2), pois no mesmo vale eram também oferecidos sacrifícios humanos a Moloque, o deus dos amonitas (2 Rs 17: 17; 31 – Adrameleque e Anameleque – deuses assírios semelhantes a Moloque; 2 Rs 23: 10; 2 Cr 28: 2-3; 2 Cr 33: 6-7; Jr 19: 1-6). O

significado de ‘Hinom’ é desconhecido; alguns sugerem: ‘Ben Hinom’, filho de Hinom [por causa do termo grego para o vale: Geenna – ge (vale de) hinnôm (Hinom)], dando a entender que é um nome próprio (2 Cr 28: 3; 2 Rs 23: 10 – ‘vale dos filhos de Hinom’). A palavra ‘Tofete’ pode ser vista em 2 Rs 23: 10; Jr 7: 30-32; Jr 19: 6; 12; Jr 32: 34-35. Em Jr 7: 32; Jr 19: 6 o nome é alterado pelo profeta para ‘vale da matança’. É também chamado de ‘Vale de Tofete’ (‘local de fogo’, ‘local de queima’ ou ‘local de torrefação’) pelos Cananeus (Jr 7: 31-32; Jr 19: 12). Também tem o significado de ‘fornalha’, ‘fogueira’ (Is 30: 33), ‘lugar de chama ou aborrecimento’.

Nós sabemos que Senaqueribe foi morto à espada por seus próprios filhos enquanto prestava adoração ao seu deus Nisroque (2 Rs 19: 7; 37; 2 Cr 32: 21; Is 37: 7; 38). Mas da maneira como a bíblia descreve (‘a pira é profunda e larga, com fogo e lenha em abundância; o assopro do Senhor, como torrente de enxofre, a acenderá’) é muito provável que esteja se referindo à morte espiritual do rei assírio e seus príncipes; é o que a bíblia chama de segunda morte (Ap. 14: 10; Ap. 19: 20; Ap. 20: 10; Ap. 21: 8), o lago de fogo e enxofre.

Como dissemos anteriormente, a destruição dos Assírios não se resume à destruição do exército de Senaqueribe apenas, mas também à destruição de Nínive e do seu império pelos Babilônios.

Capítulo 31

Egito é homem e não deus (ARA) – v. 1-3.

- Is 31: 1-3: “Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro e se estribam em cavalos; que confiam em carros, porque são muitos, e em cavaleiros, porque são mui fortes, mas não atentam para o Santo de Israel, nem buscam ao Senhor! Todavia, este é sábio, e faz vir o mal, e não retira as suas palavras; ele se levantará contra a casa dos malfeitores e contra a ajuda dos que praticam a iniquidade [NVI: ‘Ele se levantará contra a casa dos perversos, contra quem ajuda os maus’]. Pois os egípcios são homens e não deuses [NVI: ‘Mas os egípcios são homens, e não Deus’]; os seus cavalos, carne e não espírito. Quando o Senhor estender a mão, cairão por terra tanto o auxiliador como o ajudado, e ambos juntamente serão consumidos”.

Esta advertência de Deus dá continuidade à do capítulo 30: 1-17, onde o Senhor fala ao Seu povo para não buscar ajuda no Egito. Nestes versículos acima Ele lastima os que põem sua confiança em cavalos, em carros de guerra que eram muitos no Egito, e na força dos seus cavaleiros. No livro de Dt 17: 14-28, podemos perceber as ordens divinas quanto à escolha de um rei. Este deveria ser escolhido por Deus, não deveria multiplicar para si cavalos (para fazer o povo errar e voltar ao Egito, pois o Senhor disse que jamais voltariam por aquele caminho), nem mulheres, nem prata nem ouro. O termo ‘cavalos’ significa que um rei não deveria se firmar na força humana. Na época, Israel não tinha cavalos, só mulas, e o Egito era o maior exportador deles. Deus não queria que Israel fizesse aliança novamente com o Egito, do qual Ele os resgatara, mas queria que Seu povo confiasse apenas nEle, não em sua própria força. Cavalo é símbolo de guerra, pressa, atitudes diante do nosso próximo. Os reis de Israel e Judá depois de Davi não cumpriram, em grande parte, essas orientações, pois dependeram das coligações políticas com nações estrangeiras para socorrê-los contra os ataques dos invasores; não mantiveram sua fidelidade a Deus como deveriam e, com isso, fizeram o povo pecar ainda mais e cair na idolatria (voltar ao Egito). Não confiaram nEle para resolver seus problemas particulares, deixaram os interesses próprios pelo poder sobrepujarem Sua escolha e Seu projeto, o que mereceu repreensão profética muitas vezes. Deixaram-se levar pelas muitas influências ao seu redor (‘mulheres’, símbolo de influência), ao invés de olhar apenas para o Senhor e seguir apenas suas diretrizes. E também colocaram a riqueza acima das estratégias e da direção de Deus para levarem avante o seu reinado.

Mas, o Senhor também diz que a sabedoria para todas as coisas está nEle, e que Ele mesmo se levantará contra os pecadores, rebeldes e perversos, que ajudam os maus. Continua dizendo que os egípcios são homens e não deuses [Is 31: 3 – ARA; ‘Mas os egípcios são homens, e não Deus’ – NVI]. O fato de estar escrito ‘deuses’ numa tradução e ‘Deus’ em outra pode se dever ao fato de que na bíblia hebraica está escrito ‘Elohim’, todas as vezes que se refere a Deus, ou seja, sempre a palavra no plural (Elohim é o plural de Elohe ou El), pois, na época, era uma forma comum de se referir a Deus. Seus homens e seus cavalos eram carne, não espírito. Deus é espírito, e não carne, por isso tinha uma força maior contra os inimigos poderosos de Israel, pois eles também eram manipulados por forças espirituais das trevas; e só o Senhor conhecia a maneira correta de lidar com elas. Acreditando na força de homens e impérios, tanto Israel como estes seriam destruídos por Deus.

Deus lutará por Jerusalém – v. 4-5.

- Is 31: 4-5: “Porque assim me disse o Senhor: Como o leão e o cachorro do leão rugem sobre a sua presa [NVI: ‘Assim como quando o leão, o leão grande, ruge ao lado

da presa’], ainda que se convoque contra eles grande número de pastores, e não se espantam das suas vozes, nem se abatem pela sua multidão [NVI: ‘e ele (*o leão*) não se intimida com os gritos deles e não se perturba com o seu clamor’], assim o Senhor dos Exércitos descera, para pelejar sobre o monte Sião e sobre o seu outeiro. Como pairam as aves [NVI: ‘Como as aves dão proteção aos filhotes com suas asas’], assim o Senhor dos Exércitos amparará a Jerusalém; protegê-la-á e salvá-la-á, poupá-la-á [No original: ‘passará sobre ela’] e livrá-la-á”.

Na KJV, ao invés de ‘Como o leão e o cachorro do leão’ está escrito: ‘Como o leão e o leão jovem’. A palavra hebraica para ‘leão’ é ‘ariy (Strong #738) ou, de uma maneira prolongada, earyeh, que significa: um leão (no sentido de violência), um leão ou leão jovem (animal), ou perfurar. A palavra hebraica para ‘leão jovem’ é kphiyr (Strong #3715), que significa um vilarejo (como se coberto, rodeado por muralhas); também um leão jovem, talvez coberto por uma juba.

Dessa forma, assim como o leão e o leão jovem lutam pela presa que já está entre seus dentes, sem se importar com o número de pastores à sua volta e sem se assustarem com seus gritos, o Senhor defenderia Jerusalém, sozinho, porque nEle estava a força de um leão. Ele ‘desceria’ para pelejar sobre o monte Sião e sobre o seu outeiro, ou seja, de Sua morada no céu Ele desceria sobre Sua cidade, como no passado havia descido com toda Sua glória sobre o Monte Sinai para se revelar ao Seu povo. Isso nos lembra de como o Senhor enviou o Seu anjo do céu sobre o exército dos assírios e matou a todos. Senaqueribe se assustou e fugiu. Jerusalém foi salva pelo Senhor dos Exércitos de uma invasão e assolação. E da mesma forma como as aves dão proteção aos filhotes com suas asas, o Senhor ampararia Jerusalém, e a protegeria debaixo das Suas asas, do seu manto. Ele a protegeria e a salvaria; mais do que isso, Ele a pouparia de muitas aflições e a livraria da destruição. ‘Poupá-la-á’ [No original: ‘passará sobre ela’], é a mesma palavra hebraica para ‘pessach’, ‘passar por cima’, como Ele passou por cima das casas dos Israelitas no Egito na noite da morte dos primogênitos, enquanto Seu povo comia o cordeiro da Páscoa (Êx 12: 11; 13). Em Êx 12: 13, na KJV está escrito ‘passing over’, ou seja, ‘passando por cima’, em hebraico ‘pacach’ (Strong #6452), que significa saltar, pular, parar ou hesitar, pular sobre uma perna só (como no salto de uma dança). A palavra ‘pacach’ é parecida com ‘pecach’ (Strong #6453), pessach: uma preterição, i.e., isenção; usada apenas para a Páscoa judaica (o festival ou a vítima): passar por cima, páscoa (oferta).

‘Porque assim me disse o Senhor’ – o profeta Isaías tinha ouvido e recebido esse consolo do Senhor, por isso podia confiar nEle. São palavras de graça e misericórdia, que prometem preservação e libertação. Portanto, era uma coisa tola pedir socorro ao Egito.

Os israelitas são chamados a se converter para Deus – v. 6-7.

- Is 31: 6-7: “Convertei-vos, pois, ó filhos de Israel, àquele de quem tanto vos afastastes. Pois, naquele dia, cada um lançará fora os seus ídolos de prata e os seus ídolos de ouro, que as vossas mãos fabricaram para pecardes”.

O povo é novamente chamado a se converter a Deus, de quem eles já haviam se afastado tanto. E o profeta continua dizendo em nome do Senhor que quando tudo isso acontecer, eles jogarão fora os seus ídolos de ouro e prata, e se envergonharão deles mesmos porque reconhecerão o seu pecado. O Senhor espera por eles; e sabe que eles retornarão, mas só depois de serem disciplinados por Ele. Era povo de dura cerviz, que não tinha ouvido as palavras dos profetas até então. Sempre se recusaram a ouvi-las.

A queda da Assíria – v. 8-9.

• Is 31: 8-9: “Então, a Assíria cairá pela espada, não de homem; a espada, não de homem, a devorará; fugirá diante da espada, e os seus jovens serão sujeitos a trabalhos forçados. De medo não atinará com a sua rocha de refúgio [NVI: ‘Sua fortaleza cairá por causa do pavor’]; os seus príncipes, espavoridos, desertarão a bandeira [NVI: ‘ao verem a bandeira da batalha, seus líderes entrarão em pânico’], diz o Senhor, cujo fogo está em Sião e cuja fornalha, em Jerusalém”.

Esses dois versículos reforçam o que foi dito no capítulo anterior, no versículo 33, sobre a destruição dos assírios e sobre a fogueira que o Senhor já tinha preparada para o seu rei.

‘Então, a Assíria cairá pela espada, não de homem; a espada, não de homem, a devorará’ – significa que os assírios caíram pelas mãos do próprio Deus, não pelo exército de Israel sob Ezequias, nem pelas tropas do Egito. Foi o que aconteceu com o exército de Senaqueribe, morto pelo anjo do Senhor, quando cercavam Jerusalém. Quando Senaqueribe viu 185.000 soldados mortos, o pavor se apoderou dele. Ele desistiu do cerco e fugiu para sua terra.

‘E os seus jovens serão sujeitos a trabalhos forçados’ pode se referir aos seus moços, os carregadores das armas, os servos dos soldados que cuidavam de seus animais. O texto hebraico concordante interlinear (CHES – Concordant Hebrew English Sublinear), baseado no vocabulário da Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT – Concordant Version of the Old Testament), escreve algo como: ‘e os seus melhores jovens serão para serviço tributário’ ou ‘e jovens escolhidos dele por serviço tributário eles serão’. Na bíblia de Jerusalém está escrito: ‘seus melhores guerreiros serão destinados para trabalho [forçado – nota minha]’. KJV escreve: ‘e os seus jovens ficarão desconcertados’. A palavra hebraica para ‘confusos’ ou ‘desconcertados’ aqui (Strong #4522) pode significar desvanecer, desmaiar, desaparecer; ou, outra tradução: arrecadação, tarefa, feitor, tributo, tributário, um imposto na forma de trabalho forçado. Como a bíblia não fala em nenhum tributo assírio pago a Ezequias, e nenhum cativo de moços assírios sendo sujeitos pelos israelitas a trabalhos forçados, provavelmente, a melhor tradução para ‘e os seus jovens serão sujeitos a trabalhos forçados’ seria: eles desmaiariam de medo e desapareceriam, sairiam correndo deixando o exército assírio ali, sozinho.

‘De medo não atinará com a sua rocha de refúgio [NVI: ‘Sua fortaleza cairá por causa do pavor’]’ – quer dizer que a Assíria nem se daria conta da sua fortaleza (Nínive) caindo sob as ordens de destruição do Deus de Israel; ou então, Senaqueribe fugiu para Nínive ao ver a destruição misteriosa do seu exército e, provavelmente, só se sentiu seguro ao chegar lá. Mas sua confiança interior, sua fortaleza interior estava em frangalhos. Seus homens de confiança e que eram a sua força também fugiram ou estavam mortos agora.

‘Os seus príncipes, espavoridos, desertarão a bandeira [NVI: ‘ao verem a bandeira da batalha, seus líderes entrarão em pânico’], diz o Senhor, cujo fogo está em Sião e cuja fornalha, em Jerusalém’ – quer dizer: os seus generais e os principais do seu exército ficariam com medo também e nem fariam conta dos seus estandartes. Tentariam fugir. ‘Cujo fogo está em Sião e cuja fornalha, em Jerusalém’ é uma metáfora da presença forte do Deus de Israel em Jerusalém, com o fogo de Sua ira para defender Seu povo, além de ser uma metáfora da presença do Senhor no templo, onde os sacrifícios eram feitos e, como Ele mesmo disse em Levítico para os filhos de Arão (Lv 6: 9; 13): “Dá ordem a Arão e a seus filhos, dizendo: Esta é a lei do holocausto: o holocausto ficará na lareira do altar toda a noite até pela manhã, e nela se manterá aceso o fogo do altar... O fogo arderá continuamente sobre o altar [*do holocausto, era o que*

queria dizer]; não se apagará”. Como vimos em Is 29: 1-2; 7 Jerusalém era chamada ‘a Lareira de Deus’.

Capítulo 32

O reino de justiça planejado por Deus para o Seu povo – v. 1-8.

• Is 32: 1-8: “Eis aí está que reinará um rei com justiça, e em retidão governarão príncipes. Cada um [NVI: ‘Cada homem’] servirá de esconderijo contra o vento, de refúgio contra a tempestade, de torrentes de águas em lugares secos e de sombra de grande rocha em terra sedenta. Os olhos dos que vêm não se ofuscarão [NVI: ‘não mais estarão fechados’], e os ouvidos dos que ouvem estarão atentos [NVI: ‘e os ouvidos dos que ouvem escutarão’]. O coração dos temerários saberá compreender, e a língua dos gogos falará pronta e distintamente [NVI: ‘A mente do precipitado saberá julgar, e a língua gaguejante falará com facilidade e clareza’]. Ao louco nunca mais se chamará nobre, e do fraudulento jamais se dirá que é magnânimo [NVI: ‘e o homem sem caráter não será tido em alta estima’]. Porque o louco fala loucamente, e o seu coração obra o que é iníquo [NVI: ‘e só pensa no mal’], para usar de impiedade e para proferir mentiras contra o Senhor, para deixar o faminto na ânsia da sua fome e fazer que o sedento venha a ter falta de bebida [NVI: ‘deixa o faminto sem nada e priva de água o sedento’]. Também as armas do fraudulento são más; ele maquina intrigas para arruinar os desvalidos [NVI: ‘o pobre’], com palavras falsas, ainda quando a causa do pobre é justa [NVI: ‘mesmo quando a súplica deste é justa’]. Mas o nobre projeta coisas nobres e na sua nobreza perseverará [NVI: ‘Mas o homem nobre faz planos nobres, e graças aos seus feitos nobres permanece firme’]”.

Embora alguns digam que a profecia deste capítulo de Is 32: 1-8 tenha sido entregue no tempo de Acaz, bem antes da anterior, que foi dada no tempo de Ezequias, se referindo agora a ele, um tipo de Cristo, estas palavras mais se parecem com um projeto de Deus para Seu povo; um projeto de uma grande reforma no meio deles no âmbito civil e religioso e o desejo do Seu coração em relação à retidão e à justiça que os homens deveriam seguir para que os menos privilegiados pudessem encontrar segurança, abrigo, direção correta e entender o plano de Deus para suas vidas. Por juízo e justiça é entendido um governo justo, tanto na política quanto na religião. Não parece algo dito para algum rei ou sobre algum rei em especial, mas algo atemporal, que serviria para todos os crentes em todas as épocas. Também não parece se aplicar aos governantes do tempo do Messias, pois nenhum rei ou príncipe governou desta maneira reta e sábia no tempo que Ele veio a terra. Pelo contrário, a Judéia e a maior parte do mundo estavam debaixo do governo opressivo e cego de Roma. Mesmo pensando como um judeu da época de Isaías, esperando por um Messias material, que viria trazendo a libertação de Seu povo do jugo de povos gentios, idólatras, e fazendo justiça como um rei ou o comandante de um grande exército, nem assim se conseguiria este tipo de atitude humana por parte de nenhum governante na terra. Dá a impressão de algo muito espiritual da parte de Deus, atemporal mesmo, uma mensagem para ser colocada como um ‘guia’ no coração de todos os Seus filhos para que conhecessem a Sua perfeição, a perfeição do Seu reino (Is 32: 1-4). Só Jesus conseguiu isso, e o mostrou em Sua pessoa quando viveu em carne entre nós, mas transpondo essa justiça para o reino de Deus, onde ela é perfeita, e onde os dons do Espírito Santo ajudam os homens a projetar coisas nobres. Jesus veio trazer um reino espiritual, e a palavra ‘príncipes’ poderia se referir aos ministros do evangelho, colocados por Deus sobre o governo de Suas ovelhas, conduzindo-as segundo a Sua Palavra. Portanto, esta profecia é Messiânica. O rei se refere a Jesus, mesmo porque o título neste trecho na ARA é: ‘O reinado do justo Rei’ (‘rei’ com letra maiúscula).

Advertência contra as mulheres de Jerusalém e a terra destruída – v. 9-14.

• Is 32: 9-14: “Levantai-vos, mulheres que viveis despreocupadamente, e ouvi a minha voz; vós, filhas, que estais confiantes, inclinai os ouvidos às minhas palavras. Porque daqui a um ano e dias [NVI: ‘Daqui a pouco mais de um ano’] vireis a tremer, ó mulheres que estais confiantes, porque a vindima se acabará, e não haverá colheita [NVI: ‘a colheita de uvas falhará, e a colheita de frutas não virá’]. Tremei, mulheres que viveis despreocupadamente; turbai-vos, vós que estais confiantes. Despi-vos, e ponde-vos desnudas, e cingi com panos de saco os lombos [NVI: ‘Arranquem suas vestes, e vistam roupas de lamento’]. Batei no peito por causa dos campos aprazíveis e por causa das vinhas frutíferas. Sobre a terra do meu povo virão espinheiros e abrolhos [NVI: ‘roseiras bravas’], como também sobre todas as casas onde há alegria, na cidade que exulta. O palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta; Ofel [NVI: ‘a cidadela’] e a torre da guarda [NVI: ‘a torre das sentinelas’] servirão de cavernas para sempre, folga para os jumentos selvagens e pastos para os rebanhos”.

Esta parte da profecia, dentre todas as outras profecias de Isaías, é muito difícil de localizar temporalmente desde que ela foi liberada e a qual evento histórico ela se refere. Ao mesmo tempo em que nos lembra do capítulo 3: 16-26, sobre o orgulho das mulheres e seu julgamento, incluindo Is 4: 1, ela nos faz pensar sobre outra época em que ela pode ter sido cumprida. Aqui não parece ser o caso de chamar as cidades da Judéia de ‘mulheres’ ou ‘filhas’. Parece mesmo ser dirigida às mulheres de Jerusalém a respeito de um tempo de dificuldade a que elas estão alheias, por exemplo, uma época de seca ou de invasão de exércitos inimigos e, até mesmo, de deportação dos seus cidadãos. Quando a bíblia fala ‘Porque daqui a um ano e dias’ [NVI: ‘Daqui a pouco mais de um ano’] é muito diferente de outros versículos onde está escrito ‘como os anos de um jornaleiro’, ou coisa parecida, e que deixa a entender que se trata de um tempo determinado por Deus, um tempo exato que só Ele conhece a duração. O que podemos perceber aqui é que ainda demoraria mais de um ano para que o desastre acontecesse. Uma seca poderia afetar a lavoura e não haver colheita de uvas, por exemplo. As mulheres são chamadas a tirar suas vestes costumeiras, colocar pano de saco sobre si e baterem no peito, o que significa luto por alguma coisa, por exemplo, a escassez de alimento, como a falta da uva e outras culturas, pois no seu lugar crescerão espinheiros e abrolhos. A ‘cidade que exulta’ dá a entender que se trata de Jerusalém, que sempre teve motivo para se alegrar nas suas festas religiosas, e em vários eventos civis que aconteceram nela, durante o reinado de vários reis (Davi, Salomão, Ezequias, Josias, por exemplo).

Depois vem o seguinte versículo: ‘O palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta; Ofel [NVI: ‘a cidadela’] e a torre da guarda [NVI: ‘a torre das sentinelas’] servirão de cavernas para sempre, folga para os jumentos selvagens e pastos para os rebanhos’ (Is 32: 14).

Alguns estudiosos acham que ‘mulheres’ se referem a outras cidades da Judéia, que foram destruídas pelos assírios, mas este texto se refere a Jerusalém mesmo. Ofel é um nome próprio de uma colina a leste de Jerusalém, perto do Monte do Templo e da antiga cidade de Jerusalém, onde também havia um muro e uma torre (2 Cr 27: 3; 2 Cr 33: 14; Ne 3: 26-27 – Strong #6077 – ‘ophel – העופל). Mas aqui em Isaías 32: 14 (‘Ofel e a torre da guarda servirão de cavernas para sempre’) a mesma palavra hebraica (‘ophel – Strong #6076) é usada como um substantivo comum, e significa ‘elevação’, ‘fortaleza, forte (fortificação), torre’, designando as torres altas e as fortificações de Jerusalém, construídas com rochas que, quando demolidas, serviam de cavernas para ladrões e animais selvagens. Por isso, na versão de King James em inglês, a palavra usada para ‘fortaleza’ ou ‘fortificação’ é ophel (‘ophel), e ‘torres’, ou ‘torre da guarda’ (ARA-PT) é

bachan (Strong #975), que significa: torre, uma torre de vigia. O termo ‘torre da guarda’ [NVI: ‘a torre das sentinelas’] pode se referir a uma das torres importantes da cidade, como a Torre dos Cem (Ne 3: 1), em hebraico, meah (me’â), que significa ‘cem’, e que ficava a nordeste da cidade, ao norte do muro de Ofel. Não se sabe exatamente porque se chamava a Torre dos Cem; se é porque tinha uma altura de cem côvados (quarenta e cinco metros), ou se era pelo número de soldados que ficavam de vigia nela. Além do que nenhuma outra cidade menor da Judéia precisava de cem soldados numa única torre de vigia; Jerusalém, sim, por ser cidade real.

A bíblia também diz que ‘O palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta’. O palácio pode significar a casa real ou o templo, uma moradia importante que Deus entregou nas mãos do inimigo. A cidade ficará deserta, sem pessoas, o que sugere uma fuga dos seus habitantes ou um exílio dos mesmos. Até as torres e fortalezas ficarão sem soldados e servirão de cavernas para os jumentos selvagens.

Vamos pensar nos reis assírios que invadiram Israel:

Em 732 AC o rei assírio Tiglate-Pileser III (745-727 AC) capturou Damasco e anexou o território de Israel desde o norte da planície de Jezreel, deixando Oséias a governar o restante do reino do norte como seu vassalo (2 Rs 17: 3). Quando Oséias se revoltou e pediu auxílio ao Egito (2 Rs 17: 4), Salmaneser V (727-722 AC) sitiou Samaria por três anos (2 Rs 17: 5; 2 Rs 18: 9-11 – no 4º ano de Ezequias, e o 7º de Oséias), enquanto seu sucessor Sargom II (722-705 AC) a capturou no ano em que subiu ao trono – Exílio de Israel para a Assíria em 722 AC (2 Rs 18: 10 – no 6º ano de Ezequias, e o 9º de Oséias). O rei da Assíria transportou o povo de Israel para a Assíria e o fez habitar em Hala, junto a Habor e ao rio Gozã, e nas cidades dos Medos. No lugar da população israelita, foram trazidos os habitantes da Babilônia, de Cuta, Ava, Hamate e Sefarvaim.

Em 701 AC, Senaqueribe (705-681 AC) marchou contra a Síria, cercou Sidom, e marchou para o sul, a fim de atacar Asquelom. Invadiu o Reino de Judá, tendo tomado quarenta e seis cidades fortificadas. Sitiou Laquis com sucesso (2 Rs 18: 13-14; 17; Mq 1: 13) e foi para Jerusalém para atacar Ezequias (2 Rs 18: 17-19). Foi quando ele enviou Tartã (general ou comandante chefe), Rabe-Saris (seu oficial principal) e Rabsaqué (comandante de campo) para exigir a rendição de Ezequias e de Jerusalém. Mas pela intervenção de Deus, matando os soldados assírios, o rei fugiu e Jerusalém não foi invadida. Portanto, essa profecia não se encaixaria neste período histórico. Seu sucessor, Esar-Hadom (681-669 AC), fez uma grande expedição contra o delta egípcio em 672 AC, instalando governadores assírios em Tebas e Mênfis, e Assurbanipal (669-627 AC) depois dele, guerreou contra o Egito em três árduas campanhas e capturou Tebas (Na 3: 8, ‘Nô-Amom’) em 661 AC. Nenhum deles esteve preocupado com Jerusalém naquela época. Não muitos anos depois, Nínive caiu (612 AC), e com ela, o império assírio. O próximo inimigo de Israel e que realmente destruiu a cidade foi Nabucodonosor, e o panorama descrito acima poderia se encaixar neste momento histórico.

Este trecho de Is 32: 9-14 (bem como Is 3: 16-26; Is 4: 1) poderia se referir ao rei de Israel, Peca (740-732 AC), que invadiu as cidades de Judá e matou cento e vinte mil homens em um dia, ao mesmo tempo em que duzentas mil mulheres, com filhos e filhas, foram levadas cativas pelos israelitas (2 Cr 28: 6; 8); depois foram devolvidas. Mas não houve ataque à cidade de Jerusalém.

A única situação mais aceitável para essa passagem seria referente à destruição de Nabucodonosor em 586 AC, mas a expressão ‘Porque daqui a um ano e dias’ ou ‘Daqui a pouco mais de um ano’ não poderia designar um tempo exato; seria ‘um determinado tempo’ estabelecido por Deus.

O que mais interessa para nós aqui é a mensagem de Deus sobre deixar a futilidade, o pecado e o sono espiritual e estar atento à realidade, pois quando Ele determina um tempo de prova ou julgamento, é preciso estar preparado para ele, e mais do que isso, estar disposto a entender o porquê desta aflição e pedir perdão ao Senhor para que o cativo cesse.

Derramamento do Espírito para uma restauração – v. 15-20.

• Is 32: 15-20: “... até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto; então, o deserto se tornará em pomar [NVI: ‘campo fértil’], e o pomar será tido por bosque [NVI: ‘e o campo fértil pareça uma floresta’]; o juízo [NVI: ‘justiça’] habitará no deserto, e a justiça [NVI: ‘retidão’] morará no pomar. O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre. O meu povo habitará em moradas de paz, em moradas bem seguras e em lugares quietos e tranquilos, ainda que haja saraivada [ou saraiva: *forte chuva de granizo ou grande quantidade de coisas que se atiram repentinamente, como flechas, por exemplo*], caia o bosque e seja a cidade inteiramente abatida. Bem-aventurados vós, os que semeais junto a todas as águas e dais liberdade ao pé do boi e do jumento [NVI: ‘deixando soltos os bois e os jumentos!’]”.

Esses versículos dão seqüência à advertência de destruição descrita acima e prometem uma restauração através do derramamento do Espírito. Em hebraico, o verbo ‘derramar’ significa: ‘revelar de forma evidente e em abundância’, ou seja, derramar Seu Espírito do céu sobre Seu povo, o que foi plenamente realizado nos dias do Messias. O campo fértil ou pomar pode ser igualado à metáfora da vinha, como sendo o povo de Deus. Isso significa que o que estava deserto e assolado pelo pecado renascerá e florescerá. E o que parecia apenas um campo será uma floresta. Isso nos lembra o que está escrito em Jó 14: 7-9: “Porque há esperança para a árvore, pois mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas, brotará e dará ramos como a planta nova”.



A misericórdia e a bondade de Deus, consumando o Seu juízo e fazendo a justiça, trarão como fruto, a paz, o repouso e a segurança, porque já não haverá medo da punição. A aliança com Deus foi refeita. Isso foi realizado através de Jesus na cruz, trazendo a reconciliação dos filhos com o Pai, pois o pecado foi definitivamente propiciado, e o perdão, ampla e definitivamente liberado. O fato de os judeus não aceitarem este sacrifício ou não verem Jesus mais do que apenas um profeta já é outra questão. O que Deus havia planejado para o Seu povo, mas recebido pelos gentios, foi fazê-los ‘habitar em moradas de paz, em moradas bem seguras e em lugares quietos e tranquilos, ainda que haja saraiva [ou saraivada; forte chuva de granizo ou grande quantidade de coisas que se atiram repentinamente, como flechas, por exemplo], caia o bosque e seja a cidade inteiramente abatida’. Podemos interpretar isso como: ter a consciência de que nós somos o templo, a casa espiritual do Espírito de Deus, onde há paz, repouso e segurança, apesar do que estiver acontecendo fora de nós, no mundo, na vida dos incrédulos e no mundo espiritual.

• Is 32: 20: “Bem-aventurados vós, os que semeais junto a todas as águas e daiis liberdade ao pé do boi e do jumento [NVI: ‘deixando soltos os bois e os jumentos!’]”.

Um comentário sobre o boi e o jumento:

O boi era usado como alimento (Dt 14: 4; 1 Rs 1: 25; 1 Rs 19: 21; Ne 5: 18; Is 22: 13; Mt 22: 4), como sacrifício no templo (Êx 20: 24; Lv 7: 4; 23; Lv 9: 4; 18; Nm 7: 3; 17; 53; Jz 3: 26), como transporte de carga e carros (2 Sm 6: 6; 1 Cr 12: 40; 1 Cr 13: 9), para lavrar a terra (Dt 22: 10; Dt 14: 10; Is 30: 24) ou para debulhamento e moagem (grãos e até azeite – Dt 25: 4; 1 Co 9: 9; 1 Tm 5: 18).

O boi simbolizava a força física, o suprimento, a provisão, a riqueza e a abundância, além de ser um animal usado na adoração a Deus. Por isso, os bois que sustentavam o mar de bronze de Salomão (1 Rs 7: 25; 2 Cr 4: 4).

O jumento é símbolo de docilidade, humildade, servidão ou serviço (Gn 22: 3; 5; Gn 42: 26-27; Gn 44: 13; Gn 49: 14; Êx 23: 5; Nm 22: 27; 32; Dt 22: 10; Js 9: 4; 1 Sm 16: 20; 1 Sm 25: 18; 2 Sm 16: 1-2; 1 Rs 13: 29; 1 Cr 12: 40; 2 Cr 28: 15; Pv 26: 3; Is 1: 3; Is 30: 6; Is 30: 24; Is 32: 20). Era o meio de transporte mais comum (Êx 4: 20; Nm 22: 21-23; 25; Js 15: 18; Jz 1: 14; Jz 19: 3; Jz 19: 10; 19; 21; 28; 1 Sm 25: 20; 23; 42; 2 Sm 17: 23; 2 Sm 19: 26; 1 Rs 2: 40; 1 Rs 13: 13; 23; 24; 27; 28; 2 Rs 4: 22; 24; Zc 9: 9), assim como levavam cargas e ajudavam na elevação de água e outros trabalhos (Gn 45: 23; Êx 23: 5; 1 Sm 25: 18; 2 Sm 16: 1; 1 Cr 12: 40; Ne 13: 15; Is 30: 6). Também era um animal usado para os trabalhos domésticos (Gn 22: 3; 5; Gn 36: 24; 1 Sm 10: 2; 14; 16; Jó 1: 14).

O boi e jumento descansavam no 7º dia, segundo a Lei (Êx 23: 12; Dt 5: 14).

O boi e do jumento eram usados para arar e cultivar a terra (Is 30: 24) e para torná-la adequada para semear a semente. Não poderiam trabalhar juntos na mesma canga (“Não lavrarás com junta de boi e jumento” – Dt 22: 10; Dt 14: 10).

Mais freqüentemente, o boi era usado para arar (abrir os sulcos e puxar o trilho para esfarelar os torrões de terra depois da passagem do arado, antes da semeadura); isso por causa de sua força (1 Rs 19:19; Jó 1: 14; Pv 14: 4; Jr 51: 23; Am 6: 12; Lc 14: 19). Mas também faziam o serviço de debulha (Dt 25: 4; 1 Co 9: 9; 1 Tm 5: 18). Os jumentos eram mais comumente usados depois, na colheita, na debulha e na moagem dos cereais (grãos e até azeite).

O profeta termina dizendo que são felizes (“Bem-aventurados”) aqueles que podem semear junto a todas as águas, deixando soltos os bois e os jumentos! Materialmente falando, isso dizia respeito a uma vida de paz, sem opressão ou medo de ataques.

‘Semear junto águas’ – para que a cultura de cereais seja bem regada, por exemplo, o trigo ou o arroz.

‘Dar liberdade ao boi ou ao jumento’ – para pastar e descansar, como estava prescrito na Lei no dia do descanso (7º dia – Êx 23: 12; Dt 5: 14).

O significado espiritual disso é: ter a alegria de semear o evangelho de Cristo onde estão os corações amolecidos e receptivos à palavra de salvação que vem do Espírito de Deus, pois seus corações são boas terras e a semente semeada cresce, produzindo muito fruto, o que recompensa amplamente as dores do semeador.

‘Semear junto a todas as águas’ indica a total liberdade de semear e ensinar a Palavra de Deus em todo o mundo (‘águas’ = ‘nações’; conseqüentemente, ‘pessoas que aceitam o Evangelho e chegam ao arrependimento, são batizadas na águas e nascem de novo’, tanto judeus como gentios).

Isso também abrange a grande força de Deus, Sua unção e os vários dons derramados pelo Espírito Santo, a fonte de águas vivas e inesgotáveis para nós.

Analisando o comentário acima, nós podemos notar que o boi e o jumento são símbolos de estar ocupado no serviço do Senhor, tanto na pregação do evangelho quanto no ensino da igreja de Deus (1 Co 9: 9-10; 1 Tm 5: 17-18). Assim, os ministros do Evangelho (evangelistas, pregadores, pastores e mestres) são os pacientes trabalhadores da seara de Deus, e que são cuidados por Ele e administram seus dons com sabedoria.

Em Dt 25: 4 está escrito: ‘Não atarás a boca do boi quando debulha’; uma palavra repetida em 1 Co 9: 9 (‘Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi, quando pisa o trigo. Acaso, é com bois que Deus se preocupa?’) e 1 Tm 5: 18 (‘Pois a Escritura declara: Não amordaces o boi, quando pisa o trigo. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário’).

Em 1 Coríntios, Paulo completa nos versículos seguintes: ‘Ou é, seguramente, por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois o que lavra cumpre fazê-lo com esperança; o que pisa o trigo faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida. Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?’ (1 Co 9: 10-11). Isso nos leva a entender que tanto em Deuteronômio, quanto em Isaías e no NT, a semeadura no reino de Deus almejando a salvação de vidas traz atrelada a ela uma promessa de sustento e provisão do próprio Deus por fazer este trabalho e engrandecer o Seu nome.

Capítulo 33

O destruidor será destruído e a oração do profeta – v. 1-5.

- Is 33: 1-5: “Ai de ti, destruidor que não foste destruído, que procedes perfidamente e não foste tratado com perfídia! [NVI: ‘Ai de você, traidor, que não foi traído!'] Acabando tu de destruir, serás destruído, acabando de tratar perfidamente, serás tratado com perfídia. Senhor, tem misericórdia de nós; em ti temos esperado; sê tu o nosso braço manhã após manhã [NVI: ‘nossa força cada manhã'] e a nossa salvação no tempo da angústia. Ao ruído do tumulto [NVI: ‘Diante do trovão da tua voz'], fogem os povos; quando tu te ergues, as nações são dispersas. Então, ajuntar-se-á o vosso despojo como se ajuntam as lagartas; como os gafanhotos saltam, assim os homens saltarão sobre ele [NVI: ‘Como gafanhotos novos os homens saquearão vocês, ó nações; tomarão posse do despojo como gafanhotos em nuvem']. O Senhor é sublime, pois habita nas alturas; encheu a Sião de direito e de justiça”.

O versículo 1 se refere ao rei da Assíria, Senaqueribe, que destruiu a terra de Judá. Quando chegar o seu tempo determinado, Deus vai tirar o seu poder que ele usou de maneira injusta. Os caldeus farão o mesmo com os assírios, como fizeram os assírios a Israel; e os medos e persas farão o mesmo com os caldeus. Da mesma forma pérfida que Senaqueribe agiu, seus filhos agiriam para com ele.

‘Senhor, tem misericórdia de nós!’ – O profeta contempla o juízo que agora estava vindo sobre o povo e dirige a sua oração a Deus por eles. O Seu braço é a força e a salvação do Seu povo. A bíblia diz que as misericórdias do Senhor se renovam a cada manhã. E era isso o que o profeta estava sentindo necessidade, e nesse momento pedia a Deus: que Ele se lembrasse deles a cada oração que eles fizessem suplicando alívio para a sua angústia. Ele cria no poder e autoridade de Deus para destruir qualquer força inimiga. Diante do trovão da voz de Deus os assírios sentiriam terror e espanto, assim como os soldados das muitas nações que compunham o seu exército. Deus havia feito isso no passado com todos os inimigos de Israel e o faria novamente. Essa era a fé do profeta ao dirigir esta oração a Ele. Tudo poderia ser revertido, ou seja, os despojos que os assírios haviam tomado dos judeus, estes, com a ajuda de Deus, poderiam retomar dos seus inimigos. Em sua visão, o profeta vê a vitória do povo de Israel e exalta o nome do Senhor, que habita no alto e exerce a Sua justiça sobre todos os povos.

Uma promessa de salvação – v. 6.

- Is 33: 6: “Haverá, ó Sião, estabilidade nos teus tempos, abundância de salvação, sabedoria e conhecimento; o temor do Senhor será o teu tesouro [NVI: ‘Ele será o firme fundamento nos tempos a que você pertence, uma grande riqueza de salvação, sabedoria e conhecimento; o temor do Senhor é a chave desse tesouro’]”. No original está escrito: ‘o temor do Senhor é um tesouro da parte dele’.

Aqui o profeta parece se dirigir a Ezequias, confirmando a estabilidade do seu reinado ao receber de Deus o perdão e, conseqüentemente, a salvação, a sabedoria e o conhecimento do Senhor. O temor do Senhor seria um grande tesouro que ele ganharia, pois em temendo a Ele e seguindo Seus caminhos e obedecendo à Sua vontade, Ezequias e toda a nação seriam beneficiados e abençoados. Quando se fala neste versículo, muitas pessoas o transpõem para o tempo do Messias, mas é obvio que todos esses versículos podem se encaixar em todas as situações pelas quais o povo de Deus tiver que passar em todas as eras. Entretanto, o versículo em questão dizia respeito àquele momento em especial, quando Deus estava dando ao Seu povo, não apenas mais

um livramento, como também uma nova chance de reatar a comunhão com Ele para que muitos outros julgamentos futuros pudessem ser evitados.

A angústia e a situação de Israel – v. 7-9.

• Is 33: 7-9: “Eis que os heróis pranteiam de fora [NVI: ‘Vejam! Os seus heróis gritam nas ruas’], e os mensageiros de paz estão chorando amargamente [NVI: ‘Vejam! Os seus heróis gritam nas ruas; os embaixadores da paz choram amargamente’]. As estradas estão desoladas, cessam os que passam por elas; rompem-se as alianças, as cidades são desprezadas [No texto Massorético, ‘as cidades’; nos manuscritos do Mar Morto está escrito: ‘suas testemunhas’], já não se faz caso do homem. A terra geme e desfalece; o Líbano se envergonha e se murcha; Sarom se torna como um deserto, Basã e Carmelo são despidos de suas folhas”.

O profeta descreve até que ponto chegou a angústia e a situação de todo o Israel: os homens valentes choravam nas ruas de todas as cidades, não só de Jerusalém, pois tinham medo do inimigo e sentiam que Deus não os estava apoiando como antes por causa do seu pecado. Eles se sentiam impotentes diante de uma situação perigosa, de uma invasão prestes a acontecer. Até Ezequias se sentia perplexo e angustiado.

“Os mensageiros de paz estão chorando amargamente. As estradas estão desoladas, cessam os que passam por elas; rompem-se as alianças, as cidades são desprezadas, já não se faz caso do homem”: esses dois versículos podem significar coisas diferentes porque as várias versões bíblicas causam confusão.

Vamos explicar melhor:

• Na KJV, em Inglês, é usado o pronome ‘ele’ (‘he’) para frase ‘ele quebrou a aliança... ele não considera homem algum’; ‘he’ (‘ele’) diz respeito a um ser animado, um homem, por exemplo.

Nas outras versões em Inglês (NRSV e NIV) é usado o pronome impessoal ‘its’ (se referindo não a um ser humano e sim algo inanimado) para a frase: ‘O tratado é quebrado, seus juramentos são desprezados, sua obrigação é desconsiderada’ (NRSV) ou ‘Rompeu-se o acordo, suas testemunhas (Texto Massorético: ‘as cidades’) são desprezadas, ninguém é respeitado’ (NIV). Assim, as duas últimas versões em inglês e a NVI em Português (‘Rompeu-se o acordo, suas testemunhas são desprezadas, não se respeita ninguém’) são mais compatíveis com a ARA, que escreve: “os mensageiros de paz estão chorando amargamente. As estradas estão desoladas, cessam os que passam por elas; rompem-se as alianças, as cidades são desprezadas, já não se faz caso do homem”.

Portanto, não foi Senaqueribe que quebrou o pacto ou a aliança de paz com Ezequias, como sugerem alguns estudiosos se baseando no texto de 2 Rs 18: 14-18: “Então, Ezequias, rei de Judá, enviou mensageiros ao rei da Assíria, a Laquis, dizendo: Errei; retira-te de mim; tudo o que me impuseres suportarei. Então, o rei da Assíria impôs a Ezequias, rei de Judá, trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro. Deu-lhe Ezequias toda a prata que se achou na Casa do Senhor e nos tesouros da casa do rei. Foi quando Ezequias arrancou das portas do templo do Senhor e das ombreiras o ouro de que ele, rei de Judá, as cobrira, e o deu ao rei da Assíria. Contudo, o rei da Assíria enviou, de Laquis, a Tartã, a Rabe-Saris e a Rabsaqué, com um grande exército, ao rei Ezequias, a Jerusalém; subiram e vieram a Jerusalém. Tendo eles subido e chegado, pararam na extremidade do aqueduto do açude superior, junto ao caminho do campo do Lavandeiro. Tendo eles chamado o rei, saíram-lhes ao encontro Eliaquim, filho de Hilquias, o mordomo, Sebna, o escrivão, e Joá, filho de Asafe, o cronista”.

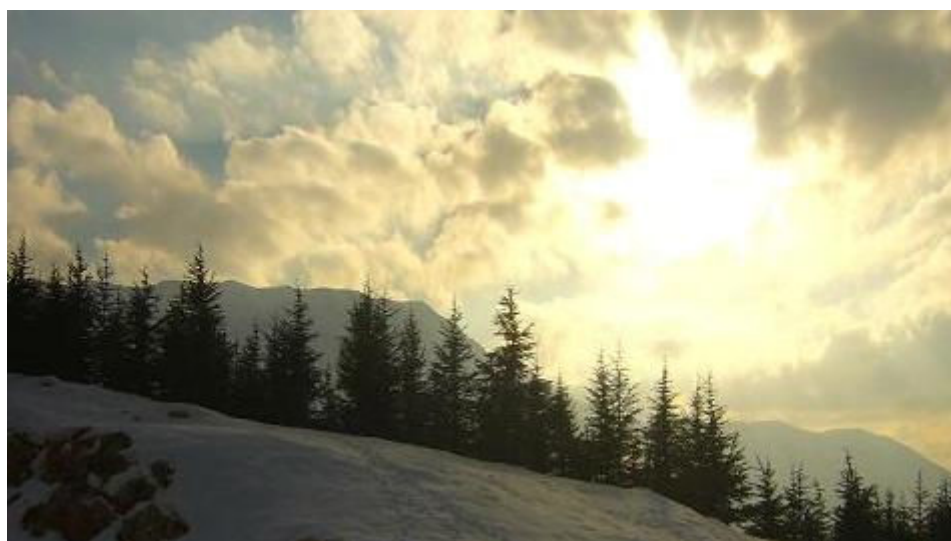
Não foi Senaqueribe que quebrou a aliança com Ezequias, mas as alianças entre as pessoas se quebravam por causa da situação pela qual elas estavam passando.

‘Os embaixadores da paz’ ou ‘os mensageiros de paz estão chorando amargamente’ pode ser referir a qualquer pessoa que o rei pudesse enviar aos assírios solicitando uma trégua ou, se pensarmos de uma maneira espiritual no que estava acontecendo naquele momento com o povo e também em capítulos anteriores quando o próprio profeta disse que ninguém respeitava mais o velho ou o órfão, nós podemos chegar à conclusão que um povo oprimido, desesperado, pecaminoso e maldoso, como a bíblia descreveu até aqui, e que justamente por isso estava sofrendo a punição de Deus, não era mais sensível à conciliação com ninguém; qualquer pessoa que tentasse acalmar os ânimos naquele momento, ser um mensageiro de paz, ou que ainda pudesse acreditar nas palavras do profeta, choraria amargamente porque seria frustrado nas suas boas intenções; não pôde obter seus desejos.

‘As estradas estão desoladas, cessam os que passam por elas; rompem-se as alianças, as cidades são desprezadas, já não se faz caso do homem’ significa que todos estavam numa expectativa, não tinham vontade nem coragem de sair de casa ou viajar por causa da destruição que os assírios causaram nas outras cidades de Judá; ninguém confiava em ninguém e não se fazia alianças nem tratados de paz ou de qualquer outro gênero, seja Ezequias com os embaixadores de Senaqueribe, seja um cidadão com outro, pois o respeito mútuo já havia desaparecido.

Resumindo em poucas palavras: falta de Deus. A bíblia é muito clara nisso. Deus é amor, e quem ama o conhece. Quem não ama não conhece a Deus. Quem ama a Deus tem condição de amar o seu próximo; quem não ama a Deus e nem o conhece não tem condição de dar amor a ninguém. E a bíblia também fala que o perfeito amor lança fora todo o medo, e quem teme não está aperfeiçoado no amor. Se as condições espirituais e emocionais daquele povo estavam tão deploráveis a ponto de o Senhor ser incapaz de conter Sua ira por mais tempo, é óbvio que eles estavam entregues a si mesmos para sua própria destruição, para não falar nas mãos de Satanás.

Quando nós começamos a estudar um pouco a História Geral para podermos entender melhor certas passagens bíblicas, começamos a perceber quanta maldade havia naquelas guerras e quantos atos absolutamente deploráveis daqueles guerreiros, e isso nos dá uma idéia de como ficava a terra, a vegetação, os animais, as colheitas e todo tipo de área que um dia foi fértil. Depois de uma queimada, ou depois da destruição de canais de água ou contaminação de poços de água potável, o que esperar de uma floresta como a do Líbano ou de uma planície fértil de Judá com cultivo de videiras, trigo, figueiras, oliveiras etc.?



Cedros do Líbano

‘O Líbano se envergonha e se murcha; Sarom se torna como um deserto, Basã e Carmelo são despidos de suas folhas’.

O Líbano é famoso por causa de sua coberta de densa floresta. Ampla precipitação de chuva de novembro a março e as cadeias de pedra calcária dão origem a muitas fontes e riachos. Ao sul das montanhas há cultivo de jardins, bosques de oliveiras, vinhedos e pomares de frutas (amoras, figos, maçãs, damascos, nozes) e pequenos campos de trigo. A vegetação florestal é de murta, coníferas e enormes cedros, portanto, é símbolo de fertilidade e de tirar gozo e proveito da vida e de uma plantação, tirar proveito dos frutos.



Planície de Sarom

Sarom é a maior planície costeira da parte norte da Palestina à beira do Mediterrâneo, ao sul do Monte Carmelo. Fica entre os extensos pantanais do baixo curso do Nahr az-Zarqa (ou Nahal Taninim) ao norte (marca o extremo sul do Monte Carmelo), e o vale de Aijalom e Jope no sul, ou seja, até o rio Jarcom (em hebraico: Yarqon), no sul, no limite norte de Tel Aviv. O rio Zarqa (em árabe, Nahr az-Zarqā, ‘o rio azul’, onde nahr significa ‘rio’ e zarqa significa ‘azul’) é comumente identificado com o Rio Jaboque descrito na bíblia (atualmente o rio está altamente poluído). O rio Jarcom é o limite natural entre Sarom e a Filístia. A extensão da planície de Sarom é de oitenta quilômetros de Norte a Sul, e sua largura é de quatorze ou dezesseis quilômetros de leste a oeste. Há milhares de anos, os riachos escavaram parcialmente uma valeta longitudinal no lado leste em direção ao Jordão, e os vales dessa valeta tendiam a ser pantanosos. Por isso, no que tange à ocupação humana, apenas na fronteira sul de Sarom é que a terra era mais apropriada para ser povoada, sendo claro que a maior parte de Sarom jamais foi colonizada pelos israelitas. Por muito tempo permaneceu um deserto (Is 33: 9), sendo usado apenas como pastagem (1 Cr 5: 16; Is 65: 10). Nos tempos bíblicos a área norte era densamente coberta de carvalhos (*Quercus infectoria*), sendo hoje um dos mais ricos distritos agrícolas de Israel, plantado com bosques de laranjeiras. Não havia fertilidade na região pantanosa.

O Monte Carmelo (karmel, ‘terra ajardinada’, ‘terra frutífera’) fica próximo à planície de Sarom e é revestido de muita vegetação e bosques luxuriantes. A palavra ‘karmel’ em hebraico pode ser usada como substantivo comum com este sentido (2 Rs 19: 23: ‘fértil pomar’). Pode ser usada para indicar grãos frescos de cereais (Lv 23: 14: ‘espigas verdes’). O Carmelo é uma cadeia de colinas com quarenta e oito quilômetros de extensão, na direção Noroeste para Sudeste do Mediterrâneo (praia sul da baía de Acre) para a planície de Dotã. O Monte Carmelo é a serra principal (altura máxima de quinhentos e vinte e três metros), no extremo Noroeste. Apesar de ser uma região densamente coberta de vegetação, era escassamente habitada. A vegetação luxuriante do Carmelo é refletida em Am 1: 2; Am 9: 3; Mq 7: 14; Na 1: 4; Ct 7: 5.



Monte Carmelo



Monte Carmelo

Basã é a terra a leste do rio Jordão, que antes da entrada do povo em Canaã pertencia aos amorreus. Quando Moisés venceu seus reis (Seom, rei dos amorreus, e

Ogue, rei de Basã – Js 12: 1-6; Nm 21: 21-35; Dt 2: 26-37; Dt 3: 1-13), a terra foi dada às tribos de Rúben, Gade e meia tribo de Manassés, pois era terra rica em pastagem e bastante favorável ao gado.

Agora, pense no versículo: ‘O Líbano se envergonha e se murcha; Sarom se torna como um deserto [NVI: ‘é como a Arabá’], Basã e Carmelo são despídos de suas folhas’.

O Líbano perdeu parte de sua vegetação, pois é muito provável que os antepassados de Senaqueribe [seu pai e seu avô, Sargom II (722-705 AC) e Salmaneser V (727-722 AC), respectivamente], ao invadir Tiro (na Fenícia), Asdode na Filístia e Samaria, ao norte de Judá, deixaram seu rastro de destruição, cortando até árvores para levar a cabo seu cerco sobre essas cidades. De forma poética, o profeta Isaías descreve isso dizendo que o Líbano estava murcho e se envergonhava por causa de sua falta de beleza e exuberância.

Sarom havia se tornado um deserto, ou seja, o que antes foi um pântano e, logicamente, um lugar úmido, agora se parecia um deserto. Seja por que causa for: por guerras ou por catástrofe real da natureza ou apenas uma linguagem figurada para descrever sua desolação, isso nos mostra uma situação deplorável de Israel. A NVI usa a palavra Arabá, ao invés de deserto. Arabá (Dt 1: 1) é um vocábulo que provém de uma raiz hebraica que significa ‘seco, terra desolada, planície’ e é usada para descrever as estepes do deserto. Arabá (‘arabah – Strong #6160) é um vale cheio de fendas que corre do Mar da Galiléia até o golfo de Aqaba. O Mar Morto é também chamado de Mar de Arabá. É uma região realmente seca e desértica.

Basã e Carmelo são despídos de suas folhas, ou seja, perdem a sua folhagem. Sendo por causa de guerras ou porque Deus trouxe uma grande seca sobre a região, isso era desolador para qualquer um.

Deus vai agir e será exaltado – v. 10-13.

- Is 33: 10-13: “Agora, me levantarei, diz o Senhor; levantar-me-ei a mim mesmo; agora, serei exaltado. Concebestes palha, dareis à luz restolho; o vosso bufo enfurecido é fogo que vos há de devorar. Os povos serão queimados como se queima a cal; como espinhos cortados, arderão no fogo. Ouvi vós, os que estais longe, o que tenho feito; e vós, os que estais perto, reconhecei o meu poder”.

Naquele momento, Deus estaria se levantando do Seu trono, da Sua posição de observador da situação, para uma ação real, a fim de libertar Seu povo e mostrar Sua glória às nações, as de perto e as de longe, que ouvissem a notícia do que Ele havia feito em Israel. Quando ele diz: ‘Concebestes palha, dareis à luz restolho; o vosso bufo enfurecido é fogo que vos há de devorar’, Ele estava falando com os assírios. A ira com que eles investiram contra Judá e Jerusalém se viraria contra eles mesmos. Suas expectativas seriam frustradas. Eles seriam queimados pelo fogo da ira de Deus como espinhos. Todos os outros povos, os perto e os de longe, os daquele tempo e os que viriam depois (para os quais estes escritos seriam deixados) veriam o que o Senhor era capaz de realizar, e reconheceriam o Seu poder: ‘Ouvi vós, os que estais longe, o que tenho feito; e vós, os que estais perto, reconhecei o meu poder’. Em Tg 1: 20 há uma palavra escrita, mais ou menos parecida com essa: “Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus”.

Os pecadores em Sião terão muito a responder, acima de outros pecadores – v. 14.

- Is 33: 14: “Os pecadores em Sião se assombram, o tremor se apodera dos ímpios; e eles perguntam: Quem dentre nós habitará com o fogo devorador? Quem dentre nós habitará com chamas eternas?”

Os pecadores em Sião, os que não acreditavam nas palavras do profeta e se comportavam como ímpios, agora estavam sentindo o terror, pois viram o que Deus foi capaz de fazer com os assírios no fogo do Seu zelo. E este mesmo fogo poderia consumi-los também pelos seus pecados, que eram como gravetos colocados na fogueira da ira de Deus, ou seja, seu comportamento incrédulo e maldoso alimentava o sentimento de ira divina para poder julgá-los dessa maneira. Ao sentir dentro de si o tremor do juízo de Deus, eles perguntavam uns aos outros: “Quem dentre nós habitará com o fogo devorador? Quem dentre nós habitará com chamas eternas?” Essa é uma palavra mais ou menos parecida com a de Jr 30: 21b: “pois quem de si mesmo ousaria se aproximar de mim? — diz o Senhor”. A vontade deles era fugir para outro lugar, para o Egito, por exemplo, para se livrar de permanecer ali e ver e sentir a ação de Deus numa situação daquelas. Em Hb 12: 29 está escrito: “porque o nosso Deus é fogo consumidor” (cf. Dt 4: 24: “Porque o Senhor, teu Deus, é fogo que consome, é Deus zeloso”). Parece que a primeira manifestação de Deus ao Seu povo no Monte Sinai ainda continuava vívida em sua memória, mesmo tendo acontecido há muitos séculos, e que fora transmitida de geração e geração como uma forma de fazê-los respeitá-lo e honrá-lo como o único Deus, um Deus vivo. Justamente por ter seus olhos e ouvidos fechados pelo próprio Deus às palavras proféticas (lembre-se do chamado de Isaías – Is 6: 9-10), eles não assimilavam a maneira de andar em retidão, e que era o único caminho para aproximá-los dEle, sem o temor de serem destruídos.

Quem pode estar na presença de Deus e não ser consumido por Suas chamas – v. 15-16.

• Is 33: 15-16: “O que anda em justiça e fala o que é reto; o que despreza o ganho de opressão [NVI: ‘lucro injusto’]; o que, com um gesto de mãos, recusa aceitar suborno; o que tapa os ouvidos, para não ouvir falar de homicídios, e fecha os olhos, para não ver o mal, este habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio, o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas [NVI: ‘água não lhe faltará’]”.

Aqui o Senhor mostrava a eles um caminho certo e simples de serem aceitos por Ele, sentirem a Sua presença e serem protegidos e supridos; era a mesma coisa que já tinha sido dita desde Moisés, mas que o povo parecia se esquecer sempre: andar em retidão no falar e no agir; ganhar o seu dinheiro com justiça, sem lucro injusto; recusar suborno para não julgar erradamente uma causa; tapar os ouvidos para não falar em homicídios ou qualquer coisa que tende à crueldade ou à vingança própria; fechar seus olhos para o mal, da mesma forma que o Senhor tem aversão ao pecado e suas conseqüências (Hc 1: 3). O profeta Miquéias, contemporâneo de Isaías, disse a mesma coisa, mas em outras palavras: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6: 8). Isso significa que aquele que souber resistir às tentações e conseguir conservar a pureza de sua alma, este conseguirá habitar com ‘as chamas eternas’, pois descobrirá outro tipo de chama; não a chama da ira de Deus, mas a chama do avivamento do Seu Espírito, que protege este filho ou filha de Deus em todos os momentos, mesmo em tempos de tribulação, quando o mundo ao redor sente o Seu julgamento. O Senhor o (a) manterá em lugar alto, seguro e protegido, onde o mal não pode tocá-lo (a), e onde haverá provisão sempre: o pão do céu, a palavra de Deus, para manter seu espírito fortalecido e no caminho certo; e as águas do Seu Espírito, que trazem o consolo à sua alma e não a deixa desfalecer ou perder a fê e a esperança na promessa dada.

A segurança de Deus e um futuro de esperança, a felicidade do Seu povo – v. 17-24.

• Is 33: 17-18: “Os teus olhos verão o rei na sua formosura, verão a terra que se estende até longe [NVI: ‘Seus olhos verão o rei em seu esplendor e vislumbrarão o território em toda a sua extensão’]. O teu coração se recordará dos terrores, dizendo: Onde está aquele que registrou, onde, o que pesou o tributo, onde, o que contou as torres? [NVI: ‘Em seus pensamentos você lembrará terrores passados: Onde está o oficial maior? Onde está o que recebia tributos? Onde o encarregado das torres?’]”.

Em primeira instância, trata-se de Ezequias, depois de ter recebido de Deus o livramento da ameaça de jugo assírio. O povo poderia vê-lo com suas vestes reais, e com seu rosto desanuviado de problemas, retomando sua forma justa de governo. E eles também veriam novamente seu território em toda a sua extensão, sem ocupantes de outras terras ímpias nela. Eles só se lembrariam dos assírios como águas passadas; eles se lembrariam dos seus oficiais que haviam sido colocados em Judá para supervisionar a terra: os escribas que ficavam registrando todos os acontecimentos para, depois, enviar o relatório ao rei inimigo, junto com os oficiais destacados para recolher os impostos; e os secretários de guerra para se encarregar dos soldados nas torres de vigia, ou para decidir quais as torres ou fortificações deveriam ser feitas ou reparadas. Os judeus não estariam mais trancados dentro das cidades por causa do cerco, mas teriam a liberdade de ir e vir como era antes. Poderiam ver outros países em redor quando se aproximassem de suas fronteiras. A lembrança do susto não mais traria medo aos seus corações.

Numa segunda interpretação, trata-se de uma visão messiânica para os descendentes dos que viviam naquele tempo do AT, que um dia veriam naquela mesma cidade e com seus próprios olhos, o Messias, Jesus, em suas vestes gloriosas, com Sua presença preenchendo toda terra de Israel e mostrando ao povo judeu que aquela nação estava escolhida para ser luz para outras nações, pois era a primeira a ouvir a palavra da verdade da boca do próprio Filho de Deus. Talvez fosse uma maneira também de começar a incutir neles uma visão espiritual dos acontecimentos futuros, ensinando-os a visualizar pela fé algo que naquele momento era invisível e longínquo no tempo, mas uma semente de esperança para o seu espírito.

Para nós, essa profecia se cumpriu em Jesus e nos estimula a ver e crer pela fé na futura derrota dos nossos inimigos quando Ele vier a terra pela segunda vez, e nossos olhos puderem vê-LO de verdade, da mesma forma como somos vistos por Ele, como escreveu o apóstolo Paulo (1 Co 13: 12). E mais do que isso, crer que não vamos nos lembrar mais das experiências ruins que vivemos, pois tudo se fará novo, porque as primeiras coisas passaram (Ap 21: 4).

• Is 33: 19-22: “Já não verás aquele povo atrevido [NVI: ‘arrogante’], povo de fala obscura, que não se pode entender, e de língua bárbara, ininteligível [NVI: ‘com sua língua estranha, incompreensível’]. Olha para Sião, a cidade das nossas solenidades; os teus olhos verão a Jerusalém, habitação tranqüila, tenda que não será removida, cujas estacas nunca serão arrancadas, nem rebentada nenhuma de suas cordas. Mas o Senhor ali nos será grandioso, fará as vezes de rios e correntes largas; barco nenhum de remo passará por eles, navio grande por eles não navegará [NVI: ‘Será como uma região de rios e canais largos, mas nenhum navio a remo os percorrerá, e nenhuma nau poderosa velejará neles’]. Porque o Senhor é o nosso juiz, o Senhor é o nosso legislador, o Senhor é o nosso Rei; ele nos salvará”.

O profeta continua falando em nome de Deus para eles, fortalecendo neles a esperança de que eles não mais voltarão a ver aquele povo de rosto feroz e furioso, de

temperamento cruel e sanguinário, e falando uma língua estranha e incompreensível para eles.

Vamos parar um pouquinho neste versículo para entender a linguagem falada por aqueles povos da Antiguidade. Uma das primeiras formas de escrita surgiu há mais ou menos 3.500 anos e foi chamada escrita cuneiforme, pois era escrita com auxílio de objetos em formato de cunha. Os documentos cuneiformes eram escritos em tábuas de argila. Ela foi desenvolvida pelos sumérios, e juntamente com os hieróglifos egípcios, é o tipo de escrita mais antigo de que se tem conhecimento. Suméria era uma das designações dadas à metade sul do Iraque, mais ou menos de Bagdá para o sul, em contraste com o norte, que era conhecido como Acade. Na Suméria estava localizada a cidade de Ur dos caldeus, de onde Abrão saiu para habitar em Harã, muitos quilômetros ao norte. Mais tarde, a parte sul da Mesopotâmia foi diminuindo de importância em relação à parte Norte, Acade (ou Acádia), mas a linguagem cuneiforme foi adotada pelos acadianos, babilônios, elamitas (na baixa Mesopotâmia, no atual Irã), hititas (ao norte da Assíria) e pelos assírios, e ela foi adaptada para ser escrita no próprio idioma desses povos (dialetos, pode-se dizer). Por 3.000 anos, ela foi extensamente usada na Mesopotâmia, embora as sílabas (do jeito que foram estabelecidas pelos Sumérios) não serem intuitivas aos de idiomas semíticos. A linguagem cuneiforme foi criada, por assim dizer, para atender às necessidades de administração dos palácios e dos templos, como, por exemplo, cobrança de impostos, registros de cabeças de gado, medidas de cereal etc.

A escrita cuneiforme foi gradualmente substituída pelo alfabeto fenício já durante o Império Neo-Assírio (911-612 AC), e foi extinta no século II DC. A linguagem cuneiforme inspirou também o Persa antigo e o alfabeto ugarítico. O Ugarítico era o idioma falado na antiga cidade de Ugarite na Síria (Em árabe, Ūḡārīt, cujas ruínas são chamadas de Ras Shamra).



Aramaico é a designação que recebem os diferentes dialetos de um idioma utilizado por povos que habitavam o Oriente Médio (estes todos descendentes dos filhos de Noé,

na verdade). Foi a língua administrativa e religiosa de diversos impérios da Antiguidade. Pertencendo à família de línguas afro-asiáticas, é classificada no subgrupo das línguas Semíticas, à qual também pertencem o Árabe e o Hebraico. A língua formal do Império Babilônico era o Aramaico [cujo nome deriva de Aram Naharayim, ‘Mesopotâmia’ (mais exatamente, uma região do norte dentro da Mesopotâmia), ou de Aram, ‘terras altas’ em Cananeu, e o antigo nome da Síria]. O Império Persa, que conquistou o Império Babilônico poucas décadas depois do início do exílio dos judeus, adotou o Aramaico como língua oficial. O Aramaico é também uma língua semítica Norte/Ocidental bastante semelhante ao Hebraico. O Aramaico emprestou muitas palavras e expressões ao Hebraico, principalmente devido a ser a língua utilizada no Talmude e em outros escritos religiosos. O Aramaico foi, possivelmente, a língua falada por Jesus. A partir do séc. VII DC o Aramaico que era utilizado como língua oficial no Oriente Médio foi substituído pelo Árabe. Entretanto, o Aramaico continua sendo usado, literária e liturgicamente, entre os judeus e alguns cristãos.

Os assírios tinham como língua oficial, o Acadiano, o Sumério (ou a linguagem antiga cuneiforme) e o Aramaico.

Assim, nós podemos entender que o profeta Isaías estava se referindo à língua assíria, uma espécie de ‘adaptação’ da linguagem cuneiforme, ou ao Acadiano, uma vez que o Aramaico era entendido e falado já naquela época por muitos povos, inclusive os judeus, principalmente pelas pessoas ligadas à corte, que necessitavam dessa língua comercial e administrativa para fazer seus acordos políticos e comercializar seus produtos com outras nações. Por isso, quando Senaqueribe enviou seus oficiais para afrontar Ezequias, os embaixadores de Judá (Eliaquim, Sebna e Joá) lhe disseram para falar com eles em Aramaico, porque eles entendiam, mas não Judaico ou Hebraico, ou seja, a língua de Canaã, porque esta o povo mais humilde falava, e eles não queriam que os judeus da cidade entendessem o que eles estavam conversando e se desanimassem com as afrontas, perdendo a fé em Deus e nas palavras do rei Ezequias (2 Rs 18: 26).

Nos versículos 20-21, o profeta continua dando incentivo àquele povo, dizendo: “Olha para Sião, a cidade das nossas solenidades; os teus olhos verão a Jerusalém, habitação tranqüila, tenda que não será removida, cujas estacas nunca serão arrancadas, nem rebentada nenhuma de suas cordas. Mas o Senhor ali nos será grandioso, fará as vezes de rios e correntes largas; barco nenhum de remo passará por eles, navio grande [NVI: ‘nau poderosa’] por eles não navegará”. Isso quer dizer que Ele estava pedindo ao povo para não ficar olhando para as ameaças e os boatos e o pessimismo de toda aquela situação, mas para a libertação que o Senhor lhes daria, para fazerem um esforço com a própria mente, se necessário, e olhar para uma cidade reconstruída, para o monte Sião e ver o templo do Senhor, onde sempre houve muita alegria em suas festividades. A cidade ficará tranqüila depois que Deus expulsar o inimigo dali; ela se sentirá mais fortalecida com essa vitória e, como sempre aconteceu após um período de prova dura, o povo sempre emergia com mais força e o poder nacional se estabelecia de maneira mais firme.

Ele prossegue dizendo que ali, naquele lugar, o Senhor será poderoso para eles e será como rios e correntes largas; barco nenhum de remo passará por eles, navio grande por eles não navegará. Se olharmos para o Nilo e para o Eufrates, podemos entender que os grandes rios do Egito e da Assíria (depois, Babilônia) eram não apenas uma forma de demonstrar importância na área do comércio como também o poderio militar de tais nações, uma vez que grandes navios as protegiam de invasores, patrulhando-as diariamente. Jerusalém não era Nínive ou Babilônia, que se dizia assentar sobre as muitas águas por causa da abundância das águas do Eufrates que passavam por aquelas cidades.



Rio Eufrates ao sul da Turquia – foto: Valen (1988) – wikipedia.org

Em Jerusalém, a mais conhecida corrente de água que abastecia a cidade era o ribeiro de Cedrom, a leste (2 Sm 15: 23; 1 Rs 2: 37; 2 Rs 23: 12; 2 Cr 29: 16). A fonte de Giom (גִּיחֹן ‘Gichon’ – Strong #1521, derivada de ‘giyach’, Strong #1518, que significa ‘corrente’ [de água], ‘córrego’, ‘esguicho’, ‘irromper’, ‘jorrar’) estava localizada no lado ocidental do vale do Cedrom, numa caverna natural do vale. Na época de Ezequias, a fonte de Giom despejava água na cidade por meio de um canal aberto. Quando Ezequias se viu diante da ameaça de Senaqueribe, tapou todas as fontes, todos os riachos e canais subsidiários que conduziam ao ribeiro que corria pelo meio da terra (2 Cr 32: 3-4). Ele construiu o túnel de Siloé (2 Rs 20: 20; Is 22: 9: ‘Açude inferior’). Da fonte de Siloé (Shilôah, ‘enviado’), o canal desaguava no poço antigo ou de baixo (Birket el-Hamra). Em seguida, ele enviou as águas do Giom superior por meio de um conduto ou túnel de dois metros de altura até uma cisterna ou poço superior (Birket Silwân) no lado oeste da cidade de Davi (2 Cr 32: 30). Defendeu a nova fonte de suprimento com uma rampa (2 Cr 32: 30). O riacho ou ribeiro de Cedrom, modernamente chamado de Wadi en-Nar (Uádi en-Nar), começa ao norte de Jerusalém, passa entre o monte do templo e o monte das Oliveiras em direção ao Mar Morto, que ele atinge depois de atravessar o deserto da Judéia. Seu nome moderno significa ‘Wadi de fogo’, e isso porque fica seco e crestado pelo sol durante a maior parte do ano, pois não flui permanentemente. Somente durante breves períodos, no inverno durante a estação chuvosa, é que está cheio de água. O vale do Cedrom também era chamado de vale de Josafá.

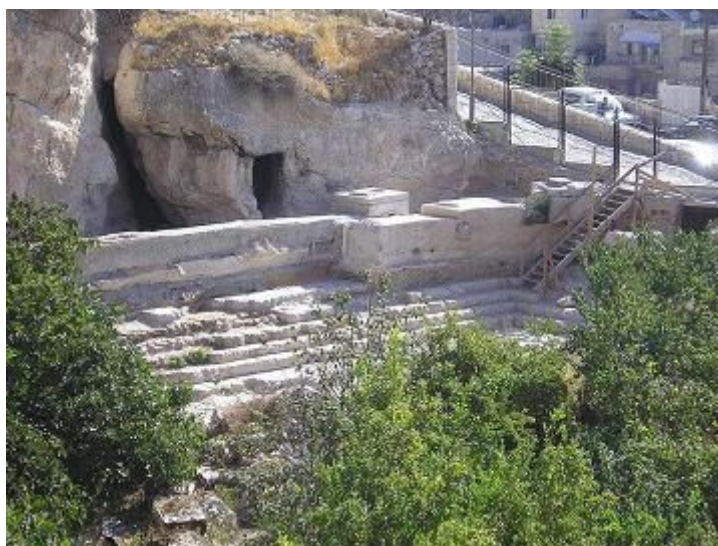
Apesar de não ter grandes rios e, conseqüentemente, grandes navios transitando pela cidade, ela não estava em desvantagem; pelo contrário, esse fato passava a ser algo vantajoso, uma vez que a falta de um grande rio também dificultava o acesso pelo inimigo. Portanto, o profeta fala que a presença do Senhor com eles substituiria a falta de um rio, porque Ele seria um rio melhor, com águas diferentes, que os supriria e os protegeria de outra maneira, ou seja, um rio natural com navios e soldados para defender uma cidade ou nação jamais poderia ser maior do que a presença espiritual protetora de Deus com Seu povo. ‘Rios e correntes largas’ é símbolo da abundância da

Sua graça e da Sua liberdade, da força do Seu Espírito. Com Ele haveria paz e não seriam necessários navios, soldados ou exércitos para defendê-los.

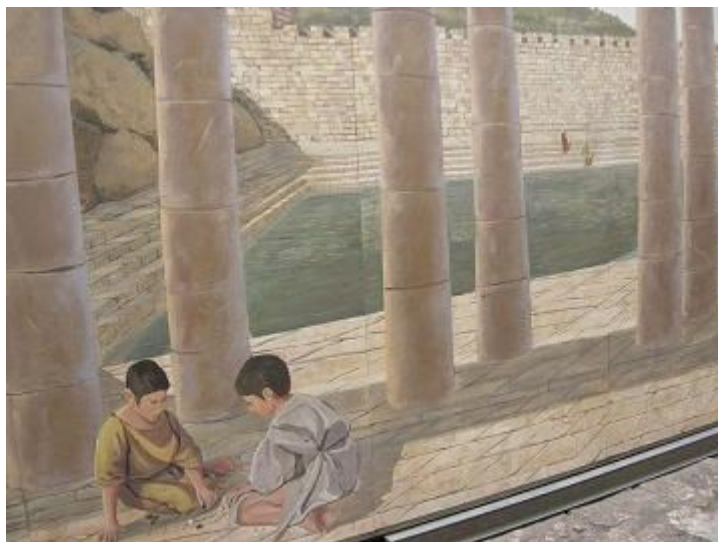


Silwan no século XIX – wikipedia.org

Foto acima: Siloé (Hebraico: Shiloah; Árabe: Silwan) no final do século XIX – Silwan é um antigo bairro a sudeste de Jerusalém, ao sul da Cidade Velha. Neste local, havia o tanque de Siloé e a torre de Siloé, mencionada em Lc 13: 4.



Ruínas do Tanque de Siloé na época do Segundo templo
(Foto: Abraham, Setembro, 2005 – wikipedia.org)



Reconstrução artística do tanque de Siloé (Yoav Dothan – wikipedia.org)



Vale de Cedrom visto da Cidade Velha de Jerusalém
(Foto de Mark Wilson – wikipedia.org)

No versículo 22 está escrito: “Porque o Senhor é o nosso juiz, o Senhor é o nosso legislador, o Senhor é o nosso Rei; ele nos salvará”. Em outras palavras, é Ele que vai nos salvar, com as Suas leis e Sua reta maneira de julgar todas as coisas.

Houve um período curto de descanso para Israel entre a queda da Assíria (a tomada de Nínive foi em 612 AC) e o domínio Babilônico através de Nabucodonosor (605 AC), pois seu pai Nabopolassar (626-605 AC) estava envolvido na conquista de outras nações naquele momento e preocupado em estabelecer e firmar seu império para ser deixado para seu herdeiro.

Essa referência (v. 22) também se trata de uma visão messiânica, quando Jesus mostraria a paz espiritual que Jerusalém poderia experimentar, apesar das tribulações mundanas que existiam na Sua época, numa terra ocupada por romanos, que fizeram o

mesmo e até pior do que os outros invasores do passado. Sua graça abundante com eles lhes traria o conforto de que Deus tinha uma libertação maior do que eles pensavam e muito mais eficaz do que os seus zelotes se insurgindo contra o domínio de Roma constantemente. Jesus lhes mostrava a porta para o reino de Deus e para a completa liberdade através da força do Seu Espírito, que Ele daria como uma água viva de refrigério, paz e esperança para todos os que entendessem Sua missão na terra e Sua verdadeira identidade. O Pai manifestava o amor pelo Seu povo através de Jesus.

Para nós, essa profecia mostra que em Jesus há paz, força e descanso dos inimigos que tentam nos atingir de todas as maneiras. Maior é aquele que está em nós do que aquele que está no mundo. É a nossa fé na Sua proteção, suprimento e cuidado que nos faz superar as experiências ruins e nos leva a ver a nossa morada celestial, onde todas as vitórias serão definitivas, e nossa alegria será completa ao vermos o total cumprimento da Sua justiça.

- Is 33: 23-24: “Agora, as tuas enxárcias estão frouxas; não podem ter firme o mastro, nem estender a vela [NVI: ‘Suas cordas se afrouxam: o mastro não está firme, as velas não estão estendidas’]. Então, se repartirá a presa de abundantes despojos; até os coxos participarão dela [NVI: ‘Então será dividida grande quantidade de despojos, e até o aleijado levará sua presa’]. Nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente; porque ao povo que habita nela, perdoar-se-lhe-á a sua iniquidade”.

O profeta dirige seu discurso para os assírios, aos quais ele compara com um grande navio que não mais está em boas condições, mas com as velas desfeitas, com o mastro sem firmeza e com cordas um tanto frouxas, como se estivesse enfrentando uma grande tempestade no mar. Em tal estado ele está quase a ponto de naufragar e ser engolido pelas águas. Ao serem expulsos de Israel, eles deixarão para trás seus despojos, e até os coxos terão sua parte. Quando chegar o perdão de Deus para o Seu povo, ninguém poderá dizer que está doente; nem do corpo, nem da alma, nem do espírito. Essa profecia se cumpriu totalmente com a primeira vinda de Jesus, dando Seu sangue como propiciação pelos nossos pecados.

Com o Seu perdão, nós podemos dizer que não somos mais doentes, mas que a Sua vida habita em nós.

Capítulo 34

A indignação de Deus contra as nações – v. 1-10.

• Is 34: 1-10 (cf. Is 63: 1-6; Jr 49: 7-22; Ez 25: 12-14; Ez 35: 1-15; Am 1: 11-12; Ob 1-14; Ml 1: 2-5): “Chegai-vos, nações, para ouvir, e vós, povos, escutai; ouça a terra e a sua plenitude, o mundo e tudo quanto produz [NVI: o mundo e tudo o que dele procede!]. Porque a indignação do Senhor está contra todas as nações, e o seu furor, contra todo o exército delas; ele as destinou para a destruição e as entregou à matança. Os seus mortos serão lançados fora, dos seus cadáveres subirá o mau cheiro, e do sangue deles os montes se inundarão. Todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um pergaminho; todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e a folha da figueira. Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que, para exercer juízo, desce sobre Edom e sobre o povo que destinei para a destruição [NVI: ‘Quando minha espada embriagar-se nos céus, saibam que ela descera para julgar Edom, povo que condenei à destruição’]. A espada do Senhor está cheia de sangue, engrossada da gordura e do sangue de cordeiros e de bodes, da gordura dos rins de carneiros; porque o Senhor tem sacrifício em Bozra [NVI: ‘Pois o Senhor exige sacrifício em Bozra’] e grande matança na terra de Edom. Os bois selvagens cairão com eles, e os novilhos, com os touros; a sua terra se embriagará de sangue, e o seu pó se tornará fértil com a gordura. Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela causa de Sião [NVI: ‘um ano de retribuição, para defender a causa de Sião’]. Os ribeiros de Edom se transformarão em piche, e o seu pó, em enxofre; a sua terra se tornará em piche ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; subirá para sempre a sua fumaça; de geração em geração será assolada, e para todo o sempre ninguém passará por ela”.

Essa profecia de Isaías 34 parece complementar a que foi falada em Is 21: 11-12, sobre Dumá, e que na verdade, se referia a Edom. Dumá (hebraico transliterado: ‘Duwmah’) é o nome usado de maneira figurada para uma terra semi-árida mais próxima (Edom ou Seir). Dumá fica ao norte da Arábia, entre a Palestina e o sul da Babilônia. Seus habitantes são descendentes de Ismael (Gn 25: 14; 1 Cr 1: 30). Nota da NVI – Dumá significa ‘silêncio’, ‘quietude’; é um trocadilho com a palavra Edom.

As inscrições assírias mostram que Edom se tornou estado vassalo da Assíria em 736 AC no reinado de Tiglate-Pileser III (745-727 AC). A Babilônia o conquistou mais tarde, e os outros profetas também profetizaram sobre isso. Edom foi destruído cinco anos depois do cativeiro de Judá por Nabucodonosor, ou seja, em 581 AC. Depois, caiu nas mãos dos persas (539 AC) e no séc. III AC foi dominado pelos Nabateus (árabes), que acabaram por empurrar os habitantes de Edom para o sul da Judéia, e que mais tarde, foi chamado Iduméia. Judas Macabeu os subjugou (séc. II AC) e João Hircano I (séc. II-I AC) os obrigou a circuncidar-se para poderem ser incorporados pelo povo judeu. Herodes, o grande, descendia dos Edomitas. Fica um pouco difícil localizar temporalmente a profecia neste trecho bíblico. Da mesma forma que no capítulo 21, não se sabe a que opressor o profeta se referia, se Assíria ou Babilônia.

Bozra ou Botsra, Botzrah, Bozrah (em hebraico: בֹּצְרָה, botsrâh) foi a capital do povo de Edom, e cujo rei foi Jobabe (Gn 36: 33; 1 Cr 1: 44). Esaú ou Edom (Gn 36: 19; 1 Cr 1: 44) foi o irmão de Jacó, e habitou em Seir, uma montanha que antes pertencia a Seir, o horeu (Gn 36: 8-9; Gn 36: 20); por isso, Edom é freqüentemente chamado de Seir. Bozra significa ‘curral de ovelhas’ ou ‘aprisco de ovelhas’, indicando que era uma cidade de pastores no sudeste do Mar Morto, na terra de Edom. Hoje ela é uma pequena cidade da Jordânia no estado de Tafilah, chamada de Buseirah. Josafá, rei de Judá, venceu na terra de Edom, os moradores do monte Seir, Moabe e os filhos de Amom (2

Cr 20: 22) com a ajuda do Senhor, pois ao colocar os levitas adiante do exército, esses povos acabaram por guerrear entre si e mataram-se uns aos outros. Os profetas Amós e Jeremias predisseram a destruição de Bozra (capital de Edom), que pode ser por Nabucodonosor em 581 AC ou pelos persas em 539 AC. O povo de Edom definitivamente foi destruído por Tito em 70 DC.



Ruínas de Bozra

Edom está colocado aqui em Isaías 34 como o símbolo de todos os inimigos de Deus, como o símbolo de todas as nações que pecaram contra Ele, mas também tem relação com a destruição de sua própria terra, se compararmos com a profecia de Obadias (Ob 1-14).

Portanto, Is 34: 1-10 retrata a destruição planejada por Deus contra a terra de Edom e contra os inimigos de Israel, aqui representados por ela: “Todo o exército dos céus se dissolverá [NVI: ‘as estrelas dos céus serão todas dissolvidas’], e os céus se enrolarão

como um pergaminho; todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e a folha da figueira. Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que, para exercer juízo, desce sobre Edom e sobre o povo que destinei para a destruição! [NVI: ‘Quando minha espada embriagar-se nos céus, saibam que ela descera para julgar Edom, povo que condenei à destruição’]” (Is 34: 4-5).

Essa figura de linguagem é usada para expressar o horror desta calamidade, como se os próprios céus, o sol, a lua e as estrelas fossem afetados por ela (cf. Isaías 13: 10). Os céus serão enrolados como um rolo. Quando um rolo (livro) era enrolado, ninguém poderia ler mais nada dele; ou seja, Deus não tinha mais nada dizer ou revelar sobre aquele assunto. A descrição acima pode significar a total remoção e abolição de todas as dignidades e cargos, supremos e subordinados, civis e eclesiásticos, em toda a jurisdição de uma nação. As estrelas representam os príncipes e magistrados, conselheiros e representantes importantes do governo. A expressão ‘exército dos céus’ não apenas representa as hostes celestiais de Deus, mas os exércitos de nações às quais Ele dirige esta palavra de julgamento. ‘Sua espada está embriagada’ significa a palavra decretada por Ele mesmo, pronta a agir com ira (embriagada com o Seu furor). A mesma metáfora é usada em Apocalipse quando se trata de descrever as calamidades de Deus contra as forças das trevas e a arrogância e soberba dos homens. Esta era um tipo de linguagem muito entendida pelos judeus; por isso, o apóstolo João (séc. I DC) fez uso dela para descrever os eventos apocalípticos. Não significa nenhuma profecia apocalíptica da parte de Isaías, pois ele é considerado um profeta messiânico, não apocalíptico. Os profetas subsequentes usaram suas citações em suas próprias profecias sobre o final dos tempos para descrever com mais exatidão a vontade de Deus.

- Is 34: 6-7: “A espada do Senhor está cheia de sangue, engrossada da gordura e do sangue de cordeiros e de bodes, da gordura dos rins de carneiros; porque o Senhor tem sacrifício em Bozra [NVI: ‘Pois o Senhor exige sacrifício em Bozra’] e grande matança na terra de Edom. Os bois selvagens cairão com eles, e os novilhos, com os touros; a sua terra se embriagará de sangue, e o seu pó se tornará fértil com a gordura”.

Por cordeiros, bodes e carneiros, bois, novilhos e touros ele dá a entender as pessoas de todas as classes e condições, altas e baixas, ricas e pobres, jovens e velhos que serão destruídas como um sacrifício a Deus e transformadas em cinzas.

Se nos lembrarmos dos sacrifícios do AT, podemos ver que (com exceção das ofertas pacíficas e das ofertas de manjares), o holocausto, a oferta pelo pecado e a oferta pela culpa eram feitos com os animais citados acima. Vamos resumir:

- Holocausto (Lv 1: 1-17) – usava boi, cordeiro ou ave do sexo masculino (rola ou pombinho para o pobre). Era totalmente consumido, e o animal devia ser sem defeito. Sua finalidade era um ato voluntário de adoração e expiação de pecado por ignorância, ou uma forma de manifestação de devoção, de compromisso e de completa submissão a Deus.

- Oferta pelo pecado (Lv 4; Lv 5; Lv 6; Lv 16: 1-34) – usava o novilho (no caso do sumo sacerdote e da congregação); o bode (no caso do príncipe, ou seja, do governante); a cabra ou cordeiro (no caso de pessoas do povo); e a rola ou pombinho (no caso do pobre). Usava ainda a décima parte de uma efa de flor de farinha no caso do muito pobre (Efa: medida de capacidade, uma unidade básica que equivalia a 17,62 litros). Sua finalidade era a expiação obrigatória para determinados pecados por ignorância, a confissão de pecado e o seu perdão e a purificação da mácula.

- Oferta pela culpa (Lv 7: 1-10) – usava o carneiro ou cordeiro. Sua finalidade era expiação obrigatória pelos pecados por ignorância que exigissem restituição (mais 20% de multa), e a purificação de máculas.

- A palavra original traduzida por ignorância significa: vaguear, como uma ovelha que se desgarrar do rebanho. Refere-se ao pecado oriundo da fraqueza do caráter humano, não de uma rebelião mal disfarçada ou de um mal premeditado. Associamos a culpa à intenção, mas os antigos a associavam aos seus efeitos.

- Em Lv 3: 14-16; Lv 4: 8-9; Lv 7: 3-5; Lv 9: 10, o Senhor ordenava que fossem separados a gordura, os rins e o redenho do fígado para serem queimados sobre o altar. Estas partes não eram queimadas junto com o resto do animal. A gordura do animal na oferta pela culpa eram queimadas separadamente sobre o altar para haver expiação.

- Em Lv 22: 17-33 a bíblia diz que a oferta deve ser sem defeito. Não eram aceitos animais defeituosos, portanto, a oferta diante do Senhor deveria ser com o que eles tinham de melhor, com as primícias, não com o que sobrava, com os restos. O v. 19 diz: “Para que seja aceitável, oferecerá macho sem defeito”.

Isso nos faz entender o que dissemos sobre todas as pessoas acima: de todas as classes e condições, altas e baixas, ricas e pobres, jovens e velhos, reis, príncipes, sacerdotes e súditos. E a continuação da explicação disso está no versículo seguinte:

- Is 34: 8: “Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela causa de Sião [NVI: ‘um ano de retribuição, para defender a causa de Sião’]”. Isso significa o tratamento divino com Edom por causa de sua soberba, arrogância e demais comportamentos errados em relação ao povo de Israel, apesar de serem povos aparentados, mas que continuaria mesmo depois deste evento como uma rixa que só poderia ser desfeita pelo próprio Deus (em relação à sua invasão pela Babilônia, por exemplo).

- Is 34: 9-10: “Os ribeiros de Edom se transformarão em piche, e o seu pó, em enxofre; a sua terra se tornará em piche ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; subirá para sempre a sua fumaça; de geração em geração será assolada, e para todo o sempre ninguém passará por ela.”

Edom seria tratado como Sodoma e Gomorra (Gn 19: 24), e isso seria lembrado pelas gerações seguintes. Dn 11: 41, em relação a Antíoco IV Epifânio (“Entrará também na terra gloriosa, e muitos sucumbirão, mas do seu poder escaparão estes: Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom”), o que ocorreu é que ele entrou em Israel, mas não se importou com Edom, Moabe e Amom porque eles foram seus aliados, ajudando-o a invadir a Terra Santa. Mas cada império que se seguiu completou a vingança de Deus sobre Edom até purificar aquela terra. Judas Macabeu os subjugou (séc. II AC) e João Hircano I (séc. II-I AC) os obrigou a circuncidar-se para poderem ser incorporados pelo povo judeu. O povo de Edom definitivamente foi destruído por Tito em 70 DC. Hoje, a região de Edom, Moabe e Amom fazem parte da Jordânia.

Pensando do ponto de vista espiritual, onde Edom se refere aos inimigos de Deus, então, no Dia do Senhor, ou seja, no Dia do Julgamento, Seu povo, Sua igreja, julgará seus inimigos.

Sua terra completamente desolada – v. 11-15.

- Is 34: 11-15: “Mas o pelicano e o ouriço (*um mamífero com pêlos espinhosos nas costas e nas laterais do corpo*) a possuirão [NVI: ‘A coruja-do-deserto e a coruja estridente a possuirão’]; o bufo [NVI: ‘o corujão’] e o corvo habitarão nela [NVI: ‘farão nela os seus ninhos’]. Estender-se-á sobre ela o cordel de destruição e o prumo de ruína [NVI: ‘Deus estenderá sobre Edom o caos como linha de medir, e a desolação como fio de prumo’]. Já não haverá nobres para proclamarem um rei; os seus príncipes já não existem. Nos seus palácios, crescerão espinhos, e urtigas e cardos [NVI: ‘sarças’], nas

suas fortalezas; será uma habitação de chacais e morada de avestruzes [NVI: ‘corujas’]. As feras do deserto se encontrarão com as hienas, e os sátiros [NVI: ‘bodes selvagens’] clamarão uns para os outros; fantasmas [NVI: ‘as criaturas noturnas’] ali pousarão e acharão para si lugar de repouso. Aninhar-se-á ali a coruja, e porá os seus ovos, e os chocará, e na sombra abrigará os seus filhotes; também ali os abutres se ajuntarão, um com o outro [NVI: ‘os falcões também se ajuntarão ali, cada um com o seu par’]”.

Esses versículos descrevem criaturas que geralmente habitam em lugares desertos e desolados. Por ‘fantasmas’, que a NVI traduz como ‘as criaturas noturnas’, nós entendemos ‘morcegos’ e ‘corujas’, animais noturnos. Independente da tradução bíblica que foi dada aos outros animais, esse é um retrato do estado de desolação da terra de Edom após a invasão do inimigo como um instrumento de punição de Deus em relação a um povo pecaminoso, irreverente e duro de coração e que se deleitava na idolatria. Se sobrassem ainda alguns nobres ali, eles não teriam nada que pudessem chamar ‘reino’. Seus líderes e subordinados mais próximos desapareceriam, não mais existiriam. A linha de medir (régua) e o fio de prumo, muito usados em outros escritos proféticos, simbolizam o juízo de Deus e, algumas vezes, a Sua disposição de reconstruir (Zc 1: 16). Aqui, muito provavelmente, seria para marcar a destruição de Edom; para marcar o que seria derrubado.

Quanto ao versículo 13: “Nos seus palácios, crescerão espinhos, e urtigas e cardos [NVI: ‘sarças’], nas suas fortalezas; será uma habitação de chacais e morada de avestruzes”, houve um provável erro de tradução da espécie botânica. ‘Urtiga’, em hebraico, é קמח, qimmos, Strong #7057, de uma raiz não utilizada que significa ‘picar’; uma planta espinhosa. Mas muito provavelmente, se tratava do Acanto (*Acanthus spinosus*), outra planta espinhosa, pertencente à família Acanthaceae, do gênero *Acanthus*, mas com flores, nativa de regiões tropicais e temperadas quentes, com a maior diversidade de espécies na Bacia do Mediterrâneo e na Ásia (da Itália à Turquia ocidental).

A palavra de Deus não voltará vazia, mas se cumprirá – v. 16-17.

• Is 34: 16-17: “Buscai no livro do Senhor e lede: Nenhuma destas criaturas falhará, nem uma nem outra faltará; porque a boca do Senhor o ordenou, e o seu Espírito mesmo as ajuntará. Porque ele lançou as sortes a favor delas, e a sua mão lhes repartiu a terra com o cordel [NVI: ‘Ele designa as porções de cada um; sua mão as distribui por medida’]; para sempre a possuirão, através de gerações habitarão nela”.

As pessoas veriam que a palavra de Deus não voltará vazia, mas se cumprirá na íntegra, exatamente como Ele disse. ‘O seu Espírito mesmo as ajuntará’ – O Espírito Santo é a força executora dos desejos de Deus Pai na terra. Tanto os animais quanto as almas dos homens pertencem a Deus, e Ele as governa (Jó 12: 10). A menção a lançar sortes se refere a repartir a porção da terra a cada uma delas como a Terra Prometida foi dividida entre as tribos por Moisés e Josué, por sortes.

Capítulo 35

A felicidade na Sião futura – v. 1-10.

• Is 35: 1-10: “O deserto e a terra [NVI: ‘a terra ressequida’] se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso. Florescerá abundantemente, jubilará de alegria e exultará; deu-se-lhes a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e de Sarom; eles verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus. Fortalecei as mãos frouxas [NVI: ‘as mãos cansadas’] e firmai os joelhos vacilantes. Dizei aos desalentados de coração: Sede fortes, não temais. Eis o vosso Deus. A vingança vem, a retribuição de Deus; ele vem e vos salvará. Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos (Lc 7: 22-23); os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; pois águas arrebentarão no deserto, e ribeiros, no ermo [NVI: ‘deserto’]. A areia esbraseada se transformará em lagos, e a terra sedenta, em mananciais de águas [NVI: ‘fontes borbulhantes’]; onde outrora viviam os chacais, crescerá a erva com canas e juncos [NVI: ‘o junco e o papiro’]. E ali haverá bom caminho, caminho que se chamará o Caminho Santo [NVI: ‘Caminho de Santidade’]; o imundo [NVI: ‘os impuros’] não passará por ele, pois será somente para o seu povo [NVI: ‘servirá apenas aos que são do Caminho’]; quem quer que por ele caminhe não errará, nem mesmo o louco [NVI: ‘os insensatos não o tomarão’; no original: ‘Os simples não se desviarão dele’]. Ali não haverá leão, animal feroz não passará por ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele [NIV: só os redimidos andarão por ele]. Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido”.

Dando continuidade ou não à destruição de Edom, este capítulo de Isaías é uma promessa de conforto para o povo de Deus após o exílio, pois voltariam para sua terra e reconstruiriam a Jerusalém destruída. Mais do que o retorno do exílio, é a promessa do reino Messiânico de Jesus, vingando-os de seus inimigos e trazendo o conforto e a paz para os que necessitavam disso. É uma promessa de salvação. Pelo fato de estar escrito o substantivo ‘os remidos’ ou ‘os redimidos’ ou ‘resgatados do Senhor’ (v. 9-10), nós podemos extrapolar esta profecia também para os tempos do fim, quando Jesus voltará para punir aqueles que incomodaram o Seu povo salvo; Ele os livrará do poder das trevas.

O florescimento alegre do reino de Cristo – v. 1-2.

No versículo 1, o profeta diz: “O **deserto** e a **terra** [NVI: ‘a terra ressequida’] se alegrarão; o **ermo** exultará e florescerá como o narciso [KJV: rosa; NVI: tulipa; NIV: crocus; NRSV: crocus = açafraão]”.

A palavra ‘deserto’ neste texto em hebraico é midbar ou midhbâr (Strong #4057) e significa: uma pastagem (isto é campo aberto, para onde são conduzidos os bovinos); deserto, região selvagem, ermo.

‘A terra’ ou ‘a terra ressequida’, no original em hebraico é tsiyah ou tsiyyâh (Strong #6723); na KJV, ‘lugar solitário’, e significa: torrar; ressecar, aridez; deserto: árido, seca, terra seca, lugar seco, lugar solitário, deserto.

O ‘ermo’, em hebraico, é ‘arabah (Strong #6160) e significa: deserto (no sentido de esterilidade); seco, terra desolada, campo, deserto, planície; Arabá (Dt 1: 1; Is 33: 9; Is 35: 1) é uma palavra usada para descrever as estepes do deserto; especialmente com o artigo ‘o’: um vale cheio de fendas que corre do Mar da Galiléia até o golfo de Aqaba. O Mar Morto é também chamado de Mar de Arabá. É uma região realmente seca e desértica.

O Messias traria alegria aos corações endurecidos, secos e sem vida; e um florescimento aos lugares solitários e áridos, se referindo não apenas às cidades de Israel onde não havia muito conhecimento da palavra, como também à solidão interior e à sede da alma do Seu povo. A bíblia diz que nesta condição de esterilidade, Jesus traria uma fertilidade e uma exultação. Israel floresceria como o narciso.

Aqui em Is 35: 1, o narciso pode se referir à rosa ou alguma outra planta bulbosa, pois em hebraico está escrita a palavra *habhaseleth* ou *chabhatsâleth* (Strong #2261 – ‘crocus’, ou seja, açafrão); de derivação incerta, provavelmente açafrão ou rosa, e traduzida por *krinon* (κρινον) na Septuaginta, ou seja, ‘lírio’ (*krinós krívoç*). Crocus (em grego, *krokos*, κρόκος) é derivado do hebraico, *karkôm* (כרכום, *crocus*); em aramaico *kurkama*, e árabe *kurkum*, que significa açafrão (*Crocus sativus*). Crocus é uma pequena planta de floração primaveril da família Iridaceae, que cresce a partir de um bulbo e produz flores amarelas, roxas ou brancas brilhantes. É a fonte da especiaria ‘açafrão’. Não deve ser confundido com o açafrão-do-prado, que é venenoso e não é usado para cozinhar.

O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995 diz que a palavra ‘*habhaseleth*’ ou ‘*chabhatsâleth*’ (‘bulbo’) pode ser aqui identificada com muitas outras plantas bulbosas (narciso, lírio, tulipa, jacinto) e se multiplica abundantemente na planície de Sarom; por isso a NVI traduz como ‘tulipa’. O lírio, na Palestina, diz respeito a diversas variedades não especificadas nas traduções. A maior parte das referências no livro de Cânticos, provavelmente diz respeito ao jacinto, embora os ‘lábios semelhantes a lírios’ (Ct 5: 13) talvez faça alusão à anêmona vermelha ou ao lírio madona (Ct 6: 2), que é nativo da Palestina.

Diz também que em Is 35: 1, provavelmente se trata do narciso polianto (*Narcissus tazetta* L.). Narciso é uma flor de variadas espécies, muito perfumada e solitária, embora cresça uma ao lado da outra, mas não num mesmo tronco. Assim como a rosa, ele cresce abundantemente na planície de Sarom. O Narciso é uma flor originária do Mediterrâneo, partes da Ásia central e China continental. Sua cor varia entre o branco e o amarelo. Gosta de solos úmidos, perto de lagos, e floresce na primavera. Geralmente, a flor está virada para baixo.



Narciso polianto (*Narcissus tazetta* L.) Parque da floresta de Shoam, Israel



Narciso amarelo



Narciso – pseudonarcissus



Crocus sativus – Wikipedia.org (foto: Arghiyan)

• Is 35: 2: “Florescerá abundantemente, jubilará de alegria e exultará; deu-se-lhes a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e de Sarom; eles verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus”.

O povo que tinha sofrido tanto, e cujo coração estava seco para o amor, floresceria com o surgimento do reino de Cristo. Os judeus aprenderão a se alegrar no Senhor e nos Seus ensinamentos, pois eles receberão dEle uma honra especial, como o Líbano se gloria na sua abundância.

Jesus, não apenas lhes daria a glória do Líbano, ou seja, Ele não apenas os faria férteis como também os faria resplandecer como o Carmelo (karmel, ‘terra ajardinada’, ‘terra frutífera’). O Monte Carmelo é a serra principal da cadeia de colinas no noroeste de Israel ao lado do Mediterrâneo, próximo à planície de Sarom, e é revestido de muita vegetação e bosques luxuriantes. É formado de pedra calcária dura, abundante em cavernas, e atinge a altitude de quinhentos e vinte e três metros. Na base da montanha corre o Ribeiro de Quisom. Era uma região muito pouco habitada. Ali a glória do Senhor resplandeceu para o Seu povo, pois foi ali, que na pessoa de Elias, Deus manifestou o Seu poder contra os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, consumindo com fogo o sacrifício que o profeta tinha colocado sobre o altar. Da mesma forma, Jesus manifestaria o esplendor do Pai através dos Seus milagres. E aquele povo, outrora incrédulo, poderia ver pessoalmente o que Ele era capaz de fazer. Os que acreditassem nEle e O aceitassem em seus corações, experimentariam em si mesmos a unção que Elias teve (‘eles verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus’).

Sarom é a maior planície costeira da parte norte da Palestina à beira do Mediterrâneo, ao sul do Monte Carmelo. Há milhares de anos, os riachos escavaram parcialmente uma valeta longitudinal no lado leste em direção ao Jordão, e os vales dessa valeta tendiam a ser pantanosos. Por isso, no que tange à ocupação humana, apenas na fronteira sul de Sarom é que a terra era mais apropriada para ser povoada, sendo claro que a maior parte de Sarom jamais foi colonizada pelos israelitas. Por muito tempo permaneceu um deserto (Is 33: 9), sendo usado apenas como pastagem (1 Cr 5: 16; Is 65: 10). Era ali que Sitrai tomava conta dos rebanhos de Davi (1 Cr 27: 29). Nos tempos bíblicos a área norte era densamente coberta de carvalhos (*Quercus infectoria*), sendo hoje um dos mais ricos distritos agrícolas de Israel, plantado com bosques de laranjeiras. O ‘esplendor de Sarom’ (Is 35: 2), à semelhança da ‘floresta do Jordão’ (Jr 12: 5; Jr 49: 19), parece sugerir a densa vegetação de carvalhos que encobria o vale nos tempos bíblicos, e não a fertilidade da região pantanosa.

Num lugar como este nasce a rosa, cuja palavra em hebraico (*chabhatsâleth*), é aqui identificada com muitas outras plantas bulbosas (narciso, lírio, tulipa, jacinto e açafrão) e se multiplica abundantemente na planície de Sarom. Isso nos fala de um lugar verde e florido, ao invés de um deserto estéril e sem a cor da vida.

Ele fortalecerá e confortará Seu povo – v. 3-4.

• Is 35: 3-4: “Fortalecei as mãos frouxas [NVI: ‘as mãos cansadas’] e firmai os joelhos vacilantes. Dizei aos desalentados de coração: Sede fortes, não temais. Eis o vosso Deus. A vingança vem, a retribuição de Deus; ele vem e vos salvará”.

Este era o incentivo para aqueles que estavam cansados, esmorecidos e sem esperança. Deus faria justiça ao Seu povo e traria a vingança, destruindo as obras das trevas que até aquele momento os tinha aprisionado no pecado e na falta de entendimento da palavra de Deus. Seus guias espirituais, até a vinda de Jesus, só serviram para desencaminhá-los da verdade, pois criaram doutrinas falsas de homens, esquecendo-se da palavra verdadeira que haviam recebido no início, quando o Senhor os escolheu para ser Seu povo.

Ele fará milagres no meio deles e lhes trará prosperidade – v. 5-7.

• Is 35: 5-7: “Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; pois águas arrebentarão no deserto, e ribeiros, no ermo [NVI: ‘deserto’]. A areia esbraseada se transformará em lagos, e a terra sedenta, em mananciais de águas [NVI: ‘fontes borbulhantes’]; onde outrora viviam os chacais, crescerá a erva com canas e juncos [NVI: ‘o junco e o papiro’]”.

Estes versículos também apontam para os milagres de Jesus a serem feitos em Israel: cegos passarão a ver, os surdos ouvirão, os coxos andarão, murmurações darão lugar ao louvor e muito mais coisas do que essas, pois esta profecia promete espiritualmente o pleno e abundante derramar do Espírito Santo sobre os chamados do Senhor: ‘mananciais de águas’ [NVI: ‘fontes borbulhantes’], ou seja, as fontes da vida, tanto sobre judeus quanto gentios; a todos os que aceitarem andar pelo Caminho Santo. Os corações sedentos e estéreis receberão uma nova força, um novo incentivo para viver, a luz do conhecimento de Deus e aprenderão a viver debaixo do Seu amor. É o que Jesus falou aos enviados de João Batista, quando perguntaram a Ele se Ele era o Messias ou se deviam esperar outro. Jesus confirmou: “Então, Jesus lhes respondeu: Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres, anuncia-se-lhes o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço” (Lc 7: 22-23).

Os redimidos do Senhor voltarão a Sião – v. 8-10.

• Is 35: 8-10: “E ali haverá bom caminho, caminho que se chamará o Caminho Santo [NVI: ‘Caminho de Santidade’]; o imundo [NVI: ‘os impuros’] não passará por ele, pois será somente para o seu povo [NVI: ‘servirá apenas aos que são do Caminho’]; quem quer que por ele caminhe não errará, nem mesmo o louco [NVI: ‘os insensatos não o tomarão’]; no original: ‘Os simples não se desviarão dele’]. Ali não haverá leão, animal feroz não passará por ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele. Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido”.

A profecia deixa claro o que este povo deveria fazer, e os que seus descendentes fariam não apenas ao voltar do cativeiro na Babilônia, mas ao serem redimidos do cativeiro do pecado. Deveriam andar pelo caminho correto. Isaías escreve: “E ali haverá bom caminho, caminho que se chamará o Caminho Santo [NVI: ‘Caminho de Santidade’]”.

Ali onde? Em Sião, na cidade de Jerusalém, onde Jesus pregou, fez milagres, restituiu a presença de Deus no templo e realizou o maior sacrifício de todos: morreu na cruz como uma entrega total a Deus, trazendo a salvação para todos os que estivessem prontos a andar pelo Caminho Santo, ou seja, os que estivessem dispostos a seguir Seus passos, a ser Seus discípulos e Seus embaixadores na terra e receber Sua autoridade para colocar os pés daqueles que estavam perdidos num caminho de santidade. Ele trouxe a simplicidade de Deus para os homens, quebrando o jugo e a maldição da lei, deixando apenas duas a serem obedecidas: ‘amar a Deus sobre todas as coisas’ e ‘ao próximo como a si mesmo’. Ele já havia dado o exemplo de como viver uma vida santa, por isso os homens não tinham mais desculpa de não saber qual o caminho certo para se chegar a Deus e ser salvo. Durante a Última Ceia, Tomé perguntou a Jesus: “Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho? Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14: 5-6).

Podemos ver que em Isaías, as traduções bíblicas escrevem ‘o Caminho Santo’ ou ‘Caminho de Santidade’ com letra maiúscula para diferenciar o Caminho que Ele havia traçado para os Seus seguidores dos outros caminhos traçados por doutrinas religiosas de homens. É interessante que ‘o Caminho’ foi o nome da doutrina de Cristo após Sua morte, quando a Igreja Primitiva começou a se levantar e divulgar Seus ensinamentos. Isso é confirmado em vários versículos do livro de Atos dos Apóstolos: At 9: 2; At 19: 9; At 19: 23; At 22: 4; At 24: 14; 22.

O Caminho de Deus para nós sempre será um Caminho de Santidade até a Sua segunda vinda. Debaixo da orientação do Espírito Santo, não precisamos ter medo de errar ou não saber qual o caminho a seguir (“quem quer que por ele caminhe não errará, nem mesmo o louco” [NVI: os insensatos não o tomarão; no original: Os simples não se desviarão dele]). É só ler e entender a palavra de Deus e deixá-la entrar de verdade no nosso coração e nos ensinar como se faz as coisas. “O teu caminho, ó Deus, é de santidade. Que deus é tão grande como o nosso Deus?” (Sl 77: 13).

Isaías ainda escreveu: “O imundo [NVI: ‘os impuros’] não passará por ele, pois será somente para o seu povo [NVI: ‘servirá apenas aos que são do Caminho’]”. Da mesma forma que os impuros no AT (como os leprosos, os que sofriam de hemorragia, ou tinham algum tipo de fluxo, ou estavam em pecado etc.) eram separados da congregação de Israel e permaneciam fora do arraial até serem purificados, o Caminho traçado por Jesus seria um Caminho apenas para os santos, os que resolveram se entregar totalmente a Ele, os que têm a Seu selo na testa. Aqui nós podemos entender que não são apenas os impuros deste mundo que ficarão fora do Caminho Santo e da Nova Jerusalém (Ap 21: 8; Ap 22: 15; Rm 1: 26-27; 1 Co 6: 9-10; Ef 5: 5; Cl 3: 5-10; 2 Tm 4: 2-4), mas ‘O Imundo’, ou seja, Satanás e todas as suas obras, pois quem tem aliança com o Senhor tem também a garantia da Sua proteção. O caminho se torna livre de artimanhas e barreiras e astúcias do maligno, pois a luz do Espírito nos mostra quando nos desviar dessas coisas ou quando devemos usar da Sua autoridade para expulsá-las da nossa vida.

O profeta continua dizendo ao seu povo que “Ali não haverá leão, animal feroz não passará por ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele. Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido”. Tudo que os ameaçava como uma força mais poderosa e destruidora não mais estará presente no Caminho, pois este será apenas para os que compartilham do mesmo desejo de santidade e da mesma disposição de cumprir na terra a vontade de Deus. Ele sempre prometeu reunir Seu povo e ajuntá-los de todos os lugares para onde folham espalhados nos seus cativeiros em outras nações. Aqui, seria a mesma coisa. O reinado do Messias os reuniria numa só fé e num só lugar, não apenas na Jerusalém física, mas na Sião espiritual, a grande Igreja de Jesus. Somente Ele poderia tirar dos corações a tristeza e o gemido e colocar nos lábios dos remidos a alegria, um cântico de louvor e uma coroa de glória e justiça.

‘Não haverá leão, animal feroz não passará por ele, nem se achará nele’: não haverá mais violência ou perigo, mas paz e união.

Capítulo 36

Senaqueribe invade Judá – v. 1.

• Is 36: 1 (cf. 2 Rs 18: 13-37; 2 Cr 32: 1-8): “No ano décimo quarto do rei Ezequias, subiu Senaqueribe, rei da Assíria, contra todas as cidades fortificadas de Judá e as tomou”.



Sefelá

Como foi escrito em Is 10, Senaqueribe marchou contra a Síria, cercou Sidom, e marchou para o sul, a fim de atacar Asquelom (cidade da Filístia). Invadiu o Reino de Judá (701 AC), tendo tomado quarenta e seis cidades fortificadas. Sitiou Laquis com sucesso (2 Rs 18: 13-14; 17; Mq 1: 13) e foi para Jerusalém para atacar Ezequias (2 Rs 18: 17-19). Laquis estava situada na área agrícola mais fértil de Judá (Shfela ou Shephelah, literalmente, ‘terras baixas’); por isso, era de vital importância para a economia do reino. Foi completamente destruída. A História fala que a cidade judaica de Azeca, assim como Laquis, também foi tomada de assalto, pilhada e, em seguida, devastada. Além de Laquis, na valiosa terra agrícola de Sefelá (planície marítima da Filístia na terra de Judá), havia outras cidades, que foram entregues nas mãos dos Filisteus. Laquis e Azeca foram reconstruídas.

Quando os Babilônios comandados por Nabucodonosor invadiram Judá, elas foram as últimas cidades que caíram antes que Judá fosse tomada (Jr 34: 6-7). Is 10: 28-32 descreve a marcha de Senaqueribe até Jerusalém.

As afrontas contra o Deus de Ezequias e o seu desespero – v. 2-22.

• Is 36: 2-4: “O rei da Assíria enviou Rabsaqué [NVI: ‘seu comandante’], de Laquis a Jerusalém, ao rei Ezequias, com grande exército; parou ele na extremidade do aqueduto do açude superior, junto ao caminho do campo do lavadeiro [NVI: ‘na estrada que leva ao campo do Lavandeiro’]. Então, saíram a encontrar-se com ele Eliaquim, filho de Hilquias, o mordomo [NVI: ‘o administrador do palácio’], Sebna, o escrivão [NVI: ‘o secretário’], e Joá, filho de Asafe, o cronista [NVI: ‘o arquivista real’]. Rabsaqué lhes disse [NVI: ‘E o comandante de campo falou’]: Dizei a Ezequias: Assim diz o sumo rei, o rei da Assíria: Que confiança é essa em que te estribas?”

O campo do Lavandeiro (cf. Isa. 7: 3) era um local do lado de fora do muro oriental, onde as vestes eram espalhadas para secarem ao sol, segundo o costume dos lavandeiros. O lavandeiro era chamado de ‘pisador’ porque ele lavava as roupas fora da cidade e perto de bastante água, onde os panos pudessem ser limpos ao serem pisados sobre uma pedra submersa. Em alguns lugares, o lavandeiro era também o tintureiro, pois além de lavar, ele tingia os tecidos.

Em 2 Rs 18: 14-16 está escrito que, sabendo da invasão de Judá por Senaqueribe, o rei Ezequias enviou a ele uma mensagem de submissão, acompanhada de valiosos presentes para aplacar a fúria do inimigo: 300 talentos de prata e 30 de ouro como tributo, mais a prata que se achou na Casa do Senhor e nos tesouros da casa do rei, e o ouro que foi removido das portas e das ombreiras do templo. Mas o monarca Assírio não se satisfaz e enviou a Ezequias seus oficiais: Tartã (general ou comandante chefe), Rabe-Saris (seu oficial principal) e Rabsaquê (comandante de campo), exigindo a rendição de Jerusalém. Eliaquim (o mordomo), Sebna (o escrivão) e Joá (o cronista) foram os intermediários de Ezequias na negociação (2 Rs 18: 37; 2 Rs 19: 2). Este foi só o começo das afrontas de Rabsaquê.

• Is 36: 5-10: “Bem posso dizer-te que teu conselho e poder para a guerra não passam de vãs palavras; em quem, pois, agora confias, para que te rebeles contra mim? Confias no Egito, esse bordão de cana esmagada, o qual, se alguém nele apoiar-se, lhe entrará pela mão e a traspassará [NVI: ‘que fura a mão de quem nela se apóia!’]; assim é Faraó, rei do Egito, para com todos os que nele confiam. Mas, se me dizes: Confiamos no Senhor, nosso Deus, não é esse aquele cujos altos e altares Ezequias removeu e disse a Judá e a Jerusalém: Perante este altar adorareis? Ora, pois, empenha-te com meu senhor, rei da Assíria [NVI: ‘Faça, agora, um acordo com o meu senhor, o rei da Assíria’], e dar-te-ei dois mil cavalos, se de tua parte achares cavaleiros para os montar [NVI: ‘se você puder pôr cavaleiros neles!’]. Como, pois, se não podes afugentar um só capitão dos menores dos servos do meu senhor, confias no Egito por causa dos carros e cavaleiros? Acaso, subi eu agora sem o Senhor contra esta terra, para a destruir? Pois o Senhor mesmo me disse: Sobe contra a terra e destrói-a [NVI: ‘Além disso, você pensa que vim atacar e destruir esta nação sem o Senhor? O próprio Senhor me mandou marchar contra esta nação e destruí-la!’]”.

Rabsaquê afrontava a confiança de Ezequias e do povo de Judá no Senhor, e ainda usava o Seu nome como uma desculpa de ter recebido dEle mesmo a autorização de invadir Judá e Jerusalém, por causa dos seus pecados. Também zombava de Ezequias por confiar no Egito para socorrê-lo. Ele oferecia, em troca de um acordo com o rei da Assíria, dois mil cavalos, porém, não acreditava que eles tivessem homens suficientes ou bons o bastante para montar neles. Ele dizia que a força de Ezequias era muito pequena, comparada com a de Senaqueribe, pois não podiam afugentar um único capitão assírio.

O Egito era chamado por ele, e talvez por muitas nações, de cana esmagada (ou cana quebrada), porque já não era mais uma nação forte (Is 19 – as dinastias egípcias). Naquele momento, era uma nação dividida e enfraquecida. Em Is 30: 1-7 nós vimos a advertência profética de Isaías sobre confiar no Egito. Deus os exortava a não confiar nos egípcios. Desde Uzias, passando por Jotão e Acáz, antepassados de Ezequias, não se pedia ajuda ao Egito. Nesta campanha de Senaqueribe em 701 AC contra as cidades fortificadas de Judá, muitos judeus buscaram refúgio lá. O próprio Ezequias parecia ser muito propenso a confiar nos egípcios, embora a bíblia não deixe muito clara nenhuma situação como a de enviar emissários para o Egito com o propósito de uma aliança.

• Is 36: 11: “Então, disseram Eliaquim, Sebna e Joá a Rabsaqué: Pedimos-te que fales em aramaico aos teus servos, porque o entendemos, e não nos fales em judaico [NVI: ‘hebraico’], aos ouvidos do povo que está sobre os muros [NVI: ‘pois assim o povo que está sobre os muros entenderá’]”.

Como comentei em Is 33: 19 sobre a linguagem falada por aqueles povos da Antiguidade, a linguagem cuneiforme (escrita com auxílio de objetos em formato de cunha) foi criada pelos Sumérios há mais ou menos 3.500 anos e sofreu várias modificações na sua evolução. A linguagem cuneiforme foi adotada pelos acadianos (parte norte da Suméria), babilônios, elamitas (na baixa Mesopotâmia, no atual Irã), hititas (ao norte da Assíria) e pelos assírios, entre outros povos antigos, para ser escrita no próprio idioma desses povos (dialetos, pode-se dizer). Os documentos cuneiformes eram escritos em tábuas de argila. Por 3.000 anos, ela foi extensamente usada na Mesopotâmia, embora as sílabas (do jeito que foram estabelecidas pelos Sumérios) não serem intuitivas aos de idiomas semíticos. A linguagem cuneiforme foi criada, por assim dizer, para atender às necessidades de administração dos palácios e dos templos, como, por exemplo, cobrança de impostos, registros de cabeças de gado, medidas de cereal etc. A escrita cuneiforme foi gradualmente substituída pelo alfabeto fenício já durante o Império Neo-Assírio (911-612 AC), e foi extinta no século II DC.



Cuneiforme Sumério (crystalinks.com)

A linguagem cuneiforme inspirou também o Persa antigo e o alfabeto ugarítico. O Ugarítico era o idioma falado na antiga cidade de Ugarite na Síria (Árabe: Ūḡārīt, cujas ruínas são chamadas de Ras Shamra). Os assírios tinham como língua oficial, o Acadiano, o Sumério (ou a linguagem antiga cuneiforme) e o Aramaico (língua formal do império babilônico). O Aramaico abrangia os diferentes dialetos utilizados por povos que habitavam o Oriente Médio e foi a língua administrativa e religiosa de diversos impérios da Antiguidade. Pertencendo à família de línguas afro-asiáticas, é classificada no subgrupo das línguas semíticas, à qual também pertencem o Árabe e o Hebraico. O Aramaico é uma língua semítica Norte – Ocidental bastante semelhante ao Hebraico e emprestou muitas palavras e expressões ao Hebraico. A língua assíria era uma espécie de ‘adaptação’ da linguagem cuneiforme, ou o Acadiano, uma vez que o Aramaico era entendido e falado já naquela época por muitos povos, inclusive os judeus,

principalmente pelas pessoas ligadas à corte, que necessitavam dessa língua comercial e administrativa para fazer seus acordos políticos e comercializar seus produtos com outras nações.



Fragmento de uma tábuca de argila da biblioteca de Assurbanipal em Nínive com um relato assírio do Dilúvio (crystalinks.com)

'a	b	g	h	d	h
w	z	h	t	y	k
š	l	m	d	n	z
s	'	p	š	q	r
t	ġ	t	'i	'u	s ₂

Alfabeto Ugarítico (crystalinks.com)

Por isso, quando Senaqueribe enviou seus oficiais para afrontar Ezequias, os embaixadores de Judá (Eliaquim, Sebna e Joá) lhe disseram para falar com eles em Aramaico, porque eles entendiam, mas não Judaico ou Hebraico, ou seja, a língua de Canaã, porque esta o povo mais humilde falava, e eles não queriam que os judeus da cidade entendessem o que eles estavam conversando e se desanimassem com as afrontas, perdendo a fé em Deus e nas palavras do rei Ezequias (2 Rs 18: 26).

• Is 36: 12-20: “Mas Rabsaqué lhes respondeu: Mandou-me, acaso, o meu senhor para dizer-te estas palavras a ti somente e a teu senhor? E não, antes, aos homens que estão assentados sobre os muros, para que comam convosco o seu próprio excremento e bebam a sua própria urina? Então, Rabsaqué se pôs em pé, e clamou em alta voz em judaico, e disse: Ouvi as palavras do sumo rei, do rei da Assíria. Assim diz o rei: Não vos engane Ezequias; porque não vos poderá livrar. Nem tampouco Ezequias vos faça confiar no Senhor, dizendo: O Senhor certamente nos livrará, e esta cidade não será entregue nas mãos do rei da Assíria. Não deis ouvidos a Ezequias; porque assim diz o rei da Assíria: Fazei as pazes comigo e vinde para mim; e comei, cada um da sua própria vide e da sua própria figueira, e bebei, cada um da água da sua própria cisterna; até que eu venha e vos leve para uma terra como a vossa; terra de cereal e de vinho, terra de pão e de vinhas. Não vos engane Ezequias, dizendo: O Senhor nos livrará. Acaso, os deuses das nações livraram cada um a sua terra das mãos do rei da Assíria? Onde estão os deuses de Hamate e de Arpade? Onde estão os deuses de Sefarvaim? Acaso, livraram eles a Samaria das minhas mãos? Quais são, dentre todos os deuses destes países, os que livraram a sua terra das minhas mãos, para que o Senhor livre a Jerusalém das minhas mãos?”

Rabsaqué continuou a gritar em língua hebraica para que todos entendessem; assim, Ezequias ficaria desmoralizado diante do povo, e este se renderia a Senaqueribe, perdendo a fé no Senhor. Primeiro, ele os ameaçou de morrerem de fome por causa do cerco. Depois, para se gabar, no versículo 19 ele fala sobre os deuses de outras cidades da Síria, as quais o exército assírio tinha invadido, e lhes disse que nenhum desses deuses as livrara de suas mãos. Como, pois, o Deus de Israel poderia livrar Judá e Jerusalém dessa invasão?

Em Isaías 10 foi comentado sobre a cidade de Hamate. Hamate, ‘Fortaleza ou recinto sagrado’, foi uma cidade e reino da alta Síria, no vale de Orontes. A entrada de Hamate é uma abertura que dava para o vale Sírio. Era o limite daquele território, cedido aos israelitas (Nm 13: 21), mas eles não chegaram a tomar posse dessa terra. Teve muita importância e prosperidade no tempo de Davi (2 Sm 8: 9-10) e Salomão, sendo que este edificou ali cidades-armazéns (2 Cr 8: 4; 2 Rs 14: 28). Depois da morte de Salomão, Hamate se tornou, outra vez, estado livre, e conservou a sua independência até que o rei Jeroboão II de Israel (782-753 AC) a tomou de Judá, destruindo as suas fortificações (2 Rs 14: 28). Mais tarde, Hamate fez parte do império da Assíria (2 Rs 18: 34; Is 10: 9), passando depois para o poder dos caldeus no tempo de Zedequias (Jr 39: 5; Jr 49: 23; Jr 52: 9; 27). Não somente era um importante centro comercial, mas também se tornara notável em virtude do seu sistema de irrigação por meio de grandes rodas (‘norias’), que faziam subir a água do rio Orontes para ser levada à cidade alta. É hoje conhecida pelo nome de Hamãh ou Hama.

Arpade (na Síria) foi primeiramente capturada pelos assírios em 754 AC, no reinado de Assurnirari V (755-745 AC), em seus esforços para controlar a rota para Hamate e Damasco, que eram suas aliadas (Jr 49: 23). Arpade foi saqueada por Tiglate-Pileser III em 740 AC, após dois anos de cerco, e novamente por Sargom II, em 720

AC. Sua queda simbolizou o poder avassalador da Assíria (Is 10: 9). Hoje existem ruínas dela em Tell Rifa'ad, a 32 quilômetros a noroeste de Aleppo (Síria).

Sefarvaim (Is 10: 9; 2 Rs 17: 24; 31; 2 Rs 18: 34; 2 Rs 19: 13; Is 37: 13) foi uma cidade capturada pelos assírios. Não se tem a certeza da localização correta dela. Alguns sugerem que Sefarvaim era a antiga Sippar, pois Sefarvaim significa ‘os dois sipparas’ ou ‘as duas livrarias’, dando a entender que havia duas cidades com este nome. A cidade na margem leste do Eufrates é agora chamada Tell Abu Habbah, a cerca de sessenta quilômetros ao norte de Babilônia e a trinta quilômetros a sudoeste de Bagdá, no Iraque. A outra Sippar, Sippar-Amnanum (a moderna Tell ed-Der), estava no oeste do rio Eufrates, em Acade, a parte norte da Suméria, e que era a velha capital de Sargom I, onde ele estabeleceu uma grande biblioteca. Sippar-Amnanum era mais especificamente chamada de Sippar-Yahrurum. Após a deportação dos israelitas (Samaria), pelo menos alguns dos moradores desta cidade foram trazidos para Samaria para repovoá-la, juntamente com habitantes de outras cidades assírias. Sippar foi domínio dos babilônios, no Império Neo-Babilônico (626-539 AC); depois passou para os Impérios Aquemênida, Selêucida e Parta. Os deuses de Sefarvaim eram Adrameleque e Anameleque (2 Rs 17: 31), que eram adorados com ritos semelhantes a Moloque (Malcom ou Milcom, deus dos amonitas), com o sacrifício de crianças.

- Is 36: 21-22: “Eles, porém, se calaram e não lhe responderam palavra; porque assim lhes havia ordenado o rei, dizendo: Não lhe respondereis. Então, Eliaquim, filho de Hilquias, o mordomo, e Sebna, o escrivão, e Joá, filho de Asafe, o cronista, rasgaram suas vestes, vieram ter com Ezequias e lhe referiram as palavras de Rabsaqué”.

O povo confiou em Ezequias e se calou diante das afrontas, mas os emissários rasgaram suas vestes em sinal de grande tristeza e voltaram ao rei de Judá para lhe contar o que ouviram.



Hamate

Capítulo 37

Ezequias consulta a Isaías para orar por eles – v. 1-7.

• Is 37: 1-7 (cf. 2 Rs 18: 37; 2 Rs 19: 1-7): “Tendo o rei Ezequias ouvido isto, rasgou as suas vestes, cobriu-se de pano de saco e entrou na Casa do Senhor. Então, enviou a Eliaquim, o mordomo [NVI: ‘o administrador do palácio’], a Sebna, o escrivão [NVI: ‘o secretário’], e aos anciãos dos sacerdotes [NVI: ‘os chefes dos sacerdotes’], com vestes de pano de saco, ao profeta Isaías, filho de Amoz, os quais lhe dissessem: Assim diz Ezequias: Este dia é dia de angústia, de castigo e de opróbrio [NVI: ‘Hoje é dia de angústia, de repreensão e de vergonha’]; porque filhos são chegados à hora de nascer, e não há força para dá-los à luz. Porventura, o Senhor, teu Deus, terá ouvido as palavras de Rabsaqué [NVI: ‘do comandante de campo’], a quem o rei da Assíria, seu senhor, enviou para afrontar o Deus vivo, e repreenderá as palavras que o Senhor ouviu; faze, pois, tuas orações pelos que ainda subsistem [NVI: ‘Portanto, ore pelo remanescente que ainda sobrevive’]. Foram, pois, os servos do rei Ezequias ter com Isaías; Isaías lhes disse: Dizei isto a vosso senhor: Assim diz o Senhor: Não temas por causa das palavras que ouviste, com as quais os servos do rei da Assíria blasfemaram contra mim. Eis que meterei nele um espírito, e ele, ao ouvir certo rumor [NVI: ‘uma certa notícia’], voltará para a sua terra; e nela eu o farei cair morto à espada”.

O rei Ezequias ficou perturbado pelo que ouviu de seus mensageiros: Eliaquim, Sebna e Joá (filho de Asafe, o cronista – 2 Rs 18: 37). Então, se humilhou perante o Senhor [‘rasgou as suas vestes, cobriu-se de pano de saco e entrou na Casa do Senhor’] e, juntamente com os chefes dos sacerdotes, enviou seus oficiais ao profeta Isaías, pedindo que ele intercedesse pelos habitantes da cidade.

‘Este dia é dia de angústia, de castigo e de opróbrio; porque filhos são chegados à hora de nascer, e não há força para dá-los à luz’ – a angústia que assolava o rei e todo o povo por causa da ameaça de uma invasão era muito grande, como a de uma mulher em trabalho de parto, que se estiver muito enfraquecida não consegue dar à luz e precisa ajuda de outras mulheres para que a criança nasça. Ele, da mesma forma, estava interiormente sem ânimo e sem forças, seu espírito estava com pouca fé e necessitava da força do Espírito de Deus para poder se defender de toda aquela situação de humilhação. Ele havia se preparado para aquele momento através das obras públicas realizadas para defender a cidade dos efeitos de um cerco, porém nem se lembrava mais disso, pois se deixou intimidar por palavras ofensivas de um ímpio. Por isso, enviou o seu recado para Isaías: ‘faze, pois, tuas orações pelos que ainda subsistem [NVI: ‘Portanto, ore pelo remanescente que ainda sobrevive’]’. Perceba que aqui fica uma dúvida: de que remanescente ele estava falando? Dos judeus de outras cidades de Judá que haviam sofrido por causa da invasão da Assíria, como a cidade de Laquis e de Azeca (Is 37: 27), e que estavam agora debilitados, com medo e em pouco número? Ou, por acaso, ele se referia aos habitantes de Jerusalém? Ninguém ainda havia morrido ali pela espada de Senaqueribe, pelo menos por enquanto; e ao que parece, ele ainda não havia cercado a cidade, mas estava em Libna, após ter assolado Laquis (Is 37: 8). Portanto, o medo superou o bom senso. As emoções descontroladas suplantaram a razão e a força do Espírito.

É interessante comentar o comportamento de Ezequias em relação à Assíria no início do seu governo (2 Rs 18: 7-8) e depois de mais ou menos vinte e quatro anos. No início, ele se rebelou contra o rei da Assíria e deixou de servi-lo (provavelmente Sargom II – 722-705 AC; ou seu antecessor, Salmaneser V – 727-722 AC), sendo que o 4º ano de Ezequias descrito aqui na bíblia, quando o rei assírio subiu contra Samaria e a cercou

(725 AC) esteja se referindo ao seu período de co-regência com Acaz (729-716 AC). Depois de mais ou menos vinte e quatro anos (por volta de 701 AC), Ezequias demonstrou medo e preocupação com a ameaça de Senaqueribe, pagando-lhe um tributo alto em ouro e prata, e ainda lhe dando o ouro do templo e da casa real.

A carta de Senaqueribe a Ezequias – v. 8-13.

• Is 37: 8-13: “Voltou, pois, Rabsaqué [NVI: ‘o comandante de campo’] e encontrou o rei da Assíria pelejando contra Libna; porque ouvira que o rei já se havia retirado de Laquis. O rei ouviu que, a respeito de Tiraca, rei da Etiópia [Hebraico, Cuxe], se dizia: Saiu para guerrear contra ti. Assim que ouviu isto, enviou mensageiros a Ezequias, dizendo: Assim falareis a Ezequias, rei de Judá: Não te engane o teu Deus, em quem confias, dizendo: Jerusalém não será entregue nas mãos do rei da Assíria. Já tens ouvido o que fizeram os reis da Assíria a todas as terras, como as destruíram totalmente; e crês tu que te livrarias? Porventura, os deuses das nações livraram os povos que meus pais [NVI: ‘pelos meus antepassados’] destruíram: Gozã, Harã, Rezefe e os filhos de Éden, que estavam em Telassar? [NVI: ‘os deuses de Gozã, de Harã, de Rezefe e dos descendentes de Éden, que estavam em Telassar?’] Onde está o rei de Hamate, e o rei de Arpade, e o rei da cidade de Sefarvaim, de Hena e de Iva?”

O monarca Assírio havia enviado a Ezequias seus oficiais: Tartã (em assírio: turtanu; general ou comandante chefe), Rabe-Saris (seu oficial principal) e Rabsaqué (comandante de campo), exigindo a rendição de Jerusalém, o que foi recusado. Eles voltaram a Senaqueribe, que já tinha se retirado de Laquis e, agora, estava em Libna (2 Rs 19: 8) e lhe disseram as palavras de Ezequias. O Assírio tornou a enviar mensageiros a Ezequias com uma carta ameaçadora (Is 37: 14), mencionando a força e a determinação da Assíria, assim como a glória dos antepassados dele, superando a capacidade de defesa dos deuses de todas as cidades que eles já haviam conquistado. Senaqueribe, que insistia em afrontar o Senhor, estava se vangloriando demais, sem saber como seria o seu fim, nem como Ezequias ou o Deus de Israel lidariam com essa situação. Foi mais ou menos parecida com a situação que o rei Acabe, do reino do Norte, viveu com Ben-Hadade, rei dos Sírios, que também o ameaçava e afrontava, exigindo tributo e rendição para não invadir Samaria. Mas Acabe lhe respondeu (1 Reis 20: 9-11): “Não se gabe quem se cinge como aquele que vitorioso se descinge”. Através de profetas verdadeiros, Deus o instruiu, e ele teve vitória sobre o exército inimigo, que foi destruído.

Para nós, este episódio de Ezequias e Senaqueribe nos ensina que não devemos ouvir tanto as palavras ameaçadoras e desanimadoras do inimigo, usando a mídia moderna como seu instrumento, dando notícias ruins constantemente. Ezequias perdeu seu ‘foco’ espiritual com as ameaças de Senaqueribe por boca de Rabsaqué, já imaginando o pior, antes que acontecesse. Depois de uma grande reforma religiosa que ele tinha feito no início do seu reinado (2 Cr 29: 2-36), quebrando obras de idolatria (2 Cr 29: 16; 2 Cr 30: 14; 2 Cr 31: 1-21), santificando o templo, abrindo suas portas e restabelecendo o ministério Levítico, inclusive chamando o povo de outras tribos de Israel para celebrarem a Páscoa (2 Cr 30: 1-27), agora, com Senaqueribe às portas de Jerusalém, o rei de Judá parecia ter se esquecido da força do Senhor que o auxiliou a fazer todas aquelas obras. Da mesma forma é conosco, quando o inimigo vem se gabar do seu falso poder, mais exatamente, do seu poder de destruição. Ele faz de um jeito que a nossa imagem de Deus fica distorcida, nos faz ver um Deus impotente, incapaz de superar todo mal. Por isso nós perdemos muitas batalhas. Se olhássemos para o alto e não déssemos ouvidos às desgraças que acontecem à nossa volta, e que às vezes nem chegam a acontecer de verdade, nós veríamos o tamanho imensurável do nosso Deus,

um Deus de vida e ressurreição; um Deus de milagres e livramentos; um Deus de criatividade, que tem uma saída diferente para cada problema que enfrentamos.

- Em Is 10: 9 e Is 36: 19 há referência sobre a cidade de Hamate, Arpade e Sefarvaim. Algumas cidades também já foram citadas além dessas em capítulos anteriores de Isaías: Cuta (2 Rs 17: 24; 30) e Calno (Is 10: 9). Mas aqui há outras, mencionadas nos versículos acima: Gozã, Harã, Rezefe e os filhos de Éden, que estavam em Telassar; Hala, Hena e Iva (ou Ava).

- Cuta – Em 1881-1882 escavações foram feitas no sítio arqueológico hoje chamado Tell Ibrâim, observando-se que Cuta foi uma grande cidade na terra da Babilônia. Cuta (em Acadiano, kütu; em Sumério, gu-du-a) era a sede do deus Nergal, cujos habitantes foram deportados por Sargom II para repovoar Samaria (2 Rs 17: 24; 30). Nergal era o deus sumério da guerra e da morte, meio-irmão de Marduque (Merodaque ou Bel). Também era a divindade responsável pelos distúrbios civis e militares, deus das pestes e doenças.

- Calno ficava na Síria, antes de ser capturada pelos assírios. Calno (Is 10: 9) pode ser a mesma ‘Calné’ de Am 6: 2: “Passai a Calné e vede; e, dali, ide à grande Hamate; depois, descei a Gate dos filisteus; sois melhores que estes reinos? Ou será maior o seu território do que o vosso território?” A cidade é identificada por alguns arqueólogos como Kulnia, Kullani ou Kullanh, a moderna Kullani-Köy, entre Carquemis no rio Eufrates e Arpade, perto de Alepo, no norte da Síria, quase dez quilômetros a sudeste de Arpade. Calno ou Calné foi associada a Cane (Ez 27: 23), como uma das cidades com as quais Tiro manteve relações comerciais. Em Gn 10: 10 está escrito que Calné foi uma das quatro cidades fundadas por Ninrode: Babel, Ereque, Acade e Calné. Mas, provavelmente, não se trata da mesma cidade, uma vez que estas cidades estavam localizadas na Caldéia, ao norte da Suméria, e não na região da Mesopotâmia (ao Norte), onde depois se estabeleceu o império assírio. No caso de Ninrode (Gn 10: 10), W. F. Albright (1944) diz que a palavra ‘Calné’ não se referia a uma cidade, mas foi corrompida de uma expressão que significa: ‘todos eles’.

- Hena (2 Rs 18: 34; Strong #2012, em hebraico: Hena). Na Septuaginta é identificada com Ana, cidade da Mesopotâmia nas margens do Eufrates.

- Iva ou Ivah – Strong #5755, em hebraico, ‘Ivvah ou eAvvae, é usada para a região da Assíria ‘Ivvah’ ou ‘Avva’; esta palavra está relacionada a outra: Strong #5754, em hebraico, ‘avvah, que significa ‘reviravolta, virar, derrubar’. Iva era uma cidade na Assíria, que fica no rio Eufrates entre as cidades de Sefarvaim e Hena. É mencionada em Is 37: 13; 2 Rs 18: 34; 2 Rs 19: 13. O local atualmente é desconhecido. Alguns pesquisadores sugerem ser a mesma cidade citada em 2 Rs 17: 24; 31 (Ava; Aveus – Strong #5757, em hebraico, ‘Avviy: um nativo de Avvah; somente no plural: aveus). 2 Rs 17: 31 diz: “Os aveus fizeram Nibaz e Tartaque; e os sefarvitas queimavam seus filhos a Adrameleque e a Anameleque, deuses de Sefarvaim”. Nibaz (Strong #5026, em hebraico: Nibchaz, que significa ‘senhor das trevas’.

- Gozã é identificada como a antiga Gusana (Guzana) na região da Mesopotâmia (século X AC), no curso superior do rio Habor (atualmente Habür; em Árabe: al-khābūr), e com a moderna Tell Halaf ao norte da Síria, perto da moderna fronteira com a Turquia. Gozã foi inicialmente uma cidade Hitita no 6º milênio AC, segundo os arqueólogos; e no final do século IX AC a cidade e seus arredores foram incorporados ao Império Assírio – 808 AC. Tell Halaf é um nome aramaico local, sendo que ‘Tell’ quer dizer ‘colina’, e ‘Tell Halaf’, ‘feito de cidade antiga’. Gozã se rebelou severamente contra os assírios em 759 AC, no reinado de Assurdã III ou Ashur-dan III (773-755 AC), e sobreviveu até o Período Romano-Parto. Habor (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5:

26), atualmente Habūr, é um rio que deságua no Eufrates. Atravessava a província Assíria de Gozã (n^ohar gôzân, ‘rio de Gozã’).

- Em 2 Rs 18: 10 e 2 Rs 17: 6 está escrito que no sexto ano de Ezequias e o nono de Oséias, Samaria foi tomada por Sargom II (722 AC) e que seus habitantes foram transportados para Hala, junto a Habor e ao rio Gozã, e nas cidades dos Medos (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5: 26). Hala (1 Cr 5: 26 – Strong #2477 – Chalach) é referida como uma região da Assíria, perto de Nínive. Em Gn 10: 11 está escrito que Ninrode habitou entre Nínive e Cala (provavelmente Hala).

- Rezefe ou Resafa significa ‘pavimento’. É um sítio arqueológico cerca de duzentos e dez quilômetros a leste-nordeste de Hamate na cidade que se chama Al Resafa, na moderna Síria. Era importante centro de caravanas, na rota do Eufrates até Hamate. Há várias formas de escrever seu nome: Reseph, no hebraico bíblico; Ράφης, no grego antigo da Septuaginta (Is 37: 12); em Acadiano: Rašappa; em Assírio: Resàfa; no grego atual: Rhesapha (Ρεσαφα). Ela teve uma grande história no período romano do oriente, quando ficou conhecida como Sergiópolis, devido ao nome de um soldado cristão ortodoxo, mártir naquele lugar.

- Telassar – o nome t^ela’ssâr ou t^elassâr (Strong #8515 – tla’ssar ou tlassar – 2 Rs 19: 12; Is 37: 12) é mencionado essas duas vezes na bíblia. Telassar era habitada pelos filhos de Éden (b^enê ‘edhen) e é mencionado junto com Gozã e Harã, que estão no norte da Mesopotâmia. Eles provavelmente viviam na área entre os rios Eufrates e Bali (ou Belikh), que os assírios chamavam de Bīti-Adini (Hebr.: Bete-Éden) ou ‘A Casa de Adinu’, ‘casa do mal’ ou ‘casa do leite’. Os termos Éden ou Edin apareceram primeiramente na Suméria, a região sul da Mesopotâmia que produziu a primeira língua escrita do mundo. Isto ocorreu no terceiro milênio AC. Em sumério, a palavra ‘Éden’ significa, simplesmente: ‘a planície fértil’ (em hebraico significa: leite, lugar de delícias). Nos achados arqueológicos é mencionado por Tiglate-Pileser III e Esar-Hadom um lugar chamado Til-Assur, que parece ficar perto da fronteira assíria com o Elão. Entretanto, não se pode comprovar tal localidade. Não se sabe se o nome ‘A Casa de Adinu’ está relacionado ao nome do governante daquela cidade, Ahuni (também conhecido como Akhuni), durante meados do século IX AC (no período dos reinos: Arameu e Neo-Hitita; 1000-800 AC) ou se Adinu se trata de algum deus primitivo da Mesopotâmia.

- Harã (Gn 11: 31-32; Is 37: 12 – Strong #2771 – hārān ou charan, חָרָן, ‘ressecado’, ‘rachado’; em grego, Cháran, Χάραν) é também chamada de Hara (2 Rs 19: 12; 1 Cr 5: 26). Pul (2 Rs 15: 19; 1 Cr 5: 26) é um nome alternativo para Tiglate-Pileser III (2 Rs 15: 29; 1 Cr 5: 26), rei da Assíria. A bíblia a chama como uma das ‘cidades dos Medos’, enquanto a Septuaginta traduz como ‘montanhoso’, o que pode representar o termo hebraico hārê ou hara’ (חָרָה, Strong #2024), ‘região montanhosa’, uma região da Média. Em 1 Cr 5: 26 (NVI) está escrito: “Por isso o Deus de Israel incitou Pul, que é Tiglate-Pileser, rei da Assíria, a levar as tribos de Rúben, de Gade e a metade da tribo de Manassés para Hala, Habor, Hara (חָרָה, Strong #2024) e para o rio Gozã, onde estão até hoje”.

O mais interessante é que a bíblia usa as duas palavras nos diversos textos: Hara e Harã (este último, aqui em Is 37: 12). Harã foi a cidade onde Abraão se estabeleceu após sair de Ur, na Caldéia. Foi dominada pela Assíria por estar na rota comercial entre Nínive e Alepo, um centro comercial que mantinha contato com os portos de Tiro (Ez 27: 23). Adade-Nirari I (1310 AC) a fortificou, e Tiglate-Pileser I (1115 AC) embelezou o templo antigo de Sîn, o deus-lua. Durante muito tempo foi província da Assíria. Ela se rebelou e foi saqueada em 763 AC (durante o reinado de Assurdã III ou Ashur-dan III). A cidade foi restaurada por Sargom II, e o templo foi reparado e re-mobiliado por Esar-

Hadom e por Assurbanipal. Depois da queda de Nínive (612 AC) Harã se tornou a última capital da Assíria, antes de sua captura pela Babilônia em 609 AC. Os babilônios restauraram o templo de Sîn em Harã e em Ur por interesse nos templos da Babilônia. Os partos e os romanos a dominaram, e depois, os islâmicos.

Nos tempos de Abraão, os Arameus (em Aramaico, 'aramáyé) eram uma antiga confederação tribal de língua aramaica semítica do Noroeste que emergiu da região conhecida como Aram ou Arã (na atual Síria) no 8º século AC. Eles se apoderaram de grandes extensões da Mesopotâmia. Assim, Arameus é um nome comum para sírios e assírios, pois se refere à região de Aram, na bíblia.



Como comentei em Is 33: 1-22, a língua formal do Império Babilônico era o Aramaico, cujo nome deriva de Aram ('terras altas' em Cananeu, o antigo nome da Síria) ou Aram Naharayim, traduzido erroneamente como se referindo a toda a 'Mesopotâmia', mas sendo mais exatamente, uma região do norte dentro da Mesopotâmia.

Escritores antigos usaram o nome 'Mesopotâmia' para toda a terra entre o Tigre e o Eufrates, desde as montanhas de Ararate na Turquia até o Golfo Pérsico.

A palavra hebraica Aram Naharayim (Strong #763) pode ser encontrada 6 vezes no AT: Gn 24: 10; Dt. 23: 4; Jz 3: 8; 10; 1 Cr 19: 6; Sl 60 – Explicação sobre a vitória de Davi.

A terra de Arã-Naaraim ('Arã dos dois rios'), incluía Padã-Arã e a cidade de Harã (Haran ou Harran), mencionada 10 vezes na Bíblia (Gn 11: 31-32; Gn 12: 4-5; Gn 27: 43; Gn 28: 10; Gn 29: 4; 2 Rs 19: 12; Is 37: 12; Ez 27: 23).

Padã (Strong #6307, פדן) ou Padã-Arã ('Campo' ou 'planície de Arã' ou 'a área plana de Arã') e é o nome geográfico dado à região ao redor da cidade bíblica de Harã, na Síria, e compreendia a área dentro da grande curva do Eufrates entre Carquemis, no oeste, e o rio Cabur no leste (em turco: Habur ou em árabe: Khabur).

Esta região é tradicionalmente considerada povoada por descendentes de Aram, filho de Sem (Gn 10: 22; 1 Cr 1: 1-27), o pai dos povos semitas, inclusive pai dos hebreus (descendentes de Héber). Os povos semitas incluem, portanto, povos israelitas e não israelitas como os moabitas, os amonitas, os árabes, os acadianos e os arameus: sírios e assírios que ocuparam grande parte da Mesopotâmia.

No livro de Gênesis, o nome Aram-Naharaim é usado tanto para a região propriamente dita de Arã-Naaraim (Strong #763, 'Aram Naharayim' – Gn 24: 10 – 'Mesopotâmia', se referindo à terra de Naor, irmão de Abraão Gn 22: 20-23), como para Padã-Arã (Gn 25: 20) e Harã (Gn 11: 31-32; Gn 12: 4-5; Gn 27: 43; Gn 28: 10; Gn 29: 4), para se referir ao lugar onde Abraão ficou brevemente com a família de seu pai Terá depois de deixar Ur dos Caldeus, enquanto estava a caminho de Canaã (Gn 11: 31), e o lugar de onde os patriarcas posteriores obtiveram esposas, em vez de se casar com filhas de Canaã (Gn 24: 4; 15; 67 – Isaque; Gn 28: 1-2; 6-7; Gn 29: 5 – Jacó).

Vale comentar que Terá gerou três filhos: Abrão, Naor e Harã (Gn 11: 26). O nome Harã (com H), irmão de Abraão, em hebraico, se escreve também como הָרָן, Strong #2039, e significa 'montanhês, montanhista'. Em inglês se escreve 'Haran'. Existem mais dois outros homens como o mesmo nome na Bíblia:

1) Arã (Strong #758, אֲרָן, terras altas) – Gn 10: 22-23 – filho de Sem, pai dos arameus; mas seu nome é sem o 'H', tanto em inglês (Aram) como em português (Arã).

2) Arã – Gn 22: 21 – neto de Naor, irmão de Abraão; seu nome também é sem o 'H', tanto em inglês (Aram) como em português (Arã).

Quando escrevi sobre os deuses de Sefarvaim e das outras cidades assírias, cujos habitantes trouxeram junto com eles para repovoar Samaria, o Espírito Santo me lembrou de outros deuses citados pelo profeta Amós (Am 5: 24-27, em especial no v. 26). Amós veio um pouco antes de Isaías (do reino de Judá – 740-681 AC), pois seu período de exercício profético é por volta de 760-750 AC, alguns anos antes de Isaías começar o seu, e profetizou em Israel, o reino do norte durante o reinado de Jeroboão II, contemporâneo de Uzias, bisavô de Ezequias. Amós 5: 24-27 diz: "Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene. Apresentastes-me, vós, sacrifícios e ofertas de manjares no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel? Sim, levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela, que fizestes para vós mesmos. Por isso, vos desterrarei para além de Damasco, diz o Senhor, cujo nome é Deus dos Exércitos". Isso significa que Deus já estava avisando Israel da sua deportação para a Assíria, após a invasão de Samaria em 722 AC, por causa da idolatria deles. 'Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela' (v. 26) diz respeito a deuses assírios, mas também adorados no Egito. Sicute era um ídolo a quem deram o título de rei. Quium (hebraico: Kiyuwn) significa: uma imagem, um pilar. Provavelmente era uma estátua do deus assírio-babilônico do planeta Saturno. Sabemos que Harã ou Padam-Aram, desde a época de Abraão, mantinha relações comerciais e amigáveis com o Egito. Não admira o povo de Israel ter conhecimento deles! Quium (Chiun), no Egito, é o mesmo que Saturno e, às vezes, é chamado de Kaiwan ou soletrado como Khiun, significando 'estrela'. A estrela de Saturno era um deus. Sakkuth ou Kaiwan ou Chiun

são deuses assírios e são objetos de adoração idólatra que, em Acadiano, significam ‘o planeta’ ou ‘estrela’, Saturno. Embora tendo sido liberto do Egito, o povo de Israel se lembrou daqueles deuses no deserto.



A oração de Ezequias – v. 14-20.

• Is 37: 14-20: “Tendo Ezequias recebido a carta das mãos dos mensageiros, leu-a; então, subiu à Casa do Senhor, estendeu-a perante o Senhor e orou ao Senhor, dizendo: Ó Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, que estás entronizado acima dos querubins, tu somente és o Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste os céus e a terra. Inclina, ó Senhor, os ouvidos e ouve; abre, Senhor, os olhos e vê; ouve todas as palavras de Senaqueribe, as quais ele enviou para afrontar o Deus vivo. Verdade é, Senhor, que os reis da Assíria assolaram todos os países e suas terras e lançaram no fogo os deuses deles [NVI: ‘os deuses delas’, das nações], porque deuses não eram, senão obra de mãos de homens, madeira e pedra; por isso, os destruíram. Agora, pois, ó Senhor, nosso Deus, livra-nos das suas mãos, para que todos os reinos da terra saibam que só tu és o Senhor (cf. 2 Rs 19: 19: “Só tu és o Senhor Deus”)”.

Ezequias recebeu a carta de Senaqueribe, mas a entregou em oração nas mãos de Deus, na Sua Casa, e este lhe respondeu através do profeta Isaías com palavras de libertação para Judá e julgamento sobre o opressor (2 Rs 19: 14-34; Is 37: 21-35). Assim nós devemos fazer com as palavras ruins e com as situações adversas que chegam à nossa vida, quando nos sentimos impotentes para fazer alguma coisa, pois não sabemos o que fazer. Em Jó 26: 1-3 está escrito: “Jó, porém, respondeu: Como sabes ajudar ao que não tem força e prestar socorro ao braço que não tem vigor! Como sabes

aconselhar ao que não tem sabedoria e revelar plenitude de verdadeiro conhecimento!” e em 2 Co 12: 10b, Paulo escreve: “Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte”.

Isaías conforta Ezequias – v. 21-35.

• Is 37: 21-35 (cf. 2 Rs 19: 20-34): “Então, Isaías, filho de Amoz, mandou dizer a Ezequias: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Visto que me pediste acerca de Senaqueribe, rei da Assíria, esta é a palavra que o Senhor falou a respeito dele: A virgem, filha de Sião, te despreza e zomba de ti; a filha de Jerusalém meneia a cabeça por detrás de ti [NVI: ‘enquanto você foge’]. A quem afrontaste e de quem blasfemaste? E contra quem alçaste a voz e arrogantemente ergueste os olhos? Contra o Santo de Israel. Por meio dos teus servos, afrontaste o Senhor e disseste: Com a multidão dos meus carros, subi ao cimo dos montes, ao mais interior do Líbano; deitarei abaixo os seus altos cedros e os ciprestes escolhidos, chegarei ao seu mais alto cimo, ao seu denso e fértil pomar [NVI: ‘Entre em suas regiões mais remotas, na melhor parte de suas florestas. Em terras estrangeiras cavei poços e bebi água’]. Cavei e bebi as águas e com a planta de meus pés sequei todos os rios do Egito. Acaso, não ouviste que já há muito dispus eu estas coisas, já desde os dias remotos o tinha planejado? Agora, porém, as faço executar e eu quis que tu reduzisses a montões de ruínas as cidades fortificadas [*Deus deixa claro que foi por vontade dEle*]. Por isso, os seus moradores, debilitados, andaram cheios de temor e envergonhados; tornaram-se como a erva do campo, e a erva verde, e o capim dos telhados [Massorético: ‘terraços’ – cf. 2 Rs 19: 26], e o cereal queimado antes de amadurecer. Mas eu conheço o teu assentar, e o teu sair, e o teu entrar, e o teu furor contra mim. Por causa do teu furor contra mim, e porque a tua arrogância [NVI: ‘o seu atrevimento’] subiu até aos meus ouvidos, eis que porei o meu anzol no teu nariz, e o meu freio, na tua boca, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste. Isto te será por sinal [*para Ezequias*]: este ano se comerá o que espontaneamente nascer e no segundo ano o que daí proceder; no terceiro ano, porém, semeai e colhei, plantai vinhas e comei os seus frutos. O que escapou da casa de Judá e ficou de resto tornará a lançar raízes para baixo e dará fruto por cima [NVI: ‘Mais uma vez um remanescente da tribo de Judá lançará raízes na terra e se encherão de frutos os seus ramos’]; porque de Jerusalém sairá o restante, e do monte Sião, o que escapou [NVI: ‘De Jerusalém sairão sobreviventes, e um remanescente do monte Sião’]. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. Pelo que assim diz o Senhor acerca do rei da Assíria: Não entrará nesta cidade, nem lançará nela flecha alguma, não virá perante ela com escudo, nem há de levantar tranqueiras contra ela [NVI: ‘nem construirá rampas de cerco contra ela’]. Pelo caminho por onde vier, por esse voltará; mas nesta cidade não entrará, diz o Senhor. Porque eu defenderei esta cidade, para a livrar, por amor de mim e por amor do meu servo Davi”.

Isaías deu uma palavra de conforto para Ezequias e firmou nele a fé de que Deus mesmo responderia à afrontas, livraria Jerusalém e realizaria a Sua vingança contra o inimigo. Deus dizia que Jerusalém zombaria dos assírios, como eles tinham feito com ela. Ele também revela o Seu poder de sondar os pensamentos e os corações de cada um, e Ele é o único ser capaz de mover os homens a realizar apenas o Seu querer, ainda que eles pensem que estão tendo sucesso por suas próprias forças. Deus já planejou tudo desde a eternidade, e sempre punirá toda arrogância, desobediência, sofisma e altivez que se levantarem contra o Seu verdadeiro conhecimento (2 Co 10: 5). É assim que Ele age contra os nossos inimigos; eles vem por um caminho, mas voltam por sete (Dt 28: 7 cf. Êx 23: 22).

‘O que escapou da casa de Judá e ficou de resto tornará a lançar raízes para baixo e dará fruto por cima [NVI: ‘Mais uma vez um remanescente da tribo de Judá lançará

raízes na terra e se encherão de frutos os seus ramos’]; porque de Jerusalém sairá o restante, e do monte Sião, o que escapou [NVI: ‘De Jerusalém sairão sobreviventes, e um remanescente do monte Sião’]. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto’ (Is 37: 31-32).

Aqui, o profeta estava se referindo aos poucos que escaparam das cidades fortificadas de Judá, no momento da invasão da terra por Senaqueribe, e que fugiram para Jerusalém em busca de segurança. Estes representam os poucos escolhidos e resgatados de Deus que, em Cristo, são salvos. Aqueles judeus tomariam a lançar raízes para baixo e dariam fruto por cima, significando que aquelas pessoas que fugiram de suas próprias habitações para Jerusalém deveriam retornar para suas casas, pois não haveria cerco nesta cidade; elas deveriam se estabelecer na sua terra e viver pacífica e prosperamente, abundando em todas as coisas boas. Isso simboliza os crentes que voltam a criar raízes no amor e na palavra de Deus (uma raiz escondida) e que é a fonte da salvação, trazendo bênçãos que jamais serão tiradas: “Eu lhes dou a vida eterna [*às ovelhas, é o que Ele estava falando*]; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (Jo 10: 28-29). Um crente firmado no Senhor, mesmo passando por tribulações, continua sempre a dar fruto, a fazer as boas obras decorrentes dos dons espirituais derramados sobre ele.

‘De Jerusalém sairão sobreviventes, e um remanescente do monte Sião’, pode dizer respeito aos tempos do evangelho, quando discípulos de Jesus saíram de Jerusalém, levando Sua palavra e Seus ensinamentos por todo o mundo, inclusive aos gentios, pois estavam firmados solidamente nela e na presença do Senhor no templo dos seus corações, no trono de graça de onde vinha a verdadeira lei (‘De Sião sairá a lei’ – Is 2: 3; Mq 4: 2b). Sião é símbolo do templo de Deus, do Seu trono, de onde vêm o verdadeiro ensino e as maiores bênçãos; do lugar onde Deus se assenta no trono. Para nós, é Sião é o nosso espírito, nosso templo interior; e Jerusalém representa a nossa vida, mais especificamente, a nossa alma santificada pelo poder do Espírito de Deus, onde os santos e fiéis têm passagem para entrar, mas os ímpios e impuros são proibidos pelo próprio Deus, da mesma maneira que acontecerá na Nova Jerusalém celestial. O nosso corpo é a morada do nosso espírito e da nossa alma, onde o Senhor habita. Mas depois da Sua segunda vinda, a Nova Jerusalém será um lugar mais amplo, onde Ele acolherá todos os Seus escolhidos para viverem eternamente com Ele. O versículo 35 termina dizendo que o Senhor defenderia Jerusalém por amor dEle e de Davi. Deus jamais invalidou Suas promessas feitas a Davi, mesmo porque o Messias seria um descendente de Davi (At 13: 22-23; Jo 7: 42). Da mesma forma, Ele jamais invalidará Sua aliança feita conosco: ‘de maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei’ (Hb 13: 5b).

A destruição do exército dos assírios – v. 36-38.

• Is 37: 36-38 (cf. 2 Rs 19: 35-37; 2 Cr 32: 21-22): “Então, saiu o Anjo do Senhor [NVI: ‘o anjo do Senhor’, com letra minúscula] e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil; e, quando se levantaram os restantes pela manhã, eis que todos estes eram cadáveres. Retirou-se, pois, Senaqueribe, rei da Assíria, e se foi; voltou e ficou em Nínive. Sucedeu que, estando ele a adorar na casa de Nisroque, seu deus [NVI: ‘Certo dia, quando estava adorando no templo de seu deus Nisroque’], Adrameleque e Sarezer, seus filhos, o feriram à espada e fugiram para a terra de Ararate; e Esar-Hadom, seu filho, reinou em seu lugar”.

O resultado desta campanha de Senaqueribe em 701 AC foi descrito na bíblia: a destruição de cento e oitenta e cinco mil soldados do exército Assírio, durante a noite,

por um anjo do Senhor (2 Rs 19: 35; 2 Cr 32: 21-23; Is 37: 36). Senaqueribe, porém, desistiu do cerco da cidade, retirando-se para sua capital, Nínive (2 Rs 19: 36; Is 37: 37-38), onde foi morto por dois de seus filhos: Adrameleque e Sarezer. Entretanto, aqui é bem provável que houve um intervalo de tempo entre os dois eventos, pois sua morte está registrada na História como sendo em 681 AC, quando seu filho mais novo, Assaradão (Esar-Hadom), subiu ao poder; mesmo porque a NVI diz: “Certo dia, quando estava adorando no templo de seu deus Nisroque, seus filhos Adrameleque e Sarezer o feriram à espada, e fugiram para a terra de Ararate. E seu filho Esar-Hadom foi o seu sucessor”. Isso pode confirmar que houve um intervalo de anos entre os eventos. Sabe-se que depois desta campanha de 701 AC contra Ezequias, ele passou o resto de seu reinado em campanhas militares contra rebeldes no seu império. Nisroque poderia ser tradução do nome do deus nacional da Assíria, Assur (na Septuaginta, Esorach).

Capítulo 38

A doença de Ezequias e sua cura maravilhosa – v. 1-21 (cf. 2 Rs 20: 1-11; 2 Cr 32: 24-31).

Ezequias, em sua doença, recebe de Isaías uma mensagem de morte – v. 1.

• Is 38: 1: “Naqueles dias, Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal; veio ter com ele o profeta Isaías, filho de Amoz, e lhe disse: Assim diz o Senhor: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás”.

Não se sabe qual era a doença de Ezequias; apenas que deveria ser muito grave, pois o profeta lhe disse que Deus o levaria em breve.

Ele ora a Deus – v. 2-3.

• Is 38: 2-3: “Então, virou Ezequias o rosto para a parede e orou ao Senhor. E disse: Lembra-te, Senhor, peço-te, de que andei diante de ti com fidelidade, com inteireza de coração e fiz o que era reto aos teus olhos; e chorou muitíssimo [NVI: ‘chorou amargamente’]”.

Ezequias levou um choque ao receber a notícia, como qualquer pessoa recebe do médico um diagnóstico desfavorável. Ezequias se lembrou do Senhor e decidiu orar pedindo cura. O argumento que lhe veio à mente foi o que já havia feito de bom e reto diante dos olhos de Deus, e esperou que Ele levasse isso em conta para dar Seu julgamento definitivo. Talvez o que tenha passado pela sua mente é que depois de tanta coisa que ele havia sofrido e superado, ou do que já havia feito em prol do seu povo e em favor das coisas do Senhor, seria injusto sofrer uma doença daquela e morrer por causa dela. Seria como se estivesse sendo punido por Deus. Naquela época, era comum se pensar que qualquer doença grave que viesse sobre uma pessoa era um sinal de punição por algum pecado que ela tivesse cometido; é só nos lembramos de Jó e do que ele ouviu dos seus próprios amigos. Talvez naquele momento, Ezequias tenha se lembrado de muitas coisas erradas que tinha feito em sua vida, e as lágrimas eram lágrimas de arrependimento, ao ser confrontado com sua fragilidade, incapacidade e humanidade diante de um Deus tão poderoso. Talvez ele estivesse chorando pelo seu povo e pela responsabilidade que ele, como rei, tinha sobre seus súditos que, neste momento, pareciam abandonados e sem direção. Ou, então, ele chorava porque, sendo um ser humano, aquela notícia o tinha magoado. Não se sabe exatamente porque ele chorou, mas a bíblia diz que chorou muito. A NVI diz: ‘chorou amargamente’, o que poderia nos dar uma idéia da causa do seu choro: um choro amargo de quem se vê injustiçado ou frustrado nos seus sonhos; de quem vê que não fez o suficiente de bom na vida e se arrepende agora de ter tomado tantas decisões erradas; o choro amargo de se sentir abandonado no momento em que mais precisa de consolo; ou muitas outras causas. Mas o Senhor sabia por que e só estava esperando por esse ato de humildade da parte de Ezequias para poder agir. Davi também chorou quando o filho do seu pecado com Bate-Seba morreu; chorou por reconhecer o seu pecado, se arrependeu e pediu misericórdia, e foi ouvido, pois sua sinceridade tocou o coração de Deus. Por isso, Jesus disse nas bem-aventuras: “Bem-aventurados os que choram porque serão consolados” (Mt 5: 4 cf. Is 61: 2). Isso nos fala sobre o choro de uma alma sincera que busca desesperadamente algo que só Deus pode dar, que é invisível aos olhos humanos e impossível de ser comprado com dinheiro: salvação, perdão, justiça divina, reconciliação com alguém, sensação de pureza e inocência, restituição da intimidade com Deus, poder sorrir novamente, a cura de um trauma que precisa ser esquecido para continuar a viver, cumprir sua missão na terra com liberdade etc. São felizes os que

choram, porque recebem de Deus o consolo. E o choro que o Senhor fala aqui é o choro de arrependimento que produz vontade de mudar de vida. É chorar para que a justiça divina se estabeleça na terra, libertando, curando, trazendo novamente a alegria da comunhão com Ele. Bem-aventurados os que choram pelo seu afastamento dEle, porque Ele ouve o seu choro e os consola, restabelecendo novamente seu relacionamento e sua intimidade com o Pai. Jesus disse: “no mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo [*coragem*]; eu venci o mundo” (Jo 16: 33).

Deus prolonga sua vida e lhe dá um sinal – v. 4-8.

- Is 38: 4-8: “Então, veio a palavra do Senhor a Isaías, dizendo: Vai e dize a Ezequias: Assim diz o Senhor, o Deus de Davi, teu pai: Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas; acrescentarei, pois, aos teus dias quinze anos (a bíblia acrescenta em 2 Rs 20: 5b: ‘... eis que eu te curarei; ao terceiro dia, subirás à Casa do Senhor’). Livrar-te-ei das mãos do rei da Assíria, a ti e a esta cidade, e defenderei esta cidade. Ser-te-á isto da parte do Senhor como sinal de que o Senhor cumprirá esta palavra que falou: eis que farei retroceder dez graus a sombra lançada pelo sol declinante no relógio de Acáz. Assim, retrocedeu o sol os dez graus que já havia declinado [NVI: ‘E a luz do sol retrocedeu os dez degraus que tinha avançado’]”.

O Senhor estava acrescentando quinze anos à sua vida sem aquela doença, e confirmava para ele, Ezequias, e para o seu povo a sua libertação das mãos da Assíria. E para aumentar a sua fé, Ele lhe daria um sinal visível. Em 2 Rs 20: 8-11 está escrito que Ezequias perguntou ao profeta qual era o sinal que Deus lhe daria, para que ele soubesse que estaria curado mesmo. Isaías lhe deu uma escolha, Ezequias escolheu o que achava melhor, e Deus cumpriu o que para Ezequias seria um sinal de sua cura.

Em 2 Cr 32: 24-31 está escrito: “Naqueles dias, adoeceu Ezequias mortalmente; então, orou ao Senhor, que lhe falou e lhe deu um sinal. Mas não correspondeu Ezequias aos benefícios que lhe foram feitos; pois o seu coração se exaltou. Pelo que houve ira contra ele e contra Judá e Jerusalém. Ezequias, porém, se humilhou por se ter exaltado o seu coração, ele e os habitantes de Jerusalém; e a ira do Senhor não veio contra eles nos dias de Ezequias. Teve Ezequias riquezas e glória em grande abundância; proveu-se de tesourarias para prata, ouro, pedras preciosas, especiarias, escudos e toda sorte de objetos desejáveis; também proveu-se de armazéns para a colheita do cereal, do vinho e do azeite; e de estrebarias para toda espécie de animais e de redes para os rebanhos. Edificou também cidades e possuiu ovelhas e vacas em abundância; porque Deus lhe tinha dado mui numerosas possessões. Também o mesmo Ezequias tapou o manancial superior das águas de Giom e as canalizou para o ocidente da Cidade de Davi. Ezequias prosperou em toda a sua obra. Contudo, quando os embaixadores dos príncipes da Babilônia lhe foram enviados para se informarem do prodígio que se dera naquela terra, Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração”.

O versículo acima: ‘Naqueles dias, adoeceu Ezequias mortalmente; então, orou ao Senhor, que lhe falou e lhe deu um sinal’ se refere a um tempo depois da exaltação do seu coração por tudo o que o Senhor já lhe havia dado.

Então, isso nos dá uma pista de que o seu choro está ligado ao arrependimento do comportamento do seu coração em relação a todos os benefícios recebidos de Deus, a tudo o que ele fez em Judá como um administrador competente, e que foi colocado em 2 Cr 32: 27-30. Aqui, nós supomos que por causa de tudo isso seu coração se exaltou e houve ira da parte de Deus contra ele e contra Judá e Jerusalém, trazendo Senaqueribe contra eles. Ezequias, porém, se humilhou por se ter exaltado o seu coração, ele e os

habitantes de Jerusalém; e a ira do Senhor não veio contra eles nos dias de Ezequias. E agora, esta doença o levava a repensar em tudo o que tinha feito.

Provavelmente, a outra parte que fala: ‘Contudo, quando os embaixadores dos príncipes da Babilônia lhe foram enviados para se informarem do prodígio que se dera naquela terra, Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração’ se refere a um novo episódio de exaltação do coração de Ezequias, onde a bíblia não mais menciona a ira de Deus contra Judá e Jerusalém; apenas contra o rei (‘Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração’), pois o rei pode ter se exaltado em relação ao livramento que ele recebeu quanto a Senaqueribe, e que, certamente foi do conhecimento de várias nações, e também por causa de sua cura maravilhosa. Por isso (Is 39: 1-8), ele agiu presunçosamente em relação aos enviados da Babilônia, e aí sim, o Senhor o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração. Em Is 39: 8 a bíblia diz que Ezequias aceitou a sentença de Deus, mas não menciona novamente um choro de arrependimento nem uma intercessão pelos seus descendentes, que sofreriam por causa das suas atitudes. Ele se preocupou apenas com ele mesmo naquele momento.

Seu cântico de louvor a Deus – v. 9-20.

• Is 38: 9-20: “Cântico de Ezequias, rei de Judá, depois de ter estado doente e se ter restabelecido: Eu disse: Em pleno vigor de meus dias, hei de entrar nas portas do além; roubado estou do resto dos meus anos. Eu disse: já não verei o Senhor na terra dos viventes; jamais verei homem algum entre os moradores do mundo. A minha habitação foi arrancada e removida para longe de mim, como a tenda de um pastor; tu, como tecelão, me cortarás a vida da urdidura, do dia para a noite darás cabo de mim [NVI: ‘A minha vida foi enovelada, como faz o tecelão, e ele me cortou como um pedaço de tecido; dia e noite foi acabando comigo’]. Espero com paciência até à madrugada, mas ele, como leão, me quebrou todos os ossos; do dia para a noite darás cabo de mim. Como a andorinha ou o grou [NVI: ‘como um tordo’], assim eu chilreava e gemia como a pomba; os meus olhos se cansavam de olhar para cima. Ó Senhor, ando oprimido, responde tu por mim. Que direi? Como prometeu, assim me fez [NVI: ‘Ele falou comigo, e ele mesmo fez isso’]; passarei tranqüilamente por todos os meus anos, depois desta amargura da minha alma [NVI: ‘Andarei humildemente toda a minha vida, por causa dessa aflição da minha alma’]. Senhor, por estas disposições tuas vivem os homens, e inteiramente delas depende o meu espírito [NVI: ‘Senhor, por tais coisas os homens vivem, e por elas também vive o meu espírito’]; portanto, restaura-me a saúde e faze-me viver [NVI: ‘Tu me restauraste a saúde e deixaste-me viver’]. Eis que foi para minha paz que tive eu grande amargura [NVI: ‘Foi para o meu benefício que tanto sofri’]; tu, porém, amaste a minha alma e a livraste da cova da corrupção, porque lançaste para trás de ti todos os meus pecados. A sepultura não te pode louvar, nem a morte glorificar-te; não esperam em tua fidelidade os que descem à cova. Os vivos, somente os vivos, esses te louvam como hoje eu o faço; o pai fará notória aos filhos a tua fidelidade. O Senhor veio salvar-me; pelo que, tangendo os instrumentos de cordas, nós o louvaremos todos os dias de nossa vida, na Casa do Senhor”.

Neste cântico de louvor pelo seu restabelecimento, Ezequias coloca algumas frases que ele mesmo disse ao Senhor durante a oração que fez pedindo cura. O cântico mostra que ele voltou a reconhecer o senhorio de Deus sobre o seu poder como rei de uma nação. Seu espírito voltou à posição de humildade.

Sua recuperação – v. 21-22

- Is 38: 21: “Ora, Isaías dissera: Tome-se uma pasta de figos e ponha-se como emplasto sobre a úlcera [NVI: ‘no furúnculo’]; e ele recuperará a saúde. Também dissera Ezequias: Qual será o sinal que de que hei de subir à Casa do Senhor?”

Pouco se sabe sobre os efeitos curativos do figo na Antiguidade. Algumas fontes [Douglas, J.D.] referem o emprego medicinal de pasta de figos, que em Ugarite [antiga cidade na Síria (Em árabe, Ūḡārīt), cujas ruínas são chamadas de Ras Shamra] era usada como remédio para cavalos. Nós sabemos apenas que o figo é rico em vitaminas A, B1 e B2, que têm efeito antioxidante, e minerais como: cálcio, ferro, fósforo, magnésio, sódio e potássio. No caso de Ezequias, é evidente que a cura veio pelas mãos de Deus, não exatamente pela pasta de figos. Isso foi apenas, um fator físico auxiliar, uma estratégia de cura para a doença do rei. Misturado com algum tipo de unguento, o figo talvez auxiliasse na erupção de um furúnculo e na eliminação de pus.

Capítulo 39

A embaixada da Babilônia – v. 1-2

• Is 39: 1-2 (cf. 2 Rs 20: 12-19): “Nesse tempo, Merodaque-Baladã, filho de Baladã, rei da Babilônia, enviou cartas e um presente a Ezequias, porque soube que estivera doente e já tinha convalescido. Ezequias se agradou disso e mostrou aos mensageiros a casa do seu tesouro, a prata, o ouro, as especiarias, os óleos finos, todo o seu arsenal e tudo quanto se achava nos seus tesouros; nenhuma coisa houve, nem em sua casa, nem em todo o seu domínio, que Ezequias não lhes mostrasse”.

Merodaque-Baladã, em babilônico significa: ‘Marduque deu um filho’. Marduque, Marduk ou Merodaque, como é apresentado na bíblia, é um deus protetor da cidade da Babilônia, pertencente a uma geração tardia de deuses da antiga Mesopotâmia. Marduque é chamado de Merodaque pelos hebreus (2 Rs 25: 27; Is 39: 1; Jr 50: 2). Em inscrições cuneiformes assírias e babilônicas, o nome Merodaque-Baladã é escrito como Marduk-apla-iddina II, originalmente governador de Bit-Yakin (731-710 AC), um pequeno distrito caldeu ao norte do golfo Pérsico e ao Sul de Babilônia. Quando Tiglate-Pileser III (745-727 AC) entrou na Babilônia em 731 AC, Merodaque-Baladã lhe levou presentes e apoiou os assírios contra um xequre rebelde, Ukin-zer. Quando Sargom II (Sharrukin II – 722-705 AC) subiu ao poder em 722 AC, Merodaque-Baladã entrou na Babilônia e reivindicou o trono. Os assírios reagiram e atacaram os aliados elamitas da Babilônia no ano seguinte. Não se sabe muito bem o resultado da batalha; apenas que Merodaque-Baladã permaneceu no trono da Babilônia até 710 AC, quando Sargom II, depois de neutralizar os elamitas, entrou na Babilônia sem qualquer oposição. Quando os assírios se locomoveram para o sul, até Bit-Yakin, Merodaque-Baladã foi mantido como chefe local e não mais se opôs aos assírios. Mas com a morte de Sargom II em 705, Merodaque-Baladã voltou a trabalhar pela sua independência do domínio assírio. Foi provavelmente nesta época (703–701 AC) que enviou a embaixada a Ezequias (Is 39: 1; 2 Reis 20: 12) para parabenizá-lo por sua recuperação, e talvez garantir sua ajuda contra os esforços assírios para dominar todo o antigo Oriente Médio. Merodaque-Baladã desejava formar uma coligação entre a Babilônia, a Judéia e o Egito contra a Assíria. A oposição de Isaías frustrou seus planos de ter o rei de Judá como seu aliado. Em 689 AC os assírios saquearam a Babilônia, voltando o governo do império da Assíria para as mãos de Senaqueribe. Merodaque-Baladã foi obrigado a fugir, primeiro para Bit-Yakin e depois para o sudoeste de Elão, onde faleceu. Senaqueribe permaneceu como rei da Assíria até 681 AC.

Isaías prediz o cativo babilônico – v. 3-7.

• Is 39: 3-7 (cf. 2 Rs 20: 18): “Então, Isaías, o profeta, veio ao rei Ezequias e lhe disse: Que foi que aqueles homens disseram e donde vieram a ti? Respondeu Ezequias: De uma terra longínqua vieram a mim, da Babilônia. Perguntou ele: Que viram em tua casa? Respondeu Ezequias: Viram tudo quanto há em minha casa; coisa nenhuma há nos meus tesouros que eu não lhes mostrasse. Então, disse Isaías a Ezequias: Ouve a palavra do Senhor dos Exércitos: Eis que virão dias em que tudo quanto houver em tua casa, com o que entesouraram teus pais até ao dia de hoje, será levado para a Babilônia; não ficará coisa alguma, disse o Senhor. Dos teus próprios filhos, que tu gerares, tomarão, para que sejam eunucos no palácio do rei da Babilônia [NVI; ‘E alguns de seus próprios descendentes serão levados, e se tornarão eunucos no palácio do rei da Babilônia’]”.

Como dissemos no capítulo anterior de Isaías, em 2 Cr 32: 31 está escrito: “Contudo, quando os embaixadores dos príncipes da Babilônia lhe foram enviados para se informarem do prodígio que se dera naquela terra, Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração”.

Provavelmente isso se refere a um novo episódio de exaltação do coração de Ezequias, em relação ao livramento que recebeu quanto a Senaqueribe, e que, certamente foi do conhecimento de várias nações, e também por causa de sua cura maravilhosa. Por isso, ele agiu presunçosamente em relação aos enviados da Babilônia, e aí sim, o Senhor o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração.

O profeta não apenas o repreendeu por causa da sua atitude impensada diante dos emissários estrangeiros, mas lhe deu uma profecia pessoal para o futuro de sua própria família, pois tudo o que ele tinha seria levado para a Babilônia junto com seus descendentes. Isaías diz que eles se tornariam eunucos no palácio do rei da Babilônia. Na quarta e na quinta geração, seus descendentes, Joaquim e Zedequias, foram levados por Nabucodonosor para a Babilônia. A bíblia conta apenas que Joaquim foi liberto do cativo por Evil-Merodaque (também chamado Amel-Marduque), filho de Nabucodonosor (2 Rs 25: 27-30; Jr 52: 31-34) e permaneceu o resto dos seus dias lá; Salatiel (ou Sealtiel), seu filho e pai de Zorobabel (Ed 3: 2; 8; Ed 5: 2; Ne 12: 1; Ag 1: 1; em 1 Cr 3: 19 está escrito que Zorobabel era filho de Pedaiás, irmão de Salatiel), nasceu em cativo (Mt 1: 12). Também diz que Zedequias foi levado cativo, viu seus filhos serem mortos à espada, teve seus olhos vazados e morreu no cativo na Babilônia (2 Rs 24: 7; Jr 52: 9-11).

O filho de Ezequias que o sucedeu no trono foi Manassés, e também foi um mau rei, sofrendo punição de Deus. Manassés, filho de Ezequias e Hefzibá (2 Rs 21: 1), reinou como co-regente com o pai por volta de 697-687 AC, e como único regente: 687-642 AC. Em 2 Cr 33: 10-13 está escrito: “Falou o Senhor a Manassés e ao seu povo, porém não lhe deram ouvidos. Pelo que o Senhor trouxe sobre eles os príncipes do exército do rei da Assíria, os quais prenderam Manassés com ganchos, amarraram-no com cadeias e o levaram à Babilônia. Ele, angustiado, suplicou deveras ao Senhor, seu Deus, e muito se humilhou perante o Deus de seus pais; fez-lhe oração, e Deus se tornou favorável para com ele, atendeu-lhe a súplica e o fez voltar para Jerusalém, ao seu reino; então, reconheceu Manassés que o Senhor era Deus”.

A bíblia não deixa claro que rei assírio era esse, se Assaradão (Esar-Hadom, 681-669 AC, o filho mais novo de Senaqueribe) ou Assurbanipal (669-627 AC). O que se sabe é que no governo de Manassés houve um grande retrocesso religioso, com o culto a deuses assírios e cananeus (2 Rs 21: 1-9; 2 Cr 33: 1-9; 19). Sua oração foi ouvida por Deus, que o fez voltar para Jerusalém, ao seu reino. Porém, sua reforma religiosa foi superficial (2 Cr 33: 15-17), se olharmos o reinado de seu filho Amom (642-640 AC – 2 Cr 33: 21-25), que foi um péssimo rei, seguindo o mau exemplo do pai.

A resignação de Ezequias à sentença de Deus – v. 8.

• Is 39: 8: “Então, disse Ezequias a Isaías: Boa é a palavra do Senhor que disseste. Pois pensava: Haverá paz e segurança em meus dias”.

A bíblia diz que Ezequias aceitou a sentença de Deus, mas não menciona novamente um choro de arrependimento nem uma intercessão pelos seus descendentes, que sofreriam por causa das suas atitudes. Ele se preocupou apenas com ele mesmo naquele momento, e provavelmente se alegrou e agradeceu a Deus por passar em paz o resto dos seus anos de vida.

Daremos seqüência ao nosso estudo com os volumes 2 e 3 sobre a segunda e a terceira parte das profecias de Isaías:

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias2.pdf>

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias3.pdf>

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com